



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS**

CRISTOVÃO MASCARENHAS CORDEIRO

**MEMÓRIA EDITORIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA: A
CONSTITUIÇÃO DO SEU ACERVO**

Salvador
2022

CRISTOVÃO MASCARENHAS CORDEIRO

**MEMÓRIA EDITORIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA: A
CONSTITUIÇÃO DO SEU ACERVO**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia como requisito indispensável para obtenção do título de mestre.

Área de concentração: História e funcionamento das línguas naturais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alícia Duhá Lose.

Salvador
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Cordeiro, Cristovão Mascarenhas.

Memória editorial da Universidade Federal da Bahia: a constituição do seu acervo / Cristovão Mascarenhas Cordeiro. Salvador, 2022.

332 p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

Orientadora: Alícia Duhá Lose.

1. Editora da Universidade Federal da Bahia -
Publicação. 2. Acervo. 3. Memória institucional. 4.
Bibliotecas. I. Título. II. Lose, Alícia Duhá.

CDD 070.50981

Elaborada por Sandra Batista de Jesus CRB-5: BA-001914/O

CRISTOVÃO MASCARENHAS CORDEIRO

MEMÓRIA EDITORIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA: A CONSTITUIÇÃO DO SEU ACERVO

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia como requisito indispensável para obtenção do título de mestre.

Aprovada em:

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Alícia Duhá Lose (Orientadora)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof.^a Dr.^a Flavia Goulart Mota Garcia Rosa

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof.^a Dr.^a Risonete Batista de Souza

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

AGRADECIMENTOS

Enquanto escrevia esta dissertação e realizava esta pesquisa, não estive sozinho. Havia sempre alguém com quem compartilhar as angústias, as certezas, as novas ideias, os sucessos e os insucessos que se fizeram presentes nessa caminhada de pouco mais de dois anos. Agradeço a todos e a todas pelos gestos mais singelos de afeto e atenção que a mim foram dedicados, mesmo que indiretamente. Seria impossível aqui listar e agradecer nominalmente cada contribuição e, mesmo que me esforçasse, esta relação ainda estaria sob o risco de não ser justa. Sintam-se todos(as) queridos(as) e abraçados(as).

Entretanto, com o perdão da falha memória, peço a licença para demonstrar a minha gratidão, notadamente:

À minha família, pelo laço de afeto e apoio que nos une.

À equipe de colaboradores da Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), em especial, a Daniel, Crispim e Percival, pela dedicação na localização dos livros para compor o acervo que nos propomos com este trabalho.

À minha orientadora, professora Alícia Duhá Lose, pela leitura atenta desta dissertação e por todas as contribuições despendidas para construí-la.

À professora Risonete Batista, membro da banca de defesa deste trabalho, pelas reflexões importantes realizadas para aprimoramento deste texto, desde a etapa da qualificação.

À professora Flávia Rosa, por quem tenho um carinho imenso e sem a qual este trabalho não teria sido possível, seja pela contribuição teórica e intelectual, seja pelo apoio e incentivo sempre tão presentes e essenciais. Você para mim é inspiração e exemplo, Flávia!

À Sandra Batista, profissional da Biblioteconomia, pelo exímio trabalho de normalização realizado nesta escrita.

Às minhas amigas, Paula Fernandes e Letícia Rodrigues, que me acompanham desde o início da graduação, e que são escuta e cuidado em todos os momentos da minha vida.

A Gabriel Marambaia, meu companheiro de vida, pelo amor e parceria incondicionais.

A Deus, por tantas permissões.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|----------|--|----|
| Figura 1 | Consulta ao Pergamum – livro impresso..... | 79 |
| Figura 2 | Consulta ao Pergamum – livro digital..... | 79 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-----------|--|-----|
| Quadro 1 | Quantitativo de publicações das comunidades integrantes do RI da UFBA..... | 53 |
| Quadro 2 | Dados estatísticos da Edufba no SciELO Livros..... | 55 |
| Quadro 3 | Produção editorial de outros órgãos da UFBA..... | 61 |
| Quadro 4 | Quantitativo de publicações da Edufba nos últimos anos..... | 65 |
| Quadro 5 | Vendas de livros da Edufba nas plataformas digitais..... | 68 |
| Quadro 6 | Composição do acervo Edufba..... | 82 |
| Quadro 7 | Coleções especiais bibliográficas do espaço Estudos Baianos..... | 92 |
| Quadro 8 | Coleções arquivística custodiadas no espaço Estudos Baianos..... | 94 |
| Quadro 9 | Coleções especiais de professores e ex-professores da UFBA..... | 98 |
| Quadro 10 | Coleções Edufba..... | 120 |
| Quadro 11 | Distribuição dos cursos da UFBA em grandes áreas do conhecimento | 126 |
| Quadro 12 | Distribuição de áreas do conhecimento/avaliação Capes..... | 129 |
| Quadro 13 | A publicação em Letras na UFBA entre os anos de 2015 e 2020..... | 135 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|----------|---|-----|
| Tabela 1 | Perfil editorial da Eufba em grandes áreas no período de 2015 a 2020..... | 130 |
|----------|---|-----|

LISTA DE SIGLAS

| | |
|---------|--|
| ABEU | Associação Brasileira das Editoras Universitárias |
| ACEV | Assessoria Especial de Comunicação, Editoração e Vídeo |
| ACCS | Ação Curricular em Comunidade e Sociedade |
| BI | Bacharelado Interdisciplinar |
| Bireme | Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde |
| BURMC | Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| Capes | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CBaL | Câmara Bahiana do Livro |
| CEAO | Centro de Estudos Afro-Orientais |
| CEB | Centro de Estudos Baianos |
| CED | Centro Editorial e Didático |
| CST | Curso Superior em Tecnologia |
| Cetad | Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas |
| Cibec | Centro de Informações Bibliográficas do Ministério da Educação e Cultura |
| Consumi | Conselho Universitário |
| CRH | Centro de Recursos Humanos |
| DCE | Diretório Central de Estudantes |
| DO | Dário Oficial |
| Editus | Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz |
| Edufba | Editora da Universidade Federal da Bahia |
| Edufrb | Editora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia |
| Eduneb | Editora da Universidade do Estado da Bahia |
| EGBA | Empresa Gráfica da Bahia |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| Fapesb | Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia |
| Fapex | Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão |
| FFCH | Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| Fiocruz | Fundação Oswaldo Cruz |
| Flica | Festa Literária Internacional de Cachoeira |
| Fligê | Feira Literária de Mucugê |
| Flipelô | Festa Literária Internacional do Pelourinho |

| | |
|-----------|--|
| IBL | Instituto Baiano do Livro |
| Ibcti | Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia |
| ICI | Instituto de Ciência da Informação |
| IES | Instituições de Ensino Superior |
| IGHB | Instituto Geográfico e Histórico da Bahia |
| IHGB | Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro |
| INEP | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira |
| INL | Instituto Nacional do Livro |
| IOB | Imprensa Oficial da Bahia |
| IOE | Imprensa Oficial do Estado |
| ISP | Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público |
| LGBTQIA+ | Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, <i>Queer</i> , Intersexuais, Assexuais |
| MEC | Ministério da Educação |
| NEIM | Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| PET | Programa de Educação Tutorial |
| PIDL | Programa Interuniversitário para a Distribuição do Livro |
| PPGAU | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo |
| PPGLinC | Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura |
| PPGLitCul | Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura |
| Proed | Programa de Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual nas Instituições de Ensino Superior |
| Proap | Programa de Apoio à Pós-Graduação |
| Propci | Pró-Reitoria de Pesquisa, Criação e Inovação |
| Propg | Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação |
| RI | Repositório Institucional |
| SIBE | Sistema de Informações Bibliográficas em Educação, Cultura e Desporto |
| SIBI | Sistema Integrado de Bibliotecas |
| SNEU | Seminários Nacionais das Editoras Universitárias |
| SPOB | Seminários de Publicações Oficiais Brasileiras |
| STI | Superintendência de Tecnologia e Informação |
| TCC | Trabalho de Conclusão de Curso |
| TICs | Tecnologias da Informação e Comunicação |

| | |
|---------|--|
| UEFS | Universidade Estadual de Feira de Santana |
| UESB | Universidade do Sudoeste da Bahia |
| UESC | Universidade Estadual de Santa Cruz |
| UNEB | Universidade do Estado da Bahia |
| Unesp | Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho |
| Unicamp | Universidade Estadual de Campinas |
| UFBA | Universidade Federal da Bahia |
| UFC | Universidade Federal do Ceará |
| UFMG | Universidade Federal de Minas Gerais |
| UFPE | Universidade Federal de Pernambuco |
| UFPR | Universidade Federal do Paraná |
| UFRB | Universidade Federal do Recôncavo da Bahia |
| UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |
| UFSC | Universidade Federal de Santa Catarina |
| UnB | Universidade de Brasília |
| USP | Universidade de São Paulo |

RESUMO

As discussões sobre o conceito de memória têm sido objeto de estudo e interesse de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, que se ocupam em estudar a formação e a preservação de uma memória coletiva e individual para usufruto das gerações futuras. Neste trabalho, propomo-nos a falar sobre história, memória e seus desdobramentos no âmbito da Universidade Federal da Bahia (UFBA) através das obras publicadas por sua editora – a Edufba. Apesar de se poder apresentar um breve histórico sobre o surgimento desse órgão, o seu real catálogo de livros na modalidade impressa, no momento inicial desta pesquisa, não era de fato conhecido pela comunidade universitária, nem estava em sua integralidade disponível em um local ao qual se pudesse consultá-lo. Diante desse cenário, foi objetivo deste trabalho fazer o levantamento da memória editorial da Edufba, através de suas obras publicadas entre os anos de 1998 e 2020, e a constituição e organização do seu acervo que, em parte, já estava disponível no Lugares de Memória da UFBA, como meio de contribuição para a divulgação, a guarda e a preservação da memória da editora e da universidade. Em termos metodológicos, este estudo caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfica e documental, de cunho predominantemente qualitativo, no qual buscamos revisitar a história do livro na Bahia desde os seus primórdios até os dias mais atuais, destacando a importante atuação das editoras universitárias. Foi essencial para as nossas reflexões a fundamentação teórica sobre as noções de memória institucional, lugares de memória e sobre o papel das editoras universitárias na sociedade. Como produto desta pesquisa, traçamos o perfil histórico-político-editorial da Edufba a partir dos seus cinco últimos anos de publicação, de modo a observarmos como a universidade tem se apresentado para a comunidade por meio de suas produções editoriais, bem como localizamos 538 livros pendentes do depósito legal que foram encaminhados para o Lugares de Memórias da UFBA para composição do acervo da Edufba, contribuindo, assim, para a preservação de sua memória.

Palavras-chave: Memória institucional. Lugares de Memória. Acervo. Edufba.

ABSTRACT

Discussions about the concept of memory have been the object of study and interest of researchers from different fields of expertise, who are concerned with studying the formation and preservation of a collective and individual memory for the beneficial interest of future generations. In this work, we propose to talk about history, memory and its unfolding within the scope of the Universidade Federal da Bahia (UFBA) through the writings published by its publishing house – Edfba. Although it is possible to present a brief history about the emergence of this institution, its real catalog of printed books was not actually known by the university community, nor was it entirely available in a place where one could consult it at the beginning of this research. Given this scenario, the objective of this work was to survey Edfba's editorial memory, through its works published between 1998 and 2020. Our goal was also to form and organize its collection that, in part, was already available in Lugares de Memória da UFBA, as a means of contribution to the dissemination, custody and preservation of the memory of the publisher and the university. In methodological terms, this study was characterized as a bibliographical and documentary research, mainly qualitative, in which we seek to revisit the history of the book in Bahia from its beginning to the present day, highlighting the important role of university presses. The theoretical foundation on the notions of institutional memory, sites of memory and the role of university presses in society was essential for our reflections. As a product of this research, we traced Edfba's historical political editorial profile from its last five years of publication, in order to observe how the university has presented itself to the community through its editorial productions. We also located 538 books pending from the legal deposit that were sent to the Lugares de Memórias da UFBA to be a part of the Edfba collection, thus contributing to the preservation of its memory.

Keywords: Institutional memory. Sites of memory. Collection. Edfba.

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 15 |
| 2 | A EDITORAÇÃO NA BAHIA: HISTÓRIA, DESAFIOS E PERMANÊNCIA..... | 23 |
| 2.1 | SILVA SERVA E A TIPOGRAFIA NA BAHIA..... | 27 |
| 2.2 | LIVRARIA CATILINA..... | 31 |
| 2.3 | ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA BAHIANA..... | 32 |
| 2.4 | TYPOGRAPHIA BAHIANA..... | 33 |
| 2.5 | INFLUÊNCIA RELIGIOSA..... | 34 |
| 2.6 | HISTÓRIA DO LIVRO NA BAHIA: OUTRAS PROEZAS DO SÉCULO XX..... | 35 |
| 2.7 | PANORAMA DA EDITORAÇÃO NA BAHIA NO SÉCULO XXI..... | 40 |
| 3 | AS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS..... | 44 |
| 3.1 | A EDITORAÇÃO NA UFBA..... | 56 |
| 3.1.2 | A comercialização de livros na Edufba em tempo de pandemia..... | 65 |
| 4 | PERCURSOS METODOLÓGICOS: OS MODOS DE FAZER, TRAÇAR E RETRAÇAR CAMINHOS..... | 70 |
| 4.1 | OBSERVAÇÃO DOS DADOS | 81 |
| 5 | MEMÓRIA EDITORIAL: A MEMÓRIA QUE SE FAZ PELA ESCRITA..... | 83 |
| 5.1 | LUGARES DE MEMÓRIA..... | 87 |
| 5.1.2 | O Lugares de Memória da UFBA..... | 89 |
| 5.2 | O DEPÓSITO LEGAL NO MUNDO..... | 100 |
| 5.2.1 | O depósito legal no Brasil..... | 102 |
| 5.3 | AS OBRAS PUBLICADAS PELA EDUFBA E A MEMÓRIA INSTITUCIONAL..... | 108 |
| 6 | PERFIL EDITORIAL DA EDUFBA: SOBRE O QUE DIZEM ESTES LIVROS?..... | 113 |
| 6.1 | PUBLICAÇÕES DA EDUFBA SOB A ÓTICA DAS GRANDES ÁREA | 124 |
| 6.1.2 | Letras e Linguística: um olhar especial..... | 133 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 136 |
| | REFERÊNCIAS..... | 139 |
| | APÊNDICE A – LIVROS DEPOSITADOS NO LUGARES DE MEMÓRIA..... | 149 |
| | APÊNDICE B – LIVROS NÃO DEPOSITADOS NO LUGARES DE MEMÓRIA..... | 236 |

1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre o conceito de memória têm sido observadas desde a Antiguidade e, ainda hoje, são de interesse de diversas áreas do conhecimento, em especial, das Ciências Humanas, da Antropologia e da História, que se ocupam em estudar em grande parte a formação e preservação de uma memória coletiva e individual para usufruto das gerações futuras. Para o verbete “memória”, segundo o dicionário *Aulete*, encontramos¹ as seguintes entradas: “faculdade de reter e recordar impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente; Reminiscência, recordação, lembrança; Papel ou bloco de papel onde se anota o que não deve ser esquecido; lembrete”, todas elas, como percebido, associadas a alguma ideia de conservação dos atos e comportamentos das sociedades humanas. É também esse o entendimento que adotaremos para o termo “memória” ao longo deste texto.

Segundo Vygotsky (1991), existem claramente dois tipos distintos de memória: o primeiro, comumente identificado nas comunidades iletradas, sustenta-se pela percepção não mediada por materiais, pela observação das experiências cotidianas como suporte dos traços mnemônicos de memória, a que se denomina memória natural; o segundo, embora diferente, não exclui o primeiro, convivem simultaneamente, mas utilizando-se de algum artifício auxiliar de extensão da memória humana. Desde os tempos mais remotos, os povos primitivos procuraram por recursos simples como, por exemplo, o uso de marcação em pedaços de madeiras e da escrita rudimentar, isso nos mostra que, desde muito cedo, no desenvolvimento histórico do ser humano, este não se satisfaz apenas com a capacidade psicológica e biológica imposta para a memorização de conhecimentos, procurando, no desdobramento social, meios de organização para mantê-los e constituí-los. Vygotsky (1991) afirma que

Mesmo essas operações relativamente simples, como atar nós e marcar um pedaço de madeira com a finalidade de auxiliares mnemônicos, modificam a estrutura psicológica do processo de memória. Elas estendem a operação de memória para além das dimensões biológicas do sistema nervoso humano, permitindo incorporar a ele estímulos artificiais, ou autogerados, que chamamos de signos.

¹ Faz-se necessário explicar a forma como disponho as pessoas dos verbos apresentados ao longo deste trabalho: em diversos momentos, optei por utilizar a primeira pessoa do singular propositalmente, pois há passagens em que não pude me esquivar da subjetividade, das marcas intrínsecas do eu pesquisador que atravessou e foi atravessado pelas vicissitudes desta pesquisa; em muitos outros trechos, marco a realização da primeira pessoa do plural como forma de representar e também dar voz a todos e todas que de algum modo contribuíram direta e indiretamente para o todo que aqui se formou e que com ele dialogam, em especial, a minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Alcília Duhá Lose.

Assim, os fenômenos da memória – tanto biológicos quanto psicológicos – parecem fazer parte do resultado de um sistema de organização e autorregulação que só existe à medida que uma determinada estrutura de arranjo organizacional consegue mantê-lo e reconstitui-lo como memória (LE GOFF, 1990). Como já mencionado anteriormente, esses sistemas auto-organizadores podem apresentar-se através de diferentes aspectos, notadamente, a oralidade, que através da narrativa possui a função social e potente de comunicar, de levar a diante a informação; e a escrita, a qual, numa associação entre linguagem e memória, configura-se como um extensor fundamental da memória humana, possibilitando ultrapassar os limites de memorização do nosso cérebro, materializando em papéis ou em outros suportes as vivências, os conhecimentos, os contextos históricos e políticos aos quais um dado objeto se vincula e, por consequência, possibilitando maior alcance e acesso à informação.

Le Goff (1990), apoiando-se em Leroi-Gourhan (1964, 1965), discorre sobre a generalidade do termo “memória” e propõe a sua divisão em três tipos: específica, étnica e artificial. A memória específica, para esse autor, é utilizada para se obter a fixação dos comportamentos dos seres humanos a respeito de uma memória étnica, também denominada de “memória coletiva” nas sociedades sem escrita, ou seja, aquela que acumula elementos a partir da vida cotidiana, e que, de certa forma, atribui fundamento histórico às identidades e aos mitos de origem, geralmente, com maior liberdade e criatividade nas práticas de memorização para além, por exemplo, da representação mnemônica palavra por palavra imposta pela escrita. A memória artificial, por sua vez, é mais recente e advém do desenvolvimento da tecnologia computacional que oferece *softwares* com alta capacidade de armazenamento de dados, utilizando-se a máquina como uma amplificação da memória humana (LEROI-GOURHAN, 1964,1965 apud LE GOFF, 1990).

Segundo Le Goff (1990, p. 432), nas sociedades sem escrita, como já mencionado, a memória coletiva parece estruturar-se pela “idade coletiva do grupo que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem, o prestígio das famílias dominantes que se exprime pelas genealogias, e o saber técnico que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa”. Assim, o surgimento da escrita apresenta-se como uma grande transformação para os aspectos mnemônicos, possibilitando um avanço no desenvolvimento das memórias coletivas, que, a partir daí, foram capazes de celebrar a memória com base em monumento, um documento. A memória encarrega-se, portanto, da função de ciência auxiliar da história, da epigrafia – que se dedica ao estudo, à análise dos elementos que compõem as epígrafes ou as inscrições antigas.

Nesse contexto, vale ressaltar a importância do documento propriamente escrito em papel para os estudos mnemônicos, no qual conseguimos armazenar informações que transcendem o tempo e o espaço de sua criação e possibilita ao ser humano um sítio para marcação, registro e memorização (GOODY, 1977b apud LE GOFF, 1990). A memória, a partir da escrita, torna-se, portanto, uma espécie de antídoto do esquecimento, do apagamento, uma fonte do que se quer inesquecível e imortal, como nos lembra Le Goff (1990, p. 451):

O uso das letras foi descoberto e inventado para conservar a memória das coisas. Aquilo que queremos reter e aprender de cor fazemos redigir por escrito a fim de que o que se possa reter perpetuamente na sua memória frágil e falível seja conservado por escrito e por meio de letras que duram sempre.

Por essa razão, não podemos deixar de ressaltar a contribuição do surgimento da imprensa para os desdobramentos dos estudos voltados à memória. No Brasil, o advento da imprensa se deu de modo tardio, quando, em 1808, o Príncipe Regente e toda a Corte portuguesa mudaram-se para o Brasil. A vinda da família real traz para a então colônia mudanças significativas para o cotidiano dos que ali viviam – entre essas mudanças, destaca-se a implantação da Imprensa Régia, oficialmente inaugurada em 13 de maio de 1808, com o objetivo de atender às demandas e às necessidades oficiais e governamentais do príncipe. Apesar da implantação desse órgão, a escrita não pôde ser difundida livremente, e todos os originais submetidos para a impressão eram previamente analisados, o que configurou uma censura prévia que excluía tudo aquilo que não fosse de interesse de circulação e publicação da Corte, que, por sua vez, ditava as normas. Em seção específica deste texto, discutiremos com maiores detalhes a correlação entre o estabelecimento da imprensa e a sua importância para a constituição de uma memória.

Em paralelo à escrita, uma boa memória documentada precisa estar alinhada a uma certa ordem, uma organização, situada em um espaço que lhe permita dispor os objetos de memória, ao qual Pierre Nora (1993) denominou de “lugar de memória”. O conceito de lugares de memória ganhou visibilidade a partir da publicação *Les lieux de mémoire* (1997), de Pierre Nora, que, dividida em sete tomos, é uma referência para os estudos de história da cultura francesa. Nora (1993) defende que a concepção de lugares de memória deve ser entendida, ao mesmo tempo, como concreta, abstrata, simbólica e funcional, coexistindo todas em diversos níveis. Para sustentar essa tese, o autor explica que mesmo um ambiente que nitidamente priorize o aspecto material, como é o caso dos arquivos e acervos, ou um local essencialmente funcional, como os manuais normativos, estes só serão um lugar de memória se houver no imaginário uma áurea simbólica para tal. Dessa forma, essas categorias coexistem sempre:

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que se caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número, uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 22).

Entendemos, portanto, que incentivar a preservação da memória é fundamental para a manutenção da identidade e da cultura de um povo. À vista disso, inferindo que a vida cotidiana enquanto perpassa parece considerar a necessidade de existência de uma memória e, cientes da importância da construção de espaços que a acolham – lugares de memória – (NORA, 1993), esta pesquisa buscou tecer considerações a respeito da memória de uma editora universitária através de suas publicações.

As linhas que seguirão este texto propõem-se a falar sobre história, memória e seus desdobramentos no âmbito da universidade e sua produção científica, nominalmente, sobre a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a sua Editora, a Edufba. A UFBA iniciou sua atividade editorial em 1959, por meio do Departamento Cultural, publicando a revista *Universitas*² e o *Jornal da Universidade*. Dessa época até os dias atuais, muito aconteceu. Diversos foram os desafios e as etapas para o alcance de uma política editorial bem definida e traçada, tal qual observamos hoje, com destaque para: o surgimento, em 1970, do Programa de Textos Didáticos, que visava à publicação de textos encaminhados pelas unidades de ensino, como material de suporte para os estudantes de diversos cursos; em 1971, a inauguração do Centro Editorial e Didático (CED), que possibilitou a realização de atividades em conjunto com o já consolidado Programa de Textos Didáticos e o Núcleo de Recursos Audiovisuais e, mais adiante, em 1974, com a Gráfica Universitária; e, por fim, a aprovação pelo Conselho Universitário (Consuni), em 1991, da transformação do CED em Editora Universitária, que só se concretizou, na verdade, em 1993. Atualmente, a Edufba é uma importante referência na promoção do saber, difundindo as pesquisas produzidas na universidade, através dos mais de 1.500 livros publicados ao longo de sua existência – que aqui será revisitada e narrada para a contextualização deste trabalho.

Apesar de se poder apresentar um breve histórico sobre o surgimento desse órgão, o real catálogo de livros na modalidade impressa não é de fato conhecido pela comunidade universitária, nem está em sua integralidade disponível em um local ao qual se possa consultá-

² A revista publicou entre 1968 e 1991 e, atualmente, encontra-se inativa, com processo de digitalização em andamento. A consulta dos números publicados, porém, está disponível e pode ser realizada no espaço Lugares de Memória da UFBA, localizado no 3º andar da Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa.

lo.³ Em 2002, o então reitor da UFBA, Heonir Rocha, através da Portaria nº 332 de 2002, com o intuito de preservar a memória da instituição e assegurar a disseminação da sua produção acadêmica, estabeleceu a realização, na Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (BURMC), na Seção Memória, do depósito legal de no mínimo dois exemplares das obras acadêmicas, culturais e técnicas, editadas e coeditas pela Edufba. Entretanto, já na fase de pré-projeto desta pesquisa, levantamos a hipótese, que foi confirmada com o levantamento de dados realizado para este trabalho, de que esse depósito legal pudesse não estar sendo realizado com a frequência e completude desejadas para o alcance do seu objetivo – salvaguardar e divulgar a memória institucional da instituição a partir de sua produção técnica e científica.

Diante desse cenário, intentamos com este trabalho fazer o levantamento da memória editorial da Edufba, através de suas obras, e a constituição e organização do seu acervo que, em parte, já estava disponível no Lugares de Memória, setor do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) da UFBA, situado na BURMC, no *campus* de Ondina, por acreditarmos ser uma proposição relevante como meio de contribuição para a divulgação, a guarda e a preservação da memória da editora e da universidade. Dessa forma, o *corpus* de análise deste estudo foi o conjunto de obras publicadas pela instituição que se enquadram no recorte temporal entre os anos de 1998 e 2020. Inicialmente, havíamos pensado em considerar desde o ano de 1993 – período de sua fundação enquanto editora universitária até a atualidade –, entretanto, o *site*⁴ da Edufba, no qual consultamos o catálogo de títulos publicados e adotamos como suporte metodológico para execução da pesquisa, disponibiliza esses dados apenas a partir do ano de 1998.

Para alcançarmos o objetivo mencionado, esta pesquisa traz em seu bojo uma abordagem quali-quantitativa, interessando-se pela recolha dos dados e respectiva análise estatística do quantitativo, tecendo considerações a respeito do número de obras depositado/não depositado no Lugares de Memória. Quanto aos procedimentos, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, que seguiu os seguintes passos: realização de um levantamento detalhado de possíveis trabalhos que abordam a questão da memória editorial na UFBA, para que se entendesse como estavam sendo realizadas essas discussões; análise criteriosa de

³ Esse fato não exclui nem desmerece os exitosos avanços da Edufba e das demais editoras universitárias sobre a tão discutida questão da disseminação do conhecimento produzido dentro da universidade para fora dos seus muros, ou seja, para o alcance do maior número possível de leitores, pesquisadores e interessados. Nesse sentido, destaca-se a importante iniciativa de criação do Repositório Institucional (RI) da UFBA, a partir do estudo de Rosa (2008), intitulado *A disseminação da produção científica da Universidade Federal da Bahia através da implantação do seu Repositório Institucional: uma política de acesso aberto*, sobre o qual se fará outras menções em passagens futuras deste texto.

⁴ Ver: <http://www.edufba.ufba.br/category/titulos-publicados/>.

documentos relacionados às atividades administrativas da Edefba, como regimentos, relatórios de produção anual, catálogos; posteriormente à identificação dos relatórios de produção, foi realizado um cotejo entre os livros que já se encontravam no espaço Lugares de Memória da UFBA, através de acesso ao sistema de bibliotecas Pergamum,⁵ com o catálogo de produção da Edefba, disponível em seu *site*.⁶

Dando seguimento a este texto, julgo pertinente para esta argumentação contextualizar o(a) leitor(a) sobre o meu vínculo com a UFBA e, por conseguinte, com a Edefba. O ano era 2014, e eu, com recentes 17 anos completos, entrava na UFBA para fazer o curso de Letras Vernáculas, encantado pelas letras e com o terreno fértil para o conhecimento e o desenvolvimento científico que encontrei nessa universidade. Em 2017, tive conhecimento do processo seletivo para estágio divulgado pela Edefba para o preenchimento de duas vagas – uma para revisor textual e a outra para desempenhar atividades de secretaria e suporte à coordenação –, tentei a seleção para esta última e consegui a aprovação. Ao entrar na Edefba, a gestão optou por me alocar no Setor Comercial e de Distribuição da editora, no qual aprendi e tenho aprendido bastante sobre a difusão e a democratização do acesso ao livro. Em agosto de 2018, quando meu estágio caminhava para o último semestre, completando os dois anos totais previstos, fui aprovado no concurso público da UFBA para o cargo de técnico-administrativo, do qual tomei posse com lotação na Edefba, agora como servidor da instituição. Os caminhos pareciam mesmo estar traçados e porque não dizer entrelaçados. A vivência na Edefba me fez atentar para a importância do papel social e os objetivos de uma editora universitária ao ponto de alimentar meu interesse pela pesquisa científica, cursando o mestrado, com o tema que a vinculasse diretamente e que aqui se materializa sob o título *Memória editorial da Universidade Federal da Bahia: a constituição do seu acervo*.

Propomo-nos, portanto, a pensar a memória histórica da universidade e da própria Edefba a partir de suas edições publicadas, pois acreditamos que essas obras são carregadas de marcas, traços, de um processo dinâmico, político, coletivo e social que as constituem e, por consequência, constituem memória. Defender a constituição do acervo da Edefba no Lugares de Memória da UFBA é, dessa maneira, defender a preservação de sua memória institucional, considerando que esses livros podem permitir o preenchimento de lacunas importantes no que

⁵ Ver: <http://www.pergamum.bib.ufba.br/pergamum/biblioteca/index.php>.

⁶ Por serem *sites* institucionais, acreditamos na veracidade das informações que neles estão contidas e, por essa razão, adotamos como instrumentos de coleta de dados para a realização deste estudo, embora reconheçamos as limitações que tais plataformas podem apresentar, como, por exemplo, divergências entre uma ou outra obra publicada e não lançada no *site*, ou, no caso do Pergamum, uma ou outra que conste no espaço físico do Lugares de Memória e não tenha sido lançada eletronicamente, mas, diante das restrições de acesso aos prédios públicos impostas pela pandemia de covid-19, não tivemos outra alternativa.

se conhece hoje sobre a história da editora e da universidade, posto que a memória também se produz pela escrita. Concordando com Corrêa (2001, p. 22, grifo da autora) quando diz que:

Analisando a escrita pelo prisma *do que foi escrito*, a escrita é registro, rastro, perpetuação. Já, analisando pelo aspecto do que *não foi escrito*, a escrita é um grande esquecimento. Além disso, o acesso ao escrito nos torna ‘sábios imaginários’, uma vez que o conhecimento do escrito, dá-nos a aparência de sabedores do todo. Assim, pior do que sábios imaginários e sermos ‘esquecidos’ que, na verdade, somos sabedores do ‘escrito’ do ‘outro’.

Estruturalmente, esta dissertação está dividida nas seguintes seções, a saber: este texto introdutório; a seção 2, denominada “A editoração na Bahia: história, desafios e permanência”; a seção 3, “As editoras universitárias”; a seção 4 “Percurso metodológico: os modos de fazer, traçar e retraçar caminhos”; a seção 5, intitulada “Memória editorial: a memória que se faz pela escrita”; a seção 6, “Perfil editorial da Edufba: sobre o que dizem estes livros?”; e, por fim, as considerações finais.

Em “A editoração na Bahia: história, desafios e permanência”, buscamos apresentar o panorama geral da história do livro na Bahia, trazendo desde os seus primeiros passos até os dias atuais, ressaltando as dificuldades, os avanços e conquistas alcançados ao longo desse trajeto histórico-editorial ainda em curso. Para essas reflexões, nos apoiamos nas produções de Rosa e Barros (2004), Hallewell (2005), Tavares e Rosa (2010), Rosa e demais autores (2013), referências essenciais para qualquer discussão que se pretenda abordar a história dos impressos na Bahia e no Brasil.

Na terceira parte deste texto, intitulada “As editoras universitárias”, ganham destaque essas casas editoriais que, no Brasil, surgiram na década de 1960 e que, atualmente, ocupam importante espaço no contexto do mercado editorial. Nessa seção, ressaltamos as contribuições e o papel social, cultural e político das editoras universitárias para a sociedade como um todo. Há ainda uma especial ênfase para a história da editoração na UFBA, em que abordamos o percurso que vem sendo trilhado por essa universidade no que diz respeito à sua vida editorial, destacando o seu surgimento, desenvolvimento, desafios e a sua potente atuação na Bahia e no Brasil.

A seção “Percurso metodológico: os modos de fazer, traçar e retraçar caminhos” procura ressaltar a dinamicidade do fazer pesquisa e o quanto até mesmo os manuais de metodologias mais duros precisam se adaptar às circunstâncias que se apresentam ao objeto de pesquisa e a todo seu entorno. Nesse sentido, ressaltamos a atipicidade de ser fazer pesquisa, traçar e retraçar métodos em tempos de pandemia de covid-19. Autores como Hissa (2013), Gil (2008) e Marconi e Lakatos (2003) foram convocados para embasar essas considerações.

Na seção 5, “Memória editorial: a memória que se faz pela escrita”, o nosso foco são as reflexões acerca da memória editorial a partir das obras publicadas pela Edufba, da importância destas para a memória institucional, e como a escrita é um artefato indispensável para que possamos pensar o presente, o passado e o futuro, além de defendermos a necessidade de espaços que contemplem e abriguem essa memória. Nessa perspectiva, consideramos que os livros editados pela Edufba ao longo de sua história carregam, em sua gênese, singularidades, experiências híbridas que remetem ao contexto social, histórico, político e cultural de sua produção e, por essa razão, podem dizer muito sobre a editora e sua universidade.

Na seção 6, “Perfil editorial da Edufba: sobre o que dizem estes livros?”, nos propomos a fazer um mapeamento da produção editorial dessa instituição. Para isso, definimos um recorte temporal dos últimos cinco anos de publicação da editora, correspondente ao período de 2015 a 2020. A partir da análise do catálogo de livros, intentamos observar as grandes áreas mais contempladas, a fim de fazermos um levantamento quantitativo com reflexões que nos permitam caracterizar o perfil de publicação dessa editora, com especial ênfase para a área de Letras, à qual se vincula este trabalho.

Por fim, tecemos as nossas considerações finais e propomos alguns encaminhamentos e sugestões para a continuação desta pesquisa. Com a esperança de que este trabalho contribua para a conservação e propagação da memória da Edufba e da UFBA, e de que sirva de inspiração e *corpora* para outras pesquisas vindouras, é que nos comprometemos a iniciá-lo e realizá-lo.

2 A EDITORAÇÃO NA BAHIA: HISTÓRIA, DESAFIOS E PERMANÊNCIA

Os capítulos conhecidos sobre o início efetivo da impressão gráfica na Bahia, apesar das muitas pesquisas e trabalhos recentes, ainda apresentam aspectos que precisam ser explorados, como, por exemplo, a Imprensa Régia e a *Gazeta do Rio de Janeiro* (IPANEMA; IPANEMA, 2010). A mudança em 1808 da família real para o Brasil significou a efetivação de mudanças sociais, históricas e econômicas importantes na vida dos habitantes da colônia, refletindo, inclusive, na imprensa.

Em 1807, diante das ameaças de Napoleão Bonaparte à invasão de Portugal, e visando garantir a independência do país, o Príncipe Regente, com a ajuda da Inglaterra, acolheu a ideia de junto à Corte navegar o Atlântico rumo ao Brasil. A movimentação para a viagem se iniciou na noite de 27 de novembro quando, sob forte temporal, a família real, acompanhada de centenas de funcionários, embarcou em seis pequenos navios – *Príncipe do Brasil, Rainha de Portugal, Infante D. Henrique, Príncipe Real, Afonso de Albuquerque* e *Medusa*. Além da carga humana, os navios foram abarrotados de apetrechos do governo, como um grande acervo de livros da Biblioteca Real (HALLEWELL, 2005).

A chuva intensa e a finalização do embarque de todos os envolvidos atrasaram a partida, que só aconteceu no dia 29 de novembro pela manhã. Os relatos da travessia – que durou em torno de 46 dias – destacam a precariedade a que se submeteram os navegantes, em razão da duração da viagem, das condições do mar, dos constantes enjoos e da excessiva lotação das embarcações. Diante dessas circunstâncias, notando a necessidade de uma parada antes do destino final, a família real aportou em Salvador em 22 de janeiro de 1808, com vistas a uma rápida estadia para repouso, que acabou se prolongando e, por isso, a chegada ao Rio aconteceu somente em 7 de março de 1808.

A chegada inesperada do Príncipe Regente e de toda a Corte marcou o início de uma verdadeira revolução nessa cidade, com reflexos até os dias atuais (HALLEWELL, 2005). Não se sabe ao certo a quantidade de emigrantes aportados na Colônia, mas a literatura competente estima um número superior a 2 mil pessoas, o que se acredita quantitativo suficiente para uma significativa transformação e impacto na cidade do Rio de Janeiro, até então um pequeno vilarejo colonial. A classe alta aumentou consideravelmente e, por consequência, possibilitou um requinte cultural que atendesse ao afluente e exigente bom gosto da burguesia europeia agora residente local. Com o transcorrer do tempo, obviamente também foi notório o crescimento econômico, conforme se pode observar pela arrecadação da Casa da Moeda que passou a angariar ouro cinco vezes mais na década seguinte (HALLEWELL, 2005).

Após devidamente instalados, D. João e sua Corte também investiram em muitos empreendimentos que contribuíram em larga escala para o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, de jardim botânico à escola de medicina, diversas foram as apostas: “[...] um laboratório de química, uma Academia de Belas-Artes, um Museu Nacional, o primeiro Banco do Brasil e a Biblioteca Real (hoje Nacional) que o governo trouxera de Lisboa” (HALLEWELL, 2005, p. 108), investimentos esses que trouxeram ar de desenvolvimento e muito beneficiaram a população com suas atividades.

Assim, com a vinda da família real para a Colônia, muitos foram os frutos gerados, dentre esses proveitos, ressalta-se a atenção dada à implantação oficial de um estabelecimento tipográfico, embora esse acontecimento não tenha caracterizado exatamente os primeiros passos da imprensa no Brasil. Extraoficialmente, em 1706, em Pernambuco, funcionou uma pequena tipografia que imprimia letras com curtas orações devotas; seguidas de outras tentativas, como no Rio de Janeiro, em 1747; e, em Minas Gerais, em 1807. Todos esses projetos foram interrompidos pelo governo português que, ao tomar ciência da existência de tais iniciativas, não hesitou em notificar os donos da proibição de tais atividades, uma vez que o propósito da Coroa “[...] era manter a Colônia atada a seu domínio, nas trevas e na ignorância. Manter as colônias fechadas à cultura era característica própria da dominação” (LOPES, [200-], p. 1), não era interessante, dessa forma, a livre circulação de papéis de natureza diversa.

Um fator interessante para o qual Hallewell (2005) aponta, pós-chegada do Príncipe Regente, é o aumento do número de livrarias nesse período. A quantidade não é tão expressiva, passando de duas, em 1808, para 12 em 1816, mas ainda assim percebe-se uma tendência de crescimento constante. As instalações desses negócios eram, em sua maioria, muito simples, careciam de iniciativas e investimentos públicos, o que talvez justifique o porquê de mudanças tão intensas não terem refletido de forma mais direta em expansões mais exitosas do mercado livreiro. Nesse sentido, cabe destacar que reflexos da censura ainda se faziam presentes na sociedade da época, mesmo o Príncipe Regente demonstrando indícios de ser favorável à imprensa livre, a sua base de apoio e muitos dos seus funcionários ainda eram muito conservadores, fato que o intimidava a reverter esse quadro, e que refletiu diretamente na baixa expansão de livrarias e na difusão da leitura mesmo entre a classe letrada recém-chegada de Portugal.

[...] não era mesmo conveniente a Portugal a instalação de tipografias na colônia, mas os motivos, bem sabemos, nada tinham a ver com as despesas. Certamente não era interessante que a colônia passasse a produzir seus próprios textos e jornais, pois mantê-la no obscurantismo era o caminho mais fácil e seguro para trazer sob seu jugo e seguir explorando por muito tempo ainda aquela que era a sua ‘galinha dos ovos de ouro’. (SOUZA, 2020, p. 312).

Inaugurada oficialmente em 13 de maio de 1808, o início da Imprensa Régia foi marcado pela censura prévia das publicações. Um comitê administrativo, composto por membros da Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, foi designado para supervisionar e gerir as atividades desse estabelecimento. Além da gerência propriamente dita, era de responsabilidade dessa comissão o exame dos livros e panfletos submetidos à publicação, a fim de se garantir que nada que contrariasse os interesses do governo, da religião e dos bons costumes seria publicado. Em muitos casos, o próprio Príncipe Regente dava o seu parecer sobre os originais apresentados para replicação.

Dessa forma, criou-se a Imprensa Régia, mas não estava permitida a instauração de tipografias em geral, já que era de responsabilidade exclusiva dessa fundação a publicação das leis, dos papéis diplomáticos e tantos outros documentos que demandavam os ofícios da Corte, além de publicações de obras diversas, como afirma Abreu (2010, p. 44):

A Imprensa Régia do Rio de Janeiro não se limitou a colocar em letra de forma ‘toda a legislação e papéis diplomáticos’ produzidos pela administração régia, mas prestou-se à impressão de toda sorte de escritos: obras de Belas-letas, de Medicina, de Economia, de Direito, de História e de Teologia, além de periódicos e de livros didáticos.

Essa lista pode ser ainda maior, pois mesmo passados todos esses anos desde a sua fundação, ainda são incertas muitas emissões de títulos que constam em seu colofão a Imprensa Régia como órgão editor. Muitos estudiosos se dedicaram e têm se dedicado a essa questão, a fim de inclusive problematizar outros questionamentos como, por exemplo, a estimativa da quantidade geral de obras publicadas que, de acordo com os teóricos, chega a mil títulos impressos ao longo dos 14 anos em que funcionou (ABREU, 2010). Não é o objetivo deste texto, por questões metodológicas e de interesse da pesquisa, aprofundar ou exaurir essas discussões, inclusive porque diversos autores já o fizeram, com destaque para o cuidadoso trabalho de Rubens Borba de Moraes (1993).⁷

Segundo Moraes (1993), a Imprensa Régia enfrentou muitas dificuldades financeiras e, com a grande demanda dos trâmites administrativos da Corte, sempre estava com serviços atrasados e com originais na fila de espera, já que pouco tempo lhe sobrava para publicação de obras e outros trabalhos independentes – o que era de boa parte compreendido, uma vez que estamos falando de uma tipografia oficial, cuja principal função era servir ao governo. A partir

⁷ Para maiores detalhes sobre a constituição e funcionamento da Imprensa Régia, ver: Moraes (1993).

de 1821, com a regulamentação da liberdade de imprensa do Brasil decretada por D. Pedro, outras tipografias puderam ser fundadas.

A publicação de periódicos não tardou a ser iniciada, poucos meses depois da abertura da Imprensa Régia, marca-se o seu nascimento oficial com o aparecimento da *Gazeta do Rio de Janeiro*, em seu primeiro número, de 10 de setembro de 1808. No seu bojo, trazia conteúdos relacionados à vida da família real, informações sobre legislações e sobre os acontecimentos da Europa, em suma, um periódico não muito extenso, tendo entre quatro e oito páginas, destinado aos portugueses exilados no Brasil, uma vez que contemplava os anseios e interesses específicos dessa parcela da população.

Antes da publicação oficial do primeiro periódico, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, já circulava pela cidade, em meados de junho do mesmo ano, outro jornal – o *Correio Braziliense*. Esse jornal foi editado por Hipólito da Costa, um brasileiro residente em Londres, de onde encaminhava as informações de sua publicação. Como aborda Souza (2020, p. 316),

O nome do Jornal, *Correio Braziliense*, deve-se ao fato de que, naquela época, os brasilienses eram as pessoas nascidas ou estabelecidas no Brasil, isto é, aqueles que tinham o Brasil por sua pátria. Brasileiros eram os comerciantes que negociavam com o Brasil, não os cidadãos de origem brasileira, como se considera hoje.

Assim, diferentemente da *Gazeta do Rio de Janeiro*, que se dirigia aos portugueses, o *Correio Braziliense* não hesitou em evidenciar qual era o seu público: o leitor brasileiro. Por essa razão, seu editor procurou mostrar para o povo brasileiro, através de acontecimentos do exterior, novas formas de organização política, de administração pública e questões sociais, a fim de manter o leitor do Brasil atualizado sobre assuntos que normalmente não circulavam pela imprensa oficial. Não tardou para que o jornal despertasse indignação da Corte europeia e, sob a acusação de publicar matérias providas de calúnias e falsas atrocidades, teve sua circulação proibida no território.

Quanto às obras, diversos foram os títulos e, por isso, não serão aqui descritos um a um, cabendo embora destacar que foi imensa a contribuição cultural, social e política da Imprensa Régia para a sociedade da época, publicando de livros filosóficos a didáticos, com uma qualidade técnica admirável:

A Imprensa Régia foi uma excelente editora: publicou dezenas de livros de real valor cultural, fez conhecer os poetas famosos, em moda em Portugal, imprimiu os versos dos nossos, lançou o romance e a novela no Brasil, resolveu o problema do livro didático para o ensino superior inaugurado no Rio de Janeiro e cumpriu sua missão principal quanto à legislação. [...] não é possível deixar de notar a qualidade material de nossa primeira tipografia.

Analisando esses livros, esses panfletos de poucas páginas, ficamos admirados com a qualidade dos impressos. São composições de uma sobriedade, de um bom gosto de fazer inveja aos nossos impressores atuais. Raramente, muito raramente na verdade, a tipografia brasileira atingiu um padrão tão alto de elegância e beleza. (MORAES, 1993, p. XXX-XXXI).

Como já mencionado anteriormente, não procuramos aqui descrever minuciosamente a história da Imprensa Régia com a riqueza de detalhes que certamente a comporta; por ora, buscamos nestas linhas introdutórias contextualizar o leitor deste texto acerca dos primeiros movimentos do impresso no Brasil, através dessa casa, que engendrou terreno fértil para tudo o que conhecemos hoje sobre a história do livro e de toda arte de impressos. Conhecido esse marco na história do Brasil, a seguir, nos deteremos especificamente em analisar a forma como se deu a constituição da editoração na Bahia, destacando as personalidades e circunstâncias importantes para esse acontecimento.

2.1 SILVA SERVA E A TIPOGRAFIA NA BAHIA

A província da Bahia ocupou lugar de destaque no início da história recente do impresso no Brasil. Com a destemida e audácia de Manuel Antônio da Silva Serva, essa província é a primeira a desenvolver a sua própria atividade editorial. A cidade de Salvador, que ocupara o título de primeira capital do Brasil, viu-se, em 1763, destituída de tal honraria, que foi transferida para a cidade do Rio de Janeiro, onde residia Antônio Álvares da Cunha, então empossado vice-rei do Estado do Brasil. Muitos são os prováveis fatores que dão destaque à cidade do Rio de Janeiro e justificam essa transferência – a proximidade com a região Sul do país, a facilidade para o controle da região de exploração das minas, a importância do porto fluminense para o comércio colonial e para o tráfico de escravos –; todavia, mesmo com esses indícios, na realidade, o que se verifica é uma escassez de registros que possam comprovar que foram de fato esses os reais motivos da mudança (BRAUER, 2009). É inegável, entretanto, que tal mudança intensificou o clima de rivalidade e disputa por progresso e desenvolvimento entre Salvador e Rio de Janeiro.

Nesse sentido, conforme descrito anteriormente, com a chegada da Corte ao Rio de Janeiro, esta foi a primeira cidade a receber todo o equipamento e suporte para instalação da imprensa do governo, o que não intimidou a Bahia em suas tentativas de equiparação. Embora grande parte da literatura atribua a Manuel Antônio da Silva Serva o pioneirismo na solicitação da licença para abertura de uma tipografia na Bahia, foi Alexandre José Vieira de Lemos, na verdade, o primeiro particular a adquirir tal concessão (IPANEMA; IPANEMA, 2010).

Pouco se sabe sobre a vida deste último, mas, tendo recebido de Londres apetrechos para montagem de uma impressa, Alexandre José Vieira de Lemos solicitou, em 1º de abril de 1808, licença para instalar a primeira tipografia administrada por um particular na Bahia. Essa autorização aconteceu entre 10 de novembro de 1808, data da ordenação do Conde dos Arcos, e 30 de janeiro de 1811, quando o governador comunica o feito. Marcello Ipanema e Cybelle de Ipanema (2010, p. 33) ressaltam que

parece bem estranho que, autorizado em novembro de 1810, só quase três meses depois tivesse o conde dos Arcos comunicado ao ministro o cumprimento de sua ordem. Considere-se o tempo de viagem, do Rio para a Bahia, mas entre os dois fatos – ordem do governador e participação do seu atendimento – moderaram oitenta e um dias.

O encontro da documentação desse trâmite de solicitação, conforme Marcello Ipanema e Cybelle de Ipanema (2010), ratifica a informação aqui aduzida de que Alexandre José Vieira de Lemos teria sido o primeiro a adquirir permissão para a impressão na Bahia. Entretanto, muito dessa história ainda é nebuloso: tal permissão teria gerado frutos? Alexandre José Vieira de Lemos conseguiu montar sua tipografia? Teria este cedido o espaço tipográfico a Silva Serva? Ou, ainda, teriam funcionado duas tipografias nesse período na província da Bahia? As respostas para essas perguntas até o presente momento ainda não são conhecidas, se houve estudos que conseguiram desvendá-las, não se procedeu a sua publicação.

Em 18 de dezembro de 1810, Manuel Antônio da Silva Serva providenciou o seu requerimento para o funcionamento de uma oficina livresca na cidade de Salvador, obtendo resposta positiva através de carta régia, em 5 de fevereiro de 1811, posterior à de Alexandre José Vieira de Lemos. Estava autorizada a abertura da terceira tipografia do Brasil, segunda da Bahia.⁸

Não se sabe ao certo a data em que nasceu Silva Serva, pois o seu registro de batismo até o momento não é um documento conhecido. Dessa forma, não se portando este, pesquisadores têm se valido de outros papéis para fazer suas suposições: um passaporte emitido em Lisboa em 1815; e um registro de estrangeiros, de 1818, de sua passagem no Rio de Janeiro declarado pela Intendência Geral de Polícia (IPANEMA; IPANEMA, 2010). O passaporte apontava como naturalidade de Silva Serva o distrito de Vila Real, na Região de Trás-os-Montes; enquanto o registro declarava Porto a sua cidade natal. Na falta de documentação mais

⁸ Se considerarmos, mesmo sem provas suficientes, ter funcionado por algum tempo uma tipografia de Alexandre José Vieira de Lemos na Bahia.

precisa, assume-se, para seu provável ano de nascimento – com a necessária margem de erro de um ano para mais ou para menos – as informações também contidas nessas certidões:

No passaporte, ele é dado como de 54 anos e no registro citado, 57. Em qualquer dos casos, remontaremos o seu nascimento para 1761 ou 1760. Se, em 1815 (27 de outubro), ele tinha 54 anos e, em 1818 (21 de novembro, 57, nascera num daqueles dois anos, dependendo se comemorara, ou não, aniversário antedês de outubro ou novembro. No caso de, ainda vir a completar 55 ou 58 anos, respectivamente, entre 21 de novembro e o fim do ano, nasceria na data mais recuada, 1760. (IPANEMA; IPANEMA, 2010, p. 111-112).

Assumindo certas essas análises, Serva chegou à Bahia tendo entre 27 e 29 anos, por volta de 1788 e 1789, permanecendo nesse território por aproximadas três décadas, e falecendo, no Rio de Janeiro, beirando os seus 60 anos. De porte físico alto e forte, rosto redondo e barbudo, Serva se fez conhecido pela sua sagacidade em prospectar negócios. As primeiras obras publicadas pela sua tipografia foram: um boletim para um jornal, um *Plano para o Estabelecimento de huma Biblioteca Publica na Cidade de S. Salvador* e a *Oração Gratulatoria do Principe Regente*, de Inácio José de Macedo.

A tipografia de Silva Serva não foi uma oficina de grande projeção arquitetônica, mas ainda assim comportou cerca de 13 funcionários entre o editor-chefe, revisores, impressores e aprendizes de composição (HALLEWELL, 2005). Sendo o mercado tipográfico inovador, não foram raras as dificuldades enfrentadas para a manutenção desse lugar, mas a Serva não faltava o senso de tenacidade, e ninguém conseguiria negá-lo o atributo de “um homem de negócios” e “um homem persistente”. Com a intensificação dos apertos financeiros, teve a ideia de solicitar um empréstimo ao governo português para a ampliação da dita oficina, as solicitações compreendiam: “auxílio com base no Alvará de 28 de abril de 1809 – dom gratuito ou empréstimo; concessão do corte de 6.000 quintais de pau brasil; empréstimo de 4:000\$, ou 2:000\$ e usufruto de casas” (IPANEMA; IPANEMA, 2010, p. 97).

Desde 1809, portanto, muitas foram as tentativas de comunicação com o governo, a maioria sem retorno algum. O empréstimo só é concedido nos idos de fevereiro de 1815, quando o marquês de Aguiar, por meio de documento para tal finalidade, anunciou que o Príncipe Regente autorizara o empréstimo, ordenando que expedissem do Real Erário as ordens necessárias para tal concessão (IPANEMA; IPANEMA, 2010).

Conforme indica Hallewell (2005), estima-se que a tipografia de Serva tenha produzido 176 títulos durante o seu funcionamento. Os assuntos das obras contemplavam as mais diversas áreas, um tanto de Literatura, Religião, Medicina, Direito, História, além de algumas traduções. Dentre as publicações do estabelecimento, merece destaque o jornal *Gazeta da Bahia, Idade*

D'Ouro do Brazil, fundando por Serva em 14 de maio de 1811 e com última circulação datada de 24 de junho de 1823.

Ao conseguir autorização para publicação dessa Gazeta, Serva garantiu que a circulação do periódico em nada interferiria ou concorreria com a *Gazeta do Rio de Janeiro*, em funcionamento desde 1808. Silva (2005), em seu primoroso livro *A primeira Gazeta da Bahia: Idade D'Ouro do Brazil*, traz reflexões muito interessantes acerca da história desse periódico, relacionando-o com o contexto social e político da Bahia da época. A autora reconhece que, como toda pesquisa, muitas ainda são as incertezas acerca desse objeto de estudo, principalmente sobre o ano de 1820, período sobre o qual não se localizou nenhum documento e se supõe que a Gazeta tenha parado de circular por um tempo. Por outro lado, Silva (2005) muito descobriu e pôde afirmar; dentre essas certezas, há informações sobre os seus redatores – a presença de Gonçalo Vicente Portela como redator em 1812, e do padre Inácio José Macedo, em 1816, ambos pertencentes à elite culta daquela sociedade.

Esses redatores, para escrever suas notícias, tinham como principal fonte de informação a imprensa estrangeira e as políticas internacionais que, muitas vezes, dada a defasagem de tempo entre a chegada de tais folhetins da Europa e a publicação na Bahia, quando lidas pelos brasileiros, já não eram tão atuais. Obviamente, as notícias nacionais também se faziam presentes na publicação, mas se limitaram, em grande parte, aos papéis públicos, ou seja, a publicação de despachos, decretos, nomeações, graças honoríficas etc. Para os relatos locais, os redatores contavam com a contribuição dos leitores, cabia àqueles, por sua vez, filtrar as narrativas que chegavam até a oficina, descartando aquelas pouco fundamentadas, o que os levavam a enfrentar escassez de notícias, uma vez que a edição era publicada duas vezes por semana, às terças e às sextas-feiras (SILVA, 2005).

Como já ressaltado em passagem anterior deste texto, a censura dos manuscritos pela Imprensa Régia era um aspecto ainda predominante nesse período. Nessas nossas ponderações sobre a forma como era produzida a primeira Gazeta na Bahia, é importante entendermos as orientações determinadas por tal regime:

[...] a imprensa não devia ser veículo de paixões particulares, nem de princípios subversivos da ordem e da tranquilidade pública, nem de doutrinas, ou ainda expressões, que pudessem alterar a harmonia e as relações políticas com as outras nações, mas sim um meio de ilustrar o verdadeiro patriotismo e de consolidar a moderação, a fraternidade e o generoso esquecimento dos males passados. (SILVA, 2005, p. 52).

Após o falecimento de Silva Serva, em 3 de agosto de 1819, a tipografia seguiu seu fluxo com o nome de *Typographia da Viuva Serva*, comandada pelo seu genro, José Teixeira e

Carvalho, e o seu filho, que carregava o mesmo nome do pai. Com muitas mudanças de nomes, a imprensa de Serva permaneceu ativa até 1846, e já não era mais considerada um monopólio desde 1823, mas registrou sua contribuição em quase todos os periódicos que circularam na Bahia.

Poderíamos tecer exaustivas reflexões sobre os acontecimentos que envolveram a morada desse português na Bahia, mas os limites e objetivos que este texto nos impõe não nos permitirá fazê-lo. Esperamos que os fatos aqui expostos sobre o empresário Manuel Antônio da Silva Serva, embora breves, tenham sido capazes de demonstrar ou ao menos indicar a importância que esse empreendedor desempenhou para o desenvolvimento da província da Bahia e o seu legado na estruturação da fabricação e comércio de livros. Como afirmam Marcello Ipanema e Cybelle de Ipanema (2010, p. 113, grifo dos autores):

As artes gráficas, o noticiário e as atividades paralelas: fabricação de papel, produção e comércio de livros, negócio de cartas de jogar, preparo de impressos oficiais e comerciais, estímulos a novas profissões e revigoração do movimento cultural na Bahia e no Brasil, bem mais do que se disse, devem a Manuel Antônio da Silva Serva, negociante, livreiro, empresário tipográfico, legítimo capitão de indústrias da *Idade d'Ouro do Brasil*.

2.2 LIVRARIA CATILINA

Após a morte de Manuel Antônio da Silva Serva, a Bahia perde muito do prestígio que vinha conquistando, ao lado da cidade do Rio de Janeiro, como centro editorial do país. Muitos outros polos de impressão foram surgindo em São Paulo, Maranhão, Pernambuco e Minas Gerais, que rapidamente conseguiram imprimir mais livros do que a quantidade impressa em Salvador durante o Império (HALLEWELL, 2005). Ao passar dos anos, a situação de declínio da produção editorial na Bahia foi se agravando, quando, então, em 1837, alcança o ápice de seu infortúnio comercial, justificado por alguns pesquisadores pelos efeitos causados pela Sabinada.⁹

Esse cenário só começou apresentar melhora a partir da década de 1890, quando foram inauguradas algumas livrarias que desencadearam a revitalização do mercado editorial em Salvador. Na verdade, muito desse reviver deve-se à Livraria Catilina, que foi fundada por

⁹ A Sabinada foi um movimento de revolta que aconteceu na província da Bahia, entre os anos de 1837 e 1838. Esse nome é derivado de um de seus líderes, Francisco Sabino. O movimento, desejoso de promover a implantação de uma República na Bahia, teve adesão de uma massa popular insatisfeita com a condução dos aspectos sociais, com a falta de autonomia política e administrativa da província. Para mais informações sobre esse fato e seus desencadeamentos, ver: Viana Filho (2008).

Carlos Pongetti em 1837 e funcionou até 1960. Em 1877, a sua direção foi assumida por Xavier Catilina, nome pelo qual ficou amplamente conhecida. Em seus mais de 120 anos de atividade, ocupou-se em grande parte do mercado varejista, o que não a impediu de editar e publicar importantes obras literárias, como:

[...] *Poesias até Agora não Reunidas em Volume*, de Castro Alves (1913); os *Contos Escolhidos* (1913, reeditados em 1914); *Versas* (1918) e *Frutos do Tempo* (1919), de Coelho Neto; as *Paginas Literarias* (1918) e as *Cartas Politicas e Literarias* (1919), de Rui Barbosa; e a terceira edição de *Praieiros* (1910?), de Xavier Marques. (HALLEWELL, 2005, p. 134, grifo do autor).

2.3 ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA BAHIANA

Neste nosso deambulo sobre a história da editoração na Bahia, um fato que merece ser trazido à baila é a criação da Associação Typographica Bahiana. A sua fundação data de 30 de outubro de 1870, porém foi instalada apenas em 16 de abril de 1871, conforme diretrizes da Lei nº 1.083, de 22 de agosto 1860, que dispunha sobre a normatização do funcionamento das associações mutualistas, de socorros mútuos, e outras diversas organizações da sociedade daquela época.

Essa associação nasceu com o objetivo de prestar assistência à classe de tipógrafos livreiros e litógrafos, até então carente desse tipo de auxílio, de uma organização que buscasse protegê-la dos impasses que a acometia em seu labor cotidiano. Os associados eram, em sua grande maioria, empregados das oficinas tipográficas, ou seja, operários que cediam a sua força de trabalho e esforço físico aos proprietários de jornais e a outros estabelecimentos de serviços gráficos. Joaquim Cassiano Hyppolito, um dos pioneiros do movimento de abertura da associação, pregou no discurso de inauguração uma ideia de que tal entidade representaria o progresso e a união da classe na busca de interesses em comum, o que logo entusiasmou os presentes, representados, nesse início, por 68 sócios (ANDRADE, 2014).

Nos fins do século XIX e inícios do século XX na Bahia, os tipógrafos procuram se associar à organização não só para fortalecer a classe como um todo, mas também em busca de formação profissional para si e seus familiares, uma vez que a Associação Typographica Bahiana também procurou estimular a promoção de atividades de caráter instrutivo, cívico e cultural no centro da cidade de Salvador (TAVARES; ROSA, 2010).

Nesse sentido, pautando pela instrução dos seus associados, a fundação investiu em diversas tentativas de criação de uma biblioteca que pudesse servir aos seus membros, e por vezes foram fracassadas por uma série de obstáculos, dos quais a constituição e a manutenção

de um acervo próprio eram os mais proeminentes. Entretanto, há indicação de que por volta de 1881 e 1882 começou a funcionar uma primeira instalação dessa biblioteca de forma precária, que não logrou êxito, já que

Foi somente em 1905 que o sonho realizou-se e, para os anos 1911 e 1912, anunciava-se que a biblioteca estava em franco progresso, pois dia a dia aumentava o seu acervo, com doações e aquisições de novos volumes, tanto que se registrou a marca de 1516 visitantes, com retirada de 225 obras pelos sócios. Agora, já se podia considerar superadas as dificuldades (ANDRADE, 2014, p. 70).

Além da biblioteca, outro importante feito dessa organização foi verificado: a criação da *Revista da Associação Typographica* (1902-1903). Esse veículo de propagação da imprensa nasceu com o objetivo de difundir o conhecimento técnico e instrutivo e possibilitar a capacitação dos envolvidos com o campo das artes gráficas. A revista, de fato, representou campo fértil de qualificação para a classe associada, que muito ansiava por instrução nessa área.

Dessa forma, a associação baiana foi, conforme Carvalho (2002), importante agremiação, marcando presença ativa em eventos realizados pela sociedade da época, com destaque, dentre outros, para os desfiles cívicos de 2 de Julho, na cidade de Salvador, e para os festejos de comemoração pelo dia de promulgação da lei de 13 de maio, que extinguiu a escravidão, levando à rua a Legião da Imprensa, composta de muitos gráficos. Durante o seu funcionamento, a Associação Typographica Bahiana, portanto, representou legalmente os tipográficos, além de assumir, como retratado anteriormente, significativo papel na capacitação profissional, sobretudo no ensino de Português e Matemática. Suas atividades se estenderam com sucesso até o final da década de 1930 e, no início dos anos 1940, a instituição começou a demonstrar fragilidades, período em que se perdeu em suas finalidades e, por consequência, houve o declínio de seu prestígio.

2.4 TYPOGRAPHIA BAHIANA

Neste ponto, ganha destaque a figura de Cincinnato José Melchades, baiano, nascido em 1858 na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, e falecido em 11 de abril de 1920. Sobre a vida e a importância de Cincinano para o desenvolvimento da imprensa na Bahia, Tavares (2002, 2017) realizou diversos estudos que contribuíram de forma ímpar para conhecermos o pouco que se sabe hoje sobre essa figura.

Ainda quando muito jovem, Cincinnato trabalhou como aprendiz do jornal *A Ordem*, na cidade de Cachoeira (BA), e seguiu ligado às artes gráficas, atuando como tipógrafo e revisor

no jornal *O Monitor* por volta de 1876. Em 1879, trabalhou pelo período de três anos no *Jornal de Notícias*, onde ganhou experiências – administrativas e técnicas – para as suas próximas empreitadas.

Com muito esforço, trabalhando duro por toda a sua vida no ramo tipográfico, o baiano conseguiu levantar o seu próprio negócio: nasceu, em 1896, a *Typographia Bahiana*, que exerceu suas funções até o ano de 1921. Esse estabelecimento desempenhou na Bahia importante papel para o desenvolvimento do mercado tipográfico e da imprensa em geral, setor que se demonstrava propício ao avanço naquele contexto temporal. Tavares e Rosa (2010, p. 225) ressaltam que dessa tipografia “[...] saíram livros dos escritores Xavier Marques, Afrânio Peixoto, Almachio Diniz, Nina Rodrigues, Braz Hermenegildo do Amaral, Rui Barbosa, Silio Boccanera Junior e outros”, sendo, entre esses, muitos já consagrados nacionalmente, o que elevava o *status* de confiança à editoração baiana.

2.5 INFLUÊNCIA RELIGIOSA

Rosa e Barros (2004) ressaltam que a imprensa católica também teve o seu papel nesses primórdios da história do livro no Brasil, destacando-se a atuação dos monges beneditinos que, em 1900, criaram no Mosteiro da Graça, na Bahia, uma gráfica, dirigida pelo Irmão José Kleimman, responsável pela publicação do jornal *O Estandarte Católico*. Dessa forma, no século XX, a editoração passou a ser mais uma atividade administrativa para o Mosteiro da Bahia, como ratifica Olivera Hernández (2009, p. 151, grifo da autora):

Além de outras ocupações, como a apicultura e a cervejaria foi implantada a gráfica, em 1900, cujas oficinas ficaram, inicialmente, no Mosteiro da Graça. Nela era impresso o jornal *Estandarte Católico*. Em 1909, foram abertas no Mosteiro de São Bento, as oficinas de imprensa e encadernação com o nome Beneditina. Essa gráfica, no ano de 1932, realizava importante e destacado trabalho de edições, tanto da comunidade religiosa, quanto dos leigos.

Nessa direção, na oficina do Mosteiro de São Bento, muitos títulos de livros foram publicados, alguns em tiragens numerosas, como é o caso do *A vida de São Bento*, e *Missal cotidiano* – este último considerado o mais importante impresso dos beneditinos, não só pelo seu conteúdo, mas também pela sua qualidade gráfica. Os feitos beneditinos na Bahia foram responsáveis por inúmeras transformações estruturais na sociedade, que foram impulsionadas seja pelos privilégios de isenções de impostos concedidos à Ordem, seja por outros aspectos de teor material e espiritual que dialogavam com os interesses políticos e econômicos daquele

momento histórico. Dessa forma, não diferente aconteceu com a editoração, com as impressões realizadas nessas oficinas, os monges contribuíram para a divulgação e circulação do conhecimento, bem como para expansão do mercado tipográfico em terras baianas.

2.6 HISTÓRIA DO LIVRO NA BAHIA: OUTRAS PROEZAS DO SÉCULO XX

As atividades editoriais na Bahia começam mesmo a ser potencializadas com mais vigor no século XX, embora ainda muito restrita aos entusiasmos de uma camada artística da sociedade e por parte de iniciativas de políticas públicas. A sua evolução foi marcada sempre pela presença de pequenas gráficas que se propuseram, por exemplo, a impressão das teses de doutorado da Faculdade de Medicina da Bahia, de produções de escritores locais e também de revistas, que circulavam naquele tempo e que não possuíam necessariamente uma periodicidade de publicação e, tão pouco, de existência (ROSA; BARROS, 2004).

A primeira Imprensa Oficial do Estado (IOE) foi criada em 1912, pela Lei nº 881, de 17 de maio, uma das construções do governo de J. J. Seabra, quando propôs também a instauração do *Diário Oficial* (DO). Entretanto, o dia escolhido para a inauguração de sua primeira sede, localizada na Rua da Misericórdia no Centro Histórico de Salvador, aconteceu três anos depois, em 7 de setembro de 1915, dia comemorativo da Independência do Brasil, o que para Tavares (2015) não pareceu coincidência, mas uma estratégia de mostrar para o povo baiano que a chegada da IOE representava também ares de liberdade. A publicação da primeira edição do DO aconteceu em 30 de outubro de 1915, e já demonstrou características que mais tarde retrataria o tipo de publicação do DO – um objeto jornalístico, apresentando uma seção específica para o detalhamento de notícias diversas.

Em 1948, o órgão passou a se chamar Imprensa Oficial da Bahia (IOB), mas as mudanças de nome não pararam por aí. Em 1972, por meio da Lei nº 3.037, de 3 de outubro, passou a ser chamada de Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), uma empresa pública com personalidade jurídica de direito privado, totalmente custeada com verbas do estado, mas com autonomia financeira e administrativa. Depois de um curto intervalo de tempo após essa alteração, a EGBA foi transferida para a Rua Mello Moraes Filho, nº 189, no bairro de Fazenda Grande do Retiro, onde permanece até os dias atuais.

O recente centenário da EGBA foi comemorado em 2015, e esse percurso temporal foi marcado por sua contribuição social e cultural para a Bahia, bem como pelas adaptações e modernizações tecnológicas pelas quais precisou passar para acompanhar as inovações do mercado, procurando fortalecer a informatização dos seus equipamentos de produção, criando

planejamentos estratégicos, capacitando o seu pessoal, entre outros. Quanto às publicações dessa casa, embora a atividade editorial não tenha sido a sua exclusividade e prioridade, Tavares e Rosa (2010) ressaltam que os livros, sobretudo os publicados na primeira metade do século XX, são importantes obras para o estudo da geografia e da história da Bahia, como, por exemplo, *As cartas soteropolitanas*, de Luiz dos Santos Vilhena, e *Memórias históricas e políticas da Bahia*, de Ignacio Accioly de Cerqueira Falcão, hoje comercialmente esgotadas.

Dando seguimento ao nosso périplo sobre a editoração na Bahia, é inevitável a menção a Manoel Pinto de Aguiar. Natural da cidade de Alagoinhas (BA), Pinto de Aguiar, como ficou conhecido, viveu por 81 anos, contribuindo e transitando pelas mais variadas áreas do conhecimento – um professor admirável, um empresário perspicaz, um inovador de seu tempo, que se dedicou desde a construção de bairros à edição de livros. Pela sua habilidade de reunir com maestria a teoria e a prática, de se envolver com atividades nos campos da economia, história, geografia, política, carrega o atributo de um “homem de sete instrumentos” (SAMPAIO, 2010). Exerceu importantes funções em cargos administrativos pelo país, a exemplo da Diretoria Financeira da Petrobrás e, em seguida, da Eletrobrás, dedicando-se aos negócios do petróleo. O seu espírito de empreendedorismo o levou à fundação, na década de 1940, da Livraria Progresso Editora, importante instalação para o impulso da difusão do livro na Bahia.

Ao longo de aproximadamente 20 anos, do final da década de 1940 ao início dos anos 1960, a Livraria Progresso Editora foi um importante referencial para a cultura editorial baiana (HALLEWELL, 2005). Estima-se que se tenha publicado mais de 400 títulos e os distribuído por todo o Brasil, com temáticas diversas, mas predominantemente textos não ficcionais, de autorias valorosas, como Carybé, Antônio Houaiss e Luís Viana Filho, nomes hoje de projeção e reconhecimento nacionais. Entre essas publicações, estavam as coleções “Autores Clássicos”, “A Bahia”, “Biblioteca jurídica”, “Ensaio”, “Filologia”, atualmente, obras raras nas bibliotecas. É importante destacar que algumas dessas publicações foram coedições com outras instituições, a exemplo da UFBA, da União Baiana de Escritores, Câmara de Vereadores de Salvador, IOB. Há conhecimento de duas obras que retratam a história da Livraria Progresso Editora: *A aventura editorial de Pinto de Aguiar*, publicada pelo Instituto Baiano do Livro (IBL) em 1993; e *Progresso Editora: tribuna e paixão de Pinto de Aguiar*, uma coedição da EGBA com a UFBA, editada em 1996, ambas trazem aspectos interessantes, por vezes ainda pouco conhecidos, da vida dessa editora.

O desenvolvimento do mercado editorial da Bahia esteve sempre atrelado aos acontecimentos históricos e políticos de seu tempo. Nesse sentido, ressaltamos que o intervalo

que vai do final da Segunda Guerra Mundial até o início da década de 1960 foi marcado por intensas transformações culturais e políticas para o país, refletindo também na Bahia. Nesse período, toda a produção artística gerada e publicada era parametrizada quase que essencialmente pelo viés político. Groba (2012, p. 18) nos diz que “a exigência de um posicionamento político por parte dos artistas em geral, em suas produções, se fazia necessário, entre outros fatores, pela permanência dos regimes totalitários no imediato pós segunda guerra, que ainda censuravam e perseguiram poetas e escritores comunistas”.

Esses ideais de resistência à censura proliferaram o surgimento de movimentos que, em grande parte, encontram nas revistas artísticas e culturais o veículo perfeito para as suas reivindicações. Na Bahia, aponta-se, nessa perspectiva, o nascimento, em 1940, da revista *Caderno da Bahia*, que trazia em seu bojo a ideia de uma renovação cultural atrelada a um espírito de redemocratização política (GROBA, 2012). *Caderno da Bahia* foi criada por Vasconcelos Maia, Cláudio Tuiuti Tavares, Darwin Brandão e Wilson Rocha, e se configurou como uma das revistas de mais longa duração que circulou no estado, encerrando suas publicações em 1951, após 11 anos de atividade, conforme indicam Rosa e Barros (2004). As suas impressões são compostas por

[...] 6 artigos de opinião, 23 poesias, 5 contos, 1 peça de teatro, 5 matérias de música, 6 sobre cinema, seis de artes plásticas, além de 11 ensaios literários, e sua periodicidade foi irregular. Entre 1948 e 1949, quatro das seis edições foram lançadas; e as duas últimas, cada uma delas, em 1950 e 1951, de modo que as publicações foram rareando numa proporção quase geométrica: agosto de 48, a primeira edição, outubro de 48, a segunda, e janeiro de 49, agosto de 49, abril de 50 e setembro de 51, as edições restantes. (GROBA, 2012, p. 23).

Caderno da Bahia era disponibilizada ao público no formato de tabloide e variava entre 20 e 25 páginas de extensão, e algumas de suas edições contaram com tiragens de até 1 mil exemplares, impressas junto à Tipografia Beneditina. O evidente posicionamento político e o apoio aos escritores do movimento modernista das artes plásticas foram marcas muito presentes ao longo de toda a existência dessa revista que teve participação importante no cenário cultural baiano.

Há ainda registros de que foi criada uma editora artesanal de nome Edições Dinamene, para auxiliar nas atividades da revista *Caderno da Bahia*. Na verdade, a Dinamene não foi uma editora propriamente dita, pois não teve como objetivo fins comerciais, mas sim o intuito de elevar o nível da qualidade técnica dos livros produzidos no país, desejo de Pedro Moacir Maia, seu idealizador. Nesse sentido, a Dinamene, ao longo dos seus dez anos de atuação, publicou em torno de 20 livros, além de plaquetas, convites e cartões diversos.

Conforme descrevem Barros, Borges e Jambeiro (2013), em paralelo a essas iniciativas, ganhou também atenção a inauguração da Livraria Universitária em 1943. Sob a liderança de Abdon Rosado, a livraria funcionou também como editora até o ano de 1978, publicando oito títulos, entre os quais *A cozinha baiana* (1948), de autoria de Darwin Brandão e, após o encerramento das atividades editoriais, permaneceu com o espaço da livraria, na Praça da Sé, no Pelourinho, até o ano de 2004, quando definitivamente encerrou seus serviços.

Outro destaque desses meados do século XX da editoração em Salvador é a Edições Macunaíma. Segundo Hallewell (2005), essa foi uma editora bastante ativa na cidade, fundada no ano de 1957 por um grupo de amigos – Calasans Neto, Fernando da Rocha Peres, Glauber Rocha e Paulo Gil Soares. Em 1974, houve uma mudança de nome, passando a se chamar Macunaíma Empreendimentos Editoriais Ltda., contando também com mais uma sócia, a poeta Myriam Fraga. A Edições Macunaíma procurou se especializar profissionalmente, beirando a qualidade técnica e estética de livros produzidos em editoras artesanais, com muito requinte em suas obras, mas não necessariamente com tanto luxo, já que estas eram comercializadas por baixo custo, conforme aduzido por Rosa e Barros (2004), Hallewell (2005) e Tavares e Rosa (2010). Durante o período que esteve em atividade, produziu cerca de 100 livros, com perfil editorial voltado para a publicação de obras literárias, sobretudo a poesia baiana, com autores como a própria sócia, Myriam Fraga, Florisvaldo Matos, Godofredo Filho, entre outros.

A bibliografia sobre a história e o desenvolvimento do mercado gráfico na Bahia é muito escassa, o que nos impossibilita de fazer reflexões com maiores detalhes, uma vez que as nossas fontes bibliográficas são sempre os mesmos pesquisadores e os trabalhos que publicaram ao longo de seus estudos, que, por vezes, não são localizados facilmente. Porém, ao que nos informa Tavares e Rosa (2010), outros empreendimentos, ainda que timidamente e sempre de pequenos portes, foram surgindo em Salvador na segunda metade do século XX, a saber: a Edições ViceRey, fundada em 1960 por Nelson de Araújo, concebida como uma pequena instalação em sua própria residência, sem infraestrutura adequada, mas com o legítimo objetivo de contribuir para a divulgação e publicação de autores baianos, contou com dez títulos publicados durante seu exercício. Também na década de 1960, através dos esforços de Dimpino Carvalho, foi implantada a Editora e Gráfica Cimape, na qual, na maioria das vezes, os próprios autores financiavam as suas publicações. Outro segmento nessa área foi a Editora Itapuã, liderada pelo livreiro e distribuidor Dmeval Chaves, estabelecida em 1967, funcionou por alguns anos com a ajuda de incentivos do governo, que contribuiu para que enfrentasse os problemas que já rodeavam a produção e comercialização do livro naquela época, como as altas taxas de frete e transportação, o que desencadeava outros impasses, como a distribuição dos

exemplares pelo vasto território brasileiro. Ainda nesse contexto, em 1968, pertencente a James Amado, nasceu a Editora Janaina, que se destacou pela edição crítica da obra completa de Gregório de Matos em sete volumes.

O ano de 1979 presenciou o advento da editora Corrupio, um projeto da fotógrafa Arlete Soares pensado para a publicação de obras do etnólogo francês Pierre Verger, seu amigo íntimo, até então inédito do Brasil. A Corrupio encerrou suas atividades em 2020 e, nesses mais de 40 anos de atividade, muito construiu e colaborou para arte de editar livros na Bahia. Seu legado deixou um catálogo importante, marcado pela temática sobre a cultura negra e a diáspora africana, entre seus autores, destacam-se, entre outros, nomes como: Vivaldo Costa Lima, Mestre Didi, Carybé, Zélia Gattai, J. Cunha, Paloma Jorge Amado, Juana Elbein dos Santos e Mabel Velloso.

Como pode ser observado, os projetos e intentos de empreendimentos surgiram um após o outro, às vezes, coexistindo, outras vezes ocupando espaços dos que já não mais estavam em atividade. Em 1981, foi a vez da editora Contemp, implantada por Luís Ademir Souza, a editora funcionou com uma linha editorial não muito bem traçada, publicando livros infantis, didáticos e outros, em sua maioria, com aporte financeiro dos autores. Tavares e Rosa (2010) comentam, ainda, que outro estabelecimento que desempenhou atividades editoriais na Bahia foi a Editora Ianamá, de José Esmeraldo Souza Coelho, que funcionou até o ano de 1992, totalizando sete anos de existência e 15 livros publicados, com tiragens que variavam entre 1 mil e 2 mil exemplares. Além dessa, no ano de 1989, Aramis Ribeiro Costa, médico, poeta e ensaísta, fundou a editora Marfim, que chegou a publicar três obras, dentre as quais, duas foram de sua própria autoria, *A nota de Rosália* (1989) e *Uma varanda para o jardim* (1993).

Na última década do século XX, uma importante organização para a difusão e consolidação do campo editorial ganhou forma, tratou-se do IBL, fundado por voluntários em 1991, sem fins lucrativos, reunindo artistas, escritores e simpatizantes das artes gráficas na Bahia. Tavares e Rosa (2010) destacam que, durante a sua atuação, o instituto desempenhou um papel ativo no estado, promoveu encontros, cursos, oficinas e palestras, reunindo intelectuais e profissionais da área que estavam interessados em discutir o cenário da editoração na Bahia e no país. Além das atividades executivas e administrativas, também editou alguns livros, a exemplo do já mencionado *A aventura editorial de Pinto de Aguiar* (1993), e o *Editoração: ato de amor ao livro* (1997). Acredita-se que o êxito do IBL tenha se dado em grande medida pela parceria firmada pelo jornal *A Tarde*, ainda em atividade nos dias de hoje, um dos principais periódicos de circulação na Bahia, uma vez que o jornalista Sérgio Matos, primeiro presidente do IBL, possuía estreita relação com o jornal. As atividades foram

encerradas no ano de 1997. Em seguida, retomou com a Câmara Bahiana do Livro (CBaL), com objetivos um tanto diferentes, mas também com o ideal de congregar a classe editorial baiana. Entretanto, como pondera Rosa (2022, p. 32), “infelizmente, por reflexo da própria dinâmica da indústria editorial baiana com um número de editoras que sofre descontinuidade, essas entidades do livro por si só não conseguiram se manter para desempenhar o papel que lhes caberia como representantes de uma determinada classe”.

2.7 PANORAMA DA EDITORAÇÃO NA BAHIA NO SÉCULO XXI

Desde que começamos traçar esta escrita, temos nos empenhado para descrever, mesmo que de forma sumária, as narrativas que têm formado a história do livro na Bahia. Percorremos por acontecimentos datados do início do século XIX, com a vinda da família real para o Brasil, a destemia de Manuel Antonio da Silva Serva, as iniciativas dos pequenos livreiros e grupos de artistas e intelectuais do século XX, fatos esses que, apesar de valorosos, nunca conseguiram o prestígio que com efeito mereciam. Por consequência, o mercado editorial na Bahia seguiu e segue a mesma linha, a despeito dos avanços e do protagonismo da editora da UFBA, como veremos na próxima seção, ainda não adquiriu a visibilidade que poderia ter atingido em âmbito nacional.

No século XXI, levantamento das editoras em funcionamento na Bahia, realizado por Barros e demais autores (2007), apontou a existência de dez estabelecimentos locais de iniciativa privada, são eles: P555 Designers Gráficos e Edições, Editora Helvécia, Àgalma Psicanálise Editora, Editora Casa de Palavras, Editora Calandra, Casa da Qualidade Editora, Contexto e Arte Editorial, Editora Corrupio, Maianga Produções Culturais, Editora Leal. Além dos citados, registrou-se também a presença de três órgãos públicos que desempenhavam atividade editorial: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia / Fundação Cultural do Estado da Bahia; Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia; Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. Para essa seleção dos órgãos públicos, Barros e demais autores (2007) esclarecem que foram desconsiderados aqueles que não tinham a produção editorial como tarefa principal, que não produziam com regularidade ou ainda que não tinham estrutura adequada para o desempenho da atividade.

No contexto das editoras universitárias no cenário baiano, algumas também foram estabelecidas nos últimos anos, sendo quatro delas de universidades estaduais e duas de universidades federais: a Editora da Universidade do Estado da Bahia (Eduneb), a Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (Editus), a Editora da Universidade do Sudoeste da Bahia

(Edições UESB), a Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS Editora); a Editora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Edufrb) e a Edufba. Todas essas editoras estão em pleno exercício, são associadas à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) e, comprometidas com o seu papel de propagar o conhecimento científico, compartilham entre si experiências de coedição.

A Eduneb é um órgão suplementar da UNEB que nasceu com o objetivo de promover o desenvolvimento institucional e a consolidação de sua função social. Acreditando na disseminação de ideias e conhecimentos por meio de publicações de qualidade, de natureza técnica, didática e científica, a Eduneb tem trabalhado desde o ano de 2016 com lançamento de editais com cotas de publicação que abrangem todas as áreas do conhecimento, o que torna o processo de edição mais transparente e democrático. Além do sistema de editais, a editora trabalha com o Selo Universalis Edições, que possibilita aos autores vinculados à UNEB custearem com recursos próprios ou de captação externa a publicação de livros. Ao longo de sua existência, entre outras conquistas, a Eduneb destaca a implantação da livraria universitária, como veículo de contato com o público, disponibilizando livros com baixo custo comparado ao mercado. Nesse espaço, realiza-se ainda a comercialização de livros de outras editoras universitárias parceiras, além de manifestações artísticas e culturais.

Atualmente, sob a direção da professora Rita Virginia Argollo, no sul do estado, destaca-se a atuação da Editus, editora criada em 1996, como um dos instrumentos de consolidação do projeto de desenvolvimento e expansão da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), divulgando o acervo cultural, técnico e científico da instituição. A Editus possui livros publicados em diversas áreas do conhecimento, além de também editar livros infantis. Entre os requisitos para a publicação, a editora publica livros de autores regionais e novos escritores, uma vez aprovados pelo Conselho Editorial da instituição.

No ano de 1999, a Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB) criou a sua própria editora. A editoração na UESB iniciou suas atividades com um Setor de Produção, vinculado à Assessoria Especial de Comunicação, Editoração e Vídeo (ACEV) da universidade. Nesse período, ainda sem uma política editorial bem definida, a UESB promoveu dois seminários com o objetivo de nortear a instituição sobre o que publicar, como publicar e através de quais critérios. O Setor de Publicações funcionou durante dois anos e, no ano de 2001, deu lugar para a atuação da Edições UESB, oficialmente uma editora. Desde então, a editora tem procurado se estabelecer cada vez mais no meio e ampliar seu leque de publicações, de modo que alcance cada vez mais áreas e leitores. Os originais recebidos pela Edições UESB para publicação são avaliados pelo Comitê Editorial, composto por especialistas de cada área, que emitem pareceres

fundamentados e criteriosos sobre a publicação de cada livro. Quanto à linha editorial, contempla majoritariamente a edição de livros técnico-científicos, periódicos, textos didáticos e artístico-literários.

Continuando no âmbito da editoração acadêmica, fundada em 2009, a UEFS Editora, hoje sob a coordenação do professor Murillo Campos, atingiu recentemente a marca de 300 obras publicadas. Os livros publicados por essa editora resultam da produção de conhecimento pela universidade e denotam o esforço da UEFS para editar, disseminar e divulgar o trabalho técnico-científico de seus pesquisadores e docentes, mesmo em tempos de crises econômicas, humanitárias e de saúde, como a que vivenciamos no momento. Dentre as áreas de publicação, conta com um catálogo variado: Administração, Contabilidade, Antropologia, Biologia, Ciência Política, Educação, Literatura, entre outras.

Mais recentemente, no ano de 2010, foi criada a Edufrb com a finalidade de produzir a edição de livros na esfera da universidade, de intensificar o intercâmbio entre as instituições correlatas, bem como de incentivar a promoção da produção técnica, científica, didática e artística da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A Edufrb, através de suas obras, busca fundamentar as discussões sobre o desenvolvimento da sociedade e das culturas, entregando ao seu público leitor edições de qualidade que contemplam todas as áreas do conhecimento. Desde a sua fundação, tem direcionado sua produção para cinco linhas editoriais assim distribuídas: Coleção Recôncavo; Coleção Acadêmica; Coleção Ensaio e Debate; Coleção Didática; e Coleção Desenvolvimento Social.

E, por fim, para fechar o ciclo das editoras universitárias baianas, mencionamos a Edufba, objeto deste estudo. Como todas as instituições aqui mencionadas, a Edufba tem como objetivo, cumprindo seu papel de editora universitária, difundir o conhecimento produzido na universidade, estreitando o abismo que há entre o que é produzido pelos pesquisadores e o que de fato chega até a sociedade. Ao longo de sua existência, a Edufba tem mostrado um trabalho comprometido com o fazer científico, com aproximadamente 2 mil títulos publicados com o selo UFBA, entre livros impressos e digitais. Esses números merecem ser celebrados, não apenas pelos Algarismos que representam, mas principalmente pela história que carregam. Nesse sentido, acreditamos e aqui defendemos neste estudo que as obras editadas pela Edufba trazem consigo muito da história dessa editora, da instituição que a integra e do contexto social, político e econômico do momento em que escritas. Levando isso em consideração, entendemos que zelar pela conservação e guarda desses livros é também zelar pela memória dessa instituição, hoje, tão necessária para a sociedade e, sobretudo, para nós pesquisadores. Por essa razão, esta pesquisa teve como objetivo geral a constituição do acervo da Edufba no espaço

Lugares de Memória da UFBA, ambiente de acesso público apropriado para acolher esse composto de livros de tamanho valor.

Na próxima seção deste texto, teceremos algumas considerações sobre a importância das editoras universitárias para a sociedade, destacando a história e atuação da produção editorial na UFBA.

3 AS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

Dentre tantas as funções da universidade, uma das mais preponderantes deve ser a preocupação em oferecer um campo fecundo para a produção, renovação e, sobretudo, difusão do saber produzido em seu contorno. Nesse sentido, em confluência com as ideias de Bufrem (2001), acreditamos que cabe às editoras universitárias, pela sua representação institucional, política e cultural, o papel de transpor o conhecimento produzido dentro da universidade para a sociedade, uma vez que este carrega no seu âmago a capacidade de transformação de realidades e contextos, por vezes, desprovidos da devida atenção. Ao que a revisão de literatura indica, as primeiras experiências dessas editoras no mundo aconteceram no século XVI, na Inglaterra, nas Universidades de Cambridge e de Oxford, e, desde o início, ressaltaram a importância da imprensa na universidade.

No Brasil, a origem é mais tardia e data dos anos de 1961 e 1962, respectivamente, na Universidade de Brasília (UnB) e na Universidade de São Paulo (USP), geradas a partir do exercício de pequenos serviços gráficos que foram tomando maiores proporções e que contribuíram e contribuem sobremaneira para a história e difusão do livro no Brasil. Intrinsecamente ligada à universidade, instituição tida como oficina de construção do saber, o desenvolvimento dessas editoras acontece na década de 1960 concomitante ao impulso de construções, reformas e incentivos para a edificação de novas Instituições de Ensino Superior (IES) pelo país. Entretanto, conforme nos informa Bufrem (2001), entre as décadas de 1963 e 1970, não surgiram novas editoras e somente a partir de 1971, com a criação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o fluxo da editoração nas universidades foi reativado, aparecendo outras editoras.

De lá para cá, diversos foram os desafios enfrentados por essas editoras e, ainda hoje, muitas são as questões levantadas acerca de seu papel, objetivos e permanência. Um dos tópicos que se destacam nesse contexto da editoração universitária é a delimitação de seu campo em relação às editoras privadas (BUFREM, 2001), também conhecidas por editoras comerciais. A distinção mais nítida entre uma e outra parece estar vinculada ao tipo de produção: enquanto as editoras universitárias estão preocupadas em publicar aquilo que é produzido na universidade, as editoras privadas tendem a selecionar as suas publicações pela rentabilidade, ou seja, a edição de obras que aparentam ser mais vendáveis para o mercado. Apesar dos diferentes objetivos e enfoques entre as editoras públicas e privadas, muitos editores defendem a tese de que não há uma competitividade entre elas, ou pelo menos não deveria haver, uma vez que há espaço para uma ação conjunta entre ambas, que evite a rivalidade e a concorrência comercial injusta.

Para além disso, Bufrem (2011, p. 133) assinala que, durante esse período de constituição, “[...] equívocos decorrentes de uma conceituação imprecisa do que fosse uma editora universitária dificultavam não só sua estruturação, mas também a consolidação de um fazer específico e culturalmente legitimado”. Essa autora ressalta que por muito tempo confundiu-se serviços gráficos com a prática editorial na universidade, enquanto aqueles caracterizavam-se pela produção de obras esparsas e impressos administrativos diversos, em volume pouco expressivo, as editoras universitárias buscaram traçar uma linha editorial mais consistente e mais bem delimitada (BUFREM, 2011). Um exemplo desse tipo de impressão universitária, digamos mais despreziosa, foi a Imprensa Universitária da Universidade de Recife, que, desde 1955, dedicou-se à impressão de livros universitários e, por essa razão, é considerada por muitos a primeira editora universitária surgida no país. Esse título, porém, oficialmente, só lhe é atribuído no ano de 1968, quando passa a ser editora, um órgão ligado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A edição universitária no Brasil foi marcada por alguns movimentos históricos para a área, entre esses, destacam-se: os Seminários de Publicações Oficiais Brasileiras (SPOB); os Seminários Nacionais das Editoras Universitárias (SNEU); o Programa de Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual nas Instituições de Ensino Superior (Proed); a fundação da ABEU; e o Programa Interuniversitário para a Distribuição do Livro (PIDL) (BUFREM, 2001, 2011). A seguir, teceremos algumas considerações sobre as principais diretrizes dessas ações e os seus impactos para a consolidação do projeto de editoras universitárias.

Conforme destaca Bufrem (2001), o início das atividades de edição universitária no Brasil é marcado pela ausência de um fórum ou uma comissão própria para deliberação de discussões sobre o funcionamento desses órgãos. As primeiras iniciativas nesse sentido, em que se pautaram discussões acerca da sua produção, aconteceram através dos SPOB, em 1975, quando da sua primeira edição. Os SPOB proporcionaram um “[...] importante material de reflexão para os interessados no aperfeiçoamento desse tipo de publicação, objetivando o desenvolvimento na área de documentação bibliográfica oficial e ressaltando o papel de preservação da história” (BUFREM, 2001, p. 80-81) e, sobretudo, a necessidade de que essas informações estivessem disponíveis como fonte auxiliar para o desenvolvimento de estudos e tomada de decisões. Os debates realizados nesses seminários, em sua grande maioria, eram publicados posteriormente em anais e giravam em torno de temáticas diversas sobre as dificuldades envolvidas na prática editorial – o controle, a divulgação, a distribuição, a comercialização, o depósito legal, os direitos autorais – muitas dessas ainda bem atuais e presentes no nosso cenário.

Outro fator de grande importância para o desenvolvimento das editoras universitárias foi a realização dos SNEU, que teve o seu primeiro encontro em Niterói (RJ) em 1985, e reuniu intelectuais e interessados de IES de todo o país. Para uma noção das pautas que eram abordadas nos SNEU, Bufrem (2001, p. 86) expressa que estavam entre as recomendações do primeiro evento:

[...] a promoção de maior intercâmbio entre as editoras universitárias, não só no âmbito comercial mas com relação as consultorias técnicas para obtenção de pareceres quando necessário; a extensão do Projeto de Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual (Proed) a todas as editoras universitárias, desde que fosse demonstrada capacidade de aproveitamento das condições estabelecidas no programa; o incentivo aos meios de divulgação não só da universidade, mas da editora para tornar conhecidas as suas obras; que todas as editoras envidassem esforços junto aos órgãos superiores no sentido de reconhecimento e promoção do PIDL [...].

Não se sabe ao certo quantas dessas recomendações obtiveram sucesso, mas a construção do campo editorial universitário foi um processo de etapas, algumas bem-sucedidas, outras, tentativas frustradas. As edições seguintes dos SNEU seguiram a mesma linha de orientações – implantação e implementação de postos de vendas nos *campi* das universidades, a comercialização do produto editorial como forma de sobrevivência das editoras universitárias, o estabelecimento de um conselho editorial autônomo e representativo do aval da instituição, a oferta de cursos de editoração para os iniciantes na área. Além dessas, acrescenta-se outras direções importantes, como o fortalecimento do Proed, a criação da ABEU e à adesão ao PIDL.

O Proed foi lançado em 1991, originado da discussão de professores universitários sobre os problemas que afetavam o desempenho das IES. O programa, segundo Bufrem (2000, p. 102), “[...] visava buscar soluções para a situação precária dos professores em relação à editoração de seus trabalhos”, objetivando principalmente o estímulo à produção científica das IES, o fortalecimento e divulgação das pesquisas acadêmicas e, por consequência, o desenvolvimento técnico e científico nacional. No que diz respeito ao quantitativo, o Proed aparentemente conseguiu cumprir a sua meta, pois cerca de 26 editoras surgiram logo após o seu lançamento, o que também pareceu instigar a produção escrita dos professores, que passaram a entregar mais originais às editoras universitárias para publicação. Ademais, Bufrem (2001, p. 103) ressalta que estavam ainda entre as propostas do programa “[...] a criação de conselhos ou comissões editoriais nas instituições, [...] o intercâmbio de recursos gráficos entre as instituições”, o enriquecimento da bibliografia básica disponível para os cursos de graduação, o aperfeiçoamento do padrão editorial das publicações universitárias e a transformação de gráficas em editoras. Embora houvesse algumas críticas em relação aos principais critérios de seleção das instituições participantes – regional, grandeza estrutural da instituição, financeiro –

, verificou-se que o mérito do programa repercutiu profundamente na política editorial das IES (BUFREM, 2001).

No quarto encontro do SNEU, realizado em Goiânia, de 31 de agosto a 5 de setembro de 1987, foi criada a ABEU, oportunidade em que também teve o seu regimento aprovado e sua primeira diretoria eleita e empossada. A associação nasceu resultante “[...] de um esforço coletivo de jovens editores, quase todos ‘amadores’ ou ‘amantes’ dos livros e da arte de editar, cuja proposta foi dar visibilidade à produção científica, acadêmica e cultural das instituições” (BUFREM, 2011, p. 134) e, portanto, com a missão de contribuir na atuação das editoras universitárias no mercado, buscando por soluções e assistências adequadas aos associados. Atualmente, a ABEU é protagonista ativa das discussões pautadas no âmbito das editoras universitárias, contando com mais de 100 associados unidos para a difusão do livro e da leitura no país, e para o alcance de tantos outros objetivos para a política editorial, conforme esclarece em seu estatuto:

Promover o desenvolvimento das editoras associadas e contribuir para os processos de produção, comercialização e divulgação; Realizar atividades de aperfeiçoamento de recursos humanos no campo da editoração destinadas prioritariamente a seus associados; Fomentar o intercâmbio entre os associados e entidades congêneres do país e do exterior; Colaborar com os associados para ampliar sua participação em feiras, exposições e bienais do livro no país e no exterior; Facilitar serviços de informação comercial, jurídica e bibliográfica aos associados; Promover ou participar de campanhas que incentivem o hábito da leitura e o gosto pelo livro. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS, 2005).

Concomitantemente a essas iniciativas, sob a primeira coordenação do professor Ailton Sampaio, acontecia o PIDL, que uniu as editoras universitárias desde 1982, e atualmente ainda vigente, na busca por alternativas para a distribuição do livro produzido nas universidades. O PIDL é um programa reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC) e, no contexto atual, para aderi-lo, é necessário que a editora universitária seja associada à ABEU. Os seus integrantes, para efeito de comercialização, devem oferecer um desconto de 50% no valor de capa do livro, em regime de consignação (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS, 2010), criando, assim, uma rede de distribuição do programa entre todas as editoras universitárias espalhadas pelo país. O PIDL foi peça fundamental para o crescimento do movimento de divulgação e distribuição das obras publicadas pelas IES, possibilitando a multiplicação de livrarias pelos campos universitários, privilegiando as obras nacionais, reduzindo os custos, popularizando o acesso ao livro e a difusão do saber. Nesses tempos mais recentes, o programa encontra-se fragilizado pela própria lógica do mercado

editorial do momento, que enfrenta uma crise econômica sem precedentes, com o fechamento de grandes livrarias e a saída de distribuidores importantes do cenário livreiro. As editoras, por consequência, perderam o fôlego para negociações com descontos maiores, em consignação, ou com prazos mais dilatados, como prevê o programa.

É tempo, portanto, das editoras universitárias ocuparem e reafirmarem o seu lugar para o enfrentamento dos novos desafios a respeito do mundo do livro. Como aborda Abreu (2019), de mostrar e entender o sentido de uma verdadeira editora universitária, que difere e vai além de uma editora na universidade. A editora universitária precisa também acontecer enquanto projeto político, no sentido estrito do termo, uma vez que pode contribuir efetivamente para o avanço cultural e para a transformação da realidade em que vivemos, dessa forma, não devem ser compreendidas meramente como prestadoras de serviço, instrumentos inertes à espera de obras a serem editadas, mas sim como um mecanismo ativo intrinsecamente ligado à educação, situada em seu espaço-tempo (GUEDES; PEREIRA, 2000), uma posição também defendida por Rosa (2022, p. 33), quando diz que

Há muito tempo as editoras universitárias não podem mais ser confundidas, de forma simplista, com ‘gráficas universitárias’, reproduzindo textos sem a prévia definição de uma política editorial, sem critérios e com circulação restrita, como se referiam às editoras até os anos 1980. Entendemos por gráfica a empresa pública ou privada responsável pela produção da etapa industrial de impressos em geral: livros, revistas, jornais e folhetos, utilizando sistemas técnicos de impressão e acabamento adequadas a essa produção. A editora se dedica à seleção e preparação de originais para publicação – incluindo os processos de revisão, normalização, projeto gráfico e editoração – e, em seguida, cumpre uma etapa industrial de impressão e acabamento, geralmente utilizando os serviços de uma empresa gráfica, no caso do livro impresso, ou preparação eletrônica dos arquivos, para livros eletrônicos em formato PDF, ePub, Mobi, entre outros.

Concordando com essas ideias, a editora universitária expande o seu papel de transferir e documentar resultados produzidos na universidade para uma função, em sua essência política e social, de mediar entre a universidade e a sociedade a divulgação e a propagação de sua produção, através do tipo de obra que é escolhida para a edição (ABREU, 2019). Que tipo de obra é editada numa editora universitária e em que se sustenta tal escolha? Essas são perguntas comuns nos estudos que se dedicam a explicar a vida das editoras universitárias e, ao que percebemos, é praticamente consenso que os originais eleitos à publicação, ou seja, o que chega à editora fruto da produção acadêmica docente e discente, partem de uma decisão e das prioridades estabelecidas pelo conselho editorial representante da respectiva instituição. Nesse sentido, Bufrem (2001) apresenta os resultados de sua pesquisa que evidenciam nas publicações

universitárias uma diversificada representação das áreas do conhecimento, dividida em alguns blocos:

- a) Ciências Humanas, incluindo Artes, Sociologia, Antropologia, História, Clássicos e Letras;
- b) Ciências Exatas e Tecnológicas, como Matemática, Física, Sistemas de Informação e Engenharia;
- c) Ciências da Saúde e Biológicas;
- d) Ciências Sociais Aplicadas;
- e) Ciências Agrárias e da Terra;
- f) Assuntos Locais ou Regionais; e
- g) Literatura.

Na sexta seção desta dissertação, intitulada “Perfil editorial da Edufba: sobre o que dizem estes livros?”, nos propomos a verificar como essa distribuição tem acontecido na editoração da UFBA e, por essa razão, não detalharemos esse tópico neste momento.

Então, conforme aponta Bufrem (2001), preservando e divulgando a cultura nacional, conhecendo as tradições e costumes, fazendo e preservando a sua história, as editoras universitárias seguem com sua importante missão de ser “[...] ligação entre todos os canais geradores do saber dentro de suas IES ou alhures, incentivando, recolhendo, organizando e dirigindo o produto do intelecto humano a toda a sociedade” (BUFREM, 2001, p. 46), estimulando o tripé indissociável da universidade – a pesquisa, o ensino, a extensão – a produção intelectual e a leitura ou, ainda, nos termos de Rosa e demais autores (2013, p. 156), ocupando uma “[...] posição de destaque no processo de socialização do conhecimento e da cultura”.

A universidade é consagradamente uma instituição de invenção do saber, ambiente profícuo onde acontece debates, pesquisas e produções diversas, mas não cumpre os seus objetivos se essas discussões se limitam à esfera de seus pares, de pesquisadores para pesquisadores, de professores para discentes, sem alcançar a sociedade. Nos termos de Conceição e Chagas (2020, p. 2-3),

Foi no ambiente universitário que a produção científica abriu espaço à coletividade e suplantou o trabalho solitário do pesquisador. O conhecimento científico, produzido e elaborado nas universidade [sic] e institutos de pesquisa, passou a ser institucionalizado como confiável e digno de ser seguido pela sociedade comum.

Falar de conhecimento científico, diante de toda sua complexidade é, em primeiro lugar, diferenciá-lo dos demais tipos de saber (MARCONI; LAKATOS, 2003). A literatura registra, entre tantos: o conhecimento do senso comum, também conhecido como conhecimento popular, que se caracteriza pela sua pouca sistematicidade, pautando-se em relações abstratas para a resolução de um problema; o pensamento religioso, que acompanha a sociedade desde tempos mais remotos e se fundamenta nas doutrinas e proposições sagradas, uma verdade e um saber já estabelecidos, que através da fé são exercidos; o conhecimento artístico, que não se propõe a estabelecer uma verdade, ao contrário, experiencia as realidades que diante de si são colocadas, propositalmente de forma inexata e imprecisas, vez que a arte é espontaneamente a ciência do inacabado, do vir a ser; e, por fim, embora essa seleção não seja taxativa em sua descrição, o conhecimento científico que, segundo Araújo (2006, p. 131), “[...] nasce da proposta de um conhecimento diferente dos demais, porque busca compensar as limitações do conhecimento religioso, artístico e do senso comum”, uma compreensão mais confiável da realidade. Nesse último tipo, produzir, pesquisar e divulgar são etapas elementares do processo de construção do conhecimento científico.

Dessa forma, concordando com Conceição e Chagas (2020, p. 3), “[...] para que o conhecimento científico possa se revelar necessário à humanidade e surtir efeitos sociais relevantes, precisa sair dos muros da academia e dos institutos e chegar aos ouvidos atentos da sociedade comum através de um código linguístico compreensível”. É através da divulgação que a ciência consegue ultrapassar a bolha do academicismo, é a via do diálogo entre a universidade e o público externo que valida e legitima como respeitável o conhecimento científico. Difundir a produção é essencial, uma vez que “guardar para si o conhecimento é estar na contramão do processo evolutivo que caracteriza o homem contemporâneo” (CONCEIÇÃO; CHAGAS, 2020, p. 3). Dessa maneira, a etapa de unir esforços para a disseminação dos resultados da produção científica deve ser considerada pelos pesquisadores com a mesma relevância e ânimo com que conduzem os seus estudos, para que assim não se corra o risco de que todos os frutos obtidos com o trabalho se limitem a uma seleta parcela da sociedade acadêmica. Esse pensamento é corroborado por Conceição e Chagas (2020, p. 3), quando dizem que

[...] a pesquisa encontra validação e reconhecimento através da divulgação dos seus resultados ao passo em que a divulgação realça a face social da Ciência, contribui para oxigenar seus processos de produção, ressignificar sua funcionalidade e importância. A divulgação científica possibilita que indivíduos e coletividades se ajustem às transformações que marcam o contexto sócio-histórico e que caracterizam a contemporaneidade.

Atenta a esses princípios, a UFBA tem se preocupado em pensar alternativas para a disseminação da sua produção técnica, científica e cultural. Nessa direção, algumas ações merecem destaque, conforme mencionado por Rosa (2022): a Eufba; a implantação do Repositório Institucional (RI)¹⁰ da universidade; e o Portal SciELO Livros.¹¹

A materialidade do livro impresso carrega, desde sua origem, muitos significados. Entre suas missões, é consagrada a de preservar e disponibilizar de modo permanente o conhecimento. Dessa forma, sob o prisma da escrita, o livro é memória, cultura, e possibilita a transmissão do saber produzido às próximas gerações. Para Rosa e demais autores (2015, p. 3), “as universidades exerceram importante papel na história do livro e da imprensa por ter sido responsável pela preparação de um público que passou a usar de forma sistemática, desde os primeiros livros que se apresentavam em forma de manuscritos”, até a contribuição das editoras universitárias. No caso da UFBA, a Eufba é peça-chave para o bom desempenho da divulgação das pesquisas produzidas na universidade, com um catálogo que contempla diversas áreas do saber e acumula em torno de 2 mil títulos publicados desde a sua existência, como detalharemos mais à frente neste trabalho. Entretanto, apesar da sua boa performance, ainda há uma desproporção entre o que é a totalidade da produção científica ufbiana e o que de fato a Eufba consegue publicar (ROSA et al., 2015).

Por essa razão, o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) não pôde ser desconsiderado, uma vez que as TICs têm se mostrado importantes aliadas para a promoção cada vez mais ampla e democrática do conhecimento produzido na UFBA – através do RI e do Portal SciELO Livros –, posicionamento também assumido por Santos e Rosa (2020, p. 41), quando afirmam que a “[...] ascensão de aparatos tecnológicos [...] permitiram e dinamizaram as relações comunicacionais entre os pares de uma comunidade científica, tornando a troca de informações, de estudos e de resultados científicos mais eficazes e democráticos”.

Com o intuito de se adaptar às mudanças e possibilidades geradas pelo advento das TICs, o desenvolvimento do RI da UFBA foi pensado a partir do projeto de doutorado apresentado em 2011 por Flávia Rosa, que teve como um dos objetivos-piloto a implantação dessa plataforma de acesso, resultando também na tese intitulada *A disseminação da produção científica da Universidade Federal da Bahia através da implantação do seu Repositório Institucional: uma política de acesso aberto*. O RI da UFBA, atualmente, é executado através

¹⁰ Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/>.

¹¹ Disponível em: <https://books.scielo.org/>.

do *software* Dspace versão 5.7. A plataforma tem passado constantemente por reformulações para cada vez mais tornar-se um ambiente intuitivo, acessível e didático, embora o programa ainda necessite de algumas atualizações em seu *layout* e nos recursos de busca e alimentação do *site* para uma melhor experiência de acesso.

Rosa, Barros e Meirelles (2015) indicam que a inserção de uma política de acesso aberto na UFBA, por meio de seu repositório, exigiu um planejamento estratégico que envolveu desde a consulta de toda a comunidade acadêmica, de pesquisadores, representantes das instâncias superiores e até mesmo do Conselho Editorial da instituição. O Movimento de Acesso Livre à Informação Científica no Brasil, através dos repositórios das universidades e outros espaços digitais gratuitos, tem contribuído para reestruturar toda a cadeia de produção e divulgação da pesquisa científica, objetivando a igualdade de acesso em um país ainda de poucos leitores e marcado por tantas desigualdades.

A universidade hoje dispõe de meios acessíveis, criativos e baratos para superar os muros invisíveis que a separam de parte da sociedade. Iniciativas como o estímulo ao acesso aberto, a criação de um repositório de conteúdos digitais e a elaboração de uma política consistente com respeito à divulgação de conteúdos digitais vêm ao encontro da demanda dos docentes de difundir sua produção intelectual e de ter acesso facilitado às pesquisas dos colegas. Além disso, a promoção de mecanismos de acesso aberto dá mais visibilidade e transparência àquilo que é produzido pela universidade, reforçando sua função de servir à sociedade ao promover o conhecimento científico e a difusão cultural. (BRASIL, 2011).

Na UFBA, os resultados da implantação do repositório foram imediatos. No mesmo ano em que se deu início às suas funções, em 2011, o RI da UFBA foi reconhecido como o repositório que mais disponibilizou artigos científicos, resultando numa premiação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibcti); três anos depois, em 2014, pesquisa realizada por especialistas em *ranking web* de repositórios indicou que o RI da UFBA ocupava a 6ª posição entre os RIs em destaque no país, o 15º lugar no contexto da América Latina, além de ser o único no cenário Norte-Nordeste do Brasil (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2014). Esse destaque, segundo Rosa (2022), só foi possível pela união de esforços entre a Pró-Reitoria de Pesquisa, Criação e Inovação (Propci), a Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação (Propg), a Superintendência de Tecnologia e Informação (STI), o SIBI, o Instituto de Ciência da Informação (ICI) e a Edufba, esta última definida como unidade-piloto para a divulgação das obras da universidade publicadas por essa editora. No momento da escrita deste texto, a Edufba somava 778 obras publicadas em acesso aberto no repositório, que se faz ainda composto por milhares de trabalhos de conclusão de curso das unidades das diversas áreas que

integram a universidade, conforme pode ser observado no Quadro 1 a seguir. O quantitativo de acesso também apresenta um número expressivo. No ano de 2020, a comunidade Edufba do repositório recebeu um total de 94.240 visualizações; em 2021, por sua vez, até o mês de novembro deste ano, a plataforma contabilizava um total de 100.938 acessos, inclusive de outros países: Estados Unidos da América (2.587); Rússia (131); China (53); França (27); Suíça (20); Dominica (14); Alemanha (12); Croácia (11); e Ucrânia (4). Ainda no ano de 2021, 53 livros digitais foram disponibilizados no *site* do repositório. Atualmente, 31.514 documentos estão disponíveis para *download* gratuito no RI, sendo 9.992 artigos, 1.230 livros, 118 capítulos de livros, 3.409 teses, 8.933 dissertações, 4.160 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e outras 3.972 produções.¹² Ao total, desde a implantação do RI, a Edufba já acumula um total de 1.00938 milhão de visualizações em sua página, contribuindo, assim, sobremaneira para a expansão e difusão da produção científico-acadêmica da UFBA.

Quadro 1 – Quantitativo de publicações das comunidades integrantes do RI da UFBA

| Comunidade | Nº de publicações |
|--|--------------------------|
| Edufba | 778 |
| Escola de Administração | 1710 |
| Escola de Agronomia | 53 |
| Escola de Belas Artes | 287 |
| Escola de Dança | 291 |
| Escola de Enfermagem | 535 |
| Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia | 605 |
| Escola de Música | 416 |
| Escola de Nutrição | 289 |
| Escola de Teatro | 513 |
| Escola Politécnica | 921 |
| Faculdade de Arquitetura | 474 |
| Faculdade de Ciências Contábeis | 229 |
| Faculdade de Comunicação | 1185 |
| Faculdade de Direito | 1145 |
| Faculdade de Economia | 1427 |
| Faculdade de Educação | 2163 |
| Faculdade de Farmácia | 286 |
| Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas | 1554 |
| Faculdade de Medicina da Bahia | 2862 |
| Faculdade de Odontologia | 510 |
| Instituto de Biologia | 683 |
| Instituto de Ciência da Informação | 456 |

¹² As informações quantitativas referentes às publicações e acessos do RI foram obtidas pela Edufba através do Google Analytics e cedidas ao pesquisador para utilização neste texto.

| | |
|--|------|
| Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável | 53 |
| Instituto de Ciências da Saúde | 1616 |
| Instituto de Computação | 368 |
| Instituto de Física | 606 |
| Instituto de Geociências | 1348 |
| Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos | 717 |
| Instituto de Letras | 991 |
| Instituto de Matemática e Estatística | 220 |
| Instituto de Psicologia | 308 |
| Instituto de Química | 1215 |
| Instituto de Saúde Coletiva | 2029 |
| Instituto Multidisciplinar em Saúde | 145 |
| Museu de Arqueologia e Etnologia | 16 |
| Reitoria da UFBA | 1394 |
| Reuniões dos Departamentos da UFBA | 1259 |

Fonte: elaborado pelo autor.

Outra iniciativa importante da UFBA para essa inserção no mundo digital das TICs foi o Portal SciELO Livros, um projeto liderado e financiado por um consórcio entre as editoras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e da UFBA, com a cooperação técnica do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) e da Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo (FAP-Unifesp). Esse portal tem contribuído ativamente para a difusão da produção acadêmica nacional e é integrado por livros acadêmicos disponíveis em formato PDF, *e-pub*, *mobi*, o que possibilita que as obras sejam lidas em telas de computadores, *tablets*, *smartphones* etc. As obras publicadas no SciELO Livros seguem padrões internacionais e são selecionadas através de controles de qualidades definidos por um comitê científico. Atualmente, a Edufba conta com 254 livros inseridos no portal; destes, 158 títulos estão disponíveis em acesso aberto, e 96 em acesso comercial. Dados estatísticos do SciELO (2021) demonstram o êxito que a Edufba tem obtido em número de *downloads* dos seus títulos nos três últimos anos,¹³ conforme pode ser observado no Quadro 2.

Quadro 2 – Dados estatísticos da Edufba no SciELO Livros

| Ano | Nº de <i>downloads</i> |
|------|------------------------|
| 2019 | 878.906 |
| 2020 | 1.922.147 |

¹³ Os dados referentes ao ano de 2021 contemplam até o mês de outubro desse ano.

| | |
|------|-----------|
| 2021 | 1.021.434 |
|------|-----------|

Fonte: adaptado da SciELO (2021).¹⁴

Os números expressos no Quadro 2 compreendem a totalidade de *downloads* entre a modalidade acesso aberto e comercial. Não é necessária uma análise mais crítica para observarmos que houve um aumento expressivo de acessos entre o ano de 2019 e 2020, tendo este último atingido praticamente o quantitativo de 2 milhões de *downloads*. Acreditamos que muito desse resultado é reflexo da pandemia de covid-19 que, por um lado, intensificou o uso das TICs no nosso cotidiano, não só nas práticas pedagógicas e educativas, que passaram a ser desenvolvidas integralmente em meio virtual, mas também em todas as atividades que envolvem a comunicação, o trabalho e as demais relações interpessoais na sociedade. Por outro lado, essa emergência tecnológica revelou ainda a permanência de um cenário de profundas desigualdades digitais, que marcam também, apesar dos avanços, um país de poucos leitores.

Após revisitar esse panorama sobre o surgimento, a permanência e a importância do papel das editoras universitárias, frisando algumas práticas da Edufba e da UFBA ao longo da sua existência, a seguir, dando continuidade ao objetivo desta seção, nos dedicaremos a abordar, com mais detalhes, o contexto de evolução da editoração na UFBA, que muito tem contribuído com suas obras para o processo histórico do livro na Bahia e para a disseminação desse bem por todo o país.

¹⁴ As informações estatísticas referentes ao ano 2021 foram repassadas pelo SciELO para a Edufba, que, por sua vez, cedeu ao pesquisador para a utilização neste texto.

3.1 A EDITORAÇÃO NA UFBA¹⁵

A história editorial da UFBA ao longo dos seus pouco mais de 40 anos merece destaque pela relevante contribuição para a dinamização da divulgação do conhecimento científico e também pelo seu lugar de importância no desenvolvimento da produção do livro na Bahia. Os primeiros registros dessa trajetória foram encontrados em capas de livros publicados pela Livraria Progresso Editora, o que denota uma parceria de coedição que existiu entre essa livraria e a universidade. De lá para cá, conforme destacado por Rosa (2022), apesar da sua atuação permanente, a editoração da UFBA não conseguiu ainda atingir o reconhecimento e posição devidos, por fatores, acredita-se, diversos, como a “[...] falta de definição do papel da editora no contexto da instituição, as dificuldades financeiras, as deficiências da organização pública e os prejuízos de uma divulgação inadequada.” (ROSA, 2022, p. 37).

No âmbito da UFBA propriamente dito, as atividades editoriais iniciaram-se com o funcionamento do Departamento Cultural da instituição no ano de 1959, um curto intervalo após a criação da universidade em 1946. A criação do Departamento Cultural, ao que apontou Rosa (1994), aconteceu de modo informal, sob a responsabilidade da Coordenação Central de Extensão da UFBA. Entre as suas designações, coube a impressão do *Jornal da Universidade*, de algumas coleções culturais e da revista *Universitas: revista de cultura da Universidade Federal da Bahia*. Esta última merece especial atenção pelo seu compromisso como veículo de divulgação cultural desde 1968, mostrando desde logo a validade de se divulgar toda a produção universitária, seja ela crivada pelo aspecto científico ou de primor cultural. Ao longo da sua existência, publicou 40 números, encerrando suas atividades no ano de 1991.

Com a Reforma Universitária, o Departamento Cultural, criado em 1959, foi extinto em 1968, dando abertura para o nascimento, em 1970, de outra iniciativa, o Programa de Textos Didáticos. Esse foi um projeto idealizado pelo reitor Roberto Santos, que intentou disponibilizar edições menos custosas de materiais utilizados nas disciplinas ministradas na universidade, ou seja, dar ao estudante a possibilidade de aquisição das obras publicadas pelo programa por um

¹⁵ Por se tratar de uma história recente e por poucos pesquisadores terem se dedicado ao tema, as fontes bibliográficas sobre a editoração na UFBA são bastante escassas. Para esta escrita, porém, sempre que houve dúvidas, contei com o privilégio do contato próximo e da sempre solicitude de Flávia Rosa, que desde cedo direcionou sua vida acadêmica para a área editorial e que esteve à frente da direção da Edufba por 23 anos. Ao longo de sua trajetória de contribuição ainda ativa na UFBA, Flávia Rosa escreveu muitos artigos, capítulos de livros e outros textos, que fornecem informações valiosas sobre a história da editoração dessa universidade. Nesta seção, em especial, nos valem do texto *A editoração na Universidade Federal da Bahia* (1994) e do seu memorial para progressão de carreira, defendido em 2020, que resultou no livro *A comunicação científica na Universidade Federal da Bahia: caminhos entrelaçados* (2022). Portanto, as explicações aqui trazidas podem ser verificadas com maiores detalhes nas produções citadas.

preço simbólico, mas que suprisse a necessidade didática dos alunos e professores. Essa atividade contou com a coordenação de Maria Angélica de Matos, com a participação de José Dirson Argolo e Lídio dos Santos, que atuavam como datilógrafos, além de uma secretária, um técnico em contabilidade e duas revisoras (ROSA, 2020). Os textos aprovados para publicação eram encaminhados ao programa através dos departamentos, cabendo ao núcleo o alinhamento do trabalho editorial e o direcionamento para a impressão na pequena gráfica, dirigida, nesse tempo, por Zitelman de Oliva.

No ano de 1971, foi criado o CED, que somente iniciou suas atividades em 1972. O CED surgiu com a pretensão de desempenhar as atividades que eram realizadas pelo extinto Departamento Cultural, e sua estruturação setorial compreendia o Programa de Textos Didáticos e o Núcleo de Recursos Audiovisuais. Esse início da editoração na UFBA, conforme Rosa (2022), foi marcado pela pouca ordenação dos setores no cumprimento de suas diretrizes, pela dificuldade de reunir geograficamente os órgãos em ambientes unificados, pela falta de comprometimento do corpo técnico de funcionário no desempenho de suas funções, associadas a uma política editorial ainda não muito bem traçada.

Em 1974, sob a direção do professor Valentin Calderón de La Varra, o CED passou a reunir em sua constituição três núcleos: o Núcleo de Publicações, de Recursos Didáticos e a Gráfica Universitária. Sobre essa divisão de setores, Rosa (2022) ressalta que muitas das suas atribuições nunca funcionaram na prática, por exemplo, o Núcleo de Recursos Didáticos ao qual era conferida a função de elaborar os recursos e meios audiovisuais de apoio didático, bem como a manutenção dos equipamentos de apoio audiovisual, nunca funcionou independentemente, mas sempre conjuntamente ao Núcleo de Publicações, a quem competia a normalização, editoração e supervisão dos textos a serem publicados. Também de forma integrada ao Núcleo de Publicações e Recursos Didáticos, funcionava a Gráfica Universitária que, além de atender à demanda de publicação desses dois núcleos, também assistia as necessidades de impressão de toda a universidade que, na maioria das vezes, suplantava as outras atividades, visto a grande quantidade de material. Em se tratando da sua constituição, a Gráfica Universitária não contava com muita estrutura, sobretudo no que diz respeito aos avanços tecnológicos que não foram acompanhados como exige o mercado editorial.

Ainda no ano de 1974, o órgão teve seu endereço transferido e passou a funcionar na Rua Barão de Jeremoabo, no *campus* universitário de Ondina, onde atualmente opera a Edufba. Desde a sua criação, embora compondo a estrutura de Superintendência Acadêmica, o CED, em seu exercício diário, sempre esteve diretamente ligado à Reitoria. Conforme mencionado anteriormente, as atividades iniciais do CED foram circunscritas por uma política editorial

pouco experiente, sem uma linha de publicação definida e com pouco diálogo entre os setores que o integravam, realidade que começou a ser transformada no ano de 1977, quando a coordenação passou a ser assumida por Ailton José Oliveira Sampaio.

Conforme apontou Rosa (1994, 2022), a partir desse período, o CED de fato começou a fazer jus à sua função, publicando e divulgando a produção científica da universidade, já pautado em critérios mais rigorosos de controle e qualidade. As publicações que chegavam até o CED para publicação triavam previamente pelo Conselho Editorial da universidade, legado do reitorado do professor Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa (1979-1983). A criação do Conselho Editorial merece destaque, tendo em vista a sua importante contribuição para o aprimoramento da qualidade das publicações impressas pela UFBA, através da elaboração de uma política editorial mais bem definida, com o estabelecimento de critérios claros para a apreciação de originais a serem avaliados por professores de diversas áreas do conhecimento. Esse feito foi passo importante para que a política editorial na UFBA fosse estabelecida ou se estabelecesse mais adiante com regular acompanhamento das orientações propostas para o seu cumprimento.

De acordo com Rosa (2022), o primeiro Conselho Editorial da universidade foi presidido pelo, na época, vice-reitor José Calasans Brandão da Silva, e pelos membros: Orlando Gomes, Thales de Azevedo, Jorge Augusto Novis, Luiz Navarro de Brito, Hernani Sávio Sobral, Jorge Calmon, Eliane Azevedo e Fernando da Rocha Peres. Atualmente, o Conselho Editorial continua desempenhando um papel importante na Edufba, oferecendo suporte técnico-científico para a seleção de obras dos diferentes campos do saber, nos quais docentes, pesquisadores e alunos têm dedicado seus estudos. Sua composição atual é a seguinte: sua presidente, a professora Flávia Goulart Mota Garcia Rosa; e os demais integrantes – Alberto Brum Novaes, Angelo Szaniecki Perret Serpa, Caiuby Alves da Costa, Charbel Niño El-Hani, Cleise Furtado Mendes, Evelina de Carvalho Sá Hoisel, Maria do Carmo Soares de Freitas, Maria Vidal de Negreiros Camargo. O fluxo de atuação do Conselho Editorial na universidade, que permanece o mesmo desde a sua formação, foi descrito por Rosa (2022, p. 42) da seguinte forma:

- a. o autor encaminha os originais a editora para avaliação pelo Conselho Editorial;
- b. os originais são apreciados e encaminhados a um consultor *ad hoc* especialista na área desse original;
- c. há um roteiro para que o parecerista contemple os aspectos de conteúdo da obra;
- d. o parecer é submetido ao Conselho Editorial, podendo ocorrer três situações:
 - o parecer é inteiramente favorável, sendo automaticamente referendado;

- o parecer é favorável com restrições: nesses casos, os originais são devolvidos ao autor para que proceda às modificações necessárias;
- o parecer é desfavorável: nesse caso, o parecer poderá ser julgado inconsistente, sendo os originais encaminhados para outro consultor *ad hoc* para um segundo parecer;
- e. os originais aprovados são encaminhados a editora para o trabalho de editoração.

Desde o seu primeiro Conselho Editorial, a UFBA mostrou apreço pelas publicações didáticas, defendendo sua impressão como uma forma de auxiliar estudantes e professores nas aulas ofertadas na universidade, bem como prosseguiu com a publicação da revista *Universitas*, sobre a qual já mencionamos. Nessa mesma linha, algumas coleções ganharam forma, a exemplo da Coleção Monográfica – Série Reitor Edgard Santos, da Coleção Monográfica – Série Reitor Miguel Calmon e Série Dissertações, que publicava dissertações diversas e adaptavam-nas para o formato de livro (ROSA, 2022). As publicações pioneiras da editoração na UFBA contemplavam as diversas áreas do conhecimento, em sua maioria compostas de conteúdo didático ligado a uma área específica, e mesmo sem um projeto gráfico bem desenvolvido e sem mecanismos de divulgação apropriados alcançaram relevante alcance, muitas delas esgotando as tiragens iniciais impressas.

No ano de 1991, o Consuni aprovou a transformação do CED em Editora Universitária. Essa transição envolveu uma série de adaptações, como a criação de novos cargos, novas práticas e a observação dos trâmites legais para o efetivo funcionamento da editora, que foi deliberado pelo Conselho Federal de Educação em 26 de março de 1993. Nascia, então, oficialmente, a Edufba, dirigida pelo professor Gustavo Falcón, que permaneceu no cargo até 1998.

Rosa (2022) relata que a atuação do professor Gustavo Falcón à frente da editora representou, aliada às políticas do Conselho Editorial, um trabalho de desenvolvimento, ampliação e aprimoramento da editoração na universidade. Nesse período, investiu-se ainda na contratação de prestação de serviços especializados na área, além da aquisição de alguns equipamentos tecnológicos para a gráfica, como computadores, *scanners* e impressoras. Essa inserção da informatização no fluxo de trabalho da editora contribuiu para a realização de um serviço gráfico mais ágil de melhor qualidade e, por consequência, para o seu desenvolvimento de um modo geral.

Na gestão de Gustavo Falcón, a estrutura interna da editora estava organizada da seguinte forma: Divisão Editorial, onde funcionava o setor de preparação dos originais, dos serviços de revisão e pré-impressão dos materiais; Editoria de Arte, responsável, em conjunto

com a Divisão Editorial, pela elaboração do projeto gráfico de cada livro, bem como pela sua execução; Gráfica, na qual se realizavam os trabalhos de impressão, acabamento e expedição dos livros (ROSA, 1994, 2022). Nesse decurso, a produção editorial da UFBA continua voltada para a impressão dos textos didáticos e também para os ensaios críticos, conforme informado por Rosa (2022). Era uma filosofia da universidade e do professor Gustavo Falcón que o investimento no trabalho didático-acadêmico deveria ser o objetivo principal e, dessa forma, aguçar o senso crítico, o desenvolvimento da pesquisa científica e a sua divulgação para a comunidade em geral.

Na década de 1990, de acordo com Rosa (2022), a UFBA, por meio de sua editora, já buscava alinhar parcerias de coedição para fortalecer a sua atuação no cenário editorial. Dentre as instituições coparticipantes, pode-se citar a Fundação Casa de Jorge Amado, a Editora do Hospital Sarah e o Grupo Editorial da Assembleia Legislativa, juntas, essas entidades se comprometeram a publicar com a universidade em torno de seis livros cada, objetivando, além da redução dos custos de produção, a qualidade do trabalho e um estreitamento nas relações entre as instituições.

No âmbito da UFBA, no que diz respeito à disseminação e publicação da produção científica, embora a Edufba tenha assumido lugar de destaque na efetivação dessa função, outros canais, que ao longo do tempo tiveram uma linha editorial própria, também merecem atenção. Rosa (2022), nesse sentido, destaca ao menos cinco órgãos atuantes nessa atividade, a saber: o Centro de Recursos Humanos (CRH); o Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público (ISP); O Centro de Estudos Baianos (CEB); o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO); e o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM). Todos esses são antigos órgãos da universidade que passaram por algumas reformulações e tiveram outras atribuições definidas a partir da aprovação do Regimento Interno da UFBA em 2008. Antes dessa reestruturação, esses núcleos realizavam edições independentes com a parceria para a impressão do CED e, mais recentemente, da Edufba. Atualmente, o NEIM mantém uma importante parceria com a Edufba, publicando a Coleção Bahianas, a qual é integrada por livros valorosos que discutem as questões de gênero e sociedade, a exemplo do *Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento* (2016), organizado por Cecília Sardenberg e Márcia Tavares. O Quadro 3, a seguir, traz outros detalhes acerca da produção editorial desses outros órgãos.

Quadro 3 – Produção editorial de outros órgãos da UFBA

| Órgão | Linha editorial | Autores locais | Outros autores | Média de tiragem | Publica em sistema de coedição |
|--|--|-----------------------|---------------------------------|---------------------------|---|
| Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) | Periódico científico e outras publicações na área de Antropologia e Ciências Sociais | Sim | Sim, inclusive de outros países | 500 | Sim, em parceria com editoras, dividindo as publicações |
| Centro de Estudos Baianos (CEB) | Coleção com a temática da cultura baiana | De preferência | – | 500 | – |
| Centro de Recursos Humanos (CRH) | Periódico científico e outras publicações, sobretudo coletâneas | Sim | Sim, de outros estados | 500 livros (com variação) | – |
| Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público (ISP) | Relatórios de pesquisas, teorização de experiências do órgão, resultado de consultorias e coletâneas | Sim | – | 500 | Sim, com outros órgãos |
| Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) | Coleção Bahianas, coletâneas | Sim | Sim | 500 | Sim |

Fonte: adaptado de Rosa (2022).

No ano de 1998, no reitorado do professor Heonir Rocha, assumiu a direção da Edufba a professora Flávia Rosa. Era um momento conturbado da história da editoração na UFBA, conforme destacado no trecho a seguir:

A editora passava por um momento de muitas dificuldades, reflexo da separação entre gráfica e editora, questão de gestão que acarretou problemas financeiros, inadequação de espaço físico, carência de pessoal qualificado e

equipamentos inadequados, sem ter acompanhado os avanços tecnológicos, sobretudo a adoção de tecnologias específicas para a área editorial. (ROSA, 2022, p. 49).

Para reverter esse quadro, a professora Flávia Rosa, com o apoio da gestão do reitor, formou uma turma de estagiários do curso de Programação Visual da UFBA, para que compusesse o quadro de colaboradores da Edufba, mais especificamente o setor de editoração e projeto gráfico, o que contribuiu para a qualificação do trabalho gráfico e para a construção de uma identidade visual da editora. Muitos desses estagiários ainda hoje atuam na editora, hoje contratados através da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão (Fapex), gestora financeira do projeto Edufba. Ainda na gestão do professor Heonir Rocha, a UFBA, entre as universidades pioneiras no uso desse método, adotou o sistema de impressão repográfico para a impressão do material do Vestibular da UFBA e também para os livros produzidos pela Edufba.

No último ano de sua gestão, o reitor Heonir Rocha publicou a portaria nº 332, de 8 de julho de 2002. Esse documento foi uma importante diligência que teve como objetivo preservar a memória da instituição e assegurar a disseminação da produção acadêmica da UFBA. No seu texto, estabeleceu-se que deveria ser realizado na BURMC, para compor a seção Memória UFBA, o depósito legal obrigatório de toda a produção científica da universidade, assim como das obras representativas das atividades acadêmica, cultural e técnica da instituição, editadas e coeditadas pela Edufba, pelas unidades de ensino, órgãos e serviços. Nesse sentido, a portaria indicou que fossem entregues:

- a) livros, monografias e coletâneas – dois exemplares;
- b) periódicos – um exemplar;
- c) dissertações e teses – um exemplar em papel e um em CD-ROM;
- d) catálogos – um exemplar;
- e) produções gravadas, fotografadas e filmadas – um exemplar.

Neste trabalho, reconhecemos a importância da Portaria nº 332, em criar mecanismos para que as narrativas constituídas na produção escrita da universidade sobreviva para além do tempo presente, e se constitua também como percepção e difusão da memória da instituição, uma vez que os livros, as monografias, teses e coletâneas publicadas pela Edufba também são fruto do contexto e das discussões que formam e circunscrevem a história da UFBA, agora materializados no papel para consulta, investigação e propagação. Por essa razão, a necessidade do acompanhamento e da constituição de um acervo o mais robusto possível num espaço apropriado e acessível, como o Lugares de Memória da UFBA.

Nos dois mandatos do reitorado do professor Naomar Monteiro de Almeida Filho, entre 2002 e 2010, a professora Flávia Rosa permaneceu à frente da direção da Edufba. Esse período, com a Edufba apresentando melhor organização e unidade entre os seus setores, foi um momento decisivo para a implantação e consolidação de políticas que contribuíssem para o desenvolvimento das práticas editoriais que vinham sendo realizadas na universidade. Rosa (2022) aponta algumas ações que colaboraram para o progresso da editora, como, por exemplo, a abertura de editais de apoio à publicação científica e tecnológica da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), entre os anos 2008 e 2012, que concedia recurso aos autores que tinham livros com parecer favorável à publicação por conselhos editoriais; a contratação de uma empresa distribuidora de livros em São Paulo, voltada ao mercado editorial, que possibilitou que os livros da Edufba alcançassem um maior público, chegando em todas as regiões do país, e podendo ser encontrados em grandes redes de livrarias como Saraiva e a Livraria Cultura, em plena atividade nessa época.

No ano de 2010, a gestão de Naomar filho foi sucedida pela da professora Dora Leal Rosa. Nesse reitorado, a direção da Edufba continua sob a coordenação da professora Flávia Rosa. No intervalo dessa gestão, outros importantes projetos para a disseminação da pesquisa científica se consolidaram, como a implantação do RI e a concretização do Portal SciELO Livros, ações já descritas anteriormente neste texto. Na gestão de Dora Leal Rosa, destaca-se ainda uma “[...] expansão do número de estagiários, perfazendo um total de 25 alunos da UFBA dos cursos de Letras, Design, Biblioteconomia, Secretariado, Administração e Comunicação (Jornalismo e Produção Cultural)” (ROSA, 2022, p. 55). Entendendo a importância dessa atividade formadora, o incentivo ao programa de estágio na UFBA acontece desde 2009 e, no âmbito da editora, “com objetivos bem definidos – capacitar alunos de cursos de graduação de áreas afins às atividades do processo editorial para adquirir competências e habilidades, bem como reforçar sua formação cidadã e intelectual e ampliar a capacidade de produção da editora” (ROSA, 2022, p. 55). Atualmente, a Edufba conta com cerca de 20 estagiários, que desempenham atividades relacionadas ao seu curso e que são inerentes ao processo editorial, como a revisão e normalização de textos, criação e execução dos projetos gráficos dos livros, assessoria de comunicação, que se dedica ao gerenciamento das mídias sociais da editora, além de outras funções administrativas, comerciais e secretariais. O estágio, portanto, é um espaço de trocas múltiplas e recíprocas, a Edufba se fortalece através da inserção desses estudantes, das novas ideias e do entusiasmo, ao tempo que também possibilita a formação e experiência profissional exigidas pelo mercado.

Em 2014, o professor João Carlos Salles assumiu a Reitoria da UFBA. A sua gestão tem sido marcada pelo lema propagado por ele da universidade como uma instituição “pública, gratuita, inclusiva e de qualidade”, “o ambiente natural da pesquisa científica no Brasil” (SALLES, 2020, p. 85). Embora a universidade pública viva no atual contexto uma situação de extrema ameaça ao desempenho pleno de suas funções, com cortes orçamentários e falta de apoio do governo federal que, ao tempo que deveria sustentá-la, a desqualifica e descredibiliza estudos e pesquisadores comprometidos, a UFBA e, em particular, a Edufba, têm resistido em meio às intempéries.

No âmbito da Edufba, o momento de finalização da escrita deste texto coincidiu com os trâmites para a solicitação da aposentadoria da professora Flávia Rosa e, por consequência, com o processo de mudança de direção da editora, que teve o cargo assumido pela professora Susane Barros. Ao longo dessas linhas, temos mencionado com bastante frequência a atuação da professora Flávia Rosa à frente da Edufba ao longo dos últimos 23 anos, que seguramente contribuiu sobremaneira para os bons resultados que a editoração da UFBA tem alcançado nos últimos anos. A sua gestão, com o apoio do reitorado de cada período, foi atravessada por muitos desafios, mas também por muitas conquistas, sobretudo no que diz respeito ao quantitativo de publicações:

Até 1999, a Edufba publicava aproximadamente 15 livros por ano, com tiragem total inferior a 9 mil cópias. Em 2008, a editora publicou 65 livros, mas foi apenas em 2009 que alcançou uma centena de publicações anuais. Em 2011, contrariando as expectativas de que, devido às novas tecnologias, a venda de livros cairia, a Edufba alcançou um novo recorde: foram mais de 30 mil livros comercializados. O ano de 2012 foi marcado por uma ampliação no número de exemplares comercializados, perfazendo um total de 35.313 exemplares (ROSA, 2022, p. 16).

Do início dos anos 2000 para cá, o ritmo de publicação não diminuiu, como pode ser observado no Quadro 4, no qual são listados o número de livros publicados a partir do ano de 2015. Desse quadro, chama particular atenção os resultados obtidos no ano de 2020, um ano completamente atípico em decorrência da instauração da crise humanitária e de saúde, provocada pela covid-19, que reconfigurou os nossos hábitos diários e afetou todas as esferas da sociedade. Mesmo diante desse cenário, a Edufba permaneceu atuante com o seu papel de levar até as pessoas o livro, objeto que foi companhia de muitos, quando o contato físico não foi possível.

Quadro 4 – Quantitativo de publicações da Edufba nos últimos anos

| Ano | Nº de livros publicados |
|------|-------------------------|
| 2015 | 124 |
| 2016 | 115 |
| 2017 | 105 |
| 2018 | 112 |
| 2019 | 130 |
| 2020 | 160 |

Fonte: elaborado pelo autor.

Para além do número de obras editadas, a Edufba ganhou nos últimos anos alguns prêmios, o que corrobora a qualidade das suas publicações e simboliza uma validação que extrapola o reconhecimento apenas no âmbito da própria instituição. Entre esses prêmios, pode-se mencionar: o Prêmio Jabuti 2013, na categoria melhor livro infantojuvenil, para o livro *Namíbia, não!*, de autoria de Aldri Anunciação; 2º lugar no Prêmio Abeu (2018), na categoria Linguística, Letras e Artes, para o livro *A luz na gênese do espetáculo*, de Eduardo Tudella; 1º lugar no Prêmio Abeu (2020), na categoria Ciências Humanas, para o livro *Breve história da vida e morte de Anísio Teixeira: desmontada a farsa da queda no fosso do elevador*, de João Augusto de Lima Rocha; 2º lugar no Prêmio Abeu (2021), também em Ciências Humanas, para o livro *Porque a filosofia interessa à democracia*, organizado por Waldomiro J. Silva Filho; entre outros prêmios e menções honrosas. Esses *feedbacks* positivos são indicativos de que a Edufba é hoje uma importante referência na promoção do saber, não somente para o estado da Bahia, mas para todo o país. Esse reconhecimento é ainda reflexo de uma gestão administrativa comprometida com os interesses da instituição de ampliar, democratizar e consolidar a disseminação do conhecimento científico universidade à fora.

3.1.2 A comercialização de livros na Edufba em tempo de pandemia

Os últimos anos no Brasil foram marcados por muitos desafios de ordem política, social e cultural, mas, sem sombra de dúvidas, o que mais tem nos impressionado e impactado é a crise sanitária de saúde provocada pelo SARS-CoV-2, um vírus perigoso e facilmente transmissível com potencial para ocasionar uma pandemia, com a qual temos convivido desde março de 2020. Com a maior parte da população brasileira vacinada, continuamos reunindo esforços para o combate da doença que nos assola com outras ondas de contágio e outras variantes do vírus, que se somam, no momento de escrita deste texto, a uma epidemia de influenza. Por ser uma crise sanitária e humanitária sem precedentes, lidamos com a

perplexidade de resolver um problema mundial que afetou e afeta psicologicamente, economicamente e socialmente a todos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) e equipes médicas de setores diversos, desde o início da pandemia, orientaram que o distanciamento social é um dos métodos mais eficazes para travar uma transmissão desenfreada da doença, evitando picos de demanda de atendimento hospitalar, enquanto não havia vacinas para todos. Embora com a situação aparentemente mais controlada, as novas variantes do vírus ainda assustam e deixam um clima de muita incerteza sobre a volta das atividades presenciais. Esse distanciamento, principalmente no início da pandemia, desafiou o ser humano à quarentena dos contatos sociais, acarretando efeitos drásticos para muitos setores da sociedade, entre esses, a economia.

Na UFBA, mesmo com data prevista para o retorno das atividades presenciais, o momento ainda exige que os trabalhos sejam realizados em regime remoto ou pelo menos misto. Diante disso, continuamos com os desafios do trabalho em *home office*, com equipes reduzidas ou em escala de revezamento de pessoal. O mercado editorial, que há muito já vinha enfrentando muitos obstáculos para sobrevivência e distribuição dos seus livros, precisou se reinventar mais uma vez. Na Edufba, a questão que se colocou desde o início, entre tantas outras possíveis, foi: “de que modo os livros poderiam chegar até às mãos dos leitores?”, tendo em vista que as principais livrarias do país ainda se encontravam fechadas, as vendas diretas também impossibilitadas, eventos acadêmicos e culturais suspensos devido à restrição dos contatos.

Acreditamos que a publicação de livros não se justifica, se estes não poderão seguir o seu curso e chegar até os leitores. A distribuição de sua produção sempre foi uma questão para as editoras universitárias, seja pela falta de mecanismos, seja pelas crises constantes enfrentadas pelo mercado. O alcance social da democratização do saber é urgente. É necessário que a divulgação seja uma meta política das editoras universitárias, e a comercialização é peça-chave nesse sentido, não pelo lucro como já mencionado no início deste texto, mas pela sua própria sobrevivência, para que exista possibilidades e recursos para novas publicações com mais qualidade e rigor, como destaca Bufrem (2001, p. 162):

Quando se enfatiza a necessidade de distribuir melhor os livros das editoras universitárias, isso não significa uma excessiva valorização das leis de mercado em detrimento da qualidade do texto, das traduções, dos comentários, das ilustrações, de uma boa diagramação, entre outras questões. [...] É importante ressaltar que, nas tarefas complementares de produzir e comercializar, a editora estará realmente cumprindo o seu papel de publicar.

Antes do contexto pandêmico, na esfera local, na cidade de Salvador, a Edufba alcançava o seu público leitor através de duas livrarias instaladas nos *campi* da universidade: uma, em Ondina; e, a outra, no *campus* do Canela, onde estudantes, docentes e interessados conseguiam encontrar os títulos publicados por essa editora e por outras parceiras. Outra iniciativa que logrou êxito foi a realização dos festivais de lançamentos coletivos, organizados pela própria editora, denominados Festival de Livros e Autores, que em maio de 2022, caminha para sua 40ª edição, sendo as 12 últimas realizadas e adaptadas para o formato *on-line*. Presencialmente, o evento reunia autores, leitores e amigos num momento de celebração e troca de calor humano, no qual as obras lançadas poderiam ser adquiridas; em seu formato *on-line*, as *lives*, transmitidas através do canal do YouTube da editora,¹⁶ são as responsáveis pela garantia das trocas de carinho e informação, mesmo que sem contatos físicos. Os livros também são adquiridos através de plataformas digitais indicadas pela editora.

Os lançamentos coletivos virtuais da Edufba têm sido importantes, são momentos de profícuos diálogos sobre os mais diversos assuntos, evidenciando que, apesar das dificuldades, a pesquisa científica continua viva e necessária. Além disso, merece destaque a participação efetiva da Edufba em congressos, seminários e até mesmo feiras literárias, como a Festa Literária Internacional do Pelourinho (Flipelô), a Festa Literária Internacional de Cachoeira (Flica), Feira Literária de Mucugê (Fligê), oportunidades em que a editora monta um *stand* com livros para serem folheados, contemplados e adquiridos pelo público participante desses eventos. Sobre essas feiras, Rosa (2022, p. 31) analisa que “essa modalidade de evento tem contribuído para ampliar a circulação do livro, sobretudo em cidades onde não há livrarias”.

Entretanto, como já é de conhecimento, todas essas atividades que desencadeiam a formação de aglomerados de pessoas foram inviabilizadas desde a declaração do estado de calamidade pública em razão da pandemia de covid-19. Diante desse cenário tão desanimador, a Edufba, acreditando no potencial das plataformas digitais, inseriu-se mais fortemente no mercado *e-commerce* como uma forma de driblar os efeitos nefastos que se apresentaram com o curso dessa doença. É preciso ressaltar que, embora a Edufba seja um órgão sem fins lucrativos, a editora mantém uma folha de pagamento de funcionários terceirizados por meio da Fapex e, por essa razão, precisa de um mínimo de receita para que continue desempenhando as suas atividades e cumprindo com o seu objetivo de difundir o conhecimento que é produzido na universidade para o mundo através de suas publicações.

¹⁶ Ver: https://www.youtube.com/channel/UC1debL_DpIp7I_fAGfWcv7w/featured.

Tendo isso em vista, a Edufba, para além do atendimento às livrarias parceiras que já faziam uso de plataformas digitais de venda, introduziu-se efetivamente em duas bases já muito conhecidas e consolidadas no mercado editorial – a Amazon e a Estante Virtual. Além disso, estabeleceu permanentemente o atendimento de clientes para a venda de livros através do aplicativo WhatsApp. Essas ações tiveram como objetivo: estabelecer e oferecer ao público leitor novas possibilidades/meios para a aquisição dos livros publicados pela Edufba; suprir as lacunas de vendas dos livros impressos ocasionadas pela paralização das atividades comerciais; possibilitar a permanência da circulação das produções da Edufba em todo o país mesmo diante do contexto pandêmico.

A inserção no mercado *e-commerce* demandou muita persistência. Estive à frente desse processo e tivemos que nos submeter a um processo de cadastro muito rigoroso para conseguirmos o nosso *stand* virtual de vendas; e, ainda hoje, somos o tempo inteiro avaliados por um padrão de qualidade do atendimento ao cliente também bastante severo, mas que temos obtido bons *feedbacks*: no momento desta escrita, contávamos, na Estante Virtual, com avaliação positiva de 97%, com mais de 60 comentários parabenizando a editora pelo serviço prestado; na Amazon, por sua vez, no mês de janeiro de 2022, 93% dos clientes classificaram o nosso atendimento como excelente, com mais de 40 comentários que indicam a compra pela confiança, qualidade e rapidez com que o produto é entregue.

A manutenção desse padrão de qualidade não é fácil, mas a Edufba conta com uma equipe de profissionais comprometida e empenhada para permanência nessas plataformas e em outros meios para, cada vez mais, alcançarmos melhores resultados, dinamizando a disseminação do conhecimento produzido na UFBA. Por falar em resultados, o Quadro 5 sintetiza o número de livros vendidos através desses canais nos anos de 2020 e 2021.

Quadro 5 – Vendas de livros da Edufba nas plataformas digitais

| Ano | Amazon | Estante Virtual | WhatsApp ¹⁷ |
|------|--------|-----------------|------------------------|
| 2020 | 1.237 | 1.736 | 52 |
| 2021 | 3.544 | 1.074 | 677 |

Fonte: elaborado pelo autor.

Essas respostas positivas incentivaram a atuação da Edufba em outras ações para uma inserção cada vez mais efetiva dessa editora no ciberespaço. Entre essas, destacamos a participação na Feira Virtual da Abeu – uma iniciativa da associação com o objetivo de

¹⁷ Os dados referentes ao ano de 2020 contemplam apenas os dois últimos meses desse ano, novembro e dezembro, quando os atendimentos através do WhatsApp foram iniciados.

possibilitar a venda de livros impressos e digitais com desconto, bem como o acesso a *e-book* gratuitos – que reuniu dezenas de editoras. Todas as operações foram direcionadas para o *site* oficial da feira, no qual o participante poderia consultar os livros de cada editora disponíveis para venda, bem como acessar os *links* que direcionavam para mesas redondas – em formato de *lives* – sobre os mais diversos assuntos. A iniciativa obteve boa adesão das editoras associadas, com bom engajamento do público tanto na participação dos eventos propostos como na venda dos livros.

As lições da pandemia ainda se encontram em processo de construção, mesmo passados dois anos, ainda não há certezas, mas sim muitos questionamentos. O retorno do trabalho totalmente presencial na universidade ainda não está assegurado, diante dos casos de novas variantes. A produção editorial na UFBA, durante esse período, para permanecer operante, precisou mudar suas práticas de atendimento ao público, intensificar a divulgação de suas obras nas redes sociais e aproximar, mesmo que distante, o autor e o seu público. Assim, vencendo cada obstáculo, a editora tem se mantido viva, atuante, produzindo e levando novos e importantes títulos ao público leitor que, no isolamento, buscou no livro um alento.

Na próxima seção deste texto, detalharemos o percurso metodológico seguido para o alcance dos nossos propósitos com este estudo, destacando os meios, a metodologia utilizada e as adaptações que foram necessárias em decorrência desta pesquisa ter acontecido no mesmo intervalo de tempo em que vivenciamos a pandemia de covid-19 com todas os seus efeitos e restrições.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS: OS MODOS DE FAZER, TRAÇAR E RETRAÇAR CAMINHOS

A prática investigativa de fazer pesquisa exige do pesquisador a percepção de alguns aspectos indispensáveis. A aceção de uma teoria coerente proporciona, sobretudo para os estudos das Ciências Humanas, uma adequada formulação de conceitos, uma revisão de literatura que permite a identificação de lacunas, a construção de hipóteses, a explicação do mundo através de uma determinada linha do conhecimento. A teoria só ganha forma, entretanto, se aliada a uma metodologia apropriada para a investigação que se propõe, uma boa metodologia científica é, nesse sentido, a porta de entrada para o alcance dos objetivos propostos e para obtenção de bons resultados. Nesta seção, destacaremos minuciosamente os procedimentos adotados na feitura desta pesquisa, mais precisamente os percursos metodológicos: os modos de fazer, traçar e retraçar caminhos.

Como defendem Marconi e Lakatos (2003), nada na pesquisa científica acontece ao acaso, é preciso um planejamento que minimize os possíveis obstáculos no processo de realização do estudo. Desde o início, é importante atentar-se à escolha do tema, à fixação dos objetivos, à determinação da metodologia adequada, à forma como será realizada a coleta de dados e, conseqüentemente, a sua análise e interpretação. Concordando com esses pressupostos, nas próximas linhas que constroem esta escrita, detalharemos essas questões a partir da perspectiva deste estudo, enfatizando a questão metodológica, de modo que possamos apresentar ao(a) leitor(a) a pesquisa em foco neste trabalho.

A ideia de desenvolver esta pesquisa nasceu do meu contato com o órgão aqui estudado. Como servidor da UFBA, ao desenvolver minhas atividades laborais na Edufba, pude perceber de perto a importância do papel de uma editora universitária para a comunidade acadêmica, desejosa por divulgar as suas pesquisas, e em especial, para a sociedade. Os até então quatro anos inseridos na editora me permitiram entender um pouco mais da instituição, reconhecer as suas conquistas, os seus pontos fortes e também as fragilidades, estas tão comuns no serviço público. Nesse sentido, um dos aspectos que me chamou atenção foi a forma com a qual as atividades voltadas à memória da editora estavam sendo realizadas.

É notória a preocupação do órgão em manter uma memória viva da sua história, e algumas iniciativas que confirmam essa compreensão podem ser mencionadas, a exemplo da disposição, ao longo dos corredores, de armários, divididos por prateleiras e portas de vidros, com a finalidade de comportarem dois exemplares de cada livro publicado pela Edufba, desde o início de seu funcionamento. Entretanto, por motivos diversos, esses armários apresentam

lacunas referentes à ausência de algumas obras e, atualmente, enfrentamos a falta de espaço para acomodar os livros publicados recentemente, o que está sendo solucionada com a chegada de novas estantes. Há também a iniciativa da Portaria nº 332/2002, que dispõe sobre a composição de uma reserva técnica no Lugares de Memória de toda produção técnica e científica produzida na universidade, inclusive as edições da Edufba. Nesse último caso, na prática, a efetivação dessa normativa encontra algumas questões negativas: não existem mecanismos de fiscalização por parte da UFBA sobre o cumprimento dessas diretrizes; e a Edufba, com todas as demandas administrativas que lhe cabe, não consegue também realizar um permanente controle do encaminhamento dos livros para a Seção Memória da universidade, o que é refletido na parcial formação desse espaço.

Percebendo essas lacunas, é que nos propomos a realizar este estudo com o objetivo geral de constituir o acervo de livros da Edufba no setor Lugares de Memória da UFBA, a fim de formar um inventário completo – ou o mais robusto possível – de suas publicações, contribuindo para a guarda e a preservação da memória da editora e da universidade, além de disponibilizar para a comunidade em geral o acesso a um material de consulta que poderá servir de *corpus* e base bibliográfica para realização de tantas outras pesquisas.

A finalidade da pesquisa científica, tal qual esta que nos propomos a realizar, não é apenas técnica, não se pretende que o seu resultado seja apenas um relatório descritivo; ao contrário, ressaltamos a importância do caráter interpretativo dos dados obtidos. Por essa razão, além do produto final – o acervo editorial constituído –, buscamos correlacionar a pesquisa com as teorias já em debate, a fim de encontrarmos na literatura o embasamento teórico para a interpretação dos nossos dados.

Tendo isso em vista, após a definição do tema deste estudo, um dos primeiros passos realizados foi a revisão de literatura. Precisávamos entender como estavam sendo pautadas as pesquisas sobre memória institucional no âmbito da UFBA, mais especificamente, sobre a memória editorial. Interessava-nos, ainda, observar, para além da nossa universidade, o modo como essa temática vinha sendo discutida e considerada por outras editoras universitárias, ou ainda se essas questões de fato eram ponderadas. Essa etapa da pesquisa é essencial, pois segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 225),

Pesquisa alguma parte hoje da estaca zero. Mesmo que exploratória, isto é, de avaliação de uma situação concreta desconhecida, em um dado local, alguém ou um grupo, em algum lugar, já deve ter feito pesquisas iguais ou semelhantes, ou mesmo complementares de certos aspectos da pesquisa pretendida. Uma procura de tais fontes, documentais ou bibliográficas, torna-se imprescindível para a não-duplicação de esforços, a não ‘descoberta’ de idéias já expressas, a não-inclusão de ‘lugares-comuns’ no trabalho.

Para essa busca, nós utilizamos principalmente os RIs das universidades, utilizando nos descritores de busca as palavras-chave: “memória”; “editora”; “memória institucional”; “lugares de memória”. No âmbito da UFBA, a procura não identificou nenhuma pesquisa ou trabalho publicado que envolvesse diretamente a memória da Edufba, mas trabalhos interessantes sobre memória institucional e lugares de memória foram remetidos: “Memórias e testemunhos documentais no contexto das coleções especiais e arquivos do Lugares de Memória da UFBA”, de Ribeiro e Cruz (2021); “A pesquisa nos ‘Lugares de Memória’: preservação da Memória da UFBA”, de Toutain e Ribeiro (2017); “A Seção Memória da Biblioteca Central Reitor Macedo Costa e seu papel na preservação da produção técnica científica e cultural da UFBA”, de Abreu e demais autores (2013); e *Memória institucional e gestão universitária no Brasil: o caso da Universidade Federal da Bahia*, tese de autoria de Matos (2004).

No contexto geral, elegemos para a busca algumas universidades que possuem RI e que também detêm editoras universitárias em sua composição, já que o nosso interesse é identificar a existência ou não de pesquisas que abordem como tema a memória editorial. Assim, consultamos os repositórios das seguintes instituições: USP; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Unesp; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); UnB; Universidade Federal do Paraná (UFPR); UFPE; e Universidade Federal do Ceará (UFC). Nenhuma dessas pesquisas retornou o resultado que esperávamos – estudos que analisassem a memória institucional das editoras a partir da publicação de suas obras, tidas como fonte histórica e documental –, o que pode significar que, dentro desse universo pesquisado, o assunto ainda não tenha sido objeto de estudo, refletindo em tal escassez bibliográfica; denota também o aparente pioneirismo da UFBA e da nossa pesquisa em considerar como central essa questão.

Entretanto, um trabalho semelhante foi localizado e merece ser destacado, um estudo realizado por Toller (2017), no curso de mestrado em Ciência da Informação da Unesp, intitulado *Memória institucional: estudo do acervo digital da TV Unesp Assis*, que pretendeu observar o acervo iconográfico da TV Unesp Assis, entendido como parte importante da história da própria TV e, conseqüentemente, da memória do *campus* de Assis. Toller (2017) defende ao longo do seu texto que a TV Unesp Assis constrói com sua narrativa documental o que chamamos de memória institucional, auxiliando na formação da identidade política e social da universidade e, por essa razão, é preciso considerar o seu acervo e pensar em políticas de

conservação e disseminação desse material. Esses são também propósitos deste estudo com o acervo da Edufba.

Dessa forma, esta pesquisa caracteriza-se, em termos de procedimento, como uma pesquisa bibliográfica ou documental, uma vez que recorreremos à parte significativa da bibliografia já publicada sobre os estudos de acervo, memória institucional e editoras universitárias, o que contemplou a consulta de artigos, livros, revistas, monografias, teses, jornais, documentos administrativos etc., de modo que pudéssemos estar em contato com os estudos já realizados sobre o tema, sobre a forma como este foi abordado para, assim, fundamentarmos e tecermos as nossas considerações sobre o nosso objeto em análise. Nessa perspectiva, Manzo (1971), citado por Marconi e Lakatos (2003, p. 183), ressalta que a revisão de literatura “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente”, colocando o pesquisador diante de um potencial material de pesquisa para manipulação das informações.

Nessa linha de pensamento, a pesquisa bibliográfica não deve ser determinada com a mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto; ao contrário, propicia a análise de um tema sob novos enfoques ou abordagens, chegando a conclusões também inovadoras. No nosso caso, partir das discussões já consagradas na literatura sobre acervos e memória institucional para pensarmos, especificamente, como o acervo da Edufba pode ser potencialmente constituído e constituível da memória e da história de sua instituição.

Quanto à abordagem deste estudo, os procedimentos analíticos são principalmente de natureza qualitativa. Entendemos, tal como Gil (2008), que o processo de análise dos dados é sistemático, mas não carrega em sua essência a rigidez, pelo contrário, desde o início deve ser pautado sob o aspecto da flexibilidade, uma vez que não há uma única maneira de fazê-lo. Os pressupostos da análise qualitativa defendem que esse tipo de pesquisa acontece de modo integrado e, o pesquisador, durante o seu trabalho, deve procurar entender o fenômeno com base no contexto em que está inserido. Por essa razão, no momento da interpretação dos dados desta pesquisa, procuramos ir além da materialidade do objeto – as obras editadas –, tentando, assim, compreender o que elas podem significar por traz da materialidade própria do livro.

Para além do enfoque qualitativo, por vezes, nos utilizamos da ótica quantitativa para observação dos nossos dados. O fazer pesquisa é um processo, uma realidade em movimento, por isso, assume formas quantitativas e qualitativas em seu ciclo, por vezes, realizando um tratamento de modo quantitativo, objetivo e matemático; e, em outros casos, envolvendo-se com outros métodos, quando os algoritmos já não mais dão conta de analisar aquele objeto.

Neste trabalho, lidamos com essa mescla entre o quali-quantitativo. A abordagem quantitativa nos permitiu fazer uma descrição dos nossos dados de modo matemático e categórico, como, por exemplo, os levantamentos estatísticos e quantitativos das obras publicadas pela editora, daquelas que haviam sido depositadas no Lugares de Memória da UFBA, das que não constavam nesse espaço e, ainda, daquelas que não foram localizadas nos estoques da editora. A perspectiva qualitativa nos possibilitou uma abertura do leque de possibilidades interpretativas, para além dos números, pudemos analisar outras minúcias, como as reflexões que compõem este texto acerca da história do livro na Bahia, da memória institucional a partir de uma editora, e do perfil de publicação da Edufba.

Definidos o tema, o objeto e os procedimentos de pesquisa e abordagem, fez-se necessário realizarmos uma delimitação temporal do nosso *corpus*. Como já informado na seção anterior, a Edufba nasceu oficialmente em 1993, por isso, quando pensamos no pré-projeto deste estudo, pretendíamos trabalhar com as obras publicadas por essa editora desde o ano de seu nascimento até o ano de 2020, para que, com esse intervalo de tempo, pudéssemos assim compor a sua proposta de acervo o mais completa possível. Entretanto, quando buscamos por catálogos impressos ou outros documentos relacionados à produção da editora, percebemos uma lacuna entre 1993 e 1997, período sobre o qual praticamente não encontramos informações. A documentação impressa para os demais anos também apresentava algumas brechas e também não foi possível a localização dos catálogos. Tendo em vista esse cenário, elegemos o *site* da Edufba como nossa principal fonte de informação para coleta dos dados.

O atual *site* da editora apresenta um *layout* simples e com funcionalidades muito reduzidas, não operando, por exemplo, como livraria virtual.¹⁸ Ainda assim, têm-se constituído como uma importante memória de toda a produção realizada pela Edufba, composto pelas abas: “Home”, página inicial do sítio; “A editora”, na qual se encontra um breve histórico do órgão; “Como publicar”, em que o usuário pode acessar as diretrizes, normas e outros procedimentos para publicar pela editora; “Espaço do autor”, no qual mensalmente é depositada uma entrevista com autores sobre alguma obra publicada; “Links”, em que se disponibilizam endereços eletrônicos importantes de entidades vinculadas à Edufba; “Contato”, onde são informados telefones e endereços de *e-mail* úteis; e, por último, “Títulos publicados”, que foi fundamental para a realização deste estudo. Nessa última aba, podem ser consultadas, por ano, título, nome

¹⁸ Um novo *site*, entretanto, já foi desenvolvido e encontra-se em fase de testes finais na STI da UFBA. O novo espaço apresentará um *layout* mais interativo e moderno, além de possibilitar que o usuário consiga adquirir o livro diretamente através da livraria virtual integrada, mais uma conquista da editora e da universidade para esse tempo cada vez mais digital. A expectativa é que o *site* comece a operar neste ano de 2022.

do autor, área do conhecimento, as publicações editadas pela Edufba a partir do ano de 1998. Apesar de considerar apenas as obras editadas a partir de 1998, dentre as fontes a que tivemos acesso, o *site* nos pareceu a mais completa e, assim, definimos o lapso temporal das obras que iríamos tratar no acervo, aquelas publicadas entre 1998 e 2020.

Com o período estabelecido, a próxima etapa da pesquisa envolveu a realização de um estudo situacional dos livros que já estavam no Lugares de Memória para entendermos melhor a proposta de composição do acervo atual. Como já ressaltado anteriormente, embora essa entrega dos livros já fosse realizada, inclusive com portaria institucional determinando o cumprimento dessa ação, na prática, não existe um controle rígido entre o que já foi depositado ou não na Seção Memórias da universidade, situada no segundo andar da BURMC. Na construção do projeto desta pesquisa, para esta etapa do trabalho, havíamos pensado em consultar os documentos administrativos da editora – ofícios, notas de entrega, fichários de controle – para verificarmos o *status* desses depósitos no Lugares de Memória.

Para nossa surpresa, não encontramos esses papéis, pois a Edufba não conta com uma gestão arquivística especializada e seria quase impossível localizar tais registros em meio a tantos outros. Além dessa possibilidade, acessamos o Sistema Versa, um programa utilizado pela editora para o controle de entrada e saída do almoxarifado, e encontramos dados referentes a poucos anos, isso pode se justificar pelo fato do *software* ter sido implantado recentemente ou ainda porque a nota cadastrada no sistema não foi elaborada como deveria, com informações sobre destino e finalidade da saída dos livros, o que dificulta a sua identificação. Para além dessas opções, restava-nos a que parecia mais eficaz: o contato direto com o acervo, a listagem dos livros através do contato visual, do manuseio das obras guardadas no Lugares de Memória ou do contato com os responsáveis pela manutenção do espaço. Não demorou para que encontrássemos mais um obstáculo, desta vez, de maior proporção – a pandemia de covid-19 – e todas as restrições de acesso aos espaços públicos.

A pandemia de covid-19 colocou o fazer ciência em evidência em todo o mundo. Desde o início da sua propagação, a maioria da população, com exceção dos negacionistas, enxergava no desenvolvimento científico a maior arma de defesa contra a covid-19, o que mobilizou drasticamente a alteração da rotina de pesquisadores da saúde, em especial, aos quais foi imposto o desafio de promover estudos que mapeassem o código genético do vírus para o desenvolvimento de vacinas capazes de neutralizar o patógeno. Entretanto, não foram somente os pesquisadores da saúde os afetados com a pandemia em curso, estudiosos de todas as áreas do conhecimento foram atingidos em maior ou menor proporção. Todos têm em comum o cansaço desse período de trabalho incessante e de confinamento.

Para os pesquisadores que lidam com acervos documentais e bibliográficos, seu manuseio, processamento, preservação e acesso, não foi diferente. Por ser um trabalho que envolve a constante interação do pesquisador com o objeto e também com os funcionários que atuam no espaço que detém a guarda dos materiais, essa atividade de contato é considerada um vetor para propagação e contaminação do vírus, e a sua realização exigiria, em tempos de pandemia, cuidados especiais de manuseio e acesso, além dos já usuais nesses ambientes. Diante desse cenário, a UFBA, consciente da importância da adoção de medidas que não propaguem o coronavírus, minimizem os riscos cotidianos e promovam a qualidade da saúde e bem-estar de professores, pesquisadores, estudantes, técnicos administrativos e funcionários terceirizados, divulgou, no dia 19 de março de 2020, a Portaria nº 103, que dispunha sobre a suspensão por tempo indeterminado das atividades na UFBA – o que inclui as suas bibliotecas –, devido à disseminação do novo coronavírus.

Todos esses acontecimentos fizeram com que a minha visão de pesquisador fosse alterada e transformada o tempo inteiro no que diz respeito à minha relação com o meu objeto de estudo. Dessa forma, mesmo com alguns caminhos metodológicos e escolhas teóricas traçados para a realização desta pesquisa, estes não foram determinantes de um caminho a seguir, em termos de uma ordem linear, rígida e previsível. Pelo contrário, a feitura desta pesquisa do início ao fim foi marcada por angústias, dilemas, contradições, construção e adaptações de percursos constantes que contribuíram para estruturar este texto. Tudo isso nos parece com as ideias defendidas por Hissa (2013) sobre a não linearidade, o que está fora do previsto nos manuais metodológicos, nos modos de fazer, narrar e dizer. E é nesse sentido que esse autor sustenta a concepção de metodologias criativas.

Os mais criativos *modos de fazer* assumem a direção das rotas e, com isso, os argumentos de pesquisa libertam-se das linhas retas, das metodologias convencionais, de maneira a fortalecer as possibilidades de convencer o outro. [...] O processo de pesquisa não é uma linha reta, e essa é a mesma natureza das metodologias criativas. Não há uma linha reta que une os dois pontos: o problema e o resultado de pesquisa. As metodologias criativas são as que sonham, a partir dos sonhos dos sujeitos. Não são sonhos retos, sequenciais. Neles, há intrínseco anacronismo. Desconfortável, talvez. (HISSA, 2013, p. 122-123, grifo do autor).

Hissa (2013) chama a atenção para o modo convencional de fazer ciência que, na maioria das vezes, se utiliza de metodologias rígidas movidas pelo seu desejo de exatidão retilínea. A nossa pesquisa é a prova de que as metodologias precisam ser maleáveis e se moldar ao objeto ao tempo que a pesquisa se constrói e se apresenta. Os manuais tradicionais, embora desenvolvam algumas teorias possíveis, há, por vezes, esconderijos, imprevistos no percurso,

que inviabilizam o que havia sido proposto e, por essa razão, outras possibilidades de percepção do modo de fazer precisam ser consideradas, pois, conforme Hissa (2013), os modos de fazer também são aprendidos enquanto se faz. As metodologias não são autônomas:

elas não se fazem independentemente do sujeito de conhecimento e dos objetos de pesquisa, da sua história, das suas perguntas e de todo o movente e surpreendente percurso desenhado pela pesquisa – uma espécie de rotas de todos os cotovelos. A metodologia é um processo histórico e criativo que se vai fazendo desde o projeto. Assim, como é possível de imaginar, no objeto de artesanato criado, o pensamento e as mãos de quem cria, e o modo como o fizeram, a metodologia está gravada na pesquisa desde o projeto. Ela poderá ser compreendida, assim, como a memória da pesquisa. Ela é *memória-idéia de como fazer*. (HISSA, 2013, p. 125, grifo do autor).

Dessa forma, o autor defende que não há como aprender com os manuais, pois estes têm o grande desafio, ainda a ser superado, de compreender a existência da diversidade de coisas e modos de fazer. Para cada coisa feita, existe inúmeras possibilidades de como fazê-la, por isso,

a cada pesquisa corresponde um conjunto de alternativas metodológicas. Não há receitas, nem caminhos prontos. Eles vão se inventando com os pés na grama, caminhando [...]. A invenção da pesquisa é portadora da mesma riqueza criativa da invenção dos caminhos de pesquisa, das metodologias, dos *modos de fazer* aprendidos enquanto se faz. (HISSA, 2013, p. 126, grifo do autor).

Os pressupostos de Hissa (2013) de fato foram observados ao longo de toda a nossa pesquisa, que sofreu constantes mudanças metodológicas durante todo o seu curso. Sem dúvidas, um dos fatores que mais alterou a rota foi a pandemia de covid-19. Se nem os cientistas foram capazes de prever uma crise de saúde como a que vivemos, não seriam os manuais de metodologia que nos orientariam a como lidar com esse obstáculo. Por isso, criar, recriar, adaptar, traduzir e refazer foram ações constantes do nosso pesquisar. Impossibilitados de acessar o acervo objeto desta pesquisa, que atualmente se encontra no Lugares de Memória da UFBA, este estudo teve a sua realização ameaçada, pois, diferentemente de outros, este acervo não está digitalizado, o que foi uma saída para muitos pesquisadores que trabalham com documentos continuarem as suas pesquisas.

Embora o acervo não estivesse disponível em sua integralidade de conteúdo de forma digital, buscamos por alternativas junto à BURMC, mantenedora das obras, que ao menos nos possibilitasse o registro de entradas desses livros para composição do espaço. O contato com os funcionários da biblioteca e da Seção Memórias não foi facilitado em decorrência da pandemia que, nesse período, iniciava no Brasil com muita intensidade. Como não pudemos

contar com o corpo-técnico de funcionários da instituição, cogitamos a possibilidade de consultarmos o *site* Pergamum da rede de bibliotecas da UFBA, a fim de verificarmos se os livros depositados na Seção Memória constavam nesse sistema.

O Pergamum é um sistema informatizado de gerenciamento de dados, voltado para os diversos tipos de centros de informação. O sistema opera de forma integrada, objetivando facilitar a gestão dos centros de informação, oferecendo um serviço de qualidade que media o contato entre a instituição e os seus usuários. Atualmente, diversas universidades, bibliotecas, centros de pesquisa, empresas, órgão públicos governamentais e museus utilizam o *software* por todo o Brasil. A UFBA faz parte desse universo de utilizadores do programa.

A rede Pergamum possui um mecanismo de busca ao catálogo de todos os livros cadastrados no sistema. Com isso, o usuário pode pesquisar e recuperar registros *on-line* de forma rápida e eficiente. No âmbito da UFBA, o sistema atende aos acervos bibliográficos, arquivísticos e memorialísticos da instituição. Esses acervos ficam integrados em um único catálogo, no qual o usuário tem acesso à localização, dentro da rede de bibliotecas UFBA, de cada item cadastrado, possibilitando o acesso à capa e a outras informações bibliográficas da obra consultada, conforme Figura 1. Caso o material esteja disponível em formato digital, o sistema informa ainda um *link* que direciona para o pdf do respectivo livro, disponível no RI da universidade, como destacado na Figura 2. No módulo “biblioteca”, é permitido ainda ao usuário solicitar o empréstimo, renovação ou reserva de uma determinada obra – o que pode inclusive ser realizado através da versão *mobile*, por meio de *smartphones* –, facilitando a rotina e o fluxo de funcionamento das bibliotecas.

Figura 1 – Consulta ao Pergamum – livro impresso

| | |
|------------------------|---|
| Localização na Estante | 316.356.2:572.9 S383 Lugares de Memória 306.846 S383 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| Autor | Schucman, Lia Vainer |
| Título | Famílias inter-raciais : tensões entre cor e amor / Lia Vainer Schucman |
| Editora | Salvador, BA : EDUFBA, 2018. |
| Descrição Física | 146 p. ; 21 cm. |
| Notas | Bibliografia: p.139-146 |
| ISBN | ISBN 9788523217624 |
| Assuntos | Família -- Relações raciais Racismo Raças |
| Endereço Eletrônico | Imagem |
| Acervos especiais | Coleção Edufba |

Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 2 – Consulta ao Pergamum – livro digital

| | |
|----------------------------|--|
| Título Principal | Nina vai à escola [recurso eletrônico] / organizadora Sílvia Maria Guerra Anastácio . |
| Publicação | Salvador : EDUFBA, 2019. |
| Descrição Física | E-book (30 p.); PDF |
| Notas | Adaptação de Convivendo com as diferenças: uma menina chamada Nina, do grupo aBRAÇO a microcefalia, 2017. Disponível em acesso aberto Disponível também em versão audiolivro |
| ISBN | ISBN 9788523219567 (Ebook) |
| Assuntos | Microcefalia -- Crianças Vírus da Zika Microcefalia -- Crianças -- Estudo e ensino |
| Endereço Eletrônico | Versão on-line Imagem |
| Acervos Especiais | Ebook EDUFBA |

Fonte: elaborada pelo autor.

Como se pode observar, embora a busca não remeta para o conteúdo do livro em si, compondo de fato um acervo digital, esta fornecia as informações que precisávamos: observar onde a obra está localizada dentro da rede UFBA de bibliotecas e se existe algum exemplar do título no Lugares de Memória. Para isso, foi de suma importância a categoria “Localização na estante” disponibilizada pela busca, conforme observado na Figura 1. Definido o nosso suporte de coleta de dados do acervo, o próximo passo deste estudo envolveu o cotejo dos livros que constavam no *site* da Edufba como livros publicados desde 1998 e o contraste com o que era localizado no Pergamum, mais precisamente no Lugares de Memória. Por não encontrarmos nenhum mecanismo que possibilitasse uma busca com filtros ou mais direcionada para o nosso objetivo, a verificação de cada livro foi realizada de forma unitária, um a um, seguindo o movimento de pesquisa no *site* da Edufba e no Pergamum, respectivamente. Temos consciência que podem existir algumas fragilidades nessa metodologia adotada, uma vez que possivelmente algumas das obras publicadas pela Edufba podem não ter sido cadastradas no *site* e, portanto, não consideradas em nosso quantitativo; e, do outro lado, não podemos afirmar com plena convicção que todos os livros que constam no Lugares de Memória foram lançados no sistema Pergamum. Ainda assim, diante das circunstâncias provocadas pela pandemia de covid-19, essa foi a saída encontrada para que a nossa pesquisa não ficasse estagnada e inviabilizada.

Para a coleta dos dados nos *sites*, nos utilizamos do mecanismo de quadros, conforme estrutura do Apêndices A e B. O Apêndice A, indicador da listagem dos livros que já constavam no Lugares de Memória antes da nossa pesquisa, é um registro escrito em forma de quadro

composto por cinco colunas: a primeira, que indica a sequência numérica das obras; e nome do livro; autor; ano de publicação; e área. A área do livro foi considerada nesse quadro principalmente em função do nosso objetivo de mapear a linha editorial da Edufba nos últimos anos, o que facilitou a nossa análise em uma das etapas que constituem esta pesquisa. O Apêndice B, por sua vez, representa a enumeração dos livros que não haviam sido depositados no Lugares de Memória anteriormente à realização deste estudo. O Apêndice B segue a mesma estrutura do primeiro, com inserção de apenas uma coluna – a localização na estante. Julgamos importante essa informação, pois, ao longo da pesquisa, verificamos que alguns livros constavam no acervo de algumas bibliotecas da rede UFBA, mas não foram localizadas no espaço da Seção Memórias, o que desfalca a coleção e o seu propósito de preservar a memória institucional nesse espaço destinado para tal finalidade. Dessa forma, se em algum momento o SIBI, responsável pela gestão do sistema de bibliotecas da UFBA, desejar analisar essa questão e pensar em um possível remanejamento desses títulos, a sua localização física já estará disponível, facilitando a identificação.

Conforme mencionado, o Apêndice B é composto pela relação dos títulos que foram publicados pela Edufba e que não foram depositados no Lugares de Memória. Com essa relação constituída, a próxima fase do nosso estudo foi a identificação das obras faltantes no estoque de livros da própria editora. Para a realização dessa atividade de localização, contamos com o apoio essencial dos responsáveis pela organização e manutenção do almoxarifado da Edufba, nominalmente Crispim Oliveira e Percival de Jesus, sob a supervisão administrativa de Daniel Santos. A localização dos exemplares no estoque da editora não foi uma tarefa fácil, pois muitos destes, por se tratar de obras editadas há muito tempo, encontram-se no final da sua tiragem, muitas das vezes com exemplares espalhados pelas estantes, ou até mesmo esgotados. Apesar das dificuldades, acreditamos que o estoque físico da Edufba é certamente o melhor lugar para a localização desses exemplares, embora alguns deles não estejam mais disponíveis. A relação dos livros definitivamente não localizados no estoque da Edufba também consta no Apêndice B ao fim deste trabalho, com as grifadas em tom de cinza, com a finalidade de, quiçá, em outras circunstâncias contribuir para a continuação desta proposta de composição do acervo, através de contatos com os autores das obras ou até mesmo da tentativa de remanejamento desses livros de outras bibliotecas da rede UFBA¹⁹ para o Lugares de Memória, o que, por falta de tempo e inviabilidade de contatos físicos, não foi possível desempenharmos.

¹⁹ Salientamos que esse remanejamento proposto é somente a título de sugestão, por entendermos a importância da preservação e conservação dessas obras em um local apropriado para essa finalidade. Entretanto, temos consciência de que cabe ao SIBI, enquanto gestor dos centros de informação da UFBA, avaliar tal possibilidade.

4.1 OBSERVAÇÃO DOS DADOS

Após a construção dos Apêndices A e B, resultantes do cotejo entre os *sites* da Edufba e o Pergamum, compostos pelas obras publicadas pela editora entre os anos de 1998 e 2020, identificamos um total de 1519 livros publicados. Como destacado anteriormente, não podemos afirmar sobre a precisão deste número total que pode ser consideravelmente maior, caso o *site* da instituição não represente com rigor a realidade do que foi editado no período definido, mas acreditamos que a margem de erro não é tão representativa. Ressaltamos ainda que nesse total não estão inclusos os livros editados somente em formato digital, pois, para este estudo, nos debruçamos sobre a guarda, preservação e divulgação dos livros impressos, uma vez que os *e-books* já se encontram armazenados e disponíveis para acesso aberto no RI da universidade.

Dos 1520 livros publicados, 830 (54,7%) foram identificados no Lugares de Memória, enquanto 689 (45,3%) não constavam nesse espaço. Através dos esforços desta pesquisa e do apoio da equipe de colaboradores da Edufba, 539 livros dos 689 pendentes foram localizados no estoque da editora e encaminhados para o setor responsável da BURMC, para a devida catalogação e direcionamento para o Lugares de Memória. O Quadro 6, a seguir, esquematiza os dados mencionados.

Quadro 6 – Composição do acervo Edufba

| Livros | Quantitativo |
|---|---------------------|
| Total de livros publicados | 1520 |
| Livros depositados no Lugares de Memória* | 830 |
| Livros não depositados* | 689 |
| Livros encaminhados** | 539 |
| Livros não localizados** | 150 |

* O quantitativo faz referência ao contexto anterior à realização desta pesquisa.

** O quantitativo faz referência ao produto/resultado alcançado com a realização desta pesquisa.

Fonte: elaborado pelo autor.

Para a localização dos livros no estoque da Edufba, optamos pela estratégia de buscarmos os títulos em ordem decrescente de publicação, ou seja, do ano de 2020 a 1998, por acreditarmos que a localização dos exemplares dos anos mais recentes acontecesse de forma mais rápida, uma vez que a editora ainda possui esses livros em maior quantidade. Vale ressaltar que, para cada título publicado, reservamos o total de dois exemplares para o encaminhamento

para o Lugares de Memória, em conformidade com o que propõe a Portaria da UFBA nº 332/2002.

Desenvolver este estudo, diante de todas as adversidades do fazer pesquisa no Brasil atualmente e em meio à pandemia de covid-19, foi uma tarefa árdua, que envolveu muitas adaptações metodológicas e até mesmo o esforço humano de todos aqueles que se envolveram direta ou indiretamente em alguma de suas etapas, sobretudo na localização e encaminhamento dos livros para o Lugares de Memória. Infelizmente, 150 obras não foram encontradas nos estoques procurados, muitas dessas, já esgotadas e não mais em circulação comercial,²⁰ porém, apesar desse quantitativo, consideramos o saldo deste trabalho positivo e gratificante. Trabalhamos para a construção e disponibilidade de um arsenal de livros que agora encontra-se acessível à consulta de toda a comunidade acadêmica, um acervo rico e robusto que pode inspirar e fundamentar muitas outras pesquisas. Além dos pesquisadores, simpatizantes e interessados por essas obras, beneficiou-se com a organização desse acervo a própria UFBA, que tem muito da sua história memoriada e preservada nesses escritos difundidos pela Edufba, aspecto que exploraremos na próxima seção.

²⁰ A título de proposição, orientamos que a Edufba avalie a possibilidade de disponibilizar, em acesso aberto no RI da UFBA, essas obras impressas que já não são mais facilmente encontradas no circuito do comércio editorial. Esse procedimento, uma vez realizado, contribuiria sobremodo para a preservação, alcance e difusão desses escritos que já dão sinais de raridade.

5 MEMÓRIA EDITORIAL: A MEMÓRIA QUE SE FAZ PELA ESCRITA

A memória é a capacidade humana de reter informações, vivências, experiências diversas do passado e do presente com a finalidade de preservá-las e transmiti-las para gerações futuras através de diversos suportes. Mesmo que as habilidades memoriais especificamente humanas apresentem índices significativos de eficiência, o ser humano quase nunca está satisfeito com seu cérebro como unidade única de estocagem de informações memorizadas e, desde muito cedo, recorreu a extensores da memória (CANDAU, 2011). Essa busca pela exteriorização da memória tem como carro-chefe o desejo e o objetivo de guardar mostras desde suas origens para a propagação futura.

Nessa perspectiva de salvaguardar a memória, defendemos que a escrita funciona como um forte suporte auxiliar para a preservação da memória, uma vez que uma narrativa pode “[...] reforçar o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma cultura, e reforçar a automemória” (CANDAU, 2011, p. 109). Na perspectiva de Le Goff (1990), uma obra escrita deve ser entendida como um documento, ou seja, ela não é apenas um material bruto, completamente neutro, sem propósitos; pelo contrário, pode carregar marcas do meio social que retratem o contexto da sociedade em que foi produzida, retratando e estreitando um laço entre o presente, passado, memória e futuro: o “documento é patrimônio” (LE GOFF, 1990, p. 10) e precisa ser considerado e preservado como tal.

A escrita presente em um livro, tal qual um patrimônio, é um registro de um determinado passado, submetido a estruturas sintática e formal próprias. Conforme Guimarães (2008), o termo “patrimônio” parece carregar no seu íntimo uma estreita relação com o tempo e o seu transcurso, por isso, pensar em patrimônio é pensar em “formas sociais de culturalização do tempo” (GUIMARÃES, 2008, p. 19), inerentes ao processo de desenvolvimento de toda e qualquer sociedade. Esse transcurso do tempo, atravessado de vivências, culturas e memórias, é que permite a sociedade humana construir a noção de presente, passado e futuro, sob a ótica de um contexto social e histórico.

Entretanto, o simples transcurso do tempo não assegura por si só a transformação de um determinado objeto, obra, vestígio material, escultura, em patrimônio histórico. O patrimônio é produto de uma construção marcada historicamente. As ações de lembrar e recordar, nesse processo, são essenciais para garantir a constituição dos vínculos e relações na sociedade. Cada comunidade, ao seu modo, desde muito cedo, desenvolveu métodos, formas e técnicas de como lembrar, conforme apontado por Guimarães (2008, p. 22):

O trabalho da lembrança nos remete necessariamente a duas temporalidades, entrelaçando-as: a do presente em que algo ou alguém é lembrado, e o passado (como momento anterior) em que os personagens ou objetos da lembrança viveram ou estiveram presentes. Portanto, o recordar impõe uma reflexão acerca do presente que transforma determinados objetos em alvo desse trabalho de lembrança, operando seletivamente aquilo que será lembrado e aquilo que deverá ser esquecido. Há uma demanda por recordação que deve ser investigada como forma de compreendermos essa complexa relação entre lembrar e esquecer.

De fato, não parece muito simples essa dinâmica relação entre lembrar e esquecer. Estudos têm se dedicado a compreendê-la, propondo alguns questionamentos do tipo: por que e para que lembrar? Até que medida lembrar não significa também esquecer? A lembrança implica diretamente o seu contraponto: aquilo que é/foi esquecido? É possível manter uma história viva através do cultivo de uma memória? (GUIMARÃES, 2008). Certamente, não teremos as respostas para todas essas perguntas. Lembrar e esquecer, muitas vezes, parece mesmo ser um estranho paradoxo, mas esse esquecimento está ligado à seletividade. A memória é seletiva, por vezes, julgamos alguns fatos insignificantes, e estes não são considerados como prioridade para a memorização. O processo da escrita, de igual modo, também é excludente, porque escrever é selecionar palavras em detrimento de outras, assuntos em detrimento de outros; elege-se entre esses, portanto, uma versão para que se materialize escrita. Entretanto, uma vez materializada, a escrita desempenha um papel essencial para o suporte à memória e, portanto, à lembrança.

Acreditamos, assim, que o produto da escrita é composto necessariamente de uma história, qualquer que seja a escrita, aquilo que se escreve acolhe a história daqueles que escreveram (autor), as marcas do seu tempo (contexto social, político, histórico), do seu público (leitor) e do suporte em que se materializa (livros, manuscritos, documentos). Dessa forma, conforme Certeau (1982), a escrita assume um lugar na história por estar sempre articulada a um lugar social, a uma prática de modelos culturais e teóricos predominantes no momento de sua realização. Por isso, documentos são tidos como fontes importantes da história, uma vez que a escrita carrega essa áurea da atividade investigadora, que confere ao leitor um lugar bem determinado de um tempo que já não é mais o presente. Ela é testemunha para a compreensão do passado e também para a percepção de novas possibilidades. Nesse sentido, Certeau (1982, p. 106, grifos do autor) afirma que a escrita

[...] tem uma *função simbolizadora*; permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe, na linguagem, um passado, e abrindo assim um espaço próprio para o presente: ‘marcar’ um passado, é dar um lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que

está *por fazer e*, conseqüentemente, utilizar a narratividade, que enterra os mortos, como um meio de estabelecer um lugar para os vivos.

A escrita faz a história. Ela acumula os acontecimentos, conserva-os e, nessa perspectiva, é também arquivo, que estoca e retém informações para auxiliar a memória. A prática da escrita é ela mesma memória, não necessariamente o seu conteúdo será a verdade dos fatos, a realidade, mas é uma representação ou um sintoma dela, uma vez que há um empenho em se alcançar o verossímil, que em muitos casos é capaz de preencher lacunas deveras importantes sobre fatos do passado em que outras presenças testemunhais não se fizeram possíveis.

[...] a escrita supõe uma transmissão fiel da origem, um estar lá do Começo que atravessa, indene, os avatares de gerações e de sociedades mortais. Ela mesma é corpo de verdade, portanto solável do corpo eclesial ou comunitário. Este objeto verdadeiro transporta do passado para o presente os enunciados que produziu ‘sem sair de seu lugar’, uma enunciação principal e fundadora. É um mundo, não mais natural mas literário, onde se repete o poder de um autor longínquo (ausente). (CERTEAU, 1982, p. 217).

Dessa forma, entendemos que as fontes documentais em seus diversos suportes são instrumentos potentes para a construção, reconstrução, leitura e releitura de uma história e, por consequência, são também grandes aliadas da memória. Se essas fontes documentais inexistem ou se perdem, dificilmente a memória de uma sociedade se propagará, e uma sociedade sem memória não é capaz de se reconhecer em seu próprio espaço (HALBWACHS, 1990). Sobre a noção de espaço, esse autor defende que toda memória coletiva se desenvolve num esquadro espacial, o espaço conserva uma significação para o corpo social que o habita, “o lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras” (HALBWACHS, 1990, p. 133), pelo contrário, ele desempenha um papel importante para a memória coletiva, pois “quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem” (HALBWACHS, 1990, p. 133).

Embora o quadro espacial intervenha principalmente, há também que se considerar, no âmbito da memória, a sua relação com o quadro temporal. O tempo é, por excelência, a linha sucessória que encadeia fenômenos e acontecimentos, e resulta em convenções e costumes ao passo em que transcorre. É no tempo que os acontecimentos se produzem e é através dele que uma lembrança pode tomar corpo e se completar, uma vez que o recurso temporal – uma data, uma época – pode, muitas vezes, contribuir para reconstruir uma memória a partir dos traços

temporais que essa lembrança carrega do dia em que o acontecimento se realizou (HALBWACHS, 1990).

Na perspectiva desse autor, a política da lembrança tem como objetivo manter a memória do acontecimento e os meios pelos quais tais acontecimentos podem ser lembrados, expostos ou ainda encobertos e esquecidos. A memória parece ser um fenômeno individual, próprio de cada ser humano, uma lembrança de fato pode remeter a algo bem íntimo, particular, mas, na maioria das vezes, ela também é construída coletivamente.

Em suas teorias, Pollack (1992) e Halbwachs (1990) destacam a relação da memória com a construção da identidade, ambos os conceitos ligados ao coletivo e ao social e que estariam submetidos a transformações e mudanças constantes, pois a “[...] *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLACK, 1992, p. 204, grifos do autor). A construção da identidade é um fenômeno que acontece diretamente relacionado ao outro, às referências do outro, levando em consideração critérios de aceitabilidade, credibilidade, e negociação mútua com o outro, “vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo” (POLLACK, 1992, p. 204). Para esse autor, memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais que envolvem e opõem interesses políticos diversos.

Nesse sentido, Halbwachs (1990) afirma que a memória de uma sociedade e, por consequência, dos seus interesses se estende até onde consegue, ou seja, até onde alcança a memória dos grupos que a compõem, mas “não é por má vontade, antipatia ou indiferença que ela esquece uma quantidade tão grande de acontecimentos e de antigas figuras. É porque os grupos que dela guardavam a lembrança desapareceram.” (HALBWACHS, 1990, p. 84). Isso acontece pela efemeridade da vida humana, a memória coletiva se esgota lentamente à medida que os seus membros individuais, sobretudo os mais velhos, fazem a sua passagem; com isso, há um movimento na memória construída, que tende também a passar, cessar e se transformar, se não há vontade ou mecanismos que registrem simbolicamente a sua permanência. Assim, quando uma memória não tem suporte em um grupo, quando ela se dispersa em sentimentos individuais, é necessária a intervenção da escrita para mantê-la viva, para salvar tais lembranças, uma vez que “[...] as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (HALBWACHS, 1990, p. 80).

Nesta seção, nos dedicaremos a refletir sobre como esse potencial da escrita, alinhado à constituição de lugares de memória e memória institucional, pode fazer das obras publicadas pela Edufba importantes fontes documentais e históricas, que carregam no seu conteúdo as narrativas, contextos e memórias das instituições a que estão vinculadas, quer sejam a UFBA e a sua editora. Para essas reflexões, conceitos como lugares de memória, depósito legal e memória institucional serão trazidos à baila nas próximas subseções deste texto.

5.1 LUGARES DE MEMÓRIA

Pierre Nora (1993), em seu clássico texto “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, propõe uma reflexão acerca do conceito “lugares de memória”, numa perspectiva voltada para o cenário político e histórico da França daquela época. Entretanto, as discussões desse historiador não se restringiram ao território francês e puderam ser aplicadas a tantas outras nações e estudos que se dedicam a compreender a complexa relação entre memória, história e seus lugares. Nora (1993), já nas primeiras linhas desse escrito, nos chama a atenção para o fato de que a razão pela qual falamos tanto em memória diz respeito à ideia de que ela não existe mais. Para o autor,

o movimento que nos transporta é da mesma natureza que aquele que o representa para nós. Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares, porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história. (NORA, 1993, p. 8-9).

Nora (1993) demarca com bastante ênfase que há uma distinção entre os conceitos de memória e história. Enquanto a primeira estaria relacionada à vida, ao grupo social vivo, e porque viva, em constante evolução, aberta à lembrança e ao esquecimento; a segunda é a reconstrução daquilo que não existe mais, uma reconstrução por vezes problemática, que exige análise e criticidade que acaba por destruir a memória espontânea.

a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas às transferências, cenas, censura ou projeções (NORA, 1993, p. 8-9).

Entre suas reflexões, muitas foram as definições, por vezes complexas, abstratas e controversas, para “lugares de memória” – “lugares corredores”, “atravessados de dimensões múltiplas”, “dever de memória” no contexto de uma população francesa obcecada pela memória e pela necessidade de comemoração (NORA, 1993, 1997).

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos (NORA, 1993, p. 12-13).

Nora (1993) aponta que a necessidade da memória é uma necessidade da história. Essa memória seria a constituição de um arcabouço estrutural e material que nos possibilitasse guardar a imensa quantidade de fenômenos que é impossível lembrar, daquilo que a capacidade mnemônica humana não consegue estocar. Os lugares de memória seriam, então,

lugares salvos de uma memória na qual não mais habitamos, semi-oficiais e institucionais, semi-afetivos e sentimentais; lugares de unanimidade sem unanismo que não exprimem mais nem convicção militante, nem participação apaixonada, mas onde palpita ainda algo de uma vida simbólica. (NORA, 1993, p. 14).

Na perspectiva do autor, esses lugares só existem porque aquilo que eles defendem – a memória – não existe mais, ou está em vias de não existir, uma vez que, se essa memória ainda estivesse viva, tais lugares não precisariam ser construídos, “se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis.” (NORA, 1993, p. 13). Sem essa vontade de memória, sem o senso comemorativo e simbólico de uma coletividade, não seria possível a constituição desses lugares de memória, pois eles “[...] nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.” (NORA, 1993, p. 13).

Entretanto, a simples acumulação de tais materiais não constituiria os lugares de memória. É necessário que se crie significado para esses lugares, eles estão simultaneamente no plano do material, do simbólico e do funcional. Esses três aspectos coexistem para sua

formação enquanto um todo significativo de ordem material ou ideal, valorado como elemento simbólico, patrimonial e memorial de uma sociedade.

O lugar de memória supõe, para início de jogo, a justaposição de duas ordens de realidades: uma realidade tangível e apreensível, às vezes material, às vezes menos, inscrita no espaço, no tempo, na linguagem, na tradição, e uma realidade puramente simbólica, portadora de uma história. A noção é feita para englobar ao mesmo tempo os objetos físicos e os objetos simbólicos, com base em que eles tenham ‘qualquer coisa’ em comum. [...] Cabe aos historiadores analisar essa ‘qualquer coisa’, de desmontar-lhe o mecanismo, de estabelecer-lhe os estratos, de distinguir-lhe as sedimentações e correntes, de isolar-lhe o núcleo duro, de denunciar-lhe as falsas semelhanças e as ilusões de ótica, de colocá-la na luz, de dizer-lhe o não dito. (NORA, 1997, p. 2226).

As pesquisas de Pierre Nora sobre a questão do tempo, memória e história foram inovadoras no campo historiográfico, permitindo o desenvolvimento de muitas outras teorias. Ao longo da evolução dos seus estudos, Pierre Nora percebeu que nenhum dos seus conceitos propostos ou noções-chave permaneceram fixos ou imutáveis em seus sentidos. Discorrer sobre lugares de memória, à luz da teoria de Nora (1997, 1993), nos demandaria tempo e renderia reflexões suficientes para uma escrita que extrapolaria os objetivos deste texto. Nesta seção, trouxemos nessas linhas iniciais a descrição sumária dos pressupostos desse historiador para os estudos dos lugares, da problemática dos lugares de memória, por entendermos que essa discussão lastreia a tese que aqui defendemos sobre a importância da constituição de instituições de preservação, bens patrimoniais e memorialísticos.

Os nossos arquivos e centros de documentação, como lugares de memória que são, devem ser considerados como instâncias fundamentais no aprofundamento da compreensão sobre eventos pretéritos, já que possibilitam a existência de uma diversificação das reservas documentais nas suas diversas coleções, que precisam ser analisadas em conjunto, nas suas especificidades, no que apresentam em comum, nas suas contradições, no que se guardou para fazer-nos lembrar e também no que foi ‘descartado’, levando-nos ao esquecimento ou desconhecimento (OLIVEIRA, 2008, p. 58-59).

A título de exemplo de centro de informação e documentação, na próxima subseção, apresentaremos o Lugares de Memória da UFBA, sobre o qual a nossa pesquisa se interessa diretamente por esse espaço custodiar as obras publicadas pela Edufba, objeto deste trabalho.

5.1.2 O Lugares de Memória da UFBA

O Lugares de Memória da UFBA, conforme apontado por Ribeiro e Correia (2020), é um espaço informacional que custodia acervos raros que retratam a memória institucional da

universidade, a partir da sua produção técnica, científica, acadêmica e cultural. Composto por obras de diferentes áreas do conhecimento, o acervo é uma importante fonte documental sobre a história política, social e cultural da UFBA e do estado da Bahia, uma vez que os colecionadores, escritores, poetas, historiadores e artistas doadores de suas obras deixaram, em seus manuscritos, correspondências, fotografias, biografias, arquivos públicos, as marcas da memória da universidade da qual fizeram parte e do espaço geográfico em que viveram. Por essa razão, esses arquivos ganham o título de “documentos raros e históricos” em decorrência do valor que possuem e significam.

Como observamos na segunda seção desta dissertação, a vinda da família real para o Brasil alterou significativamente a vida da colônia, que sofreu uma série de transformações visando ao seu desenvolvimento e ao efetivo atendimento às necessidades da Corte. Na Província da Bahia, entre outros feitos desse período, destaca-se a fundação do primeiro centro de ensino superior da região, o Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia, fundando em 1808. Toutain e Silva (2010) informam que com o passar do tempo foram se agregando ao Colégio Médico-Cirúrgico outras especialidades, como Farmácia, em 1832, curso que levava três anos para sua conclusão. Independentemente desse primeiro centro, outras “escolas profissionalizantes”, como foram denominadas na época, foram surgindo, como, por exemplo, em 1877, a Escola Agrícola da Bahia, primeira escola agrícola do país, e a Academia de Belas Artes, ofertando os cursos de Pintura, Desenho, Arquitetura, Escultura e Música (TOUTAIN; SILVA, 2010). A Faculdade de Direito (1891), a Escola Politécnica (1896), a Faculdade de Ciências Econômicas (1905) e a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (1941) foram instituições que apareceram em sequência.

Em 1946, foi estabelecida a Universidade da Bahia, que passou a agregar todas as escolas e unidades de ensino superior como suas unidades internas. Os primeiros anos dessa universidade foram de intensos trabalhos, sobretudo no que diz respeito ao agrupamento de todas as faculdades e escolas num todo que se fizesse coerente e tivesse o *status* de universidade com a estrutura que precisava alcançar. Segundo a UFBA (2016, p. 48):

Vários fatores agiam em contrário a essa sincronização; de passagem, pode-se nominar alguns deles: a disparidade legal em que ficavam as escolas, umas frentes às outras; a dispersão geográfica existente à falta de um núcleo centralizador; e a ferrenha posição de cada unidade de não ceder direitos adquiridos, anteriormente, ao global. Localizando-se cada componente da novel Universidade numa área a bem dizer oposta às demais, na cidade do Salvador, havia, assim, um entrave físico ao orgânico universitário e, conseqüentemente, ao sentido da *universitas*.

Com a agregação das instituições, a Universidade da Bahia recebeu também “[...] acervos bibliográficos arquivísticos e artísticos de inigualável riqueza histórica, política, econômica, social e cultural.” (RIBEIRO; CORREIA, 2020, p. 85). No ano de 1965, a partir da publicação da Lei nº 4.759, foi determinado que a denominação das universidades e escolas técnicas da União deveriam incorporar o termo “federal” associado ao nome do estado onde estavam sediadas, no caso das instituições situadas nas capitais. A Universidade da Bahia foi transformada em autarquia federal e passou a se chamar Universidade Federal da Bahia.

O Decreto nº 62.241, de 8 de fevereiro de 1968, reentuturou a UFBA, desmembrando unidades universitárias, sobretudo as que compunham a Faculdade de Filosofia. Ele separa as unidades entre as do “sistema comum”, que correspondem aos institutos básicos, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) e a Escola de Belas Artes e as unidades profissionalizantes e de pesquisa aplicada, formadas pelas faculdades e demais escolas. Essa estrutura foi determinada pelo Decreto-Lei nº 53, de 18 de novembro de 1966, que fixou princípios e normas de organização das universidades federais.

Nessa configuração, a UFBA incorporou em suas bibliotecas os seus primeiros documentos, registros e obras diversas, formando a sua primeira coleção bibliográfica. Todo esse material, de produção artística, acadêmica e técnica, de valor incalculável, por remontar a história da universidade, data de mais de três séculos e, por essa razão, necessita de cuidados especiais e locais adequados para a sua guarda.

Pensando nisso, a UFBA, no reitorado do professor João Carlos Salles, com o objetivo de reunir tais acervo e resguardar a sua memória institucional e cultural, inaugurou, no dia 8 de setembro de 2015, o Lugares de Memória do SIBI, localizado na Seção Memórias da BURMC, surgindo como resultado da junção do antigo Departamento de Coleções Especiais e do CEB.²¹ Dessa forma, o Lugares de Memória agrega acervos bibliográficos diversificados, de diferentes épocas, áreas do saber, temáticas e suportes, resultantes da produção universitária e de seus membros, ou de doações de bibliotecas privadas de colecionadores e professores vinculados à UFBA, como bem descrevem Ribeiro e Correia (2020, p. 86):

Com prevalência das ciências humanas e sociais, pesquisadores, ex-reitores, ex-professores e intelectuais acumularam ao longo de anos de estudos, leituras

²¹ O CEB foi criado em 31 de julho de 1941 como sociedade civil a partir dos esforços de um grupo de personalidades interessados nos debates referentes à história e à cultura baiana. Mais tarde, em 1994, o CEB se tornou um órgão suplementar da UFBA, destinado a incentivar, coordenar, pesquisar e realizar cursos e demais eventos acadêmicos que tratassem da cultura baiana em seus múltiplos aspectos. Hoje, integra o espaço Estudos Baianos da BURMC, e é guardião de coleções especiais – obras raras e valiosas, relevantes para pesquisas diversas –, cumprindo sua função primeira de centro de informação: disseminar o conhecimento científico para o avanço da ciência.

e pesquisas riquíssimo material a respeito da nossa história e cuja trajetória pessoal e profissional também possibilita compreender como a memória biográfica de determinadas personalidades, vinculadas ou não à UFBA, se mescla, nas suas devidas proporções, à história da nossa Universidade, da nossa cidade e do nosso estado.

Esse espaço é, atualmente, estruturado em dois setores: Estudos Baianos e Memorial UFBA. Grande parte do acervo do espaço Estudos Baianos é composta por obras que integravam o antigo CEB, quer sejam materiais arquivísticos, bibliográficos e museológicos, custodiados com o objetivo de resguardar a memória da cultura baiana, bem como incentivar as pesquisas acadêmicas sobre essa temática, uma vez que oferece um *corpus* de análise e consulta valioso para esses estudos. Dentre as obras que o integram, no Quadro 7, descrevemos as coleções de professores e personalidades baianas que compreendem o acervo: Frederico Edelweiss, Carlos Ott, Cícero Dantas, José Calasans, Pinto de Aguiar, Luís Henrique Dias Tavares e Consuelo Pondé.

Quadro 7 – Coleções especiais bibliográficas do espaço Estudos Baianos

| Nome da coleção | Sobre a coleção | Sobre o doador |
|----------------------------|--|---|
| Frederico Edelweiss | A coleção foi doada em 1974, e é composta por 24.876 livros, 980 títulos de periódicos, além do arquivo pessoal do professor Edelweiss. É um acervo que tem a sua raridade reconhecida, com livros dos séculos XVI ao XX, de áreas diversas, como Antropologia, História do Brasil e da Bahia. Vale ressaltar ainda a presença de obras impressas pela Imprensa Régia e pela Tipografia Silva Serva, marcos da história do impresso no país. | Frederico Edelweiss (1895-1976) foi professor, linguista, historiador e etnólogo. Um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Bahia na década de 1940, foi membro de associações como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Ao longo da vida, colecionou uma vasta biblioteca que muito nos diz sobre sua vida pessoal e sobre a história política e cultural da Bahia. |
| Cícero Dantas | Doada em 1981, pelos filhos Dr. José Bahia Dantas e Dr. Cícero Bahia Dantas, esta coleção é constituída de aproximadamente 2.400 livros que compreendem temáticas voltadas para Política, História e Literatura. | Cícero Dantas Martins (1897-1981) foi médico e atuante na vida política como deputado federal e deputado estadual na Bahia. Neto do barão de Gerimoabo, deixou uma biblioteca valiosa sobre |

| | | |
|------------------------|---|---|
| | | a história política do país e da Bahia. |
| Pinto de Aguiar | Doadada pela família em 1981, a coleção é composta de 12 mil livros e 385 fascículos de periódicos de caráter eclético e multidisciplinar. Entre as principais temáticas, destacam-se os livros sobre Ciências Humanas em geral, sobretudo: as áreas de Ciências Sociais, Economia, Política, Sociologia, Literatura, História. | Manoel Pinto de Aguiar (1910-1981) foi professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia, membro da Academia de Letras da Bahia, da Academia Carioca de Letras; membro do IGHB, do Instituto Geográfico e Histórico de Sergipe e do Instituto Geográfico e Histórico de Minas Gerais. Um homem das letras e da erudição, deixou uma biblioteca robusta sobre temáticas diversas. |
| José Calasans | A coleção passou a integrar o CEB em 1983 e é constituída por aproximadamente 5 mil livros, 186 fascículos de periódicos, quadros, peças tridimensionais, recortes de jornais, fotos e documentos de arquivos sobre a Guerra de Canudos (1896-1897). Destacam-se entre essas obras os exemplares das primeiras edições de <i>Os Sertões</i> , de Euclides da Cunha. | José Calasans Brandão (1915-2001) foi historiador, advogado e escritor. Membro imortal da cadeira nº 28 da Academia Brasileira de Letras e professor catedrático de História Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia da Bahia. Deixou uma vasta bibliografia sobre a história da cidade de Canudos e do estado Bahia. |
| Carlos Ott | Doadada pela família à UFBA em 1997, a coleção dispõe de aproximadamente 1.600 livros, 228 fascículos de periódicos e outros documentos sobre Arqueologia, Arquitetura Religiosa, Arte e História da Bahia. | Carlos Ott (1908-1997), vindo da Alemanha para o Brasil na década de 1930, foi arqueólogo, pesquisador e professor-fundador da Faculdade de Filosofia da UFBA. Legou à universidade uma vasta biblioteca, sobretudo sobre a Igreja e a História da Arte. |
| | A coleção é composta de aproximadamente 1.200 livros e 160 periódicos estrangeiros e nacionais. As obras abordam temáticas como a História da | Luís Henrique Dias Tavares (1926-2020) foi professor, historiador e escritor. Membro imortal da Academia de Letras da |

| | | |
|-----------------------------------|---|--|
| Luís Henrique Dias Tavares | Bahia e do Brasil, além de títulos canônicos da literatura nacional e universal. | Bahia. Sua produção acadêmica versa sobre a história da Bahia, o que lhe fez acumular uma vasta bibliografia sobre o assunto e as temáticas correlatas, hoje pertencente à biblioteca da UFBA. |
| Consuelo Pondé de Sena | Doadora à UFBA em 2016, a coleção é formada por mais de 2 mil livros, documentos arquivísticos e audiovisuais, que versam sobre as áreas da Antropologia, História da Bahia, Língua Indígena, Literatura Geral. | Consuelo Pondé de Sena (1934-2015) foi professora, geógrafa e historiadora. Entre tantos feitos, presidiu por cinco mandatos o IGHB, chefiou o Departamento de Antropologia e Etnologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e dirigiu o Centro de Estudos Baianos da UFBA. Colecionadora de uma biblioteca valiosa sobre História da Bahia, Língua Tupi, Literatura Nacional e Estrangeira e sobre o sertão baiano. |

Fonte: elaborado pelo autor com base em Ribeiro e Correia (2020).

Como observado no Quadro 7, todo o acervo que agrega as coleções foi doado por algum professor, ex-professor, durante a vida, ou por familiar após a morte do colecionador, ou ainda através de transferência de outra biblioteca para rede de bibliotecas UFBA, o que evidencia que o espaço Estudos Baianos não adquire as obras por meio de compra, seguindo uma prática que já era comum no antigo CEB. Além das coleções bibliográficas, esse setor é responsável pela guarda de 13 fundos arquivísticos, pessoais e institucionais (Quadro 8). Entre os fundos arquivísticos institucionais, estão: o da Diretoria da Instrução Pública da Bahia; Arquivo da Ditadura e Lutas Políticas, também chamados de Arquivos da Assessoria de Segurança e Informação; Antigo Consulado Alemão da Bahia; Arquivos Manuscritos da Coleção Santo Amaro. Já os fundos arquivísticos pessoais são compostos por documento de: Ildásio Tavares, Judith Grossmann, Godofredo Filho, Consuelo Pondé de Sena, Frederico Edelweiss, Luís Henrique Dias Tavares, Pinto de Aguiar, José Calasans e Carlos Ott (RIBEIRO; CORREIA, 2020).

| Fundos arquivísticos institucionais | |
|--|---|
| Nome do fundo | Sobre os arquivos |
| Diretoria da Instrução Pública da Bahia | O acervo é composto por boletins, correspondências, documentos relacionados à prática de professores em sala de aula, como lista de frequência e processos de escolas de 1º e 2º graus. A documentação exige cuidados especiais para manuseio. |
| Arquivo da Ditadura e Lutas Políticas | O acervo é composto por registros do período da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Ao todo, foram doadas à UFBA 13 caixas de documentos, em sua maioria correspondências trocadas com a Assessoria de Segurança e Informação. Muitos desses documentos possuem acesso restrito por conterem informações de cunho pessoal. |
| Antigo Consulado Alemão da Bahia | Os documentos que compõem este acervo são datados do período de 1905-1941. Os documentos são fruto da existência do Consulado Alemão da Bahia, e se materializam em cartas, ofícios, memorandos, recortes de jornais e manuscritos, que são hoje fontes riquíssimas para o entendimento da rotina da instituição e para o estudo das relações entre Bahia e Alemanha naquela época. A maioria dos documentos encontra-se em alemão. |
| Arquivos Manuscritos da Coleção Santo Amaro | Tais manuscritos compunham o Acervo de Manuscritos Baianos e eram custodiados pelo setor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UFBA. São por volta de 3 mil documentos que se encontram em estado precário de conservação, mas ainda assim têm sido <i>corpus</i> e objeto de estudo de diversas pesquisas a nível de mestrado e doutorado sob a ótica da edição diplomática. |
| Fundos arquivísticos pessoais | |
| Nome do fundo | Sobre os arquivos |
| Arquivos de Ildásio Tavares | Em 59 caixas, os arquivos reúnem grande parte da produção intelectual de Ildásio Tavares. Entre os papéis, compõem o acervo: cartas, produções poéticas, teatrais e literárias originais e inéditas, além de |

| | |
|---|---|
| | notícias de jornais, notas críticas, ensaios e editoriais. |
| Arquivos de Judith Grossmann | O acervo é composto por documentos que dizem respeito à atuação da professora Judith Grossmann no Instituto de Letras da UFBA. Em torno de 60 caixas, os arquivos comportam textos poéticos e ensaios, que são utilizados como fonte de muitas pesquisas na área da Literatura. |
| Arquivos de Godofredo Filho | Nesse acervo, há documentos sobre a vida pública de Godofredo Filho, sobre a sua atuação em cargos políticos e participação em diversas associações culturais e educacionais. Correspondências, manuscritos, fotografias, documentos pessoais e recortes de jornais constituem o arquivo. |
| Arquivos de Consuelo Pondé de Sena | Os arquivos da professora Consuelo Pondé de Sena versam sobre a sua produção de pesquisa enquanto em atividade na UFBA e no IGHB. Há folhetos, correspondências e separatas de revistas que abrangem principalmente a temática do sertão baiano e da Bahia do século XIX. |
| Arquivos de Frederico Edelweiss | Nesse arquivo, aproximadamente 43 caixas reúnem produções intelectuais, recortes de jornais, manuscritos, fotografias, cartões postais, documentos administrativos e fiscais. No acervo, está disponível ainda uma série de textos impressos sobre antropologia, história do Brasil, linguística etc. |
| Arquivos de Luís Henrique Dias Tavares | Os arquivos do professor Luís Henrique Dias Tavares são documentos de relatórios de grupos de pesquisa, correspondências, atas, recortes de revistas e jornais etc. A documentação está organizada em 12 caixas. |
| Arquivos de Pinto de Aguiar | Acondicionados em cinco caixas, entre os documentos, encontramos: manuscritos, recortes de jornais, relatórios, álbuns de bacharéis, fotografia e ensaios sobre economia e outras temáticas. |
| | Arquivados em 44 caixas, os documentos em boa parte tratam da guerra de Canudos e são |

| | |
|----------------------------------|---|
| Arquivos de José Calasans | bastante utilizados por pesquisadores nacionais e estrangeiros que se interessam pela temática. |
| Arquivos de Carlos Ott | Contidos em 23 caixas, os arquivos contemplam diversas áreas do conhecimento, com correspondências, cadernos com anotações manuscritas, fotografias e desenhos à mão livre. |

Fonte: elaborado pelo autor com base em Ribeiro e Correia (2020).

Para além do espaço Estudos Baianos, há, no Lugares de Memória da UFBA, o setor denominado Memorial UFBA. Já em 1984, através da Portaria nº 515, o então reitor Germano Tabacoff criou a Seção Memória da UFBA, localizada na BURMC, com o objetivo de preservar e divulgar a memória institucional da universidade, estabelecendo que nesse espaço fosse realizado o depósito legal²² de toda a documentação produzida e publicada na e pela universidade. Mais adiante, em 2002, a Portaria nº 515 é atualizada pela Portaria nº 332, que amplia o seu escopo de ação e define expressamente que dois exemplares de todas as obras editadas e coeditadas pela Edufba obrigatoriamente devem ser entregues para compor o acervo.²³ Dessa forma, o Memorial UFBA nasceu e se constituiu pelo objetivo de atender às demandas da comunidade universitária, no que diz respeito à guarda, organização e preservação de sua produção técnica, científica e cultural. Objetivos também tão estimados por esta pesquisa.

Ribeiro e Correia (2020) destacam que mesmo que as políticas de aquisição mediante compra não sejam comuns nas bibliotecas universitárias, esse meio acaba por ser uma realidade dentro dessas instituições como forma de garantir e reforçar a missão de dar suporte às pesquisas acadêmicas. Na UFBA, no ano de 2003, criou-se a Divisão de Coleções Especiais na BURMC, com o objetivo de gerir a administração dos acervos adquiridos para integrar tal espaço. Tais materiais são adquiridos não pelo valor de mercado, mas sim pelos valores em conjunto da obra que representam, concentram e significam história e memória. Apesar disso, na UFBA, ainda prevalece a política de doação e, fruto dessas concepções, o Memorial UFBA

²² A expressão “depósito legal” é uma noção antiga estabelecida no Brasil no início do século XIX e está fortemente atrelada à construção e preservação de uma memória nacional, a partir das obras que se produz em um país, como veremos na próxima subseção deste texto.

²³ Entretanto, como já destacado em outros momentos deste texto, mesmo como a existência de tal normativa, o espaço destinado à composição das obras publicadas pela UFBA apresentava algumas lacunas, por essa razão essa pesquisa se justifica pela tentativa de suprir tal defasagem desse depósito legal, visando a construção de um acervo da Edufba o mais completo possível.

reúne, atualmente, 13 coleções especiais de personalidades baianas, ex-professores e ex-reitores da universidade (RIBEIRO; CORREIA, 2020), conforme descrito no Quadro 9 a seguir.

Quadro 9 – Coleções especiais de professores e ex-professores da UFBA

| Nome da coleção | Sobre a coleção |
|--|--|
| Coleção Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho | Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho (1912-1967) foi engenheiro, político e professor da UFBA, onde também exerceu a função de reitor entre 1964 e 1967. A sua coleção é composta por 1.814 livros, folhetos, correspondências e periódicos sobre arte, política, economia e outras temáticas. |
| Coleção Roberto Santos | Roberto Figueira Santos (1926-2021) foi médico, professor e político. Na UFBA, foi reitor entre os anos de 1967 e 1971. Composta por 2.259 títulos, a sua coleção foi doada em vida pelo próprio professor no ano de 2014. |
| Coleção Aurino Ribeiro Filho | Aurino Ribeiro Filho (1947-2015) foi engenheiro e professor do Instituto de Física da UFBA. Integram a sua coleção mais de 4 mil títulos, doados pela família, sobre temáticas variadas. |
| Coleção Carvalho Filho | Carvalho Filho (1908-1994) foi advogado, poeta e integrante do Modernismo brasileiro. A sua coleção adquirida pelo Memorial UFBA em 2000 consta de 6.866 livros e 243 periódicos, que abordam em sua temática teoria literária, artes, religião e psicologia. |
| Coleção Cruz Rios | Joaquim Alves da Cruz Rios (1918-2004) foi advogado, jornalista e político na Bahia. A sua coleção foi doada pela viúva Dona Regina Villas Boas, e é composta por aproximadamente 2.200 livros que versam sobre jornalismo, direito e cultura em geral. |
| Coleção Hélio Simões | Hélio Simões (1910-1987) foi poeta e professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia da Bahia. Na UFBA, dirigiu o Instituto de Letras e o Departamento Cultural da universidade. A sua coleção é composta por 4.253 obras, dentre as quais estão livros, folhetos, periódicos e discos. |

| | |
|---|---|
| Coleção Armindo Jorge de Carvalho Bião | Armindo Jorge de Carvalho Bião (1950-2013) foi, ator, encenador e professor da Escola de Teatro da UFBA. A sua coleção foi doada em 2015 e composta por cerca de 2.800 livros, que abordam sobretudo o tema da arte, do teatro e da literatura. |
| Coleção Cláudio de Andrade Veiga | Cláudio de Andrade Veiga (1927-2011) foi professor, escritor, ensaísta e tradutor. Foi diretor do Instituto de Letras da UFBA e membro imortal da Academia de Letras da Bahia. A sua coleção foi doada em 2011 e possui cerca de 3.280 livros. |
| Coleção Doralice Fernandes Xavier Alcoforado | Doralice Fernandes Xavier Alcoforado (1937-2007) foi escritora e professora do Instituto de Letras da UFBA. A sua coleção é formada por 1.020 livros, folhetos e periódicos doados em 2009. |
| Coleção Anísio Teixeira | Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) foi jurista, intelectual e um importante educador para transformações no cenário educacional brasileiro. A sua coleção é composta por 3.428 livros que versam em sua maioria sobre teoria da educação. |
| Coleção David Salles | David Salles (1938-1986) foi um importante crítico literário, e sua coleção é constituída por 2.085 livros e periódicos sobre literatura nacional e estrangeira, filosofia e outras temáticas. |
| Coleção Deraldo Dias de Moraes | Deraldo Dias de Moraes (1896-1996) teve sua coleção incorporada ao Memorial UFBA em 2009 através de doação. Na biblioteca do médico, constam livros sobre religião, medicina, e filosofia, totalizando 2.010 livros. |
| Coleção Judith Grossmann | A coleção da professora Judith Grossmann contém 1.091 livros, folhetos e periódicos que muito falam da sua produção na área de teoria literária e atuação no Instituto de Letras da UFBA. |

Fonte: elaborado pelo autor com base em Ribeiro e Correia (2020).

Além das coleções mencionadas no Quadro 9, compõem ainda o Memorial UFBA uma coleção especial e valiosa constituída por livros, teses e periódicos datados dos séculos XVIII

ao XX, obras, portanto, remanescentes da então Universidade da Bahia. Ribeiro e Correia (2020) salientam que há nessa coleção: o conjunto de Theses Inaugurais e Doutorais de Livre-Docência da UFBA defendidas no século XVIII; a Coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional; jornais e revistas centenários do século XIX até o início do século XX; e a Coleção de Leis do Império do Brasil e da Província da Bahia. Finalizando a descrição da compositiva do Memorial UFBA, no âmbito dos arquivos, o espaço concentra arquivos fotográficos da universidade – mais de 2 mil imagens arquivadas –, e também arquivos oriundos das atividades dos movimentos estudantis. Estes últimos são arquivos provenientes do Diretório Central de Estudantes (DCE) da UFBA, acondicionados em 36 caixas e 90 pastas-arquivo, e encontram-se em fase de organização. Todos esses arquivos são documentos que expressam a história e a memória institucional da universidade, e a sua preservação, além de resguardar tais informações, ainda possibilita que pesquisadores das mais diversas áreas possam usufruir e explorar desses materiais na realização de pesquisas futuras.

5.2 O DEPÓSITO LEGAL NO MUNDO

Se fizermos uma breve revisão de literatura a respeito do depósito legal no mundo, vamos observar que cada país possui legislações próprias com suas respectivas singularidades. As diferenças observadas em cada país, na maioria das vezes, são relacionadas: ao depositário, ou seja, instituição responsável pela guarda do depósito; a quem recai a obrigação de depositar; ao objeto passível de depósito; ao número de exemplares, prazos e sanções punitivas para os descumpridores. A seguir, fazemos um breve relato sobre o funcionamento do depósito legal ao longo de alguns países pelo mundo.

Primeiramente, é preciso salientar que muitos países dispõem de uma lei específica para regulamentar o depósito legal, como é o caso no Brasil, França, Grécia, Indonésia, Noruega, Peru, África do Sul e Suécia. Em outros países, o depósito legal existe como parte complementar a outra lei – a Lei sobre o direito do autor – na Austrália, Estados Unidos da América e Grã-Bretanha; leis sobre a Biblioteca Nacional – no Canadá, Nigéria e Venezuela; e sob a forma de decretos, como acontece no Chile e em Cuba (LARIVIÈRE, 2000).

Até onde se sabe, o sistema de depósito legal teve origem na França em 1537, quando o rei Francisco I publica a *Ordonnance de Montpellier*. A portaria de Montpellier decretou que nenhum livro poderia ser vendido na França, antes que se fosse enviada a uma biblioteca real uma das cópias produzidas; entretanto, essa normativa não foi amplamente adotada e suas

exigências foram revogadas durante a Revolução Francesa, restituindo-se como depósito obrigatório apenas em 1793. Tendo seu pioneirismo na França,

[...] durante o século XVI, a concepção do depósito legal teve a oportunidade de se espalhar por toda a Europa. O governo de Ferdinando II, imperador do Sacro Império Romano no início do século XVI por grande parte da Guerra dos Trinta Anos, exige que, de todos os livros publicados em seu território, pelo menos uma cópia seja enviada à biblioteca de sua corte.²⁴ (STEENKIST, 2005, p. 6, tradução nossa)

Em paralelo à *Ordonnance de Montpellier*, na Bélgica, em 1594, instituiu-se o sistema belga de depósito legal. Esse sistema predominou no país até a assinatura do Convênio de Berna em 1886,²⁵ uma vez que uma das diretrizes do acordo previa que o direito do autor não estaria subordinado a nenhuma formalidade (RODRIGUES, 2017). Após sua invalidação em 1886, em 1966, após quase um século, a Bélgica reintegra o sistema de depósito legal no país.

Segundo Steenkist (2005), em 1610, na Grã-Bretanha, através de um acordo entre o diplomata Thomas Bodley e a Stationer's Company, ficou firmado que a Stationer's Company passaria a enviar gratuitamente à Biblioteca de Oxford um exemplar de todos os livros produzidos por seus membros. A partir daí, verifica-se também a implementação de leis sobre o depósito legal na Suécia (1661), Dinamarca (1697) e Finlândia (1702) (STEENKIST, 2005). Desde sua origem, o depósito legal foi entendido como “a coleta, conservação e organização da produção documental do país. Em outras palavras, a proteção do conteúdo para a posteridade da humanidade, tomando como ponto fundamental a consideração de que todo trabalho publicado é parte integrante do patrimônio cultural” (CADAVID, 2013, p. 119, tradução nossa).²⁶

Na América Latina, a responsabilidade para a guarda do depósito legal é, na maioria das vezes, exclusiva das bibliotecas nacionais. Não esgotaremos aqui as particularidades de cada país no tratamento dessa temática, mas destacaremos alguns a título de exemplificação. Na Argentina, o depósito legal é amparado pela Lei nº 11.723, que dispõe sobre o regime legal da propriedade intelectual. A referida lei indica em seu bojo que o depósito legal nesse país pode

²⁴ “[...] durante el siglo XVI, la concepción del depósito legal tuvo la oportunidad de expandirse por Europa. El gobierno de Ferdinando II, emperador del Sacro Imperio Romano Germano a principios del siglo XVI durante gran parte de la Guerra de los Treinta Años, exige que de cada libro publicado en su territorio, se envíe al menos una copia a la biblioteca de su corte”.

²⁵ Os países que assinaram esse convênio constituíram uma união para a proteção dos direitos dos autores sobre suas obras literárias e artísticas. O Tratado de Berna, assinado em 9 de setembro de 1886, passou por oito revisões, tendo sido a última publicada em 1979.

²⁶ “[...] la recaudación, conservación y organización de la producción documental del país. Es decir, la protección de los contenidos para la posteridad de la humanidad, teniendo como punto fundamental la consideración de que toda obra publicada es parte integrante del patrimonio cultural”.

ser destinado a três instituições: a Biblioteca Nacional, a Biblioteca del Honorable Congreso de la Nación e a Dirección Nacional de Direito Autoral (STEENKIST, 2005).

Em 1968, na Bolívia, estabeleceu-se que, para além da Biblioteca Nacional, o Repositório Nacional passou a ser também incumbido pela tarefa de reunir e guardar toda a produção bibliográfica do país. Sendo assim, essas duas instituições desempenham um papel fundamental para garantir o acesso à informação, encarregadas pela aquisição, organização e conservação do patrimônio bibliográfico da Bolívia (STEENKIST, 2005). No Equador, por sua vez, a responsabilidade pela gestão do depósito legal recai sob a Dirección Nacional de Direito do Autor, que orienta que todo editor envie três exemplares de todas as obras publicadas no país para duas bibliotecas equatorianas – a Biblioteca Aurelio Espinoza Pólit e a Biblioteca Nacional Eugenio Espejo.

Com base nessa descrição sumária sobre o depósito legal em alguns países do mundo, podemos perceber que não existe um modelo padrão para a legislação do depósito legal, mas sim orientações que conduzem para a formação de normas próprias que não se caracterizam necessariamente de forma estática em todas as instituições e países, cabendo a cada um desses avaliar e adaptar as diretrizes conforme seus interesses. Na subseção a seguir, destacaremos como a política de depósito legal tem acontecido no Brasil, ressaltando o seu histórico, legislações vigentes e desafios em seu cumprimento.

5.2.1 O depósito legal no Brasil

Durante o período em que o Brasil foi colônia de Portugal,²⁷ foram proibidas a produção e a circulação de impressos pelo país. Todos os livros que chegavam à colônia eram contrabandeados ou importados da Europa, além disso, as pessoas que tinham acesso à leitura nessa época formavam uma seleta parcela da sociedade: o clero, homens, em geral, brancos e ricos a serviço da Coroa portuguesa ou detentores de grande posse de terra (SANTOS; REIS, 2018). Somente no período monárquico (1808-1889), após a transferência da Corte para o Rio de Janeiro, como já observado em seções anteriores desta dissertação, é que se começou a caminhar rumo a uma política de liberação e publicação de impressos, acompanhada de um incentivo à criação de bibliotecas, quando surgiu, por exemplo, a Real Biblioteca e a Imprensa Régia.

²⁷ Brasil Colônia é o período da história do Brasil que vai desde o seu descobrimento em 1500 até a vinda da família real em 1808. A efetivação do sistema colonial, entretanto, se dá, oficialmente, em 1530, quando o governo português envia ao Brasil a primeira expedição colonizadora chefiada por Martim Afonso de Souza.

Os primeiros indícios de uma noção de depósito legal no Brasil são evidenciados nesse início do século XIX. Nesse período, as tipografias portuguesas eram obrigadas a enviar exemplares de suas publicações para a Real Biblioteca portuguesa, que havia sido fundada por D. João em 1810. Esse envio correspondia às chamadas “propinas” que foram sendo aperfeiçoadas e que, atualmente, conhecemos como depósito legal.

Nos dias atuais, o depósito legal é entendido como uma exigência regida por lei para se efetivar o repositório de um ou mais exemplares de toda a produção nacional, a fim de preservar e divulgar ao público em geral esse patrimônio memorial. Nesse sentido, o depósito legal está atrelado a interesses sociais e políticos, uma vez que preza pela aquisição, registro, preservação e disponibilidade da produção bibliográfica de um país. Acredita-se que esse depósito, uma vez organizado e com atualização regular, seja capaz de formar uma memória nacional que muito tem a dizer sobre a política e a história cultural de seu país (LARIVIÈRE, 2000).

Após a independência do Brasil em 1822, essa obrigação foi transferida para a Imprensa Régia. A Imprensa Régia, criada em 13 de maio de 1808 por D. João, como já ressaltado anteriormente, desempenhou um papel importante na circulação de notícias na cidade do Rio de Janeiro na época. Nela, foi editado o primeiro jornal da colônia *A Gazeta do Rio de Janeiro*. O jornal trazia informações de dicas culinárias para os migrantes, descrições sobre as maravilhas da colônia, sobre a vida da família real e dos príncipes europeus, além de atualizações sobre as guerras que aconteciam na Europa. É válido mencionar que “quando se examina a produção da Imprensa Régia (de 1808 a 1822) não se pode deixar de ficar admirado com a qualidade dos livros e folhetos que publicou. Dos mil e tantos que saíram da nossa primeira tipografia, a grande maioria é de qualidade superior. Alguns livros são até obras-primas tipográficas” (MORAES, 2005). A Imprensa Régia com suas publicações, sem dúvidas, representou um importante marco na história do impresso no Brasil. No que diz respeito ao depósito legal,

A 12 de novembro de 1822, José Bonifácio determinava, em nome do Imperador, que a Tipografia Nacional remetesse para a Biblioteca Imperial e Pública da Corte – atual Biblioteca Nacional – ‘Um exemplar de todas as obras, folhas periódicas, e volantes, que se imprimirem na mesma Typografia, e de quaisquer reimpressões, que alli se fizerem, na ocasião em que se publicarem, ou se expozerem à venda’. (ALVES; MENEGAZ, 1987, p. 38).

Esse primeiro ato de obrigação de depósito de obras, enquanto Brasil independente, foi precedido de outros acordos que dispunham sobre o mesmo segmento: antes da transferência da Biblioteca Real para o Brasil, D. Maria publicou um ato em 8 de junho de 1798 que impôs

à Imprensa Régia o depósito de toda sua produção; além desse, o Alvará de 12 de setembro de 1805, assinado por D. João, estende essa obrigação a todas as oficinas tipográficas nacionais (ALVES; MENEGAZ, 1987).

Ao que podemos observar, a evolução das normas de depósitos legais no Brasil parece que esteve sempre atrelada ao momento político em que o país vivia: a transição do Regime Monárquico para o Republicano, o Estado novo, a alternância entre a Democracia e a Ditadura Militar e, por fim, o período mais recente, a partir da publicação da Constituição Federal de 1988.

Ainda no segundo Império, o Decreto nº 433, de 3 de julho de 1847, obrigou os impressores da Corte e das províncias a remeterem à Biblioteca Pública Nacional e à Biblioteca da Capital, respectivamente, um exemplar de todos os impressos que saíssem das suas tipografias. Esse decreto, porém, somente foi regulamentado em 1853, através do Decreto nº 1.283, que previa a punição dos seus descumpridores com as penas de prisão de seis dias e podendo chegar até dois meses.

Durante a República, o primeiro dispositivo legal que versa sobre o assunto aqui debatido é o Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907. Esse decreto foi sancionado pelo presidente da República Afonso Augusto Moreira Penna e dispõe sobre a remessa de obras à Biblioteca Nacional. Nele, ficou disposto que os administradores de oficinas tipográficas, litográficas e fotográficas, situadas no Distrito Federal e nos estados, eram obrigados a enviar à Biblioteca Nacional um exemplar de cada obra publicada. O decreto contemplava não somente livros, revistas e jornais, mas também obras musicais, mapas, plantas e planos geográficos.

As novas reimpressões, novos ensaios ou variantes da obra de qualquer tipo eram consideradas como obras diferentes e, portanto, necessário novo envio. Quanto ao prazo para o envio da obra, ficou decretado que as oficinas localizadas no Distrito Federal deveriam encaminhá-la no dia da sua publicação, enquanto as oficinas nos demais estados teriam o prazo de até cinco dias após a publicação para despachar para o seu destino. Os objetos enviados à Biblioteca Nacional, em observância a essa lei, transitariam pelos Correios com isenção de taxa de postagem. O artigo 2º do decreto dispunha sobre as sanções para os descumpridores:

Art. 2º Na capo de inobservancia das disposições do artigo precedente; incorrerão os administradores das o officinas na pena de multa de 50\$000 a 100\$000, ficando os editores das obras não remettidas obrigados, logo que termine o prazo do art. 1º, § 5º, a effectuar a remessa em um segundo prazo, igual ao primeiro, sob pena de apprehensão do exemplar ou exemplares devidos. (BRASIL, 1907)

O decreto não deixa claro, entretanto, de que forma o cumprimento dessas medidas seria fiscalizado, afirmando apenas que a Biblioteca Nacional seria a responsável por emitir um boletim bibliográfico com a finalidade de registrar as aquisições efetuadas a partir do dispositivo legal em questão.

Essa incompletude na lei talvez explique em parte os problemas enfrentados pelo depósito legal no Brasil. Desde muito cedo, essa tentativa de recolher, preservar e disponibilizar a memória nacional enfrenta diversas questões em sua execução, entre essas: algumas editoras e autores independentes não cumprem a legislação, seja por não entenderem a importância da questão, seja pela falta de conhecimento da existência da mesma – a falta de publicidade do dispositivo legal é apontada, por diversos estudos, como um dos principais indicadores de inadimplência – e, assim, as obras não chegam até a Biblioteca Nacional.

O Decreto nº 1.825 apresenta como único depositário para as obras a Biblioteca Nacional. Essa centralização do depósito foi por muitos justificada pela necessidade de ratificar o perfil da Biblioteca Nacional no país – o de concentrar e preservar a memória considerada também nacional. O decreto desfavorecia, porém, muitas outras instituições estaduais e federais que não entravam na lista de potenciais depositários. E, assim, “o prejuízo que esse decreto ocasionou aos núcleos estaduais de documentação só foi parcialmente corrigido, no que concerne aos periódicos, pela Lei da Imprensa, de 1967.” (ALVES; MENEGAZ, 1987, p. 38).

Nesse sentido, outras legislações beneficiando outros órgãos começaram a ser publicadas. O Decreto-lei nº 824 foi publicado em 5 de setembro de 1969 e dispõe sobre o envio de obras impressas ao Instituto Nacional do Livro (INL).²⁸ Ficou decretado que as editoras e gráficas brasileiras eram obrigadas, no prazo de até dez dias do lançamento, a enviar ao INL um exemplar de cada obra que editarem. As editoras que não cumprissem o prazo estariam propensas a pagar o valor equivalente a cinco vezes o valor da obra não depositada, como forma de multa. Essas remessas de envio seriam fiscalizadas pelo diretor do INL, a quem também competia comunicar ao procurador regional da Justiça Federal a infração. Dessa forma, o Brasil passou a ter duas normas e duas agências beneficiadas pelo depósito legal: a Biblioteca Nacional e o INL – até a extinção deste último.

²⁸ O INL foi um órgão do governo brasileiro criado por Getúlio Vargas através do Decreto-lei nº 93, de 21 de dezembro de 1937. O objetivo do instituto consistia, entre outro, em desenvolver formas para ampliar a produção de livros e o desenvolvimento de novas bibliotecas. O INL desenvolveu um papel importante na divulgação de acervos de livros raros, por meio da publicação do *Guia das bibliotecas brasileiras*. Entretanto, sofreu diversas críticas em relação ao seu propósito e, em 1990, no governo Collor, foi extinto.

Em 14 de julho de 1982, o ministro de Estado da Educação e Cultura, através da Portaria nº 263, estabeleceu o depósito obrigatório de publicações no Centro de Informações Bibliográficas do Ministério da Educação e Cultura (Cibec). O Cibec era vinculado à coordenadoria do Sistema de Informações Bibliográficas em Educação, Cultura e Desporto (SIBE) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Nessa portaria, os órgãos que compunham a administração direta e indireta ficavam obrigados a enviar dois exemplares de cada publicação produzida. O depósito do que dispõe essa portaria não desobriga, porém, as IES e Escolas Técnicas Federais do depósito legal junto à Biblioteca Nacional e ao INL, estabelecido pelo Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907, e Decreto-lei nº 824, de 5 de setembro de 1969, respectivamente.

As publicações recebidas pelo Cibec, através do depósito obrigatório determinado pela portaria nº 263, passavam a fazer parte da Bibliografia Brasileira de Educação, editada periodicamente pelo INEP. Essa portaria não deixa claro, entretanto, de que forma seriam realizados os trâmites para a fiscalização de seu integral cumprimento, os prazos para o envio das obras e as possíveis multas para aqueles que as descumprissem.

Após a publicação do Decreto nº 1.825, muitas outras reformulações e atualizações de suas diretrizes foram propostas, entretanto, não ganharam muita atenção e visibilidade. Entre as exceções, está o Projeto de Lei do Senado nº 110 – Projeto de Lei da Câmara nº 3.803, de 1989 –, proposto pelo senador Jarbas Passarinho. O projeto propunha a regulamentação do depósito legal de publicações, com o objetivo de assegurar o registro e a guarda da produção intelectual em território nacional. Essa proposta consolidaria, anos mais tarde, a lei que regulamenta o depósito legal no Brasil atualmente: a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Como salienta Rodrigues (2017), a Lei nº 10.994/2004 estabelece algumas atualizações relevantes em relação ao Decreto nº 1.825, entre as quais pode-se destacar: em relação às multas estabelecidas e demais penalidades; as definições de termos importantes mencionados na lei; os tipos de objetos a serem depositados; acerca do transporte e quantidade de exemplares a serem enviados; bem como o objetivo e os prazos para a realização do depósito.

A revisão da multa em caso de descumprimento do depósito que antes possuía valores fixos de 50 a 100 mil réis, agora, com a nova lei, passa a ser de um valor correspondente a até 100 vezes o valor da obra no mercado. A Lei nº 10.994/2004 traz também a atualização da penalidade de apreensão de obras, em que determina que cabe à Biblioteca Nacional estabelecer a quantidade a ser apreendida com a finalidade de complementação de coleções.

Os termos “divulgação” ou “distribuição”, “editor”, “impressor” e “depósito legal” são bem definidos pela lei, evitando, assim, ambiguidades de interpretações. Dentre essas

definições, destacamos aqui o conceito taxado pela lei para o depósito legal “a exigência estabelecida em lei para depositar, em instituições específicas, um ou mais exemplares, de todas as publicações, produzidas por qualquer meio ou processo, para distribuição gratuita ou venda” (BRASIL, 2004).

No Decreto nº 1.825, diferentemente da nova lei, todos os objetos suscetíveis ao depósito eram nomeadamente listados um a um: livros, revistas, jornais, obras musicais, mapas etc. Como observamos na definição acima, a Lei nº 10.994/2004 traz como objeto possível de depósito publicações em qualquer suporte físico, acabando com o problema no caso de surgimento de novas publicações em suportes não conhecidos e com a dúvida da obrigatoriedade ou não em ser depositadas.

No que diz respeito às obras musicais, vale ressaltar a promulgação da Lei nº 12.192, de 14 de janeiro de 2010. Essa lei regulamenta o depósito legal de obras musicais na Biblioteca Nacional, objetivando registrar, guardar e divulgar a produção musical brasileira, bem como a preservação da memória fonográfica do país. Para os efeitos dessa lei, “consideram-se obras musicais: partituras, fonogramas e videogramas musicais, produzidos por qualquer meio ou processo, para distribuição gratuita ou venda.” (BRASIL, 2010).

Outra atualização do Decreto nº 1.825 em comparação à Lei nº 10.994/2004 diz respeito ao sistema de transporte das publicações depositadas. O primeiro previa a gratuidade da postagem pelos Correios das obras destinadas ao depósito legal, a última, por sua vez, designa que as despesas são de responsabilidade exclusiva dos depositantes. Os altos custos com as despesas de transporte podem ser um empecilho para a realização dessa obrigatoriedade legal, entretanto, essa análise carece de levantamentos mais precisos para afirmação, pois não existem evidências de que, quando isenta a taxa de transportação, os depósitos foram realizados em números mais significativos.

O número de exemplares e o prazo para o envio também foram retificados. Enquanto o decreto falava em um exemplar, a lei informa que deverão ser encaminhados para o depósito um ou mais exemplares das obras produzidas, “devendo ser efetivado até 30 (trinta) dias após a publicação da obra”, com o objetivo de “assegurar o registro e a guarda da produção intelectual nacional, além de possibilitar o controle, a elaboração e a divulgação da bibliografia brasileira corrente, bem como a defesa e a preservação da língua e cultura nacionais” (BRASIL, 2004).

Atenta à Lei nº 10.994/2004, a Edufba realiza periodicamente o envio de dois exemplares de cada livro publicado à Biblioteca Nacional. Não foi objetivo desta pesquisa verificar a regularidade desse depósito da Edufba a nível nacional, já que o nosso intuito foi o

de compor o acervo no âmbito da universidade, cumprindo também a obrigação do depósito legal local de que dispõe a Portaria nº 332/2002, mas, ainda assim, em meio às nossas buscas em arquivos da editora, encontramos documentos que comprovam o encaminhamento de livros à Biblioteca Nacional desde o ano de 2011.

Entretanto, no contexto geral, a captação do depósito legal no Brasil enfrenta algumas dificuldades, sobretudo no que diz respeito à extensão territorial do país e o efetivo controle das obras depositadas. As regiões Norte e Nordeste, por exemplo, enfrentam a situação desfavorável dos altos custos de fretes para envio de livros para o eixo Rio-São Paulo; aliadas a essa questão, a pouca divulgação, a falta de uma política de conscientização sobre a importância do cumprimento dessa legislação e a ausência de mecanismos de controle e cobrança mais efetivos por parte da Biblioteca Nacional fragilizam o desempenho da Lei nº 10.994/2004.

Sobre essa perspectiva, Alves e Menegaz (1987) já alertavam para a importância de não reduzirmos o cumprimento do depósito legal a uma simples obrigação em atendimento à lei. Para além de penalidades como multas e valores a pagar, há a urgência de despertar nos potenciais depositantes a consciência cívica no que diz respeito à necessidade de constituir e manter um acervo da memória bibliográfica nacional que servirá tanto às gerações presentes quanto as que estão por vir. Assim, tendo em vista “[...] o princípio de que a informação é base essencial para o progresso social e o desenvolvimento da civilização, urge que se fortaleça e se atualize o acervo da Biblioteca Nacional, porque, só assim, ele poderá servir de alicerce para a constituição de um Banco de Dados da Produção Bibliográfica Nacional” (ALVES; MENEGAZ, 1987, p. 43).

5.3 AS OBRAS PUBLICADAS PELA EDUFBA E A MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Para o bom funcionamento de uma instituição, a memória é um elemento fundamental. É a partir da memória que as instituições se solidificam e reproduzem-se ao longo do tempo, é no seio da sociedade, através das suas práticas diárias, que as instituições retêm as informações que lhe interessam para sua organização e funcionamento. Como toda memória, a memória institucional é constituída por um processo seletivo, que desenvolve suas regras, sua conduta e a sua identidade, que varia de instituição para instituição (COSTA, 1997). Por estar completamente inserida e a serviço da sociedade, que é um corpo heterogêneo e multifacetado, a memória institucional é um fenômeno maleável, em permanente construção ao longo do tempo.

Ao falarmos em memória institucional, é preciso que se tenha em mente que somos sempre marcados pelo lugar que ocupamos, do qual falamos e nos afirmamos. Quando o espaço é a universidade, a memória institucional dessa universidade é também a nossa memória, a memória do corpo discente, docente, técnico e da comunidade externa que está em seu entorno e a compõem. É o reflexo de uma trajetória, de uma história. Oliveira (2008) ressalta que a esse respeito, a universidade, por um lado, cria mecanismos de controle para afirmar a sua identidade, a partir de um rigoroso padrão de conduta que os seus membros devem seguir e, por outro, ao eleger tais mecanismos tidos como ideais, exclui da memória dessa instituição e de seus integrantes as experiências incompatíveis com a imagem que deseja possuir e demonstrar de si mesma. Ao que parece, conforme relatado também por Costa (1997), as instituições parecem estar cada vez mais preocupadas com a imagem que transmitem perante a sociedade e, por essa razão, têm investido esforços em promover a divulgação dos seus feitos e realizações, que são também suas memórias.

A memória institucional, tal como aqui estamos tentando definir, remete a experiências, conquistas, acontecimentos, vicissitudes e desafios que se incluem e excluem no social (COSTA, 1997). As instituições, no nosso caso, a universidade, a nossa UFBA, sempre será resultado daquilo que agenciamos coletivamente. Para além da elaboração de atas, ofícios, memorandos, relatórios, regimentos e portarias, a memória institucional da UFBA está também nas invenções do corpo social que a integra, na produção acadêmica dos estudantes, nas pesquisas desenvolvidas pelos docentes, nos artifícios e tendências em que essa instituição se apoia e se estabelece.

Quando nos referimos à memória institucional, é comum associarmos tal memória apenas aos documentos que são produzidos ao longo de sua gestão administrativa, no curso do labor diário das atividades burocráticas. Contra a limitação dessa corrente de pensamento, neste estudo, assumimos um posicionamento que expande esse entendimento, propondo que as obras editadas e coeditadas pela Edufba representam a memória dessa editora e da universidade a que se vincula. Enquanto documentos textuais, esses livros são concebidos como materialidades discursivas, não somente sob o aspecto do que significam, mas também sob a ótica do que podem significar, se consideradas todas as particularidades sociais, históricas e culturais nas quais estiveram envolvidos durante a sua escrita. Tal qual Oliveira (2008, p. 49), entendemos que

Toda palavra é carregada de um conteúdo e de um sentido ideológico, liga-se diretamente às experiências de vida de indivíduos ou grupos e todo discurso tem a finalidade de expressar e produzir sentidos e, mais do que somente expressar um 'puro pensamento', configura-se como consequência de relações

ideológicas. Por isso deve-se perceber, em toda pesquisa histórica, quem são os sujeitos envolvidos e o contexto no qual se inscrevem as formações discursivas.

Nessa perspectiva, entendemos que todo discurso e escrita se estruturam a partir de um contexto. No caso da produção na universidade, o contexto de escrita de um livro certamente deve considerar os seus atores, os sujeitos implicados na ação, os valores e normas da instituição que o publica, as políticas públicas e sociais a que esta se vincula. Por essa razão, uma obra não deve ser encarada apenas como um elemento pronto e acabado, desconsiderando todo o seu processo de produção e o contexto em que isso se deu. Nesse sentido, os livros publicados pela Edufba falam não somente sobre a temática estrita que abordam, mas também, na maioria das vezes, contam a história de um grupo de pesquisa da universidade, relatam as experiências de participação em eventos culturais e acadêmicos dos quais a universidade fez parte, abordam particularidades dos cursos de graduação que a instituição oferece, divulgam a produção realizada dentro dos programas de pós-graduação de que dispõe, comemoram e festejam aniversários de personalidades e projetos da instituição. E, por isso, documentam memórias. São obras únicas, feitas uma a uma, com individualidade e história próprias.

Concordando com Cataldo e Loureiro (2019), entendemos que os livros, uma vez impressos, configuram-se materialidades que vão além da informação registrada, tais livros são fontes documentais com possibilidades múltiplas e são capazes de representar trajetórias, indivíduos, memórias, espaços e lugares. Tendo isso em vista, os livros publicados pela Edufba podem fornecer indícios para que possamos compreender melhor lacunas do passado sobre a história dessa editora e da universidade, além de nos fazer atentar para a necessidade de cultivarmos a memória no presente, que se encontra em permanente construção e reconstrução. Por essa razão, justificamos o nosso desejo de compormos o acervo da Edufba no Lugares de Memória, de modo que essa produção esteja resguardada e disponível ao acesso da comunidade em geral.

Acreditamos que, de fato, como todo documento, os livros guardam em si uma série de ambiguidades, significados não explicitados, quando não omissos, já que a escrita, enquanto atividade seletiva, não registra tudo. Mas, embora os livros não sejam espelhos fiéis da realidade, estes podem ser sim representativos e valiosos para a memória e a história de uma instituição. A seguir, a título de exemplificação, de como uma memória editorial, a partir de suas obras, pode ser também uma memória institucional em potencial, trazemos para reflexão cinco obras publicadas pela Edufba ao longo de sua produção.

Para começarmos, evocamos o livro *UFBA: do século XIX ao século XX* (2010), de organização de Lídia Toutain e Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva, no qual são descritos os 200 anos da Faculdade da Bahia e a constituição da Universidade Federal da Bahia. Nas suas 622 páginas, com riqueza de detalhes, depoimentos, registros e reflexões, a obra é exemplo de como a escrita pode significar memória ao documentar a UFBA de ontem, de hoje e a que está por se construir. Ao longo do livro, ressalta-se a memória histórica e institucional da UFBA, dando ênfase a cada uma das unidades que a compõem. Sem dúvidas, uma obra de grande valor que deve ser conservada e transmitida à posteridade.

O segundo livro que trazemos à baila é o *Reitores da UFBA, de Edgard Santos a Naomar de Almeida Filho* (2011), organizado por Lídia Toutain, Marilene Abreu e Aida Varela. Nessa obra, os autores buscam destacar um pouco da história dos reitores que estiveram à frente da UFBA ao longo de sua história. Com esse objetivo, o livro apresenta os dados biográficos dos professores e as suas principais contribuições para o desenvolvimento da universidade, pautados em documentos, depoimentos e entrevistas exclusivas para a escrita da obra. O livro se constitui, portanto, como uma importante fonte documental, ao reunir e descrever as mudanças pelas quais a UFBA passou ao longo do tempo até se tornar a instituição que conhecemos hoje, referência no ensino superior público brasileiro. A obra é memória do início ao fim.

O terceiro livro, *Apontamentos para a História da Faculdade de Arquitetura* (2019), de autoria de Fernando Luz da Fonseca, traz em suas páginas a história dos 25 primeiros anos da Faculdade de Arquitetura da UFBA. O autor destaca a dificuldade em escrever a história de uma instituição, sobretudo quando se lida com a falta de documentação escrita que relate fatos ocorridos, bem como com a ausência de depoimentos capazes de encadear eventos e formar uma narrativa. Fruto de muitas pesquisas, a obra é um convite para se conhecer a história da recente Faculdade de Arquitetura da UFBA, composta de conjunturas e gerações diversas de estudantes, professores, pesquisadores e escritores, ressaltando as conquistas, os desencontros e desafios por quais passou a instituição. Esse livro, uma vez escrito, eterniza a história dessa faculdade, que é também parte da história da UFBA, e agora disponível para a leitura de gerações presentes e vindouras.

Escritos para o porvir: PET Letras (UFBA) (2020), organizado por Arivaldo Sacramento de Souza, é o quarto livro que trazemos para a nossa exemplificação. Com título bastante sugestivo, a obra apresenta aos seus leitores as atividades de pesquisa, ensino e extensão desempenhadas pelos estudantes de Letras da UFBA no Programa de Educação Tutorial (PET). Comemorando os 25 anos do PET-Letras UFBA, o livro traz memórias e relatos

de experiência dos bolsistas, voluntários e tutores do programa, que desenvolveram atividades e reflexões valiosas acerca da linguagem no Instituto de Letras da UFBA. Como o próprio nome sugere, a obra é um escrito para o porvir, para as gerações futuras, para o tempo que está por acontecer. O livro é memória ao passo que também é história de um grupo de pesquisa, de um instituto de ensino e de sua universidade.

Seguindo a nossa análise descritiva das obras, o último livro que convocamos é o *Feira agroecológica: um diálogo entre saberes* (2021), organizado por Josanidia Santana Lima. A obra conta a história do projeto da Feira Agroecológica da UFBA, sua estrutura e funcionamento. O livro relata a feira com um espaço de comercialização solidária de produtos agroecológicos oriundos da agricultura familiar em funcionamento desde o ano de 2015. A atividade é resultado da Ação Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS), “Comercializando a Produção Agroecológica”, ministrada pela professora Josanidia, no Instituto de Biologia da UFBA. Por abordar um projeto desenvolvido dentro da universidade, a quem está diretamente vinculado, a partir de um componente curricular de um dos seus cursos, o livro pode ser considerado também fonte de memória e história para a própria universidade, uma vez que descreve e promove uma atividade desenvolvida em seu contorno, além de ser fonte de informação para aqueles que se interessarem pelo tema.

Poderíamos continuar esta descrição e trazer a este texto outras dezenas de obras que foram publicadas pela Edufba e que trazem em seu bojo a história de um grupo de pesquisa, de um programa de pós-graduação, de uma unidade de ensino, de um projeto desenvolvido no âmbito da universidade, ou ainda outras centenas de livros que narram o desenvolvimento e os resultados de pesquisas individuais que são também produtos da instituição, mas é necessário pausarmos para iniciarmos outras discussões. Nesta seção, esperamos ter ratificado a nossa tese de que os livros, enquanto suportes documentais, carregam memórias que guardam em si muitas vivências e histórias. No contexto em que analisamos, as obras editadas pela Edufba contam, a partir das suas narrativas, a sua própria história, a história da universidade e das pessoas que por ali viveram ou passaram. São, sobretudo, obras eloquentes em memória e necessitam de um olhar cuidadoso com vistas à sua guarda, conservação e divulgação.

6 PERFIL EDITORIAL DA EDUFBA: SOBRE O QUE DIZEM ESTES LIVROS?

Como um subcampo da editoração, a prática editorial na universidade, conforme sinaliza Brufem (2001), é resultante de relações contextuais e culturais das quais advêm a delimitação de um campo próprio de produção, com critérios, normas e valores que vão se desenhando em torno de uma área simbólica e característica que é a edição de livros dentro da universidade. Se atenta às necessidades da comunidade acadêmica, uma editora universitária é um componente basilar para que a universidade cumpra com maestria o seu objetivo de ser pesquisa, ensino e extensão, levando a sua produção científica para além dos muros que a cercam. As editoras universitárias são instrumentos de estímulo à pesquisa e à sua propagação, que tornam disponíveis ao público uma série de textos de enorme valor cultural e simbólico, que muitas vezes uma editora comercial não se disporia a produzir.

Por ser elo entre a universidade e a comunidade externa, cabe à editora universitária não somente a publicação de textos de interesse acadêmico, mas também o que demanda a sociedade, desde obras com apurado conhecimento científico, com notável conhecimento técnico, a textos populares; de literatura a didáticos ou livros infantis, é importante que a editora tenha traçada a sua política editorial, pois “um projeto cultural universitário voltado para a divulgação e a difusão dos conhecimentos, para os acontecimentos sociais e as transformações decorrentes das contradições entre forças em oposição é um projeto político que envolve necessariamente a sociedade.” (BUFREM, 2001, p. 130).

Uma editora universitária nasce e se institucionaliza como uma atividade-fim da universidade (BUFREM; GARCIA, 2014). Ao pensarmos por essa perspectiva, estamos defendendo que há um estreito vínculo entre a editora e a instituição universitária, a esta caberia a produção do conhecimento científico; àquela competiria o compromisso de trazer a público toda essa produção, ao mesmo tempo em que também poderia expandir o leque de suas publicações, difundindo à comunidade aspectos exteriores à universidade, mas que a enriquece e são necessários para o cumprimento de sua função social. Isso significa dizer que não interessa à editora universitária a restrição do alcance apenas ao público interno acadêmico; mas ao contrário, é uma de suas funções a dinamização da cultura, a disseminação do saber de forma abrangente a um público que extrapola a comunidade universitária. Resultado dessas propensões é o catálogo de assuntos cada vez mais variados dessas casas editoriais (BUFREM; GARCIA, 2014).

Por essa razão, a ideia de uma “política editorial” bem traçada vem sendo pautada há um tempo como uma necessidade para o bom desempenho de uma editora (ROSINHA, 1989;

BUFREM, 2001, 2009, 2014). Essa “política editorial” constitui-se em um termo genérico que pode dar margem a muitas interpretações, mas aqui entenderemos como um instrumento responsável pela elaboração de princípios, normas, objetivos que orientem os procedimentos de publicação de uma editora, que envolve desde a preocupação com o que editar até todo o processo gráfico-editorial por qual passa um original a ser editado.

Nesse sentido, Rosinha (1989) enumera alguns componentes sobre os quais é necessário atentar quando o objetivo é delimitar uma política editorial clara, entre estes, o autor destaca a observação para os seguintes tópicos: o que publicar; para quem publicar; como publicar; quando publicar; quanto publicar; e onde publicar. Dessa forma, a definição de uma política editorial consolidada e explícita, que demarque as prioridades e objetivos de uma instituição, é essencial para que se mantenha a coerência em função da sua finalidade enquanto projeto cultural e político.

Bufrem (2009) chama a atenção para um aspecto importante das editoras universitárias: estas são projetos culturais, idealizados em meio a circunstâncias pensadas e propostas por um corpo social ao qual está intrinsecamente envolvido; e, levando em consideração que toda atividade cultural é em sua essência também política, “um projeto editorial universitário [...] é um projeto fundamentalmente crítico e propositivo. Esse entendimento se revela na observação da prática política” (BUFREM, 2009, p. 26), que envolve necessariamente a sociedade.

Não perdendo de vista essa característica cultural e política de uma editora universitária, os componentes de uma política editorial citados por Rosinha (1989) se tornam ainda mais complexos. Quando se questiona, por exemplo, sobre “o que publicar”, geralmente o que se deseja saber é qual a abrangência temática daquela editora, quais as áreas do conhecimento que são priorizadas em seu catálogo em detrimento de outras, se existe um planejamento acerca das publicações – se são temáticas de âmbito local, regional, ou se sofrem influências culturais específicas. Estabelece-se, portanto, um campo de atuação de suas atividades, uma linha de publicação, um perfil da editora, que aperfeiçoa sua prática editorial.

Diante desse cenário, outra questão ganha espaço nessa discussão: a quem compete fixar essa política? Bufrem (2009) nos lembra que a resposta para essa pergunta pode ser construída historicamente tal qual a própria ideia de uma política editorial. A autora menciona desde o período correspondente às décadas de 1960 e 1970, marcado por regimes autocráticos e repressores, em que os reitores das universidades tomavam para si a responsabilidade da definição das políticas editoriais, até as filosofias mais democráticas com a formação dos conselhos e comissões editoriais.

Um plano editorial necessita ser fixado por integrantes altamente capacitados, que carregarão a responsabilidade de escolher com sensatez, seriedade e adequação aos princípios e objetivos da instituição, os originais para publicação. Cabe a essa comissão, ao proceder com tal seleção, observar entre outros aspectos o nível de carência que uma determinada área do conhecimento possui acerca de tal bibliografia, qual seria a contribuição de tal publicação e ainda o seu mérito técnico-científico que justifique tal feito. Em consonância com o que coloca Bufrem (2001, p. 136), acreditamos que

[...] quando se trata de selecionar originais encaminhados à editora, no caso de uma editora universitária, o que se pretende é estabelecer um filtro de qualidade, tecido de critérios rígidos e coerentes, baseados numa política comprometida com a universidade e independente dos critérios mercadológicos predominantes na iniciativa privada.

Em função disso, a linha de raciocínio que temos pretendido construir neste texto é a que defende e entende a importância da existência dos conselhos editoriais, na medida em que estes proponham, definam e coordenem a política editorial da instituição, selecionando o material a ser editado com parâmetros cuidadosos que contribuam para a melhor qualidade dos textos, e que auxiliem no difícil dilema “[...] da escolha entre o que editar e o que preterir” (BUFREM, 2001, p. 138). A presença dos conselhos editoriais já é uma prática consolidada entre as editoras universitárias, estas, cada uma a seu modo, e com seus métodos de seleção, traçam o seu perfil editorial, seja a partir da preferência por linhas de publicação mais tradicionais, seja pela qualidade dos escritos, o certo é que há uma variedade de produção, uma vez que “[...] não existe um só saber, mas saberes a serem difundidos, assim como não existe um só leitor, mas leitores de todas as idades, de todos os níveis de conhecimento e dos mais variados graus de informação.” (BUFREM, 2001, p. 140).

No contexto da Edufba, como destacado na terceira seção desta dissertação, quando discutimos a trajetória da editoração na UFBA, o Conselho Editorial da universidade foi instituído no final da década de 1970. De lá para cá, passou por algumas reestruturações, sobretudo na sua composição, que atualmente comporta professores de notório reconhecimento nas suas respectivas áreas de pesquisa. De acordo com o Regimento do Sistema Universitário Editorial da UFBA, aprovado em 2014, no seu artigo 9º:

Art. 9º - Compete ao Conselho Editorial:

a) propor a política editorial a ser executada através do Sistema Universitário Editorial;

- b) aprovar a publicação de originais encaminhados à Editora da UFBA e as obras a serem coeditadas por ela, valendo-se de pareceres técnicos, sempre que considerar necessário;
- c) apreciar proposta de editais no âmbito da UFBA que envolva edição e publicação;
- d) apreciar proposta de coleções. (UFBA, 2014a).

O Conselho Editorial da Edufba tem sido um órgão essencial para o andamento das atividades editoriais dessa instituição. Composto por uma presidente e oito professores, esse conselho tem poder consultivo e deliberativo, e atua com autonomia na decisão de publicação de uma determinada obra, pré-analisando os originais que chegam até a editora, que podem receber o aceite, a recusa ou a recomendação de adaptações e melhorias para edição, de acordo com a análise dos pareceristas. Para garantia da imparcialidade e seriedade crítica na concessão dos pareceres, os originais são encaminhados aos pareceristas sem identificação autoral. Recebidos os pareceres, estes são utilizados como apoio para a decisão do Conselho Editorial.

Aliada a essas decisões do Conselho Editorial, vão se construindo políticas editoriais, que traçam a estrutura e o funcionamento da Edufba, que delimitam as características de produção e configuram as linhas editoriais de publicação dessa editora. Nesse processo de seleção, a Edufba não deixa de, naturalmente, priorizar linhas, assuntos e temas em detrimento de outros, seja pela qualidade dos textos, seja pela própria natureza dos originais que em maior número chegam até a editora.

Nesse contexto de construção coletiva, projetos editoriais específicos e para períodos determinados definem-se a partir dessas linhas, relacionando-se ao que se pretende produzir e orientando a atuação editorial que inclui prioridades e escolhas, de modo a avaliar o possível e o provável, com vistas ao preferível. São projetos políticos enquanto podem contribuir ou não para um grupo ou uma sociedade. (BUFREM, 2009, p. 30).

A Edufba é um projeto cultural e político, uma vez que está atrelada aos interesses da sua comunidade acadêmica: comprometida com a publicação de textos de apoio didático para os alunos em sala de aula, muitos desses disponíveis em acesso aberto no RI da universidade logo após a publicação; empenhada na valorização do trabalho de professores e pesquisadores, transformando dissertações e teses, frutos de pesquisas realizadas com seriedade, em livros; fomentando, portanto, a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão e, por essa razão, também a serviço da sociedade e de suas demandas, ultrapassando a bolha do academicismo e atingindo um público mais amplo.

Com as suas publicações, a Edufba, enquanto editora universitária, recebe originais de um amplo leque de assuntos – literatura especializada, obras que retratam aspectos locais e

regionais, cultura negra, capoeira, racismo, educação – que, ao serem publicados, muito podem contribuir para o desenvolvimento das mais variadas áreas do conhecimento. Desejosos de observarmos como a UFBA se apresenta para a comunidade a partir das publicações de sua editora, esta seção pretende mapear o perfil de publicação da Edufba através da sua produção correspondente ao período de 2015 a 2020, de modo a entendermos seus posicionamentos e inclinações no que diz respeito à preferência de linhas editoriais.

Antes de adentrarmos na análise do perfil editorial da Edufba a partir das grandes áreas do conhecimento, convém fazermos algumas breves considerações acerca da sua política editorial. Atualmente, a Edufba tem priorizado a publicação de trabalhos decorrentes de teses, dissertações e materiais didáticos, com o intuito de auxiliar os cursos de graduação e os programas de pós-graduação, levando à comunidade livros monográficos, coletâneas relacionadas à linha de produção dos programas de pós-graduação, bem como livros autorais resultantes de pesquisas realizadas no âmbito da instituição (UFBA, 2014a). Além disso, está atenta às demandas da comunidade acadêmica e dos programas de pós-graduação, aberta a novas propostas de publicação e criação de coleções.

É importante ressaltarmos o perfil de receita da Edufba, que afeta diretamente a sua produção em número e também no que diz respeito às suas linhas editoriais, já que alguns programas de pós-graduação tendem a destinar mais recursos para fins de publicação de livros que outros, sem contar os autores que aportam recurso próprio. Conforme relatado no documento *Edufba: resumo executivo das atividades 2010-2013* (UFBA, 2014b), o recurso que sustenta a editora provém de naturezas diversas, uma vez que a Edufba não está integrada à UFBA como uma unidade orçamentária, embora diretamente ligada à administração central da universidade como um Sistema Editorial Universitário. A fonte de receita mais expressiva é a da própria Edufba, captada através da comercialização de seus livros nas livrarias dos *campi* da universidade, da participação em eventos, da venda para distribuidores de todo o país e, mais recentemente, através da inserção no mercado *e-commerce*. O recurso adquirido por esses canais é administrado pela Fapex, gestora financeira do projeto. Outra parte do apoio financeiro advém do Programa de Apoio à Pós-Graduação (Proap), por meio da Propg e da Propci e de outros editais que admitem a publicação de livros, como os editais da Fapesb, lançados entre 2008 e 2012, que impactaram positivamente a produção editorial na Bahia, em geral, e mais especificamente, na UFBA (UFBA, 2014b).

No ano de 2017, a Edufba, através do Programa de Edição de Livros, divulgou o Edital Judith Grossmann de publicação. Uma homenagem à professora Judith Grossmann, que atuou no Instituto de Letras da UFBA até 1990, onde introduziu disciplinas como Teoria da Literatura

nos cursos de Letras, e muito contribuiu com sua vasta produção crítico-literária. O edital previa a publicação de obras originais e inéditas em quatro categorias: livro impresso, livro eletrônico, livro com temáticas sobre a UFBA e livro infantojuvenil. Estavam elegíveis à participação nesse edital autores ou organizadores que possuíssem vínculo ativo com a UFBA – discentes, docentes, técnicos-administrativos –, ou egressos dessa universidade há no máximo cinco anos.

No ano seguinte, em 2018, a Edufba, também por meio do Programa de Edição de Livros, anunciou mais um edital: o Edital Suzana Alice Cardoso. Professora emérita da UFBA, dona de uma carreira acadêmica memorável, com estudos de destaque na área de Letras, variação linguística e dialetologia, Suzana Alice Cardoso é a homenageada desse edital. Dessa vez, o documento contemplava publicações em três categorias – livro impresso, livro eletrônico e livro para a Coleção Dramaturgia –, que poderiam ser editadas nas séries que fazem parte da linha editorial da Edufba ou como publicações independentes autorais ou em forma de coletânea. Como critérios de avaliação e seleção dos originais, foram observadas a importância e inovação do tema, a qualidade das informações apresentadas, a fundamentação teórica e a coerência com os aspectos textuais da língua portuguesa. Nesse edital, estimou-se a seleção e publicação de 30 originais, com recursos financiados integralmente pela UFBA e pela Edufba.

Apoiada nessas iniciativas, a Edufba tem conseguido manter a sua atividade editorial ativa, firme em seu compromisso em propagar o conhecimento produzido na universidade, dando espaço de publicação a novos autores e também a autores já consagrados, que lastreiam o diversificado catálogo da editora com temas de interesse regional, sobretudo sobre a história e a cultura baiana, mas também com assuntos de ampla discussão no contexto nacional e internacional. Muitas das suas obras integram coleções, que são desenvolvidas a partir de projetos dos programas de pós-graduação ou pensadas e aprovadas por deliberação do Conselho Editorial. No Quadro 10, a seguir, listamos algumas das coleções²⁹ concebidas pela Edufba e sua respectiva caracterização, com a finalidade de iniciarmos a nossa análise acerca das particularidades de sua linha editorial.

²⁹ Na literatura, há uma distinção marcada entre os conceitos de “coleção” e “série”. A coleção, conforme a Norma Brasileira (NBR) 6029/2002, é o “conjunto limitado de itens, de um ou diversos autores reunidos sob um título comum, podendo cada item ter título próprio” (ABNT, 2002). Enquanto a série, segundo a NBR 10525/2005, é a “publicação, em qualquer suporte, editada em partes sucessivas, com conteúdo corrente, designação numérica e/ou cronológica e destinada a ser continuada indefinidamente” (ABNT, 2005). Como se pode observar, a diferença resulta no fato da coletânea possuir um conjunto limitado de livros que a forme, ao passo que a série carrega a ideia de sequenciação numérica ilimitada de publicações. Entretanto, na prática, essa distinção não é levada à risca, as editoras tendem a mesclar os conceitos, sendo mais usualmente considerado o conceito de coleção para ambas as situações. Esse é o caso da Edufba, que não faz essa diferenciação sistemática e, por essa razão, neste trabalho, consideraremos o termo “coleção” como abrangente das duas ideias, independentemente se representa um conjunto numericamente definido ou indefinido de publicações.

Quadro 10 – Coleções Edufba

| Nome da coleção | Descrição |
|---|--|
| Coleção Bahianas | Apresenta estudos teóricos que possibilitam uma análise crítica da condição feminina, das relações de gênero e do feminismo enquanto movimento social, assim como documentos que contribuam para o resgate da memória feminina e estudos que abordem a inserção da mulher nas manifestações culturais. |
| Coleção Educadoras Baianas | Destinada a publicações nas áreas de Pedagogia, Magistério Superior e outros cursos formadores de professores, além de pessoas interessadas na História da Educação. A intenção desta coleção é reunir e disponibilizar material sobre as principais educadoras baianas, que merecem ser lembradas e homenageadas. |
| Coleção PPGAU | Contempla a publicação de livros que são resultado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da UFBA, que realiza atividades de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvidas simultaneamente, de forma integral e vinculadas também à graduação. |
| Coleção Cult | Iniciativa do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura da UFBA. A coleção publica livros que trazem reflexões acerca da cultura, a partir de um ponto de vista multidisciplinar, ampliando o intercâmbio entre os estudiosos da cultura e contribuindo para consolidar esta área multidisciplinar de estudos. |
| Coleção Manuais | Reúne publicações que oferecem aos leitores orientações pertinentes acerca de assuntos específicos, trazendo conceitos e informações importantes que contribuem para o conhecimento teórico e a aplicação prática. |
| Coleção Dramaturgia Latino-Americana | Apresenta textos de teatro inéditos no Brasil, pelo menos em português, de peças latino-americanas contemporâneas em edição bilingue, português e espanhol. |

| | |
|--|---|
| Coleção Nordestina | Resultado de um esforço conjunto das editoras universitárias do Nordeste brasileiro, destina-se a publicações que abordam temas que se relacionam a esta região, sejam eles de caráter histórico ou contemporâneo, contribuindo para o resgate de sua memória e sua importância no contexto atual. |
| Coleção Sala de Aula | A coleção é composta por livros das mais diferentes áreas do conhecimento, de Saúde à Produção Cultural, desde que possuam caráter didático, destinados ao uso em sala de aula. |
| Coleção Pesquisa em Artes | Direcionada à publicação de textos que problematizam aspectos diversos dos fazeres artísticos e suas complexas relações com a sociedade, a contemporaneidade e o conhecimento. |
| Coleção Bahia de Todos | A coleção surgiu pela ausência de uma referência editorial que englobe publicações sobre cultura, política, economia, história e artes do universo baiano. Tem por objetivo estimular o conhecimento através de um olhar multidisciplinar, com rigor científico, através de publicações inovadoras e inéditas e resgates de obras já esgotadas. |
| Coleção Drogas: Clínica e Cultura | Desenvolvida em parceria com o Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (Cetad), tem como escopo, temáticas voltadas para a atenção aos usuários de substâncias psicoativas, a prevenção e redução de riscos e danos, difundindo o conhecimento sobre as múltiplas dimensões do consumo desses aditivos. |
| Coleção Temas Afro | A coleção tem por objetivo a publicação de textos oriundos de pesquisa nas áreas de História, Antropologia, Sociologia, Literatura, Educação, Música, Artes, Dança e Cinema, que abordem temáticas afro-brasileiras, africanas e afro-caribenhas. |
| Coleção Ciências Sociais | Resulta de uma parceria com o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, e destina-se a publicar as dissertações e teses selecionadas pela qualidade e abrangência, e publicadas em formato de livro. |

| | |
|--|---|
| <p align="center">Coleção Endipe</p> | <p>Composta até o momento por três livros, esta coleção centraliza suas discussões nas problemáticas voltadas à área da Educação, mais especificamente, sobre as confluências da didática, os saberes estruturantes da docência e a formação de professores.</p> |
| <p align="center">Coleção 60 anos Faufba</p> | <p>Esta coleção nasceu da ideia de festejar os 60 anos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA (Faufba). Professores membros dessa faculdade e vinculados ao seu programa de pós-graduação buscaram resgatar todos os trabalhos de teses e dissertações realizados até então que tratassem da história da própria escola, ou seja, que tiveram a própria escola como objeto de estudo. Nesse sentido, três estudos foram selecionados para rememorar os feitos da Faufba e se transformaram em livros que compõem esta coleção.</p> |
| <p align="center">Coleção Cibercultura</p> | <p>Esta coleção é fruto da parceria entre a Edufba e o Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço (Lab404) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA (Póscom). Composta por nove livros, a coleção discute questões voltadas aos jogos digitais, análise de redes sociais, ciberpolítica, plataformas digitais, entre outras.</p> |
| <p align="center">Coleção UFBA 70 anos</p> | <p>Idealizada com o intuito de festejar os 70 anos da UFBA, completados em 2016, esta coleção é integrada por quatro obras, que abordam a história da universidade desde os seus primórdios. Tais livros são na verdade uma nova edição revista e atualizada de obras que já haviam sido publicadas anteriormente, mas que não mais eram encontradas com facilidade no mercado por aqueles que se interessassem.</p> |
| <p align="center">Coleção Desenho, Cultura e Interatividade</p> | <p>Esta coleção é produto de uma coedição da Edufba com a UEFS Editora. Os livros são resultados de pesquisas desenvolvidas no Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade da UEFS, e abordam questões relativas à arte, mais especificamente, à</p> |

| | |
|------------------------------------|--|
| | imagem, ao desenho e aos traços como representação físico-empírica da realidade. |
| Coleção Cultura e Sociedade | Uma iniciativa do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA, esta coleção, baseada no princípio da interdisciplinaridade, busca abordar os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos da contemporaneidade. |
| Coleção É Futebol | Lançada em 2014, os livros que compõem esta coletânea têm por objetivo abordar de forma inovadora a temática do futebol na Bahia e a relação do esporte com seus torcedores, jogadores e cultura. Nesse sentido, ações de grupos de torcidas, representatividade feminina e o envolvimento da sociedade soteropolitana com o esporte são assuntos contemplados pelas obras que integram a série. |
| Coleção Euclides Neto | Esta coletânea, formada por 13 livros, retrata a obra completa do escritor baiano Euclides Neto. Em diferentes gêneros, os textos das obras são apresentados em formatos de romances, relatos, crônicas, contos, dicionários, novelas, que trazem em suas linhas valores históricos e culturais da Bahia, formando um valioso arsenal literário. |
| Coleção Arquimemória | A coleção é resultado da parceria entre o Instituto de Arquitetos do Brasil, a Caixa Econômica Federal, a Faculdade de Arquitetura da UFBA e a Edufba. Os livros que constituem a Coleção Arquimemória se interessam em discutir as diferentes relações entre cidade e patrimônio no Brasil, procurando descrever como a articulação entre planejamento, urbanismo e preservação do patrimônio se estabelece na sociedade. |
| Coleção Teatro Baiano | Esta coleção é composta por três livros de autoria do encenador, dramaturgo e professor aposentado da Escola de Teatro da UFBA, Deolindo Checcucci. As peças contidas nos livros abordam personagens e histórias do Nordeste brasileiro, temáticas de amor e ódio, bem como musicais infanto-juvenis. |

| | |
|---|---|
| <p align="center">Coleção E-livro</p> | <p>Com o advento das TICs, o cenário da produção editorial e da disseminação da pesquisa científica vem encontrando novas possibilidades e meios para sua execução. Atenta a essas questões, a Edufba, no ano de 2012, lançou a Coleção E-livro, com o intuito de selecionar originais para serem publicados no RI da UFBA em formato <i>Eletronic Publication</i> (e-pub). A coleção conta com 33 livros publicados sobre diversas áreas do conhecimento, disponíveis em acesso aberto, de alcance universal, contribuindo para o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural da produção editorial na UFBA. Desde a sua implantação, a página da Coleção E-livro no RI da UFBA já recebeu mais de 9.740 visualizações de acessos realizados de todas as regiões do Brasil.</p> |
| <p align="center">Coleção Corpo, Convívio e Linguagem</p> | <p>A coleção aborda os desafios da arte-educação no Brasil através de cinco escritos de autoria de Rô Reyes. Os livros refletem acerca da arte-educação em escolas públicas e privadas, e se fundamentam na práxis pedagógica da Escola Casa Via Magia, uma prática que assume uma atitude investigativa dos processos, impasses e avanços que envolvem a prática educativa.</p> |
| <p align="center">Coleção Luís Vianna Filho</p> | <p>Escritos pelo professor e historiador Luís Vianna Filho, três livros biográficos compõem esta coleção. A vida e obra de importantes personalidades, como Eça de Queiroz, José de Alencar e o Barão do Rio Branco ganham destaque nas obras dessa coleção primorosa.</p> |
| <p align="center">Coleção Arquitetura Moderna na Bahia (1947-1951)</p> | <p>Formada por cinco volumes, de autoria do professor e arquiteto Nivaldo Vieira de Andrade Junior, esta coleção aborda os diferentes aspectos da Arquitetura Moderna na Bahia. Resultado do seu estudo doutoral, o autor busca, entre outras questões, compreender qual o lugar da Bahia na história da arquitetura e, conseqüentemente, resgata a memória e o reconhecimento da significativa produção baiana.</p> |
| <p align="center">Coleção Nebulosas do Pensamento Urbanístico</p> | <p>Voltada para as discussões na área da Arquitetura, a coleção é resultado de um trabalho coletivo de professoras da Faufba,</p> |

| | |
|------------------------------|--|
| | apresentada até o momento em três tomos. É objetivo desses escritos contribuir para a literatura dos estudos de planejamento urbanístico, apresentando uma vertente teórica e metodológica sobre os diferentes modos de fazer e pensar a história do urbanismo e as formas de narrá-la. |
| Coleção Respire Fundo | Primeira coleção infantil da Edufba, a Coleção Respire Fundo, publicada em 2021, a partir das histórias de Lelê, Vavá, Sisi, Tetê e Memê, que representam, respectivamente, a alegria, a raiva, a ansiedade, a tristeza e o medo, tem por objetivo orientar as crianças no gerenciamento das emoções, do autoconhecimento, no desenvolvimento de habilidades, identificação dos próprios limites e muito mais. |

Fonte: elaborado pelo autor com base em UFBA (2014b).

A partir dessa descrição sumária a respeito das coleções publicadas pela Edufba, é perceptível que essa editora tem atuado na edição de livros, ancorada na multiplicidade de temáticas, tal qual é a produção de conhecimento na universidade: diversa, heterogênea e democrática. Nas seções que se seguem, pretendemos apresentar de forma sistemática as linhas editoriais da Edufba delimitadas com base nas grandes áreas do conhecimento.

6.1 PUBLICAÇÕES DA EDUFBA SOB A ÓTICA DAS GRANDES ÁREAS

Nesta seção, o nosso objetivo é observar como vem se delineando o perfil editorial da Edufba com relação às grandes áreas do conhecimento. Sobre o que dizem estes livros? O que a UFBA tem produzido? Como essa universidade tem se apresentado através de sua editora? As respostas para essas perguntas são diversas, e este trabalho de mestrado, pelas suas limitações de tempo e espaço, não daria conta de respondê-las com a riqueza de detalhes merecida; entretanto, nos arriscamos a discorrer sobre o assunto, ainda que cientes da limitação metodológica desta pesquisa para análises mais acuradas e da aparente demanda de estudos que deem seguimento a estas reflexões aqui propostas.

Para a realização das nossas observações, escolhemos as obras publicadas no período de 2015 a 2020 como nosso *corpus* de análise. O nosso intuito foi observar, a partir da classificação bibliográfica realizada pela Edufba e disponibilizada no seu *site* para cada obra

publicada, qual tem sido a tendência de publicação dessa editora levando em consideração as grandes áreas do conhecimento. Nos Apêndice A e B, que construímos para nos auxiliar na análise dos dados, constam, em coluna própria, a área a qual se vincula o respectivo livro.

A UFBA estrutura os seus cursos a partir de sete grandes áreas, a saber: 1) Área I – Ciências Físicas, Matemática e Tecnologias; 2) Área II – Ciências Biológicas e profissões de Saúde; 3) Área III – Filosofia e Ciências Humanas; 4) Área IV – Letras; 5) Área V – Artes; Área VI – Bacharelado Interdisciplinar (BI); e Área VII – Curso Superior em Tecnologia (CST). O Quadro 11, a seguir, apresenta a distribuição dos cursos de graduação nas grandes áreas propostas por essa instituição.

Quadro 11 – Distribuição dos cursos da UFBA em grandes áreas do conhecimento

| Grandes áreas | Cursos |
|--|--|
| <p>Área I – Ciências Físicas, Matemática e Tecnologias</p> | <p>Arquitetura e Urbanismo – Noturno; Arquitetura e Urbanismo; Ciência da Computação; Engenharia Civil; Engenharia da Computação; Engenharia de Agrimensura e Cartográfica; Engenharia de Controle e Automação; Engenharia de Minas; Engenharia de Produção; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia Sanitária e Ambiental; Estatística; Física (Lic) – Noturno; Física (Lic. E Bach.); Geofísica; Geografia (Lic. E Bach.); Geologia; Geologia; Licenciatura em Computação – Noturno; Matemática (Lic. E Bach.); Matemática (Lic.) – Noturno; Oceanografia; Química (Lic. Bach. E Química Industrial); Química (Lic. E Bach.); Química (Lic.); Sistema de informação – Bacharelado.</p> |
| | <p>Biotecnologia; Ciências Biológicas (Bach.); Ciências Biológicas (Lic. E Bach.) – Barreiras;</p> |

| | |
|--|---|
| <p>Área II – Ciências Biológicas e profissões de Saúde</p> | <p>Ciências Biológicas (Lic. E Bach.); Ciências Biológicas (Lic.) – Noturno; Enfermagem – Vitória da Conquista; Enfermagem; Farmácia – Noturno; Farmácia – Vitória da Conquista; Farmácia; Fisioterapia; Fonoaudiologia; Gastronomia; Licenciatura em Ciências Naturais; Medicina Veterinária; Medicina; Nutrição – Vitória da Conquista; Nutrição; Odontologia; Saúde Coletiva; Zootecnia.</p> |
| <p>Área III – Filosofia e Ciências Humanas</p> | <p>Administração; Arquivologia – Noturno; Arquivologia; Biblioteconomia e Documentação; Ciências Contábeis – Noturno; Ciências Contábeis; Ciências Econômicas; Ciências Sociais (Lic. E Bach.); Comunicação – Jornalismo; Comunicação – Produção em Comunicação e Cultura; Direito – Noturno; Direito; Estudos de Gênero e Diversidade (Bach.); Filosofia; História (Lic. E Bach.); História (Lic.) – Noturno; Licenciatura em Educação Física; Museologia; Pedagogia; Psicologia – Formação de Psicólogo; Secretariado Executivo; Serviço Social.</p> |
| <p>Área IV – Letras</p> | <p>Letras Vernáculas (Lic. e Bach.) diurno; Letras Vernáculas (Lic.) noturno; Letras Vernáculas com uma Língua Estrangeira moderna Lic.; Língua Estrangeira Moderna ou Clássica: Inglês e Espanhol (Lic. e Bach.); e</p> |

| | |
|---|---|
| | Alemão, Francês Italiano e Letras Clássica (Bach.); |
| Área V – Artes | Artes Cênicas – Direção Teatral; Artes Cênicas – Interpretação Teatral; Artes Plásticas; Canto; Composição e Regência; Curso Superior de Decoração; Dança; Design; Instrumento; Licenciatura em Desenho e Plástica; Licenciatura em Música; Licenciatura em Teatro; Música Popular. |
| Área VI – Bacharelado Interdisciplinar (BI) | Artes Artes – Noturno; B.I. – C.T.I; Ciência e Tecnologia – Noturno; Ciência e Tecnologia; Humanidades – Noturno; Humanidades; Saúde; Saúde – Noturno. |
| Área VII – Curso Superior em Tecnologia (CST) | Gestão Pública e Gestão Social; Tecnologia em Transporte Terrestre. |

Fonte: elaborado pelo autor.

O Quadro 11 evidencia o quão diversa é a UFBA e como os seus cursos de graduação se concentram em suas respectivas grandes áreas do conhecimento. A classificação em grandes áreas do saber tem um objetivo essencialmente didático para uma atuação prática, de modo que proporcione às instituições de ensino, pesquisa e inovação um método ágil e funcional de agrupar e sistematizar informações no que diz respeito à avaliação de projetos de pesquisas, programas de pós-graduação, recursos humanos dos órgãos gestores, entre outros.

Embora tenhamos apresentado nesse quadro como as áreas de concentração se esquematizam na UFBA, por julgarmos importante observar a organização interna da nossa universidade, para esta nossa análise, especificamente, consideraremos a estrutura proposta pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pois é o parâmetro majoritariamente considerado nos processos de avaliação de desempenho das áreas e dos programas de graduação, além de ser o padrão adotado pela Edufba na classificação de suas

obras. A organização das grandes áreas do conhecimento da Capes, conforme apresentada no Quadro 12, é estabelecida em três níveis hierárquicos, partindo do mais geral ao mais específico, abrangendo nove grandes áreas, que, por sua vez, são compostas por 49 áreas de avaliação da Capes.

Quadro 12 – Distribuição de áreas do conhecimento/avaliação Capes

| | | |
|--|-----------------------------|---|
| COLÉGIO DE CIÊNCIAS DA VIDA | CIÊNCIAS AGRÁRIAS | Ciência de Alimentos |
| | | Ciências Agrárias I |
| | | Medicina Veterinária |
| | | Zootecnia/Recursos Pesqueiros |
| | CIÊNCIAS BIOLÓGICAS | Biodiversidade |
| | | Ciências Biológicas I |
| | | Ciências Biológicas II |
| | | Ciências Biológicas III |
| | CIÊNCIAS DA SAÚDE | Educação Física |
| | | Enfermagem |
| | | Farmácia |
| | | Medicina I |
| | | Medicina II |
| Medicina III | | |
| Nutrição | | |
| Odontologia | | |
| Saúde Coletiva | | |
| COLÉGIO DE HUMANIDADES | CIÊNCIAS HUMANAS | Antropologia/Arqueologia |
| | | Ciência Política e Relações Internacionais |
| | | Ciências da Religião e teologia |
| | | Educação |
| | | Filosofia |
| | | Geografia |
| | | História |
| | | Psicologia |
| | Sociologia | |
| | CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS | Administração Pública e de empresas, Ciências Contábeis e Turismo |
| | | Arquitetura, Urbanismo e Design |
| | | Comunicação e Informação |
| | | Direito |
| | | Economia |
| | | Planeamento Urbano e Regional/Demografia |
| | | Serviço Social |
| | LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES | Artes |
| | | Linguística e Literatura |
| | CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA | Astronomia/Física |
| | | Ciência da Computação |
| Geociências | | |
| Matemática/Probabilidade e Estatística | | |
| Química | | |

| | | |
|---|------------------|---------------------|
| COLÉGIO DE CIÊNCIAS EXATAS, TECNOLÓGICAS E MULTIDISCIPLINA R | ENGENHARIAS | Engenharias I |
| | | Engenharias II |
| | | Engenharias III |
| | | Engenharias IV |
| | MULTIDISCIPLINAR | Biotecnologia |
| | | Ciências Ambientais |
| | | Ensino |
| | | Interdisciplinar |
| | | Materiais |
| | | |

Fonte: elaborado pelo autor.

Para a análise do perfil editorial da Edufba, consideraremos a coluna central do Quadro 12 – as nove grandes áreas segundo a Capes –, ou seja: Ciências Agrárias; Ciências Biológicas; Ciências da Saúde; Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; Linguística, Letras e Artes; Ciências Exatas e da Terra; Engenharias; e Multidisciplinar. Se por um lado tal classificação tornou possível a categorização dos livros publicados pela Edufba por grandes áreas do conhecimento, por outro, talvez tenha nos levado a simplificações demasiadas, sob o risco de termos considerado, numa mesma categoria, livros que apresentam interesses, linhas de discussões, paradigmas, métodos de pesquisas bem distantes entre si. Entretanto, apesar desse risco, na falta de metodologias mais adequadas, a decisão de considerarmos a classificação das grandes áreas da Capes foi mantida, levando em consideração que tal identificação já é convencional no meio acadêmico, embora com suas limitações. A Tabela 1 apresenta o resultado das análises realizadas a respeito do perfil editorial da Edufba, considerando as obras publicadas por essa editora entre os anos de 2015 e 2020.

Tabela 1 – Perfil editorial da Edufba em grandes áreas no período de 2015 a 2020

| Grande área | Nº de livros | Porcentagem (%) |
|------------------------------------|---------------------|------------------------|
| Ciências Agrárias | 3 | 0,49 % |
| Ciências Biológicas | 2 | 0,32 % |
| Ciências da Saúde | 35 | 5,7 % |
| Ciências Humanas | 298 | 49 % |
| Ciências Sociais Aplicadas | 111 | 18,1% |
| Linguística, Letras e Artes | 147 | 24 % |
| Ciências Exatas e da Terra | 7 | 1,15 % |
| Engenharias | 2 | 0,32 % |
| Multidisciplinar | 6 | 0,92 % |
| TOTAL | 611 | 100 % |

Fonte: elaborada pelo autor.

Como pode ser observado na Tabela 1, a nossa amostra de dados foi composta por 611 livros que correspondem o quantitativo de obras em formato impresso, publicado no período de 2015 a 2020. Acreditamos que os resultados obtidos, além de representar o perfil de publicação da Edufba, refletem ainda as especificidades, as tradições, os processos sociais e culturais que são mecanismos que, de algum modo, parecem nortear as preferências de canais de publicação de cada área do conhecimento.

Velho (1997), em seus estudos, alertou para o fato de que alguns tipos de publicações predominam sobre outras, conforme o tipo de disciplina. Nessa perspectiva, tem se observado que, nas Ciências Exatas e Naturais, os pesquisadores têm publicado os seus resultados através de artigos científicos em revistas e periódicos; enquanto nas Ciências Humanas observa-se uma tendência para uma maior publicação de livros. Segundo Velho (1997, p. 21), tais orientações e inclinações de publicação se dão em boa medida pelo fato de que

[...] a) as ciências exatas e naturais, por seus próprios esquemas conceituais, requerem um tipo de comunicação bastante dinâmico e conciso, através do qual os autores podem estar em estreita comunicação e podem, assim, constatar e avaliar seus próprios avanços no campo científico; b) a linguagem própria dessas ciências permite a elaboração de textos cifrados, e por isso mais breves, nos quais a linguagem natural não cifrada não só intervém escassamente, como pode nem ser usada em certas ocasiões.

Essas características, por sua vez, não são observadas nas Ciências Humanas, que tendem a tecer considerações sobre o seu objeto de estudo de forma mais extensa e, a partir daí, materializar a sua produção científica, na maior parte das vezes, no suporte livro (VELHO, 1997). Essa autora ressalta ainda que tais diferenças de publicação não se limitam apenas ao canal de publicação, se publicação de livros ou artigos em periódicos, mas também no que diz respeito ao idioma e ao local de publicação: enquanto os pesquisadores das Ciências Exatas e Naturais publicam com mais frequência em veículos e locais estrangeiros; os cientistas das Ciências Humanas valorizam mais as publicações no seu próprio idioma e dentro do seu próprio país, muito disso em razão do seu próprio objeto de estudo, “[...] preocupados com a explicação de fenômenos geralmente decorrentes da realidade nacional, mesmo quando fazendo pesquisa de natureza básica, os cientistas enfocam temas de interesse nacional, [...] da realidade da vida diária” (VELHO, 1997, p. 23) e talvez por essa razão a produção das Ciências Humanas alcança também um público mais amplo que a comunidade acadêmica.

Se assumirmos esta tese como verdadeira – a de que diferentes áreas do conhecimento dão preferência a diferentes canais para a divulgação dos seus resultados –, isso talvez nos ajude

a compreender o perfil editorial que a Edufba tem delineado nos seus últimos cinco anos de produção. Ao observarmos a Tabela 1, constatamos que 49% dos livros publicados pela Edufba pertencem à área das Ciências Humanas, seguidos de 24% da área de Letras, Linguística e Artes, e de 18,1% das Ciências Sociais Aplicadas, que são as áreas preponderantemente mais publicadas por essa editora.

Mueller (2005), em levantamento realizado sobre a produção por área do conhecimento de pesquisadores em estágio pós-doutoral, também verificou que os pesquisadores das Ciências Exatas, Biológicas e da Saúde tendem a utilizar com mais frequência periódicos estrangeiros para a publicação de seus dados, recorrendo muito pouco ao canal livro. O movimento, entretanto, é inverso, quando observada a divulgação dos profissionais das Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes, áreas que parecem apresentar em sua produção escrita uma linguagem que favorece predominantemente a utilização do canal livro, dada muitas vezes a extensão dos seus textos. Nas Engenharias, por sua vez, “[...] os engenheiros relatam os seus resultados de pesquisa na forma de patentes, de relatórios de pesquisa e do que se convencionou chamar de literatura técnica” (VELHO, 1997, p. 26-27), tendo uma publicação em livros pouco expressiva, o que também é confirmado através dos nossos dados que apontam apenas duas obras dessa área publicadas pela Edufba no período analisado.

Como destacado no início desta seção, o rumo de uma política editorial é muitas vezes decidido a partir do diálogo entre conselhos editoriais e comissões, em que se pode discutir abrangências temáticas, áreas do conhecimento, escassez de literatura, mas sem perder de vista as relações recíprocas com o local e o regional, dado o compromisso de uma editora universitária com a sociedade. Em estudo realizado por Bufrem (2011) sobre a produção editorial de 41 editoras universitárias, a autora observou que há uma predominância categórica dessa produção em sete grandes linhas, de forma decrescente: Ciências Humanas; Ciências Exatas e Tecnológicas; Ciências da Saúde e Biológicas; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Agrárias e da Terra; assuntos locais ou regionais; e Literatura. Bufrem (2011, p. 136-137) salienta, entretanto, que “esse predomínio não decorre necessariamente de prioridades estabelecidas como política pelos conselhos editoriais, mas da literatura produzida nas próprias instituições, ou ainda da demanda por obras dessa grande área para os cursos que com ela se identificam”.

Nesse sentido, embora neste trabalho não tenhamos criado uma categoria exclusiva para os “assuntos locais”, cabe ressaltar a expressiva produção da Edufba sobre os aspectos regionais, aqui quantificados na área de Ciências Humanas. Bufrem (2011, p. 137) observou

que as editoras universitárias, com muita frequência, costumam relacionar a sua produção “ao contexto histórico e geográfico peculiar” de onde estão situadas e ao estreito vínculo com a comunidade e suas demandas e, por essa razão, publicam temas nesse âmbito.

Transpondo essa leitura para o caso da Edufba, editora situada na cidade de Salvador, apontada como a capital com população mais negra do país, apelidada de “Roma Negra” e “Meca da negritude”, presume-se que essa casa editorial se dedique também à publicação de obras que acolham esse tema e a outros correlatos. A Edufba, nessa linha, cumprindo com o seu projeto político-cultural, atenta às demandas e necessidades do seu público de leitores e autores, apresenta produção numerosa em temáticas voltadas à história da Bahia, à cultura negra, à capoeira, ao racismo, às religiões de matriz africana, publicando autores que hoje são referências nacionais para os interessados nessas discussões. A título de exemplificação, livros como: *História da Bahia* (2020), de Luís Henrique Dias Tavares; *Lutas pela memória em África* (2020), organizado por Cláudio Alves Furtado e Lívio Sansone; *A casa do velho: o significado da matéria no candomblé* (2019), de Denis Alex Barboza de Matos; *A discriminação do negro no livro didático* (2019), de Ana Célia da Silva; *Corujebó: candomblé e polícia de costumes (1938-1976)* (2018), organizado por Wilson Caetano de Sousa Júnior; *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor* (2018), de Lia Vainer Schucman; *Capoeira Angola, cultura popular e o jogo dos saberes na roda* (2017), de Pedro Abib; *Pele da cor da noite* (2017), de Vanda Machado; entre outros, compõem o vasto acervo da Edufba sobre os temas da cultura local.

Ainda dentro das Ciências Humanas, destacamos a relevante produção da Edufba acerca das discussões sobre gênero e sexualidade. A universidade, sobretudo a universidade pública, deve ser o espaço da diversidade e do acolhimento, e o ambiente profícuo para discussões sobre políticas de inclusão de minorias, como a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais (LGBTQIA+). Entre as obras da Edufba que tematizam essas questões, destacamos: *Gênero e língua(gem): formas e usos* (2020), organizado por Danniell Carvalho e Dorothy Brito; *A construção da igualdade* (2018), de Edward Macrae; *Babado acadêmico no Recôncavo Baiano: universidade, gênero e sexualidade* (2017), organizado por Ana Cristina Nascimento Givigi e Priscila Gomes Dornelles; entre tantos outros.

Como já observado, significativa é a produção da Edufba na área das Ciências Humanas. Ainda a respeito dessa grande área do conhecimento, relevantes e numerosos são os escritos advindos da Educação, que tematizam os diversos seguimentos dessa ciência – Educação de Jovens e Adultos (EJA), didática, currículo, avaliação, gestão escolar etc. – e se materializam,

boa parte, em coletâneas que contribuem para o delineamento de um perfil editorial da Edufba com forte inclinação a essa área. São alguns exemplos os títulos: *App-learning: experiências de pesquisa e formação* (2016), organizado por Edvaldo Couto, Cristiane Porto e Edméa Santos; *(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação* (2015), organização de Elizeu Clementino de Souza; e *Educação, (multi)letramentos e tecnologias: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura* (2019), organizado por Obdália Ferraz.

Nas Ciências Sociais Aplicadas, ganham destaque, sobretudo, as publicações sobre a área de Arquitetura e Urbanismo. A Edufba, nos últimos cinco anos de publicação, desenvolveu importantes obras sobre urbanismo, arquitetura e planejamento urbano, tornando-se uma referência para publicações nesse âmbito, o que se evidencia pelo alto interesse de autores e pesquisadores, inclusive de outras universidades, em publicar seus livros com o selo Edufba. Entre as primorosas obras dessa área publicadas por essa editora, mencionamos: a *Coleção Nebulosas do Pensamento Urbanístico* (2021), composta por três tomos, organizada por Paola Berenstein Jacques, Margareth da Silva Pereira e Josianne Francia Cerasoli; e a *Coleção Arquitetura Moderna na Bahia (1947-1951)* (2020), composta por cinco volumes, de autoria de Nivaldo Vieira de Andrade Junior.

6.1.2 Letras e Linguística: um olhar especial

A grande área Letras e Linguística ganha neste trabalho uma atenção especial, o que não significa, entretanto, uma supremacia em relação às demais áreas, mas sim pelo fato de ser a linha de pesquisa a qual este trabalho se vincula diretamente. Nesta subseção, apresentaremos como tem se configurado e se apresentado à comunidade os trabalhos realizados no Instituto de Letras da UFBA através das obras publicadas pela Edufba no período de 2015 a 2020.

O curso de Letras da UFBA é considerado o curso mais antigo do estado da Bahia. Em 1946, quando a UFBA foi criada por meio do Decreto nº 9.155, Letras integrava a Faculdade de Filosofia da Bahia, na qual funcionava, desde o início da década de 1940, os cursos de Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Anglo-Germânicas. Com a Reforma do Ensino Superior, desenvolvida durante o período da ditadura militar, houve uma reestruturação das universidades públicas brasileiras, o que desencadeou o surgimento de outras unidades acadêmicas autônomas, numa configuração estrutural mais próxima a que conhecemos hoje da UFBA. A partir desses desdobramentos, em 1968, através do Decreto nº 62.241, foi fundado o Instituto de Letras da UFBA como unidade própria. Seguindo o pioneirismo no estado, o instituto

implantou a sua pós-graduação, com os cursos de mestrado e doutorado, em 1976 e 1995, respectivamente.

Atualmente, na graduação, o Instituto de Letras da UFBA oferece habilitações, em licenciatura e bacharelado, em três segmentos formativos principais: o curso de Letras Vernáculas; o curso de Língua Estrangeira Moderna ou Clássica; e o curso de Letras Vernáculas e Língua Estrangeira Moderna ou Português como Língua Estrangeira. Na pós-graduação, por sua vez, atuam três programas: o Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC); Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult) e o Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

Do mesmo modo que defendemos que os livros publicados pela Edufba contam muito da história dessa editora, sustentamos a ideia de que os livros oriundos de pesquisadores e professores do Instituto de Letras da UFBA, resultantes das suas pesquisas a nível de graduação e pós-graduação, apresentam uma narrativa capaz de representar a sua criação, o seu desenvolvimento, as suas preferências em termos das grandes áreas e linhas de conhecimento e, portanto, são fonte de memória importante para a nossa e para próxima geração de formadores e pesquisadores das Letras. Nesse sentido, o Quadro 13 apresenta em linhas de pesquisa como tem se delineado a produção de Letras da UFBA a partir das obras publicadas pela Edufba.

Quadro 13 – A publicação em Letras na UFBA entre os anos de 2015 e 2020

| Linha de pesquisa | Nº de obras |
|--------------------------|--------------------|
| Literatura | 37 |
| Literatura Portuguesa | 5 |
| Literatura Latina | 4 |
| Literatura Italiana | 2 |
| Linguística | 25 |
| Biografias | 9 |
| TOTAL | 82 |

Fonte: elaborado pelo autor.

Quantificando um total de 82 livros publicados no período de 2015 a 2020, a área de Letras demonstra produção ativa e potente entre os títulos publicados na Edufba. Observando os dados apresentados no Quadro 13, notamos que há um aproximado equilíbrio entre as duas principais linhas e programas de pós-graduação existentes em Letras – Literatura e Linguística

–, com leve inclinação às publicações em Literatura. Os livros aqui contabilizados versam sobre os mais diferentes temas: teoria literária, literatura estrangeira e nacional, ficção, teoria linguística, funcionamento das línguas, estudos paleográficos e filológicos, entre outros. Para finalizar essa breve análise, entre outras obras que poderiam ser citadas no intento de exemplificação, mencionamos: *Latinitas: uma introdução à língua latina através dos textos* (2018), de José Amarante; *Rotas, trânsitos, migrações: ensaios de literatura e cultura* (2018), organizada por Antonia Herrera, Evelina Hoisel e Lígia Telles; *Ensaio em sintaxe diacrônica do português* (2015), de Ilza Ribeiro; e *O português escrito por afro-brasileiros no século XIX: as atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos* (2019), organizado por Charlotte Galves e Tânia Lobo.

Nesta seção, nos propomos a observar como tem se delineado o perfil editorial da Edufba, levando em consideração a sua produção nos últimos cinco anos. A partir dos dados obtidos e das reflexões aqui propostas, observamos a diversidade de temáticas e circunstâncias que contribuem para se traçar uma política de publicação, num contexto de muito diálogo entre a sociedade e o que é produzido na universidade. No caso da Edufba, como a maioria das editoras universitárias, embora não exista restrição de temáticas para a publicação, as linhas de produção mais expressivas estão ligadas às Ciências Humanas – aspectos locais e regionais –, às Ciências Sociais e Aplicadas e à área de Letras, Linguística e Artes. Esperamos que esta seção, embora caracterizada pela sua curta extensão e por análises que, por sua vez, demandam olhares mais refinados sobre o objeto para resultados mais completos, tenha cumprido com o seu objetivo-base de apresentar as tendências e inclinações da produção editorial na UFBA nos últimos anos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por vários momentos, ao longo da construção deste trabalho me perguntava como escreveria as considerações finais deste texto. O momento chegou e ainda não sei de que modo o fazer, quais palavras escolher e por onde começar. Esta sem dúvidas é uma das seções mais difíceis de se construir. Há um misto de sentimentos que alternam entre o dever cumprido, a sensação de incompletudes, a necessidade de continuar e também a de parar e fechar este ciclo para iniciar outros.

Nesta dissertação, tivemos como objetivo geral a constituição do acervo das obras publicadas pela Edufba no período de 1998 a 2020, e o seu encaminhamento aos Lugares de Memória da UFBA, situado na BURMC, um local de acesso público apropriado para o condicionamento de um acervo de tamanho valor. Até alcançarmos esse ideal, alguns percursos metodológicos foram seguidos e algumas escolhas teóricas adotadas.

Na segunda parte deste texto, procuramos fazer um levantamento contextual da história do livro na Bahia, destacando os primórdios da história do impresso na Bahia, com a vinda da família real, em 1808, e a constituição do primeiro estabelecimento tipográfico, conhecido como Imprensa Régia. Os desdobramentos desses acontecimentos são ressaltados nessa seção, sobretudo, no que diz respeito ao desenvolvimento da produção livresca na Bahia, a partir de personalidades como Manuel Antônio da Silva Silva e outros amantes e simpatizantes da arte da escrita que contribuíram para o que hoje conhecemos da produção editorial no estado. Percorrer essa história, do seu início até as décadas mais recentes, por vezes não foi tarefa fácil sobretudo pela escassez de literatura sobre o tema, e pela dispersão de veículos em que se encontram as informações, muitas vezes não mais acessíveis. Nesse sentido, foi um dos nossos intuitos reunir e sistematizar todas as referências encontradas sobre o assunto, de modo a formar um texto coeso e uniforme que poderá auxiliar outros estudos.

As editoras universitárias, essenciais para este trabalho, são abordadas em maiores detalhes no seguimento 3 deste texto, no qual procuramos demonstrar a missão e o papel institucional e social dessas casas para toda a comunidade acadêmica e além, com especial ênfase para a trajetória da editoração na UFBA.

Ao longo desta pesquisa, fomos surpreendidos pela pandemia de covid-19, que devastou o mundo inteiro com um cenário de incertezas, mortes, mas também de esperanças. Devido à paralização das atividades na universidade, estivemos o tempo inteiro impossibilitados de acessar o acervo objeto deste estudo para realização das observações necessárias e continuação do projeto. Diante desse impasse, os percursos metodológicos precisaram ser traçados, feitos e

refeitos de modo constante durante todo o processo de pesquisa para que pudéssemos agora apresentar estes resultados. Essas questões foram apresentadas em seus pormenores na quarta seção deste texto, responsável pela exposição das escolhas metodológicas deste trabalho.

A memória editorial é também uma memória que se faz pela escrita. Essa é a tese defendida na quinta parte deste texto, na qual procuramos demonstrar que a escrita é um importante mecanismo auxiliar para perpetuação da memória para a nossa e para as gerações futuras. Possuindo a escrita esse importante poder, assumimos, nessa seção, o posicionamento de que as obras escritas por tantas mãos e publicadas pela Edufba falam muito sobre a história dessa editora, de sua universidade e, por tal razão, preservá-las é zelar pela memória histórica e institucional da nossa UFBA e de todas as unidades que a integram.

Entender a forma como a UFBA tem se apresentado para a comunidade, através das obras publicadas por sua editora, foi o nosso objetivo na sexta seção desta dissertação. A partir de levantamento realizado sobre a produção da Edufba nos últimos cinco anos, observamos que diverso é o leque de temáticas de publicação dessa editora, que não apresenta restrições de temas para edição, mas que segue algumas tendências e inclinações por motivos diversos. As áreas das Ciências Humanas, das Ciências Sociais Aplicadas e de Letras, Linguística e Artes expressam os maiores quantitativos em termos de livros publicados.

Por fim, essas considerações finais revisitam um pouco de cada parte até aqui escrita e, na ânsia de que este trabalho continue gerando bons resultados, traz algumas proposições a título de sugestão:

- Atualização da Portaria nº 332/2002. Como já apresentado neste texto, tal portaria estabelece o depósito legal de toda produção técnica, científica e cultural produzida pela UFBA, bem como de todas as obras editadas e coeditadas pela Edufba. Entretanto, o texto do documento apresenta algumas brechas, como, por exemplo, a falta de determinação de um setor que fiscalize e acompanhe tais depósitos para o efetivo funcionamento de suas diretrizes. Dessa forma, acredita-se que o SIBI, por já atuar na gestão das bibliotecas UFBA e de seu acervo, poderia também fazer esse gerenciamento de controle do recebimento desse depósito legal de forma mais efetiva;
- Disponibilização dos títulos não mais encontrados no estoque da Edufba no RI da universidade. Alguns livros, infelizmente, não estavam mais disponíveis no estoque da Edufba e, por esse motivo, não foram localizados e encaminhados para o Lugares de Memória da UFBA para a composição do acervo. Tendo isso em vista, recomenda-se à Edufba que disponibilize tais obras em acesso aberto

no repositório da universidade, de modo que possamos, na falta do livro impresso, preservar essa memória no suporte virtual. Ainda nesse sentido, fica o apelo, também à Edufba, para a intensificação na disponibilização de todos os seus livros editados em acesso aberto, de maneira imediata à publicação ou no menor tempo que se fizer possível, para que possamos superar o ainda persistente problema da restrição de acesso ao conteúdo, o que também contribuirá sobremaneira para salvaguardar a memória desses escritos.

À guisa de conclusão, manifesto a minha consciência de que não existe texto perfeito ou totalmente concluso, haverá sempre algo a aprender e a acrescentar, mas o saldo é sempre positivo. Reconheço que valeu a pena o caminho desde o início percorrido até aqui, mesmo com todas as dificuldades que se apresentaram. Que este seja um trabalho que inspire muitos outros e que estes que estão porvir preencham as lacunas que, porventura, aqui ficaram por tantas razões e limitações.

À UFBA e à Edufba, casas tão amadas, sempre vida longa!

REFERÊNCIAS

- ABIB, P. **Capoeira Angola, cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Salvador: Edufba, 2017.
- ABREU, L. A. de. Formação e produção acadêmica: o papel das editoras universitárias. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 163-173, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2019.2.32339>. Acesso em: 19 dez. 2021.
- ABREU, M. Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. *In*: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (org.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 41-65.
- ABREU, S. M. R. de *et al.* **A Seção Memória da Biblioteca Central Reitor Macedo Costa e seu papel na preservação da produção técnica científica e cultural da UFBA**. [s. l.], 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/9396>. Acesso em: 16 jan. 2022.
- ALVES, M. A. M.; MENEGAZ, R. Depósito legal: esperança ou realidade? **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 15, p. 35-44, jan./jun., 1987. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/120624>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- AMARANTE, J. **Latinitas: uma introdução à língua latina através dos textos**. Salvador: Edufba, 2018.
- ANDRADE, H. S. de. **Gráficos e mutualismo: a trajetória da Associação Tipográfica Baiana (Salvador, final do século XIX e início do século XX)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/113810>. Acesso em: 28 nov. 2021.
- ANDRADE JUNIOR, N. V. **Coleção Arquitetura Moderna na Bahia (1947-1951)**. Salvador: Edufba, 2020.
- ARAÚJO, C. A. A. A ciência como forma de conhecimento. **Ciência & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 127-142, 2006. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/572/356>. Acesso em: 21 dez. 2021.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS. **Estatuto Social da Associação Brasileira das Editoras Universitárias**. Canela: ABEU, 2005.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS. **Programa Interuniversitário para a Distribuição do Livro (PIDL)**. 2010. Disponível em: https://arquivosbrasil.blob.core.windows.net/insulas/anexos/proposta_pidl_final---com-retificacao-sobre-o-secretario-executivo-269168.pdf. Acesso em: 19 dez. 2021.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6029: Informação e documentação – livros e folhetos – Apresentação**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: http://www.cct.udesc.br/arquivos/id_submenu/203/nbr_6029.pdf. Acesso em: 11 mar. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10525**: Informação e documentação – Número Padrão Internacional para Publicação Seriada (ISSN). Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: https://formacaodigital.com.br/ead/documents/nbr_10525.pdf. Acesso em: 11 mar. 2022.

BARROS, S. *et al.* Produção e comercialização do livro na sociedade da informação: o caso de Salvador. In: JAMBEIRO, O. *et al.* (org.). **Cidades contemporâneas e política de informação e comunicações**. Salvador: Edufba, 2007. p. 262-290.

BARROS, S. S.; BORGES, J.; JAMBEIRO, O. O comércio livreiro em Salvador e os desafios do mundo globalizado. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1307/Susane-Barros.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 dez. 2021.

BRASIL. Decreto nº 433, de 3 de julho de 1847. Obriga os impressores a remetter na Côrte á Bibliotheca Publica Nacional, e nas Provincias á Biblioteca da Capital, hum exemplar de todos os impressos [...]. **Coleção de Leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, 1847. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-433-3-julho-1847-560144-publicacaooriginal-82761-pl.html>. Acesso em: 18 fev. 2020.

BRASIL. Decreto nº 1.283, de 26 de novembro de 1853. Approva e manda observar as Instrucções para a execução do Decreto nº 433 de 3 de julho de 1847. **Coleção de Leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, 1853. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1283-26-novembro-1853-559241-publicacaooriginal-81343-pe.html>. Acesso em: 18 fev. 2022.

BRASIL. Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907. Dispõe sobre a remessa de obras impressas á Bibliotheca Nacional. **Coleção de Leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, 1907. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dpl/DPL1825-1907.htm. Acesso em: 24 abr. 2020.

BRASIL. Lei nº 4.759, de 20 de agosto de 1965. Dispõe sobre a denominação e qualificação das Universidades e Escolas Técnicas Federais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 ago. 1965. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14759.htm. Acesso em: 20 jul. 22.

BRASIL. Decreto-Lei nº 53, de 18 de novembro de 1966. Fixa princípios e normas de organização para as universidades federais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 nov. 1966. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-53-18-novembro-1966-373396-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 jul. 22.

BRASIL. Decreto-lei nº 62.241, de 8 de fevereiro de 1968. Reestrutura a Universidade Federal da Bahia e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 fev. 1969. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62241-8-fevereiro-1968-403521-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Reestrutura%20a%20Universidade%20Federal%20da%20Bahia%20e%20%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias>. Acesso em: 20 jul. 22.

BRASIL. Decreto-lei nº 824, de 5 de setembro de 1969. Dispõe sobre a remessa de obras impressas ao Instituto Nacional do Livro. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 set. 1969. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/De10824.htm. Acesso em: 18 fev. 2022.

BRASIL. Portaria nº 263, de 14 de julho de 1982. Estabelece depósito obrigatório de publicações no Centro de Informações Bibliográficas do MEC. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jul. 1982. Disponível em: https://download.inep.gov.br/cibec/portaria/1982/portaria_n263_14071982.pdf. Acesso em: 19 fev. 2022.

BRASIL. Projeto de Lei nº 3.803, de 1989. Dispõe sobre o depósito legal de publicações na Biblioteca Nacional, e dá outras providências. **Diário [da] República Federativa do Brasil do Congresso Nacional**, Brasília, DF, ano 64, n. 132, p. 11073-11074, 6 out. 1989. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD06OUT1989.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004**. Dispõe sobre o depósito legal de publicações, na Biblioteca Nacional, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 dez. 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10994.htm. Acesso em: 9 maio 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.192, de 14 de janeiro de 2010**. Dispõe sobre o depósito legal de obras musicais na Biblioteca Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 jan. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12192.htm. Acesso em: 11 maio 2020.

BRASIL. **Projeto de Lei do Senado nº 387 de 2011**. Dispõe sobre o processo de registro e disseminação da produção técnico-científica pelas instituições de educação superior [...]. **Diário do Senado Federal**. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=3777697&ts=1630418197441&disposition=inline>. Acesso em: 23 dez. 2021.

BRAUER, B. **De Salvador ao Rio de Janeiro: a transferência da capital da colônia em 1763**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5183/1/BBrauer.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BUFREM, L. S. Edição Universitária no Brasil. *In*: CANOSSA-MENDES, J. C.; RESTREPO, J. F. Córdoba (ed.). **Edición Universitaria en América Latina: debates, retos, experiencias**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2011. p. 132-149.

BUFREM, L. S. **Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação na prática**. São Paulo: EdUSP: Com-Arte, 2001.

BUFREM, L. S. Política editorial universitária por uma crítica à prática. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 23-36, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/35864>. Acesso em: 4 mar. 2022.

BUFREM, L. S.; GARCIA, T. M. B. A editora universitária e o compromisso da universidade com as práticas de divulgação do conhecimento produzido. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 151-164, jan./jun., 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645969009.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2022.

CADAVID, J. A. P. Introducción al depósito legal como herramienta para el patrimonio documental. **Revista la Propiedad Inmaterial**, Bogotá, n. 17, p. 113-144, 2013. Disponível em: <https://revistas.uexternado.edu.co/index.php/propin/article/view/3582>. Acesso em: 15 maio 2020.

CARVALHO, D.; BRITO, D. (org.). **Gênero e língua(gem)**: formas e usos. Salvador: Edufba, 2020.

CARVALHO, K. de. As práticas editoriais do século XIX e início do século XX e o papel da Associação Tipográfica da Bahia. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: INTERCOM, 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP4carvalho.pdf. Acesso em: 28 nov. 2021.

CANDAU, J. O jogo social da memória e da identidade (1): transmitir, receber. *In*: CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução Maria Lúcia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011. p. 105-136.

CATALDO, F.; LOUREIRO, M. L.N. M. Afinal, os objetos falam? Reflexões sobre objetos, coleções e memória. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2019. p. 1-20. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/951>. Acesso em: 20 fev. 2022.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CONCEIÇÃO, V. A. S.; CHAGAS, A. M. O pesquisador e a divulgação científica em contexto de cibercultura e inteligência artificial. **Acta Scientiarum**, Maringá, PR, v. 42, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v42i1.52879>. Acesso em: 21 dez. 2021.

CORRÊA, M. C. Memória da escrita e escrita da memória. **Fragmentum**, Santa Maria, RS, n. 2, p. 13-25, 2001.

COSTA, I. T. M. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/686>. Acesso em: 20 fev. 2022.

COUTO, E.; PORTO, C.; SANTOS, E. (org.). **App-learning**: experiências de pesquisa e formação. Salvador: Edufba, 2016.

FERRAZ, O. (org.). **Educação, (multi)letramentos e tecnologias**: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura. Salvador: Edufba, 2019.

FONSECA, F. L. da. **Apontamentos para a história da Faculdade de Arquitetura**. Salvador: Edufba, 2019.

FURTADO, C. A.; SANSONE, L. (org.). **Lutas pela memória em África**. Salvador: Edufba, 2020.

GALVES, C.; LOBO, T. **O português escrito por afro-brasileiros no século XIX**: as atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos. Salvador: Edufba, 2019.

GIVIGI, A. C. N.; DORNELLES, P. G. (org.). **Babado acadêmico no Recôncavo Baiano**: universidade, gênero e sexualidade. Salvador: Edufba, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GROBA, T. S. “**Um lugar ao sol**”: caderno da Bahia e a virada modernista baiana (1948-1951). 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11618>. Acesso em: 11 dez. 2021.

GUEDES, M. C.; PEREIRA, M. E. M. Editoras universitárias: uma contribuição à indústria ou à artesanaria cultural? **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-88392000000100009>. Acesso em: 19 dez. 2021.

GUIMARÃES, M. L. S. História, memória e patrimônio. *In*: OLIVEIRA, A. B. de. **Universidade e lugares de memória**. – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008. p. 17-42

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffeter. São Paulo: Edições Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: EdUSP, 2005.

HERRERA, A.; HOISEL, E.; TELLES, L. (org.). **Rotas, trânsitos, migrações**: ensaios de literatura e cultura. Salvador: Edufba, 2018.

HISSA, C. E. V. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013. Disponível em: <https://www.google.com.br/books/edition/Entrenotas/j92sDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Entrenotas:+compreens%C3%B5es+de+pesquisa&printsec=frontcover>. Acesso em: 13 fev. 2021.

INSTITUTO BAIANO DO LIVRO. **A aventura editorial de Pinto de Aguiar**. Salvador: Instituto Baiano do Livro, 1993.

IPANEMA, M.; IPANEMA, C. **A tipografia na Bahia**: documentos sobre suas origens e o empresário Silva Serva. 2. ed., Salvador: Edufba, 2010.

JACQUES, P. B.; PEREIRA, M. S.; CERASOLI, J. F. (org.). **Coleção Nebulosas do Pensamento Urbanístico**. Salvador: Edufba, 2021.

LARIVIÈRE, J. **Legislación sobre depósito legal**: directrices. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2000. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/national-libraries/publications/guidelines-for-legal-deposit-legislation-es.pdf>. Acesso em: 24 maio 2020.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

LIMA, J. S. **Feira agroecológica**: um diálogo entre saberes. Salvador: Edufba, 2021.

LOPES, D. F. Resgate histórico do jornalismo brasileiro – parte 1: dos primórdios até a Proclamação da República. **Memória da Imprensa**, [s. l.], p. 1-5, [200-]. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria_imprensa/pdf/colaboracao_memoria_da_imprensa.pdf. Acesso em: 23 nov. 2021.

MACHADO, V. **Pele da cor da noite**. Salvador: Edufba, 2017.

MACRAE, E. **A construção da igualdade**. Salvador: Edufba, 2018.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATOS, D. A. B. de. **A casa do velho**: o significado da matéria no candomblé. Salvador: Edufba, 2019.

MATOS, M. T. N. B. **Memória institucional e gestão universitária no Brasil**: o caso da Universidade Federal da Bahia. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10976>. Acesso em: 16 jan. 2022.

MEMÓRIA. *In*: DICIONÁRIO Caudas Aulete. [S. l.]: Lexikon Editora Digital, [200-]. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 15 jul. 2021.

MORAES, R. B. de. A Imprensa Régia no Rio de Janeiro: origens e produção. *In*: CAMARGO, A. M.; MORAES, R. B. de. **Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)**. São Paulo: EdUSP: Kosmos, 1993. p. XVII-XXXII.

MORAES, R. B. de. A decadência no Brasil da famosa “arte da imprimissão”. *In*: MORAES, R. B. de. **O bibliófilo aprendiz**. 4ª ed., Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros: Rio de Janeiro, Casa da palavra, 2005, p. 195-203.

MUELLER, S. P. M. A publicação da ciência: áreas científicas e seus canais preferenciais. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, v. 6, n. 1, fev. 2005. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/980>. Acesso em: 16 abr. 2022.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NORA, P. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1997.

OLIVEIRA, A. J. B. de. História, memória e instituições: algumas reflexões teórico-metodológicas para os trabalhos do Projeto Memória – SIBI/UFRJ. In: OLIVEIRA, A. B. de. **Universidade e lugares de memória**. – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008. p. 41-62.

OLIVERA HERNÁNDEZ, M. H. **A administração dos bens temporais do Mosteiro de São Bento da Bahia**. Salvador: Edufba, 2009.

POLLACK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/andreacosta/memoria-e-patrimonio-cultural/texto-de-michael-pollak-memoria-e-identidade-social>. Acesso em: 10 fev. 2022.

RIBEIRO, I. **Ensaio em sintaxe diacrônica do português**. Salvador: Edufba, 2015.

RIBEIRO, M. A. S.; CORREIA, T. S. “Lugares de memória” da UFBA: espaço de cultura, história e pesquisa acadêmica. In: LOSE, A. D. [et al.]. **Pesquisando acervos**. Salvador: Memória & Arte, 2020.

RIBEIRO, M. A. S.; CRUZ, J. O. da. Memórias e testemunhos documentais no contexto das coleções especiais e arquivos do Lugares de Memória da UFBA. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (org.). **A ciência da informação em movimento: memória, esquecimento e preservação digital**. Salvador: Edufba, 2021. p. 209-232.

ROCHA, F. **Progresso editora: tribuna e paixão de Pinto Aguiar**. Salvador: Edufba: EGBA, 1996.

RODRIGUES, M. C. Análise da Lei de depósito legal brasileira sob a ótica de Larevière (2000). **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 31, n. 1, p. 163-183, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/57095>. Acesso em: 11 maio 2020.

ROSA, F. G. M.; BARROS, S. S.; MEIRELLES, R. Do livro impresso ao digital: trajetória de uma editora universitária. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015. Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/17861/1/ALCAR2015_gthistoriadamidiaimpressa%20%281%29.pdf. Acesso em: 23 dez. 2021.

ROSA, F. G. M.; BARROS, S. S. Panorama da História da Editoração em Salvador/Bahia. In: I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro,

2004. **Anais** [...]. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://docplayer.com.br/41233809-Panorama-da-historia-da-editoracao-em-salvador-bahia.html>. Acesso em: 6 dez. 2021.

ROSA, F. G. M. G. **A disseminação da produção científica da Universidade Federal da Bahia através da implantação do seu Repositório Institucional**: uma política de acesso aberto. Salvador, 2011. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3031/1/Tese%20Flavia.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ROSA, F. G. M. G. **A editoração na Universidade Federal da Bahia**. 1994. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Produção Editorial) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 1994.

ROSA, F. G. M. G. *et al.* Presença das Editoras Universitárias nos Acervos dos Repositórios Institucionais. **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, p. 152-164, jul./dez. 2013. Edição especial. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/69307>. Acesso em: 19 dez. 2021.

ROSA, F. G. M. G. **A comunicação científica na Universidade Federal da Bahia**: caminhos entrelaçados. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2022.

ROSINHA, R. C. Política editorial: aspectos a considerar. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 17, n. 2, 1989. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/72028>. Acesso em: 4 mar. 2022.

SALLES, J. C. **Universidade pública e democracia**. São Paulo: Boitempo, 2020.

SANDENBERG, C. M. B.; TAVARES, M. **Violência de gênero contra mulheres**: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento. Salvador: Edufba, 2016.

SAMPAIO, C. N. Manuel Pinto de Aguiar, o homem de sete instrumentos. *In*: CAMPOS, O. **Blog do Pensando Salvador do Futuro**. Salvador, 28 mar. 2010. Disponível em: <http://osvaldocampos.blogspot.com/2010/03/manuel-pinto-de-aguiar-o-homem-de-sete.html>. Acesso em: 11 dez. 2021.

SANTOS, R. F. dos. REIS, A. S. dos. O patrimônio bibliográfico no Brasil: trajetória de leis, políticas e instrumentos de proteção legal. **Investigación Bibliotecológica**, v. 32, nº 75, abril/junio, 2018, México, ISSN: 2448-8321, p. 223-259. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2018.75.57970>. Acesso em: 23 abr. 2020.

SANTOS, D. S.; ROSA, F. G. M. Repositório Institucional da UFBA: visibilidade das produções acadêmicas dos graduandos. **BiblioCanto**, Natal, v. 6, n. 1, p. 40-60, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bibliocanto/article/view/21356>. Acesso em: 23 dez. 2021.

SCIELO LIVRO. Disponível em: books.scielo.org. Acesso em: 27 dez. 2021.

SCHUCMAN, L. V. **Famílias inter-raciais**: tensões entre cor e amor. Salvador: Edufba, 2018.

SILVA, A. C. da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: Edufba, 2019.

SILVA, B. N. da. **A primeira Gazeta da Bahia: Idade D'Ouro do Brazil**. 2. ed. rev. e ampl. Salvador: Edufba, 2005.

SOUSA JÚNIOR, V. C. **Corujebó: candomblé e polícia de costumes (1938-1976)**. Salvador: Edufba, 2018.

SOUZA, A. S. (org.). **Escritos para o porvir: PET Letras (UFBA)**. Salvador: Edufba, 2021.

SOUZA, E. C. de. (org.). **(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação**. Salvador: Edufba, 2015.

SOUZA, L. L. A imprensa régia: o tardio nascimento da imprensa no Brasil. **VERBUM**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 310-323, maio 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/42346>. Acesso em: 23 nov. 2021.

STEENKIST, R. M. **El depósito legal en los países de Latinoamérica en 2005 Su vigencia y normatividad**. Estadísticas comparativas. Bogotá, Cerlalc, 2005. Disponível em: https://cerlalc.org/wp-content/uploads/publicaciones/olb/PUBLICACIONES_OLB_%20El-deposito-legal-en-los-paises-de-Latinoamerica-en-2005-Su-vigencia-y-normatividad-Estadisticas-comparativas_v1_011205.pdf. Acesso em: 14 maio 2020.

TAVARES, L. G. P. **Anotações sobre Cincinnato José Melchiades e a sua Typographia Bahiana**. Salvador: Edição do autor, 2017.

TAVARES, L. G. P. A imprensa e os 100 anos da EGBA. **ABI bahiana imprensa e história**, Salvador, 2015. Disponível em: <https://abi-bahia.org.br/a-imprensa-e-os-100-anos-da-egba/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

TAVARES, L. G. P.; ROSA, F. G. M. G. Apontamentos para a história do livro na Bahia. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, M. (org.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 221-233.

TAVARES, L. G. P. A Typographia Bahiana, de Cincinnato José Melchiades. In: CONGRESSO DA REDECOM, 1., 2002, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/33334219/I_CONGRESSO_DA_REDECOM_GT_de_Produ%C3%A7%C3%A3o_Editorial_A_TYPOGRAPHIA_BAHIANA_DE_CINCINNATO_JOS%C3%89_MELCHIADES. Acesso em: 29 nov. 2021.

TAVARES, L. H. D. **História da Bahia**. Salvador: Edufba, 2020.

TOLLER, M. E. **Memória institucional: estudo do acervo digital da TV Unesp Assis**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/150825>. Acesso em: 16 jan. 2022.

TOUTAIN, L. B.; RIBEIRO, M. A. S. A pesquisa nos “Lugares de Memória”: preservação da Memória da UFBA. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 18., 2017,

Marília. **Anais** [...]. Marília, SP: UNESP, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27384>. Acesso em: 16 jan. 2022.

TOUTAIN, L. M. B.; ABREU, M. L.; VARELA, A. (org.). **Reitores da UFBA**: de Edgard Santos a Naomar de Almeida Filho. Salvador: Edufba, 2011.

TOUTAIN, L. M. B.; SILVA, R. R. G. da. **UFBA**: do século XIX ao século XXI. Salvador: EDUFBA, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Departamento Cultural da Reitoria. **Notícia histórica da Universidade da Bahia**. – 2ª ed. Salvador: Edufba, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Regimento interno do Sistema Universitário Editorial**. Salvador, 2014a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Edufba**: resumo executivo das atividades 2010-2013. Salvador: Edufba, 2014b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Portaria nº 130/2020**. Dispõe sobre a suspensão das atividades na UFBA, devido à disseminação do novo coronavírus (covid-19). Salvador, 19 mar. 2020 Disponível em: <https://napeaccessivel.ufba.br/noticias/portaria-n%C2%B0-1032020-ufba>. Acesso em: 22 jan. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Portaria nº 515/1984**. Estabelece, na Biblioteca Central da Universidade, o depósito obrigatório de toda documentação publicada, coeditada ou produzida pela UFBA, por suas unidades, seus órgãos ou seus serviços [...]. Salvador, 1984.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Portaria nº 332/2002**. Salvador, 2002. Disponível em: <http://www.btdt.ufba.br/Portaria%20332.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Repositório Institucional ganha destaque no país e na América Latina**. Salvador, 2014. Disponível em: https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/reposit%C3%B3rio-institucional-ganha-destaque-no-pa%C3%ADs-e-na-am%C3%A9rica-latina. Acesso em: 23 dez. 2021.

VELHO, L. A ciência e o seu público. **Transinformação**, v. 9, n. 3, p. 15-32, set./dez., 1997. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1575/1547>. Acesso em: 16 abr. 2022.

VIANA FILHO, L. **A Sabinada**: a república bahiana de 1837. Salvador: Edufba, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991. Não paginado. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf. Acesso em: 16 jul. 2021.

APÊNDICE A – LIVROS DEPOSITADOS NO LUGARES DE MEMÓRIA³⁰

| | NOME DO LIVRO | AUTOR | ANO | ÁREA |
|------------|--|---|------------|-------------|
| 1. | As transformações geométricas e o ensino da geometria | Martha Maria de Souza Dantas, Eliana Costa Nogueira, Neide Clotilde de Pinho e Souza, Eunice de Conceição Guimarães, Omar Catunda | 1998 | Matemática |
| 2. | Controle sanitário da artrite-encefalite caprina | Carlos Roberto Franke | 1998 | Veterinária |
| 3. | Eletromagnetismo aplicado | Roberto da Costa e Silva | 1998 | Engenharia |
| 4. | Língua e imigração galegas na América Latina: atas do Simpósio de Língua e Imigração Galegas na América Latina | Maria del Rosário Suárez Albán (Org.) | 1998 | Idiomas |
| 5. | Militância & Poder: elementos para uma genealogia da atitude militante | Monclar E. G. L. Valverde | 1998 | Filosofia |
| 6. | Nascida no Brasil: romance | Judith Grossmann | 1998 | Literatura |
| 7. | Senhora dona Bahia: poesia satírica de Gregório de Matos | Cleise Furtado Mendes | 1998 | Literatura |
| 8. | Curso prático de teoria microeconômica | José Carrera-Fernandez | 1999 | Economia |
| 9. | Glossário de termos biológicos | Geóvana Novaes | 1999 | Biologia |
| 10. | Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961) | Maria do Socorro Silva Carvalho | 1999 | Cinema |
| 11. | Manual para pesquisa de campo: romances tradicionais | Karina Pinto | 1999 | Literatura |

³⁰ Relação de livros que haviam sido depositados no Lugares de Memória antes da proposição desta pesquisa.

| | | | | |
|-----|--|---|------|--------------------|
| 12. | Memória histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943-1995) | Rodolfo Teixeira | 1999 | História |
| 13. | Musa vingadora: crônica do epigrama na Bahia | Wilson Lins | 1999 | Literatura |
| 14. | Novos estudos de geografia urbana brasileira | Pedro de Almeida Vasconcelos, Sylvio Bandeira de Mello e Silva (org.) | 1999 | Geografia |
| 15. | O avesso da pedagogia: retomando o discurso da subjetividade pela via da psicanálise | Jacy Célia da Franca Soares | 1999 | Educação |
| 16. | O desenho da mudança social na arquitetura de “invasão” | Alberto Freire de Carvalho Olivieri | 1999 | Arquitetura |
| 17. | O primeiro século do Brasil: da expansão da Europa Ocidental aos governos gerais das terras do Brasil | Luis Henrique Dias Tavares | 1999 | História |
| 18. | Quem tem medo da geração shopping?: uma abordagem psicossocial | Angelina Bulcão Nascimento | 1999 | Ciências Sociais |
| 19. | Terceirização: (des)fordizando a fábrica: um estudo do Complexo Petroquímico | Maria da Graça Druck | 1999 | Economia |
| 20. | Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949) | Paulo Santos Silva | 2000 | Paulo Santos Silva |
| 21. | Clínica psicanalítica: artigos, conferências | Charles Melman | 2000 | Medicina |
| 22. | De olho na rua: o axé integrando crianças em situação de risco | Fernanda Gonçalves Almeida | 2000 | Ciências Sociais |
| 23. | O laboratório de Citopatologia: aspectos técnicos e operacionais | Conceição Queiroz e Daisy Lima | 2000 | Biologia |
| 24. | O poder da cidade: limite da governança urbana | Anete Brito Leal Ivo (org.) | 2000 | Administração |

| | | | | |
|-----|--|-----------------------------------|------|-----------------------|
| | | | | |
| 25. | Regulando a Tv: uma visão comparativa no Mercosul | Othon Jambeiro | 2000 | Ciências Sociais |
| 26. | Rodas de fumo: o uso da maconha entre camadas médias urbanas | Edward MacRae, Júlio Assis Simões | 2000 | Ciências Sociais |
| 27. | Rumores de festa: o sagrado e o profano na Bahia | Ordep Serra | 2000 | Usos e Costumes |
| 28. | Sete cães derrubados: 59 crônicas e o conto O misterioso caso da vida e da morte do comendador Borel | Luis Henrique | 2000 | Literatura |
| 29. | Um grapiúna no país do carnaval: atas do I Simpósio Internacional de Estudos sobre Jorge Amado | Eliane Azevedo (org.) | 2000 | Literatura Portuguesa |
| 30. | Universo das síndromes e doenças | Roberto Senna Seixas | 2000 | Medicina |
| 31. | A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação | Roberto Sidnei Macedo | 2000 | Filosofia |
| 32. | A cultura pesqueira do litoral norte da Bahia: etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade | Eraldo Medeiros Coeta Neto | 2001 | Ciências Naturais |
| 33. | A República do povo: sobrevivência e tensão-Salvador (1890-1930) | Mário Augusto da Silva Santos | 2001 | Literatura |
| 34. | A TV no Brasil no século XX | Othon Jambeiro | 2001 | Ciências aplicadas |
| 35. | Apontamentos de folclore | Frederico Edelweiss | 2001 | Usos e costumes |
| 36. | As perdas luminosas: uma análise da poesia de Ruy Espinheira Filho | Iacyr Anderson Freitas | 2001 | Literatura |
| 37. | Capoeira na escola | Hélio Campos | 2001 | Artes |
| 38. | Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência | Hélio Campos | 2001 | Artes |
| 39. | Curso básico de microeconomia | José Carrera-Fernandez | 2001 | Economia |

| | | | | |
|-----|--|---|------|----------------------|
| 40. | De pivetes e meninos de rua: um estudo sobre o Projeto Axé e os significados da infância | Luzania Barreto Rodrigues | 2001 | Ciências Sociais |
| 41. | Desenho industrial: Europa, Brasil, EUA | Alberto Freire de Carvalho Olivieri | 2001 | Design |
| 42. | Estradas: estudos e projetos | Pedro Segundo da Costa, Wellington C. Figueiredo | 2001 | Engenharia |
| 43. | Fala, periferia!: uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano | Angelo Serpa (org.) | 2001 | Geografia |
| 44. | Histórias de vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do Século XIX | Isabel Cristina Ferreira dos Reis | 2001 | Geografia e história |
| 45. | Impariamo L'italiano | Eugenia Maria Galeffi, Mauro Porru | 2001 | Idiomas |
| 46. | Manual básico para atendimento ambulatorial em nutrição | Nilze Barreto Villela, Raquel Rocha dos Santos | 2001 | Medicina |
| 47. | Manual prático de catalogação: materiais especiais | Adriana Brito ... [et al.] (org.) | 2001 | Biblioteconomia |
| 48. | Memória histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943-1995) | Rodolfo Teixeira | 2001 | História |
| 49. | O solo como material de construção | Cybèle Celestino Santiago | 2001 | Engenharia |
| 50. | Reciclagem de entulho para a produção de materiais de construção | José Clodoaldo Silva Cassa, Alex Pires Carneiro, Irineu Antônio Schadach de Brum (org.) | 2001 | Engenharia |

| | | | | |
|-----|--|---|------|-----------------------|
| 51. | Breviário de Antonio Conselheiro | Walnice Nogueira Galvão e Fernando da Rocha Peres (org.) | 2002 | Literatura |
| 52. | Cultura das redes: ciberensaios para o século XXI | André Lemos | 2002 | Ciência da Computação |
| 53. | Cultura negra em tempos pós-modernos | Marco Aurélio Luz | 2002 | Ciências Sociais |
| 54. | Da inutilidade da poesia | Antonio Brasileiro | 2002 | Literatura |
| 55. | Dicionário de parasitologia médica | Alberto Serravalle | 2002 | Medicina |
| 56. | Dividindo para somar: gênero e liderança sindical bancária em Salvador nos anos 90 | Mary Garcia Castro, Rebecca Serravalle e Patricia Rocha Ramos | 2002 | Ciências Sociais |
| 57. | Infância brasileira e contextos de desenvolvimento | Eulina da Rocha Lordelo, Ana Maria Almeida Carvalho e Silva, Helena Koller (org.) | 2002 | Psicologia |
| 58. | Maternidade, desejo e gravidez na adolescência | Eliane Maria Vasconcelos do Nascimento | 2002 | Ciências Aplicadas |
| 59. | Negativos em vidro: coleção de imagens do Colégio Antônio Vieira, 1920-1930 | Stela Borges de Almeida | 2002 | Educação |
| 60. | O Brasil na mira do pan-africanismo | Abdias do Nascimento | 2002 | Ciência Política |
| 61. | O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social | Thales de Azevedo | 2002 | Religião |
| 62. | O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro: uma contribuição ao estudo da campanha de Canudos | José Calasans Brandão da Silva | 2002 | Literatura |
| 63. | O português quinhentista: estudos lingüísticos | Rosa Virgínia Mattos e Silva, Américo | 2002 | Linguística |

| | | | | |
|-----|---|---|------|-----------------------|
| | | Venâncio Machado Filho (org.) | | |
| 64. | Origens e evolução das idéias da física | José Fernando M. Rocha (org.) | 2002 | Física |
| 65. | Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista | Rosauta Poggio | 2002 | Linguística |
| 66. | Rubim de Pinho: fragmentos da psiquiatria transcultural | Augusto Costa Conceição, Gabriel Cedraz Nery, Solange Rubim de Pinho (org.) | 2002 | Medicina |
| 67. | Tópicos: séries e equações diferenciais | Mária Svec | 2002 | Matemática |
| 68. | Veredas: antropologia infernal | Ordep Serra | 2002 | Ciências Naturais |
| 69. | A infância esquecida: Salvador 1900-1940 | Andréa da Rocha Rodrigues | 2003 | Ciências Sociais |
| 70. | A nova onda baiana: cinema na Bahia (1958-1962) | Maria do Socorro Silva Carvalho | 2003 | Cinema |
| 71. | Cinema no vestibular | Linda Rubim (org.) | 2003 | Educação |
| 72. | Experiência e narrativa | Márcio Ferreira Barbosa | 2003 | Letras |
| 73. | Expropriados terra e água: o conflito de Itaipu | Guiomar Inez Germani | 2003 | Ciências Sociais |
| 74. | Socializando informações, reduzindo distâncias | Othon Jambeiro, Helena Pereira da Silva (org.) | 2003 | Ciência da Informação |
| 75. | A discriminação do negro no livro didático | Ana Célia da Silva | 2004 | Educação |

| | | | | |
|-----|--|--|------|------------------|
| 76. | Comunicação e política: conceitos e abordagens | Antonio Albino Canelas Rubim (org.) | 2004 | Comunicação |
| 77. | Design e comunicação visual na Bahia: técnicas de sinalização | Sonia Castro | 2004 | Design |
| 78. | Do português arcaico ao português brasileiro | Sônia Bastos Borba Costa, Américo Venâncio Lopes Machado Filho | 2004 | Letras |
| 79. | Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo | Alba Riva Brito de Almeida | 2004 | Saúde |
| 80. | Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas | Marcus Eugênio Oliveira Lima, Marcos Emanuel Pereira (org.) | 2004 | Ciências Sociais |
| 81. | Informação e comunicação: o local e o global em Austin e Salvador | Othon Jambeiro, Joseph Straubhaar (org.) | 2004 | Comunicação |
| 82. | Ire Ayó: mitos afro-brasileiros | Carlos Petrovich, Vanda Machado | 2004 | Ciências Sociais |
| 83. | Kant: metafísica e política | Daniel Tourinho Peres | 2004 | Filosofia |
| 84. | Leda Jesuíno (Coleção Educadoras Baianas) | Elizete Passos | 2004 | Educação |
| 85. | Miniaturas, peças para pianos | Maria da Graça Santos | 2004 | Música |
| 86. | Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil | Livio Sansone | 2004 | Ciências Sociais |
| 87. | Poetas do Brasil: uma seleção bilíngüe | Frederick G. Williams (Trad.) | 2004 | Literatura |

| | | | | |
|-----|--|---|------|-------------|
| 88. | Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa | Ana Luz, Mary Arapiraca e Jacy Soares | 2004 | Educação |
| 89. | Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras | Kátia Mota e Denise Scheyerl (org.) | 2004 | Idiomas |
| 90. | Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação | Othon Jambeiro | 2004 | Comunicação |
| 91. | Violenta e doce: memórias da Nicarágua | Carmen Fontes Teixeira | 2004 | Literatura |
| 92. | Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura | Délio José Ferraz Pinheiro, Maria Auxiliadora da Silva (org.) | 2004 | Geografia |
| 93. | Vozes quilombolas: uma poética brasileira | Jônatas Conceição da Silva | 2004 | História |
| 94. | A primeira gazeta da Bahia: Idade d'Ouro do Brazil | Maria Beatriz Nizza da Silva | 2005 | Jornalismo |
| 95. | Ação da Bahia na obra da Independência Nacional | Braz do Amaral | 2005 | História |
| 96. | Amélia Rodrigues, 1861-1926 | Elizete Passos | 2005 | Educação |
| 97. | Anfrísia Santiago (Coleção Educadoras Baianas) | Elizete Passos | 2005 | Biografia |
| 98. | Arquitetura militar ou fortificação moderna | Diogo de Sylveira Vellozo | 2005 | Arquitetura |
| 99. | Avaliação em saúde: dos modelos teóricos à prática na avaliação de programas e sistemas de saúde | Zulmira Maria de Araújo Hartz, Lígia Maria Vieira da Silva (org.) | 2005 | Saúde |

| | | | | |
|------|--|--|------|----------------------|
| 100. | Cultura e atualidade | Antonio Albino Canelas Rubim (org.) | 2005 | Ciências Sociais |
| 101. | Dança e pós-modernidade | Eliana Rodrigues Silva | 2005 | Artes cênicas |
| 102. | Educação, cultura e direito: coletânea da homenagem a Edivaldo Boaventura | Alfredo Eurico Rodrigues Matta (org.) | 2005 | Educação |
| 103. | Estrutura fundiária e dinâmica mercantil: alto sertão da Bahia, séculos XVIII e XIX | Erivaldo Fagundes Neves | 2005 | História |
| 104. | Geografias da presença galega na cidade da Bahia | Paulo Roberto Baqueiro Brandão | 2005 | Geografia e História |
| 105. | Independência do Brasil na Bahia | Luís Henrique Dias Tavares | 2005 | História |
| 106. | Invenção e Memória: navegação de palavras em crônicas e ensaios sobre música e adjacências | Paulo Costa Lima | 2005 | Música |
| 107. | Mata Atlântica e biodiversidade | Carlos Roberto Franke | 2005 | Biodiversidade |
| 108. | O espaço em movimento: a dinâmica da Pituba no Século XX | Adriano Bittencourt Andrade | 2005 | Planejamento urbano |
| 109. | O poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil | Jocélio Teles dos Santos | 2005 | Cultura |
| 110. | Organização e produção da cultura | Linda Rubim (org.) | 2005 | Cultura |
| 111. | Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina | Francisco Emanuel Matos Brito | 2005 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|--|--|------|---------------|
| 112. | Polícia e sociedade: gestão de segurança pública, violência e controle social | Ivone Freire Costa | 2005 | Administração |
| 113. | Psicologia em ação: caminhos possíveis | Milenna Brun (org.) | 2005 | Psicologia |
| 114. | Reflexões sobre temas da atualidade | Roberto Figueira Santos | 2005 | Educação |
| 115. | Tecnologia e novas educações | Nelson de Luca Pretto (org.) | 2005 | Educação |
| 116. | A ciência, a arte e magia da educação científica | Rejâne Maria Lira-da-Silva (org.) | 2006 | Educação |
| 117. | A criação de Orlando e sua adaptação fílmica: feminismo e poder em Virgínia Woolf e Sally Potter | Silvia Maria Guerra Anastácio | 2006 | Artes |
| 118. | A influência da religião afro-brasileira na obra escultórica do Mestre Didi | Jaime Sodré | 2006 | Religião |
| 119. | A música dos Caboclos nos candomblés baianos | Sonia Chada | 2006 | Música |
| 120. | Abertura para outra cena: o moderno teatro na Bahia | Raimundo Matos de Leão | 2006 | Artes |
| 121. | Arquivologia e patrimônio musical | André Guerra Cotta, Pablo Sotuyo Blanco (org.) | 2006 | Música |
| 122. | Campo eletromagnético devido a uma linha de dipolos elétricos em um meio condutor | Edson Emanuel Starteri Sampaio | 2006 | Geociências |

| | | | | |
|------|---|--|------|-----------------------|
| 123. | Centro da Cultura de Salvador | Carlota de Sousa Gottschall, Mariely Cabral Santana (org.) | 2006 | Ciências Sociais |
| 124. | Chuvas intensas na Bahia: equações e metodologias de regionalização | Jorge Eurico Ribeiro Matos | 2006 | Geociências |
| 125. | Comida: prazeres, gozos e transgressões | Angelina Bulcão Nascimento | 2006 | Saúde |
| 126. | Como anda Salvador e sua região metropolitana | Inaiá Maia Moreira de Carvalho, Gilberto Corso Pereira (org.) | 2006 | Geografia |
| 127. | Comunicação e música popular massiva | João Freire Filho. Jeder Janotti Júnior (org.) | 2006 | Música |
| 128. | Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais | Henri Pierre Jeudy, Paola Berenstein Jaques | 2006 | Planejamento urbano |
| 129. | Custo na gestão da informação | Regina Santos Silva Tonini | 2006 | Ciência da Informação |
| 130. | Dança na cultura digital | Ivani Santana | 2006 | Artes |
| 131. | Desafios para a Saúde Coletiva no Século XXI | Jairnilson Silva Paim | 2006 | Medicina |
| 132. | Desativação de mina: conceitos, planejamento e custos | José Baptista de Oliveira Junior | 2006 | Geociências |
| 133. | Educação gráfica – perspectiva histórica e evolução: caderno de resumos | Arivaldo Leão de Amorim/ Natalie Johanna Groetelaars (org.) | 2006 | Design |

| | | | | |
|------|---|--|------|---------------|
| 134. | Educação transdisciplinar e a arte de aprender | Noemi Salgado Soares | 2006 | Educação |
| 135. | Educação, tradição e contemporaneidade: tessituras pertinentes num contexto de pesquisa educacional | Roberto Sidnei Macedo, Dinéia Maria Sobral Muniz (org.) | 2006 | Educação |
| 136. | Encontro com o pensamento de Milton Santos: a interdisciplinaridade na sua obra | Maria Auxiliadora da Silva, Rubens de Toledo Júnior (org.) | 2006 | Geografia |
| 137. | Espaços lingüísticos: resistências e expansões | Kátia Mota, Denise Scheyerl (org.) | 2006 | Letras |
| 138. | Estilos gerenciais e o impacto da longevidade das organizações | Eduardo Fausto Barreto | 2006 | Administração |
| 139. | Fendas e frestas: a mulher, da contemplação à interlocução | Maristela Ribeiro | 2006 | Artes |
| 140. | Formas de crer: ensaios de história religiosa do mundo luso-afro-brasileiro, séculos XIV-XXI | Lígia Bellini, Evergton Sales Souza, Gabriela dos Reis Sampaio | 2006 | Religião |
| 141. | Geografia de Salvador | Adriano Bittencourt Andrade, Paulo Roberto Baqueiro Brandão | 2006 | Geografia |
| 142. | Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas | Luiz Eduardo Dorea | 2006 | História |

| | | | | |
|------|--|---|------|-----------------------|
| 143. | II Seminário Internacional de Cinema e Audiovisual | Walter Lima (org.) | 2006 | Artes |
| 144. | Infância afrodescendente: epistemologia crítica no ensino fundamental | Ana Katia Alves dos Santos | 2006 | Educação |
| 145. | Lipídios: aspectos bioquímicos e médicos | Luiz Erlon Araújo Rodrigues | 2006 | Saúde |
| 146. | Mandinga, manha e malícia: uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910-1925) | Adrianna Albert Dias | 2006 | Artes |
| 147. | Memória e leitura: as categorias da produção de sentidos | Angela Maria Barreto | 2006 | Ciências Sociais |
| 148. | Mídia e recepção: televisão, cinema e publicidade | Nilda Jacks, Maria Carmem Jacob de Souza | 2006 | Ciências Sociais |
| 149. | Modelo de atenção à saúde: promoção, vigilância e saúde na família | Carmen Fontes Teixeira, Jorge Pereira Solla | 2006 | Saúde |
| 150. | Mulheres da cidade d'Oxum: relações de gênero, raça, classe e organização espacial do movimento de bairros em Salvador | Antonia dos Santos Garcia | 2006 | Ciências Sociais |
| 151. | Negro: raça e cultura/ Femi Ojo-Ade | Ieda Machado Ribeiro dos Santos | 2006 | Ciências Sociais |
| 152. | O encantamento de sua santidade: canção de fogo | Ordep Serra | 2006 | Usos e costumes |
| 153. | O ideal de disseminar: novas perspectivas, outras percepções | Kátia de Carvalho, Anna Friedericka | 2006 | Ciência da Informação |

| | | | | |
|------|---|---|------|--------------------|
| | | Schwarzelmüller (org.) | | |
| 154. | O rumor das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado | Márcia Rios da Silva | 2006 | Literatura |
| 155. | Odontologia: temas relevantes (vol. 1) | Roberto Paulo Correia de Araújo (org.) | 2006 | Saúde |
| 156. | Onde se esconde o cinza luminoso? Um conto para todas as idades | Viga Gordilho | 2006 | Literatura |
| 157. | Para a História do Português Brasileiro (Tomo 1) | Tânia Lobo (org.) | 2006 | Língua Portuguesa |
| 158. | Para a História do Português Brasileiro (Tomo 2) | Tânia Lobo (org.) | 2006 | Língua Portuguesa |
| 159. | Pensamento à solta: um manuscrito autógrafo | Agostinho da Silva | 2006 | Literatura |
| 160. | Pèrègún e outras fabulações da minha terra (contos cantados iorubá-africanos) | Félix Ayoh'OMIDIRE | 2006 | Literatura |
| 161. | Sete histórias de negro | Ubiratan Castro de Araújo | 2006 | Literatura |
| 162. | Tecnologia da conservação e da restauração: materiais e estruturas: um roteiro de estudos (3ª edição) | Mário Mendonça de Oliveira | 2006 | Arquitetura |
| 163. | Um manual para o CAPS: Centro de Atenção Psicossocial (2ª edição) | Antonio Reinaldo Rabelo | 2006 | Ciências Aplicadas |
| 164. | Um tumulto de asas: apocalipse no Xingu. Breve estudo de mitologia Kamayurá | Ordep José Trindade- Serra | 2006 | Religião |

| | | | | |
|------|---|--|------|-----------------------|
| | | | | |
| 165. | A constituição da realidade no sujeito: psiquismo, real e epistemologia | Marcos Bulcão Nascimento | 2007 | Psicologia |
| 166. | A. L. Machado Neto: o intelectual na província | Ana Angélica Marinho Rodrigues | 2007 | Direito |
| 167. | Algumas abordagens da educação sexual na deficiência mental | Lilia Maria de Azevedo Moreira | 2007 | Educação |
| 168. | Argamassas tradicionais de cal | Cybèle Celestino Santiago | 2007 | Arquitetura |
| 169. | Bovinocultura de corte: desafios e tecnologias | Ronaldo Lopes Oliveira, Marco Aurélio A. F. Barbosa | 2007 | Agricultura |
| 170. | Cidade digital: portais, inclusão e redes no Brasil | André Lemos (org.) | 2007 | Comunicação |
| 171. | Cidade popular: trama de relações sócio-espaciais | Angelo Serpa (org.) | 2007 | Ciências Sociais |
| 172. | Cidades contemporâneas e políticas de informação e comunicações | Othon Jambeiro, Helena Pereira da Silva e Jussara Borges (org.) | 2007 | Ciências Sociais |
| 173. | Computação, cognição, semiose | João Queiroz, Ângelo Loula e Ricardo R. Gudwin (org.) | 2007 | Ciência da Computação |
| 174. | Comunicação e pesquisa: região, mercado e sociedade digital | Gioandro Marcus Ferreira e Edson Fernando Dalmonte (org.) | 2007 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|---|---|------|----------------------|
| 175. | Comunicação em vigilância sanitária: princípios e diretrizes para uma política | Ediná Alves Costa e Maria Lígia Rangel-S (org.) | 2007 | Ciências Aplicadas |
| 176. | Comunicação Plural | Sérgio Mattos (org.) | 2007 | Ciências Aplicadas |
| 177. | Currículo, diversidade e equidade: luzes para uma educação intercultural | Roberto Sidnei Macedo | 2007 | Educação |
| 178. | Damião Barbosa de Araújo (1778-1856): novas achegas biográficas e musicais | Pablo Sotuyo Blanco | 2007 | Música |
| 179. | De escravo a cozinheiro: colonialismo e racismo em Moçambique | Valdemir Zamparoni | 2007 | Manuscritos |
| 180. | Desenvolvimento sustentável e tecnologias da informação e da comunicação | Antônio Dias Nascimento, Nádia Hage Fialho e Tânia Maria Hetkowski (org.) | 2007 | Educação |
| 181. | Dez freguesias da cidade do Salvador – aspectos sociais e urbanos do século XIX | Anna Amélia Vieira Nascimento | 2007 | Geografia e história |
| 182. | Diário de Godofredo Filho | Fernando da Rocha Peres e Vera Rollemberg (org.) | 2007 | Literatura |
| 183. | Do laço ao traço... a mulher artista em Salvador, 1900-1945 | Célia Maria Barreto Gomes | 2007 | Ciências Sociais |
| 184. | Educação transdisciplinar e a arte de aprender: a pedagogia do | Noemi Salgado Soares | 2007 | Educação |

| | | | | |
|------|---|--|------|------------------------|
| | autoconhecimento para o desenvolvimento humano (2ª Edição) | | | |
| 185. | Entre textos, língua e ensino | Dinéia Maria Sobral Muniz, Emélia Helena P. M. de Souza e Lícia Maria de Freire Beltrão (org.) | 2007 | Educação |
| 186. | Estradas: estudos e projetos (3ª Edição) | Pedro Segundo da Costa e Wellington C. Figueiredo (org.) | 2007 | Engenharia |
| 187. | Expressões usuais em odontologia, v.1 | Roberto Paulo Correia de Araújo (org.) | 2007 | Medicina |
| 188. | Friedrich Engels e a ciência contemporânea | Mauro Castelo Branco de Moura, Muniz Ferreira e Ricardo Moreno (org.) | 2007 | Economia |
| 189. | Geopoemas (Geopoems) | Luiz Angélico da Costa (org.) | 2007 | Literatura |
| 190. | Imagens da cidade da Bahia: um diálogo entre a geografia e a arte | Dálio José Ferraz Pinheiro e Maria Auxiliadora da Silva (org.) | 2007 | Geografia e história |
| 191. | Incontornável Marx | Jorge Névoa (org.) | 2007 | Filosofia e psicologia |
| 192. | Manual de laboratório de jornalismo na Internet | Marcos Palácios e Beatriz Ribas | 2007 | Jornalismo |
| 193. | Memória e formação de professores | Antônio Dias Nascimento e Tânia Maria Hetkowski (org.) | 2007 | Educação |

| | | | | |
|------|--|---|------|-----------------------|
| 194. | Minha primeira viagem marítima: 1807-1810 | Q. M. R. Ver Huell/ Jan Maurício van Holthe (Trad.) | 2007 | Literatura |
| 195. | O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias e softwares | Elias Machado e Marcos Palacios (org.) | 2007 | Jornalismo |
| 196. | O espaço público na cidade contemporânea | Angelo Serpa | 2007 | Ciências Sociais |
| 197. | O Pensamento composicional de Fernando Cerqueira: memórias e paradigmas | Ângelo Castro | 2007 | Música |
| 198. | Ordem Terceira de São Francisco de Assis da Bahia | Angelina Garcez | 2007 | Religião |
| 199. | Os Cinemas da Bahia: 1897-1918 (Coleção Nordestina) | Silio Boccanera Júnior | 2007 | Artes cênicas |
| 200. | Para entender a ciência da informação | Lídia Maria Brandão Toutain (org.) | 2007 | Ciência da Informação |
| 201. | Políticas culturais no Brasil (Coleção Cult) | Antonio Albino Canelas Rubim e Alexandre Barbalho (org.) | 2007 | Ciências Sociais |
| 202. | Práticas em microscopia ótica de minerais não opacos | Silvânia Maria Oliveira Mesquita | 2007 | Ciências Naturais |
| 203. | Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos | Cláudio Luiz Pereira e Livio Sansone (org.) | 2007 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|--|--|------|-------------------|
| 204. | Projetos de desenvolvimento agrícola: manual para especialistas | Marc Dufumier/ Vitor de Athayde Couto (Trad.) | 2007 | Agricultura |
| 205. | Psicanálise e os desafios da clínica na contemporaneidade | Eliane Maria Vasconcelos do Nascimento, Rita de Cássia Fagundes Gonzales | 2007 | Psicologia |
| 206. | Teorias da comunicação: epistemologia, ensino, discurso e recepção | Gioandro Marcus Ferreira e Luiz Cláudio Martino (org.) | 2007 | Ciências Sociais |
| 207. | Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares (Coleção CULT) | Gisele Marchiori Nussbaumer (org.) | 2007 | Ciências Sociais |
| 208. | Universidade nova: textos críticos e esperançosos | Naomar de Almeida Filho | 2007 | Educação |
| 209. | Viagens: Vitorino Nemésio e intelectuais portugueses no Brasil | Evelina Hoisel e Maria de Fátima Ribeiro (org.) | 2007 | Letras |
| 210. | Vivaldo da Costa Lima: intérprete do Afro-Brasil | Jéferson Bacelar e Cláudio Pereira (org.) | 2007 | Ciências Naturais |
| 211. | A condição de estudante: a entrada na vida universitária | Alain Coulon, Georgina Gonçalves dos Santos e Sônia Maria Rocha Sampaio | 2008 | Educação |
| 212. | A Petrobras e a gestão do território no Recôncavo Baiano | Cristovão Brito | 2008 | Geografia |

| | | | | |
|------|---|--|------|----------------------|
| 213. | A Política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906) | Luiz Augusto Pinheiro Leal | 2008 | Artes |
| 214. | A Sabinada: a república bahiana de 1837 | Luiz Vianna Filho | 2008 | Geografia e História |
| 215. | A Vida de Eça de Queiroz (Coleção Luis Vianna Filho) | Luís Vianna Filho | 2008 | Biografia |
| 216. | A Vida de José de Alencar (Coleção Luis Vianna Filho) | Luís Vianna Filho | 2008 | Biografia |
| 217. | A Vida do Barão do Rio Branco (Coleção Luis Vianna Filho) | Luiz Vianna Filho | 2008 | Biografia |
| 218. | Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder | Nelson De Luca Pretto, Sérgio Amadeu da Silveira (org.) | 2008 | Ciências Sociais |
| 219. | Alma e festa de uma cidade: devoção e construção da Colina do Bonfim | Mariely Cabral de Santana | 2008 | Artes |
| 220. | Anísio Teixeira: a polêmica da educação (2ª Edição) | Luiz Vianna Filho | 2008 | Biografia |
| 221. | Apropriações tecnológicas: emergências de textos, idéias e imagens do submidiologia#3 | Karla Schuch Brunet (org.) | 2008 | Ciências Sociais |
| 222. | Arte e cidades: imagens, discursos e representações | Selma Passos Cardoso, Eloísa Petti Pinheiro, Elyane Lins Corrêa (org.) | 2008 | Artes |

| | | | | |
|------|--|--|------|-------------------------|
| 223. | Arteeducação, vida cotidiana e Projeto Axé | Ana Bianchi dos Reis (org.) | 2008 | Educação |
| 224. | As Narrativas e o processo de recriação do sujeito: a semiótica das metáforas (2ª edição) | Silvia Maria Guerra Anastácio e Célia Nunes Silva | 2008 | Teorias do Conhecimento |
| 225. | Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamin de Garay e Raúl Navarro | Pedro Moacyr Maia (org.) | 2008 | Literatura |
| 226. | Circuitos elétricos no domínio do tempo e da frequência | Newton B. de Oliveira | 2008 | Engenharia |
| 227. | Clarice Lispector comparada: narrativas de conscientização em Clarice Lispector, Virginia Woolf, Susan Glaspell, Katherine Mansfield e A. S. Byatt | Luciano Rodrigues Lima | 2008 | Literatura |
| 228. | Como anda Salvador e sua região metropolitana (2ª Edição) | Inaiá Maia Moreira de Carvalho e Gilberto Corso Pereira (org.) | 2008 | Geografia |
| 229. | Cultura negra em tempos pós-modernos (3ª Edição) | Marco Aurélio Luz | 2008 | Cultura |
| 230. | Cultura, tecnologias em saúde e medicina: perspectiva antropológica | Carlos Caroso | 2008 | Saúde |
| 231. | Denise Tavares: traços biográficos | Esmeralda Maria de Aragão e Joseania Miranda Freitas | 2008 | Biografias |

| | | | | |
|------|---|---|------|--------------------|
| 232. | Diálogos de São Gregório: edição e estudo de um manuscrito medieval português | Américo Venâncio Lopes Machado Filho | 2008 | Letras |
| 233. | Do reformismo à luta armada: a trajetória política de Mário Alves (1923-1970) | Gustavo Falcón | 2008 | Biografias |
| 234. | Drogas e cultura: novas perspectivas | Beatriz Caiuby, Sandra Goulart, Mauricio Fiore, Edward MacRae e Henrique Carneiro (org.) | 2008 | Ciências Sociais |
| 235. | Educação, comunicação, globalitarismo (a partir do pensamento de Milton Santos) | Fernando Conceição (org.) | 2008 | Ciências aplicadas |
| 236. | Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia | Lisa Earl Castillo | 2008 | Religião |
| 237. | Espaços culturais: vivências, imaginações e representações | Ângelo Serpa (org.) | 2008 | Ciências Sociais |
| 238. | Estudos da cultura no Brasil e em Portugal (Coleção CULT) | Antonio Albino Canelas Rubim e Natália Ramos (org.) | 2008 | Ciências Sociais |
| 239. | Gradis Modernos De Salvador | Najla Lucrecia De Sales Ribeiro | 2008 | Arquitetura |
| 240. | História da Bahia | Luís Henrique Dias Tavares | 2008 | História |

| | | | | |
|------|---|---|------|-----------------------|
| 241. | José Calasans e Canudos: a história reconstruída | Jairo Carvalho Nascimento | 2008 | História |
| 242. | Limites do habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX (2ª Edição) | Ângela Gordilho Souza | 2008 | Ciências Sociais |
| 243. | Manual básico para atendimento ambulatorial em nutrição (2ª Edição) | Nilze Barreto Villela e Raquel Rocha dos Santos | 2008 | Ciências Sociais |
| 244. | Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses (4ª Edição/Coleção Manuais) | Nídia M. L. Lubisco, Sônia Chagas Vieira e Isnaia Veiga Santana | 2008 | Ciência da Informação |
| 245. | Memórias de um médico de corações: uma ode ao trabalho | Rubem Tabacof | 2008 | Biografia |
| 246. | Metodologia e prática do trabalho em comunidade – ficção do real: observar, deduzir e explicar – esboço da metodologia da pesquisa | Gey Espinheira | 2008 | Ciências Sociais |
| 247. | Micropoderes, macroviolências | Susana Varjão | 2008 | Ciências Sociais |
| 248. | Na Bahia das últimas décadas do século XX: um depoimento crítico | Roberto Figueira Santos | 2008 | Geografia e História |
| 249. | Negros contra a ordem: astúcias, resistências e liberdades possíveis (Salvador, 1850-1888) | Wilson Roberto de Mattos | 2008 | História do Brasil |

| | | | | |
|------|---|---|------|--------------------|
| | | | | |
| 250. | O Centro da cidade do Salvador: estudo de geografia urbana (2ª edição) | Milton Santos | 2008 | Ciências Sociais |
| 251. | O Corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais alimentares no mundo contemporâneo | Lígia Amparo da Silva Santos | 2008 | Ciências aplicadas |
| 252. | O Fazer-dizer do corpo: dança e performatividade | Jussara Sobreira Setenta | 2008 | Artes |
| 253. | O negro na Bahia: um ensaio clássico sobre a escravidão | Luiz Vianna Filho | 2008 | Ciências Sociais |
| 254. | O Teatro na Bahia, da colônia à república: 1800-1923 (Coleção Nordestina) | Sílio Boccanera Júnior | 2008 | Artes |
| 255. | Olhares sobre a paisagem: um estudo de caso | Marília Cavalcante e Susana A. Olmos (org.) | 2008 | Artes |
| 256. | Onde as casas se vestem de céu? Um conto para todas as idades | Viga Gordilho | 2008 | Literatura |
| 257. | Os Sentidos da sensibilidade: sua fruição no fenômeno do educar | Miguel Almir Lima de Araújo | 2008 | Educação |
| 258. | Pele negra, máscaras brancas | Frantz Fanon/Renato da Silveira (Trad.) | 2008 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|---|--|------|----------------------|
| 259. | Políticas culturais na Ibero-América (Coleção CULT) | Antonio Albino Canelas Rubim e Rubens Bayardo (org.) | 2008 | Ciências sociais |
| 260. | Raça: novas perspectivas antropológicas (2ª Edição) | Livio Sansone, Osmundo Araújo Pinho (org.) | 2008 | Ciências sociais |
| 261. | Reforma sanitária brasileira: contribuição para a compreensão e crítica | Jairnilson Silva Paim | 2008 | Ciências sociais |
| 262. | RomanSa: coletânea do Departamento de Letras Românicas | Silvia La Regina (org.) | 2008 | Letras |
| 263. | Semanário cívico: Bahia, 1821-1823 | Maria Beatriz Nizza da Silva | 2008 | Geografia e História |
| 264. | Sociedade do Medo | Gey Espinheira (org.) | 2008 | Ciências sociais |
| 265. | Tópicos de física e de ensino de física: a produção acadêmico-científica de Sérgio Esperidião | Suani Pinho e Amin Bassrei (org.) | 2008 | Física |
| 266. | Trânsitos na cena latino-americana contemporânea | Héctor Briones e Cacilda Povoas (org.) | 2008 | Artes Cênicas |
| 267. | Transversalidades da cultura (Coleção CULT) | Linda Rubim e Nádja Miranda (org.) | 2008 | Ciências sociais |
| 268. | Vidas paralelas: 1894-1962 | Roberto Figueira Santos | 2008 | Biografias |
| 269. | Vigilância sanitária: desvendando o enigma | Edna Alves Costa (org.) | 2008 | Ciências aplicadas |

| | | | | |
|------|---|--|------|-----------------------|
| 270. | Vozes, olhares, silêncios: diálogos transdisciplinares entre a lingüística e a tradução | Denise Scheyerl e Elizabeth Ramos (org.) | 2008 | Linguística |
| 271. | A administração dos bens temporais do Mosteiro de São Bento da Bahia | Maria Hermínia Oliveira Hernández | 2009 | Religião |
| 272. | A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência | Edivaldo M. Boaventura | 2009 | Educação |
| 273. | A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia | Christiane Maria Cruz de Souza | 2009 | Ciências aplicadas |
| 274. | A interatividade, o controle da cena e o público como agente compositor | Margie/Margarida Gandara Rauen (org.) | 2009 | Artes |
| 275. | À luz das narrativas: escritos sobre obras e autores | Carlos Ribeiro | 2009 | Literatura |
| 276. | A medicina na era da informação | Zeny Duarte, Lúcio Farias (org.) | 2009 | Ciência da Informação |
| 277. | A razão e o tempo: trilhas da matemática na teia da história | Robinson Tenório | 2009 | Matemática |
| 278. | África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX | Tânia Lobo e Klebson Oliveira (org.) | 2009 | Linguagem e Línguas |
| 279. | África negra: história e civilizações – Tomo I (até o século XVIII) | Elikia M'Bokolo | 2009 | História da África |

| | | | | |
|------|--|---|------|-----------------------------|
| 280. | Angelina de Assis | Elizete Passos | 2009 | Biografias |
| 281. | As donas do canto: o sucesso das estrelas-intérpretes no Carnaval de Salvador | Marilda Santanna | 2009 | Música |
| 282. | Avaliação e sociedade: a negociação como caminho | Robinson Tenório, Marcos Vieira (org.) | 2009 | Ciências sociais |
| 283. | Avaliação educacional: desatando e reatando nós | José Albertino Carvalho Lordêlo, Maria Virgínia Dazzani (org.) | 2009 | Educação |
| 284. | Baía de Todos os Santos: aspectos oceanográficos | Vanessa Hatje, Jailson B. de Andrade (org.) | 2009 | Geociências |
| 285. | Biblioteca universitária brasileira: instrumento para seu planejamento e gestão, visando à avaliação do seu desempenho | Nídia M. L. Lubisco e Sônia Chagas Vieira (org.) | 2009 | Biblioteconomia |
| 286. | Candolina Rosa | Elizete Passos | 2009 | Biografias |
| 287. | Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba | Hellio Campos | 2009 | Artes |
| 288. | Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil | Josivaldo Pires de Oliveira e Luiz Augusto Pinheiro Leal | 2009 | Artes cênicas e recreativas |
| 289. | Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja | Valter Guimarães Soares | 2009 | Literatura e retórica |

| | | | | |
|------|---|---|------|------------------------|
| | | | | |
| 290. | CEAS: jesuítas e o apostolado social durante a ditadura militar | Grimaldo Carneiro Zachariadhes | 2009 | Ciências Sociais |
| 291. | Cinematógrafo: um olhar sobre a história | Jorge Nóvoa, Soleni Biscouto Fressato, Kristian Feigelson (org.) | 2009 | Artes |
| 292. | Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar | Maria Teresa Franco Ribeiro, Carlos Roberto Sanshez Milani (org.) | 2009 | Ciências sociais |
| 293. | Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil | André Lemos, Fábio Josgrilberg (org.) | 2009 | Ciências sociais |
| 294. | Desenvolvimento e hormônios vegetais | Hemínia Bastos Freitas | 2009 | Botânica |
| 295. | Deus, ou seja, a natureza: Spinoza e os novos paradigmas da física | Roberto Leon Ponczek | 2009 | Filosofia e psicologia |
| 296. | Dietário do Mosteiro de São Bento da Bahia: edição diplomática | Alicia Duhá Lose, Dom Gregório Paixão, Anna Paula Sandes de Oliveira | 2009 | Letras |
| 297. | Difusão e cultura científica: alguns recortes | Cristiane de Magalhães Porto (org.) | 2009 | Ciência sociais |
| 298. | Ditadura Militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes | Grimaldo Carneiro Zachariadhes (org.) | 2009 | Geografia e História |

| | | | | |
|------|---|---|------|------------------------|
| | | | | |
| 299. | Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias | Klebson Oliveira, Hirão F. Cunha e Souza, Juliana Soledade (org.) | 2009 | Letras |
| 300. | Docência em ambientes de aprendizagem online | Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo (org.) | 2009 | Educação |
| 301. | Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas | Antônio Dias Nascimento, Tânia Maria Hetkowski (org.) | 2009 | Educação |
| 302. | Em busca do conhecimento: sobre antigas lições, ciência moderna e energia sutil | Hélio Silva Campos | 2009 | Teoria do conhecimento |
| 303. | Encontro com o pensamento de Milton Santos: o homem e sua obra | Maria Auxiliadora da Silva (org.) | 2009 | Ciências sociais |
| 304. | Entre arquiteturas: antigenealogias e deposições | Joaquim Viana Neto | 2009 | Arquitetura |
| 305. | Espaços linguísticos: resistências e expansões (2ª edição) | Kátia Mota e Denise Scheyerl (org.) | 2009 | Letras |
| 306. | Expressões usuais em Odontologia (V. 3) | Elisângela de Jesus Campos e Roberto Paulo Correia Araujo (org.) | 2009 | Saúde |
| 307. | Ficar na escola: um furo no afeto | Maria de Lourdes S. Ornellas | 2009 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|---|---|------|------------------|
| 308. | Formação pela pesquisa: desafios pedagógicos, epistemológicos e políticos | Robinson Tenório e José Albertino Lordêlo (org.) | 2009 | Educação |
| 309. | Fragmentos de uma preciosa memória: Esmeralda Aragão e a biblioteconomia na Bahia | Angela Maria Barreto, Maria Isabel de Jesus Sousa Barreiras | 2009 | Biblioteconomia |
| 310. | Gabriela, baiana de todas as cores: as imagens das capas e suas influências culturais | Sonia Regina Calda | 2009 | Letras |
| 311. | Histerosalpingografia: introdução ao estudo da radiologia ginecológica | Hugo Maia | 2009 | Saúde |
| 312. | Histórias de negro (2ª edição) | Ubiratan Castro de Araújo | 2009 | Ciências Sociais |
| 313. | Inselberge: ilhas terrestres | Geraldo Marcelo Pereira Lima, Félix Ferreira de Farias, Johildo Salomão Figueiredo Barbosa, Luiz César Corrêa Gomes | 2009 | Geociências |
| 314. | Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial 1933-1937 | Laís Mônica Reis Ferreira | 2009 | Ciências Sociais |
| 315. | Leituras de novas tecnologias e saúde | Ana Cristina de Souza Mandarino e Estélio Gomberg (org.) | 2009 | Ciências Sociais |
| 316. | Ludicidade e educação infantil | Vera Lúcia da Encarnação Bacelar | 2009 | Educação |

| | | | | |
|------|--|---|------|----------------------|
| 317. | Memória de Olinda: história, psicanálise, paixão e arte | Eliane Nascimento | 2009 | Geografia e história |
| 318. | Mestres e capoeiras famosos da Bahia | Pedro Abib (coord.) | 2009 | Artes |
| 319. | Mídia: fonte e palanque do pensamento culturalista de Gilberto Freyre | Edson Fernando Dalmonte | 2009 | Jornalismo |
| 320. | Minha primeira viagem marítima: 1807-1810 (2ª edição ampliada) | .M.R. Ver Huell (autor) / Jan Maurício Van Holthe (Trad.) | 2009 | Literatura Alemã |
| 321. | Mitos e outras narrativas Kamayurá (2ª edição) | Pedro Agostinho | 2009 | Ciências Sociais |
| 322. | Múltiplas vozes: racismo e anti-racismo na perspectiva dos universitários de São Paulo | Paula Barreto | 2009 | Ciências Sociais |
| 323. | Neva (Coleção Dramaturgia Latinoamericana) | Guillermo Calderón | 2009 | Literatura |
| 324. | Nossos colonizadores africanos: presença e tradição negra na Bahia (2ª edição) | Ildásio Tavares | 2009 | Ciências Sociais |
| 325. | Novos tons de rosa... para Rosa Virginia Mattos e Silva | Klebson Oliveira, Hirão F. Cunha e Souza, Luís Gomes (org.) | 2009 | Letras |
| 326. | O direito à natureza na cidade | Wendel Henrique | 2009 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|---|--|------|----------------------|
| 327. | O paradoxismo do sonho: um estudo sobre a exclusão social no Jornal Nacional | Rita de Cássia Aragão Matos | 2009 | Jornalismo |
| 328. | O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia | Edmar Ferreira Santos | 2009 | Religião |
| 329. | O tutu da Bahia: transição conservadora e formação da nação (1838-1850) | Dilton Oliveira de Araujo | 2009 | Geografia e História |
| 330. | Odontologia: temas relevantes (vol.3) | Elisângela de Jesus Campos e Roberto Paulo Correia | 2009 | Saúde |
| 331. | Odontologia: temas relevantes (volume 2) | Elisângela de Jesus Campos e Roberto Paulo Correia Araujo (org.) | 2009 | Ciências aplicadas |
| 332. | Pensar o discurso no webjornalismo; temporalidade, paratexto e comunidades de experiência | Edson Fernando Dalmonte | 2009 | Jornalismo |
| 333. | Poética da oportunidade: estruturas coreográficas abertas à improvisação | Hugo Leonardo da Silva | 2009 | Dança |
| 334. | Preservação de documentos: métodos e práticas de salvaguarda (2ª edição) | Zeny Duarte (Trad.) | 2009 | Biblioteconomia |
| 335. | Primeiro traço: manual descomplicado de roteiro | Roberto Lyrio Duarte Guimarães | 2009 | Artes |
| 336. | Ruínas Fratelli Vita: intervenções, teorias e técnicas de processos artísticos | Viga Gordilho (org.) | 2009 | Arquitetura |

| | | | | |
|------|--|--|------|-----------------------|
| | | | | |
| 337. | Rumores de festa: o sagrado e o profano na Bahia (2ª edição) | Ordep Serra | 2009 | Usos e costumes |
| 338. | Salvador aérea | Nilton Souza | 2009 | Ciências naturais |
| 339. | Sociedade civil na Bahia: papel político das organizações | Elenaldo Celso Teixeira (org.) | 2009 | Ciências Sociais |
| 340. | Sociologia das relações internacionais | Guillaume Devin | 2009 | Ciências Sociais |
| 341. | Tecendo histórias: espaço, política e identidade | Antônio L. Negro, Evergton S. Souza e Lígia Bellini (org.) | 2009 | Geografias e História |
| 342. | Televisão e realidade | Itânia Maria Mota Gomes (org.) | 2009 | Ciências Sociais |
| 343. | Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas (Coleção Drogas: Clínica e Cultura) | Antonio Nery Filho, Edward MacRae, Luiz Alberto Tavares, Marlize Rêgo (org.) | 2009 | Ciências Aplicadas |
| 344. | Transas na cena em transe: teatro e contracultura na Bahia | Raimundo Matos de Leão | 2009 | Artes |
| 345. | Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa | Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel | 2009 | Educação |
| 346. | Vigilância sanitária: temas para debate | Ediná Alves Costa (org.) | 2009 | Ciências aplicadas |

| | | | | |
|------|---|---|------|--------------------------|
| 347. | A clínica psicanalítica: reflexões teóricas e incidências institucionais na contemporaneidade | Eliane Maria V. do Nascimento e Rita de Cássia Fagundes Gonzáles (org.) | 2010 | Psicologia |
| 348. | A política mundial contemporânea: atores e agendas na perspectiva do Brasil e do México | Carlos R. S. Milani e María Gabriela Gildo de La Cruz (org.) | 2010 | Ciência Política |
| 349. | A religiosidade na obra de Herberto Sales | Andréa Beatriz Hack de Góes | 2010 | Literatura e retórica |
| 350. | A tipografia na Bahia: documentos sobre suas origens e o empresário Silva Serva | Marcello e Cybelle de Ipanema | 2010 | Ciência da Informação |
| 351. | A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais | Edvaldo Souza Couto e Telma Brito Rocha (org.) | 2010 | Ciência da Informação |
| 352. | Adeus Ayacucho | Miguel Rúbio | 2010 | Literatura portuguesa |
| 353. | Arquitetura colonial baiana: alguns aspectos de sua história (Coleção Nordestina) | Robert C. Smith | 2010 | Arquitetura |
| 354. | Autor e autoria no cinema e na televisão | José Francisco Serafim (org.) | 2010 | Literatura e retórica |
| 355. | Avaliação e gestão: teorias e práticas | Robinson Tenório e Uaçai de Magalhães Lopes (org.) | 2010 | Educação |
| 356. | Bahia: inquisição & sociedade | Luiz Mott | 2010 | História do cristianismo |

| | | | | |
|------|---|--|------|------------------------------|
| 357. | Caetano e a Filosofia | Sergio Schaefer e Ronie A. T. da Silveira (org.) | 2010 | Música |
| 358. | Capacitação docente e responsabilidade social: aportes pluridisciplinares | Robinson Tenório e Reginaldo de Souza (org.) | 2010 | Educação |
| 359. | Catálogo da fauna terrestre de importância médica da Bahia | Tania Kobler Brazil (org.) | 2010 | Saúde |
| 360. | Controladoria empresarial: conceitos, ferramentas e desafios | Adriano Leal Bruni e Sônia Maria da Silva Gomes | 2010 | Ciências aplicadas |
| 361. | Cuidado com o vão: repercussões do homicídio entre jovens de periferia | José Eduardo Ferreira Santos | 2010 | Serviços e problemas sociais |
| 362. | Cultura, representação e informação digitais | Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva, Aurora Leonor Freixo, Iole Costa Terso e Ricardo Sodré Andrade (org.) | 2010 | Biblioteconomia |
| 363. | Cultura: múltiplas leituras | Paulo César Alves (org.) | 2010 | Cultura |
| 364. | Currículos, formação e saberes profissionais: a (re)valorização epistemológica da experiência | Maria Roseli Gomes Brito de Sá e Vera Lúcia Bueno Fartes (org.) | 2010 | Educação |
| 365. | Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático (2ª edição) | Ciências Sociais | 2010 | Educação |
| 366. | EcoTurismo: conflito entre teoria e prática | Altino Bonfim de Oliveira Júnior | 2010 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|--|---|------|-----------------------|
| 367. | Educação, multiculturalismo e diversidade | Lívia Fialho Costa e Marcos Luciano L. Messeder (org.) | 2010 | Educação |
| 368. | Em um sol amarelo (Dramaturgia Latino-Americana) | César Brie | 2010 | Literatura espanhola |
| 369. | Escritos sobre cinema: trilogia de um tempo crítico | André Setaro | 2010 | Artes |
| 370. | Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico | Rosa Virgínia Mattos e Silva | 2010 | Língua Portuguesa |
| 371. | Fast-Food: um estudo sobre globalização alimentar | José Ângelo Wenceslau Góes | 2010 | Economia |
| 372. | Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade | Sandra Regina Soares e Maria Isabel da Cunha | 2010 | Educação |
| 373. | Geografia, literatura e arte: reflexões | Maria Auxiliadora da Silva e Harlan Rodrigo Ferreira da Silva (org.) | 2010 | Geografia |
| 374. | Gótico Tropical: o sublime e o demoníaco em O Guarani | Daniel Serravalle de Sá | 2010 | Literatura e retórica |
| 375. | História, Cultura e Poder | André Luis Mattedi Dias, Eurelino Teixeira Coelho Neto e Márcia Maria da Silva Barreiros Leite (org.) | 2010 | Ciências sociais |

| | | | | |
|------|---|--|------|-----------------------------|
| 376. | Implantação e gestão de repositórios institucionais: políticas, memória, livre acesso e preservação | Luis Sayão, Lídia Brandão Toutain, Flavia Garcia Rosa e Carlos Henrique Marcondes (org.) | 2010 | Ciência da Informação |
| 377. | Introdução às perspectivas interculturais em educação | Abdeljalil Akkari | 2010 | Educação |
| 378. | Jacinta Passos: coração militante: poesia, prosa, biografia, fortuna crítica | Janaina Amado (org.) | 2010 | Literatura Portuguesa |
| 379. | Lições de anatomia: manual de esplancnologia | Sandro Cilindro de Souza | 2010 | Saúde |
| 380. | Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura | Verbena Maria Rocha Cordeiro e Elizeu Clementino de Souza (org.) | 2010 | Literatura e retórica |
| 381. | O Barroco, a Arquitetura e a Cidade nos séculos XVII e XVIII | Rodrigo Espinha Baeta | 2010 | Arquitetura |
| 382. | O cirurgião-dentista: estudo explanatório sobre perfil, formação e exercício da docência no Estado da Bahia | Roberto Paulo Correia de Araújo e Sandra Maria Ferraz Mello | 2010 | Ciências aplicadas |
| 383. | O mito cristão no cinema: “o verbo se fez luz e se projetou entre nós” (2ª edição) | Laércio Torres de Góes | 2010 | Artes cênicas e recreativas |

| | | | | |
|------|--|--|------|------------------------------|
| 384. | O Parafuso: de meio de transporte a cartão-postal | Gláucia Maria Costa Trinchão | 2010 | Arquitetura |
| 385. | Os jesuítas e o apostolado social durante a ditadura militar: a atuação dos CEAS | Grimaldo Carneiro Zachariadhes | 2010 | Ciências sociais |
| 386. | Os Mansos: sobre motivos de O Idiota de Fiódor Dostoievski | Alejandro Tantanian (autor) / Héctor Briones (Trad.) | 2010 | Literatura espanhola |
| 387. | Os Tempos Fáusticos na lírica do lugar | Dalila Machado | 2010 | Literatura e retórica |
| 388. | Paisagens sígnicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas | Maria Celeste de Almeida Wanner | 2010 | Artes |
| 389. | Para ler Gaston Bachelard – ciência e arte | Catarina Sant'Anna (org.) | 2010 | Teoria do conhecimento |
| 390. | Planejamento em saúde: conceitos, métodos e experiências | Carmen Fontes de Souza Teixeira | 2010 | Serviços e problemas sociais |
| 391. | Plantas medicinais no semiárido: conhecimentos populares e acadêmicos | Ingrid Estefania Mancia de Gutiérrez, Antídio dos Reis e Silva Filho, Mara Zélia de Almeida e Nina Claudia Barboza Silva | 2010 | Saúde |
| 392. | Políticas culturais no governo Lula (Coleção Cult) | Antônio Albino Canelas Rubim (org.) | 2010 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|--|--|------|---|
| 393. | Políticas culturais para as cidades (Coleção Cult) | Antônio Albino Canelas Rubim e Renata Rocha (org.) | 2010 | Ciências Sociais |
| 394. | Políticas culturais, Democracia e Conselhos de Cultura (Coleção Cult) | Antônio Albino Canelas Rubim, Taiane Fernandes e Iuri Rubim (org.) | 2010 | Ciências Sociais |
| 395. | Projetos de desenvolvimento agrícola: manual para especialistas (2ª edição) | Marc Dufumier (autor) / Vitor de Athayde Couto (tradutor) | 2010 | Ciências Sociais |
| 396. | Racismos: olhares plurais | Ana Cristina de Souza Mandarinó e Estélio Gomberg (org.) | 2010 | Ciências Sociais |
| 397. | Repositórios institucionais: democratizando o acesso ao conhecimento | Maria João Gomes e Flávia Rosa (org.) | 2010 | Ciência da Informação |
| 398. | Segurança pública no Brasil: um campo de desafios | Ivone Freire Costa e Ricardo Brisolla Balestreti (org.) | 2010 | Administração pública e ciência militar |
| 399. | Tempo de Festas: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940) | Edilece Souza Couto | 2010 | Teologia social |
| 400. | Termodinâmica da fratura: uma nova abordagem do problema da fratura nos sólidos | João Augusto de Lima Rocha | 2010 | Engenharia |
| 401. | Tópicos: séries e equações diferenciadas (3ª edição) | Maria Svec, Maria Cristina Menezes, Márcia Barbosa de | 2010 | Matemática |

| | | | | |
|------|---|--|------|------------------------|
| | | Menezes e Sirlane Barreto | | |
| 402. | Toxicomanias: uma abordagem psicanalítica (Coleção Drogas: Clínica e Cultura) | Alba Riva Brito de Almeida | 2010 | Ciências Sociais |
| 403. | Trabalho emocional: demandas afetivas no exercício profissional | Mirele Cardoso do Bonfim, Sônia Maria Guedes Gondim | 2010 | Filosofia e Psicologia |
| 404. | Travessia II: literatura comparada | Dorine Cerqueira | 2010 | Literatura e retórica |
| 405. | UFBA na memória: 1946-2006 | Maria Inês Corrêa Marques | 2010 | Educação |
| 406. | UFBA: do século XIX ao século XXI | Lídia Maria Batista Brandão Toutain e Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva (org.) | 2010 | Educação |
| 407. | Uma jornada pela inovação | Claudio Cardoso (org.) | 2010 | Administração |
| 408. | Violência na escola: grito e silêncio | Maria de Lourdes Soares Ornellas e Daniela Chaves Radel (org.) | 2010 | Educação |
| 409. | A Raposa e a Águia: J. J. Seabra e Rui Barbosa na Política Baiana da Primeira República | Silvia Noronha Sarmiento | 2011 | História do Brasil |
| 410. | A sagração da aparência: o jornalismo de moda na Bahia | Renata Pitombo Cidreira | 2011 | Jornalismo |

| | | | | |
|------|--|--|------|----------------------------------|
| 411. | A saúde do trabalhador na Bahia: história, conquistas e desafios | Letícia Nobre, Paulo Pena e Rosanita Baptista (org.) | 2011 | Economia |
| 412. | Baía de Todos os Santos: aspectos humanos | Carlos Caroso, Fátima Tavares e Cláudio Pereira (org.) | 2011 | História do Brasil |
| 413. | Colégio Antônio Vieira – 1911 -2011: vidas e histórias de uma missão jesuíta | Waldir Freitas Oliveira e Edilece Souza Couto | 2011 | Ciências Sociais |
| 414. | Diversidade e convivência: construindo saberes | Jaime de Oliveira Praseres Jr, Efon Batista Lima, Rejane de Oliveira e Fredson Oliveira (org.) | 2011 | Ciências Sociais |
| 415. | Educação Básica e Trabalho Docente: políticas e práticas de formação | Augusto Cesar Rios Leiro e Elizeu Clementino de Souza (org.) | 2011 | Educação |
| 416. | Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos – Paris, Rio e Salvador (2ª Edição) | Eloísa Petti Pinheiro | 2011 | Planejamento urbano e paisagismo |
| 417. | História e Civilização | Genildo Ferreira da Silva | 2011 | Geografia e história |
| 418. | Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente | Elizeu Clementino de Souza | 2011 | Literatura e retórica |
| 419. | Na vila | Elizabeth Bishop / Silvia Maria Guerra Anastácio, Sandra Corrêa e Andréa Gomes (Trad.) | 2011 | Literatura americana |

| | | | | |
|------|--|---|------|-----------------------------|
| 420. | Os Escorpiões | Tania Kobler Brazil, Tiago Jordão Porto | 2011 | Zoologia |
| 421. | Perspectivas em informação visual: cultura, percepção e representação | Lídia Maria B. Brandão Toutain e José Francisco Serafim (org.) | 2011 | Ciências sociais |
| 422. | Poesia e memória: a poética de Myriam Fraga | Evelina Hoisel e Cássia Lopes (org.) | 2011 | Poesia brasileira |
| 423. | Políticas de Educação Superior: impactos nos processos de ensinar e aprender na Universidade | Nadia Hage Fialho | 2011 | Educação |
| 424. | Quando o cinema vira urbanismo: o documentário como ferramenta de abordagem da cidade | Silvana Olivieri | 2011 | Arquitetura |
| 425. | Realidade Brasileira em Debate | Zilton Andrade | 2011 | Ciências Sociais |
| 426. | Reitores da UFBA, de Edgard Santos a Naomar de Almeida Filho | Lídia Toutain, Marilene Abreu e Aida Varela (org.) | 2011 | Educação |
| 427. | Teatro Educação: uma experiência com jovens cegos | Roberto Sanches Rabêllo | 2011 | Educação |
| 428. | Todos os filhos da ditadura – Romance | Judith Grossmann | 2011 | Literatura e retórica |
| 429. | A dança expressionista: Alemanha e Bahia (Coleção Pesquisa em Artes) | Carmen Paternostro Shaffner | 2012 | Artes cênicas e recreativas |

| | | | | |
|------|---|--|------|--------------------|
| 430. | A liberdade que vem do ofício: práticas sociais e cultura dos artífices na Bahia do século XIX (Coleção Temas Afro) | Lysie dos Reis Oliveira | 2012 | História do Brasil |
| 431. | Alfabetização para a infância: práticas etnográficas | Ana Kátia Alves dos Santos, Maria Anete Marçal de Souza e Myrla Duarte de Almeida (org.) | 2012 | Educação |
| 432. | Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento | Teresinha Fróes Burnham (org.) | 2012 | Psicologia |
| 433. | Bahia, 1798 (2ª edição) | Luis Henrique Dias Tavares | 2012 | História |
| 434. | Classe média negra: trajetórias e perfis | Ângela Figueiredo | 2012 | Ciências Sociais |
| 435. | Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia: a Filologia em diálogo com a Literatura, a História e o Teatro – Volume 1 | Rosa Borges dos Santos (org.) | 2012 | Letras |
| 436. | Estudos da festa (Coleção Cult) | Linda Rubim e Nadja Miranda (org.) | 2012 | Ciências Sociais |
| 437. | Fausto visita os orixás: 50 anos do Goethe-Institut/ICBA na Bahia | Ulrich Gmünder (org.) | 2012 | História da Europa |
| 438. | Itapuã da ancestralidade africano-brasileira | Narcimária Correia do Patrocínio Luz | 2012 | História do Brasil |

| | | | | |
|------|--|--|------|------------------------------------|
| 439. | Jorge Amado e a sétima arte | Bohumila S. de Araújo, Maria do Rosário Caetano e Myriam Fraga (org.) | 2012 | Miscelânea de escritos brasileiros |
| 440. | Mediação e Mdiatização | Jeder Janotti Junior, Maria Ângela Mattos e Nilda Jacks (org.) | 2012 | Ciências Sociais |
| 441. | Memória urbana: poética para uma cidade | Isaias de Carvalho Santos Neto (org.) | 2012 | História do Brasil |
| 442. | Namíbia, não! Texto teatral em um ato | Aldri Anunciação | 2012 | Literatura portuguesa |
| 443. | Nas asas da borboleta: Filosofia de Bérqson e Educação | Rita Célia Magalhães Torreão | 2012 | Educação |
| 444. | O teatro invadindo a cidade | Marcelo Sousa Brito | 2012 | Artes cênicas e recreativas |
| 445. | Observatório da vida estudantil: estudos sobre a vida e cultura universitárias | Georgina Gonçalves dos Santos e Sônia Maria Rocha Sampaio (org.) | 2012 | Educação |
| 446. | Os caminhos da literatura infantojuvenil baiana: em sintonia com o leitor | Normeide da Silva Rios | 2012 | Literatura e retórica |
| 447. | Palavras entrecruzadas: escritos de formação de professores | Álamo Pimentel e Maria Couto Cunha (org.) | 2012 | Educação |
| 448. | Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias | Tânia Lobo, Zenaide Carneiro, Juliana Soledade, Ariadne Almeida e Silvana Ribeiro (org.) | 2012 | Letras |

| | | | | |
|------|--|--|------|---|
| 449. | Abdicação de Pedro I: derrota do absolutismo | Luis Henrique Dias Tavares | 2013 | História |
| 450. | Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira (3ª edição) | Marco Aurélio Luz | 2013 | Ciências Sociais |
| 451. | Análise de telejornalismo: desafios teóricos-metodológicos | Itania Maria Mota Gomes (org.) | 2013 | Jornalismo, editoração, imprensa documentária e educativa |
| 452. | Caçadores de risos: o maravilhoso mundo da palhaçaria | Demian Reis | 2013 | Artes cênicas e recreativas |
| 453. | Desleitura cinematográfica: literatura, cinema e cultura (Coleção Cult) | Marinyze Prates de Oliveira e Elizabeth Ramos | 2013 | Ciências sociais |
| 454. | Dicionário etimológico do português arcaico | Américo Venâncio Lopes Machado Filho | 2013 | Letras |
| 455. | Intertextos movediços: Gregório de Matos, Rabelo e Pinto Brandão | Silvia La Regina | 2013 | Manuscritos, obras raras e outros materiais raros impressos |
| 456. | Nas margens, no leito seco | Luis Henrique Dias Tavares | 2013 | Literatura |
| 457. | O vestido fuxiqueiro: um conto para todas as idades | Viga Gordilho | 2013 | Literatura |
| 458. | Observatório da vida estudantil: universidade, responsabilidade social e juventude | Georgina Gonçalves dos Santos e Sônia Maria Rocha Sampaio (org.) | 2013 | Educação |
| 459. | Política e gestão cultural: perspectivas Brasil e França (Coleção Cult) | Frederico Lustosa da Costa | 2013 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|---|---|------|------------------------------|
| 460. | Sem ideias claras e distintas | Waldomiro J. Silva Filho | 2013 | Filosofia |
| 461. | Transdiscursividades: linguagens, teorias e análises | Elmo Santos (org.) | 2013 | Letras |
| 462. | 64: um prefeito, a revolução e os jumentos (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura |
| 463. | A conservação e a restauração de documentos na era pós-custodial | Zeny Duarte (org.) | 2014 | Ciências Sociais |
| 464. | A Faculdade de Medicina da Bahia na visão de seus memorialistas (1854-1924) | Marcos A. P. Ribeiro | 2014 | Medicina e Saúde |
| 465. | A polêmica que a (pena de) morte perdeu | Joviniano Soares de Carvalho Neto | 2014 | História do Brasil |
| 466. | A teoria do zênite solar: uma proposta para as estações do ano nas localidades intertropicais | Luiz Sampaio Athayde Júnior | 2014 | Astronomia e ciências afins |
| 467. | Anísio Teixeira e a cultura | João Augusto de Lima Rocha | 2014 | Educação |
| 468. | Arte de gramática da lingoa mais vfada na cofta do Brasil | José de Anchieta (edição fac-similar) | 2014 | Linguística |
| 469. | Avaliação de ambientes costeiros da região sul da Bahia: geoquímica, petróleo e sociedade | Joil José Celino, Gisele Mara Hadlich, Antônio Fernando de Souza Queiroz e Olívia Maria Cordeiro de Oliveira (org.) | 2014 | Serviços e Problemas Sociais |

| | | | | |
|------|--|---|------|--|
| 470. | Bourdieu e os estudos de mídia | Rodrigo Ribeiro Barreto; Maria Carmem Jacob de Souza (org.) | 2014 | Ciências Sociais |
| 471. | Bovinocultura de Corte: desafios e tecnologias (2ª Edição) | Ronaldo Lopes Oliveira e Marcos Aurélio A. F. Barbosa (org.) | 2014 | Agricultura e tecnologias relacionadas |
| 472. | Cachaça, Moça Branca | José Calasans | 2014 | Cultura Popular |
| 473. | Cartografias da Subalternidade | Marinyze Prates de Oliveira, Maurício Matos e Denise Carrascosa (org.) | 2014 | Cultura |
| 474. | Ciência na transição dos séculos: conceitos, práticas e historicidade | Olival Freire Junior, Ileana M. Greca e Charbel Niño El-Hani (org.) | 2014 | Ciências Biológicas |
| 475. | Comercinho do Poço Fundo (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura |
| 476. | Coral canto que encanta | Michal Siviero Figuerêdo | 2014 | Música |
| 477. | Criação e devir em formação | Dante Galeffi, Roberto Sidnei Macedo e Joaquim Gonçalves Barbosa (org.) | 2014 | Educação |
| 478. | Dicionareco (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura |
| 479. | Ditadura militar na Bahia: histórias de autoritarismo, conciliação e resistência | Grimaldo Carneiro Zachariádhés (org.) | 2014 | História |

| | | | | |
|------|---|---|------|---------------------|
| 480. | Do isolamento regional à globalização: contradições sobre o desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia | Sebastião Cerqueira Neto | 2014 | Geografia e Viagens |
| 481. | Ecos que entoam uma mata africano-brasileira | Janice de Sena Nicolin | 2014 | Educação |
| 482. | Estudos sobre preconceito e inclusão educacional | Luciene Maria da Silva e Jaciete Barbosa dos Santos (org.) | 2014 | Educação |
| 483. | Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90 (Coleção É Futebol) | Enny Vieira Moraes | 2014 | Cultura Popular |
| 484. | História do teatro | Raimundo Matos de Leão | 2014 | Artes |
| 485. | Mulheres e Movimentos: Estudos Interdisciplinares de Gênero | Ângela Maria Freire de Lima e Souza e Lina Brandão de Aras (org.) | 2014 | Ciências Sociais |
| 486. | Mulheres livres: uma história sobre prostituição, sífilis, convenções de gênero e sexualidade | Ricardo dos Santos Batista | 2014 | Saúde |
| 487. | Multiplicidades e redimensionamentos na educação contemporânea | Cristiane Porto e Andrea Versuti (org.) | 2014 | Educação |
| 488. | O ensinar enquanto travessia | Carlos Skliar | 2014 | Educação |
| 489. | O lazer como uma nova dimensão das Universidades da Terceira Idade | Minéia Carvalho Rodrigues | 2014 | Sociologia |

| | | | | |
|------|--|--|------|------------------|
| 490. | O menino traquino (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura |
| 491. | O poder e o conhecimento: Introdução ao pensamento de Michel Foucault | Ricardo Luiz de Souza | 2014 | Ciências Humanas |
| 492. | O tempo da dor e do trabalho: a conquista dos territórios indígenas nos sertões do leste | Maria Hilda Baqueiro Paraíso | 2014 | História |
| 493. | Panoramas Urbanos: usar, viver e construir Salvador | Milton Júlio de Carvalho Filho e Urpi Montoya Uriarte (org.) | 2014 | Urbanismo |
| 494. | Pequeno vocabulário do português arcaico | Américo Venâncio Lopes Machado Filho | 2014 | Linguística |
| 495. | Pugnas Renhidas (Coleção É Futebol) | Henrique Sena dos Santos | 2014 | Cultura Popular |
| 496. | Qualidade do Ensino | Sandra Regina Soares e Édiva de Sousa Martins (org.) | 2014 | Educação |
| 497. | Saberes implicados, saberes que formam | Roberto Sidnei Macedo, Alessandra Assis, Denise Guerra, Leonardo Rangel e Silvia Michele Macedo de Sá (org.) | 2014 | Educação |
| 498. | Sociedade e Relações de Poder na Bahia | Dilton Oliveira de Araújo e Maria José Rapassi Mascarenhas (org.) | 2014 | História |

| | | | | |
|------|--|---|------|--------------------------|
| 499. | Sufrimento negligenciado | Paulo Gilvane Lopes Pena e Vera Lúcia Andrade Martins (org.) | 2014 | Saúde |
| 500. | Tempo de Dramaturgias | Cássia Lopes e Raimundo Matos Leão (org.) | 2014 | Literatura americana |
| 501. | Uma experiência inovadora no Ensino Superior: Bacharelado Interdisciplinar em Saúde | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho e Carmen Fontes Teixeira (Org.) | 2014 | Saúde |
| 502. | Visitações à obra literária de Judith Grossmann | Evelina Hoisel e Lígia Telles (org.) | 2014 | Letras |
| 503. | (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação | Elizeu Clementino de Souza (org.) | 2015 | Educação |
| 504. | A construção do acontecimento histórico: o discurso do Jornal O Estado de S. Paulo sobre a Guerra de Canudos e sobre as comemorações do seu centenário | Lidiane Santos de Lima Pinheiro | 2015 | Jornalismo |
| 505. | A diversidade das lutas sociais | Severo Salles (org.) | 2015 | Ciências Sociais |
| 506. | A guerra dos mundos | Sílvia Maria Guerra Anastácio (org.) | 2015 | Literatura |
| 507. | A herança do absurdo | Gil Vicente Tavares | 2015 | Literatura e retórica |
| 508. | A insustentável leveza da web – Retóricas, dissonâncias e práticas na sociedade em rede | Lídia Oliveira e Vania Baldi (org.) | 2015 | Informática e Tecnologia |

| | | | | |
|------|---|---|------|-------------------------------------|
| | | | | |
| 509. | A política externa brasileira e a construção da América do Sul | Felippe Silva Ramos | 2015 | Ciência Política |
| 510. | A Produção Científica Brasileira na Contemporaneidade: exigências e interlocuções | Cristiane Porto, Cristiano Ferronato e Ronaldo Linhares (org.) | 2015 | Ciência e Conhecimento |
| 511. | A violência na obra de Plínio Marcos: Barrela e Navalha na Carne | Gessé Almeida Araújo | 2015 | Literatura portuguesa |
| 512. | Administração, política e outros temas | Margarida Maria Costa Batista | 2015 | Administração pública |
| 513. | Análise das redes sociais em contextos organizacionais | Antonio Virgílio B. Bastos, Helder Pontes Regis, Elisabeth Loiola (org.) | 2015 | Administração e serviços auxiliares |
| 514. | Análise política em saúde: a contribuição do pensamento estratégico | Leonardo Federico | 2015 | Serviços e problemas sociais |
| 515. | Aos cuidados de PauloCoelho.com: um estudo de recepção nos blogs do escritor | Sayonara Amaral de Oliveira | 2015 | Literatura |
| 516. | Arte e cidades: Imagens, discursos e representações | Selma Passos, Eloísa Petti Pinheiro e Elyane Lins Corrêa (org.) | 2015 | Arquitetura |
| 517. | Atenção primária à saúde na coordenação do cuidado em regiões de saúde | Adriano Maia dos Santos, Patty Fidelis de Almeida e Mariluce Karla Bomfim de Souza (org.) | 2015 | Medicina e saúde |

| | | | | |
|------|--|---|------|--|
| 518. | Aventuras do maluco beleza (Coleção Dramaturgia) | Edvard Passos | 2015 | Artes Cênicas |
| 519. | Cem anos de Dorival Caymmi: panoramas diversos | Marilda Santanna e Carlos Leal (org.) | 2015 | Biografia |
| 520. | Cinema e sociedade no Brasil: análise de mensagens | Júlio César Lobo | 2015 | Artes Cênicas e Recreativas |
| 521. | Corpo e saúde na mira da Antropologia: ontologias, práticas, traduções | Cecilia Anne McCallum e Fabíola Rohden (org.) | 2015 | Ciências Sociais |
| 522. | Cosmovisões antigas e contemporâneas | Hélio Silva Campos | 2015 | Astronomia e Ciências Afins |
| 523. | Cultura e desenvolvimento: reflexões à luz de Furtado | César Ricardo Siqueira Bolaño (org.) | 2015 | Direito |
| 524. | Da avenida Cerqueira Lima ao Beco dos Artistas: um espaço de sociabilidade GLS | Andressa de Freitas Ribeiro | 2015 | Ciências Sociais |
| 525. | De melle semiaridi: analisando o mel nordestino | Francisco de Assis Ribeiro dos Santos e Cláudia Elena Carneiro (org.) | 2015 | Agricultura e tecnologias relacionadas |
| 526. | De que se queixa o adolescente hoje | Eliane Maria Vasconcelos do Nascimento e Rita de Cássia Fagundes Gonzales | 2015 | Medicina e saúde |
| 527. | Desenho & visualidades (Coleção Desenho, Cultura e Interatividade v.2) | Gláucia Maria Costa Trinchão (org.) | 2015 | Desenho e artes decorativas |

| | | | | |
|------|--|---|------|---|
| | | | | |
| 528. | Desenho, moda e cultura (Coleção Desenho, Cultura e Interatividade v.1) | Gláucia Maria Costa Trinchão (org.) | 2015 | Moda e Cultura |
| 529. | Deus e o diabo no humor das mulheres | Alba Valéria Tinoco Alves Silva | 2015 | Coleções de obras diversas sem assunto específico |
| 530. | Diálogos com Ribeiro: sobre gramática e história da língua portuguesa | Cristina Figueiredo e Edivalda Araújo (org.) | 2015 | Linguística |
| 531. | Dimensões criativas da economia da cultura: primeiras observações | Messias Guimarães Bandeira e Leonardo Figueiredo Costa (org.) | 2015 | Administração |
| 532. | Direito ambiental, conflitos socioambientais e comunidades tradicionais | Julio Cesar de Sá da Rocha e Ordep Serra (org.) | 2015 | Direito |
| 533. | Direito e racismo ambiental na diáspora africana: promoção da justiça ambiental através do direito | Arivaldo Santos de Souza | 2015 | Direito |
| 534. | Diversidade Cultural: políticas, visibilidades midiáticas e redes (Coleção Cult) | Giuliana Kauark, José Márcio Barros e Paulo Miguez (org.) | 2015 | Ciências Sociais |
| 535. | Drogas e políticas públicas: educação, saúde coletiva e direitos humanos | Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez, Marcelo Magalhães Andrade, Antônio Nery Filho (org.) | 2015 | Saúde Coletiva |

| | | | | |
|------|--|---|------|----------------------|
| 536. | Educados nas letras e guardados nos bons costumes | Lais Viena de Souza | 2015 | Educação |
| 537. | Eletromagnetismo clássico essencial | Newton B. de Oliveira | 2015 | Física |
| 538. | Ensaio em sintaxe diacrônica do português | Ilza Maria de Ribeiro | 2015 | Letras |
| 539. | Entre nós (Coleção Dramaturgia) | João Sanches | 2015 | Artes Cênicas |
| 540. | Experiências metodológicas: Experiência, apreensão, urbanismo (Tomo I) | Paole Berenstein Jacques, Fabiana Dultra Britto e Washington Drummond | 2015 | Arquitetura |
| 541. | Faculdade de Medicina da Bahia: mais de 200 anos de pioneirismo | Ronaldo Ribeiro Jacobina, Adriana Reis Brandão Matutino e Fernanda Ramos Correia (org.) | 2015 | Medicina e Saúde |
| 542. | Festas na Baía de Todos os Santos: visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades | Fátima Tavares e Francesca Bassi (org.) | 2015 | Usos e Costumes |
| 543. | Física básica II | Newton B. de Oliveira | 2015 | Física |
| 544. | Formação de Professores e Interconexões da Sala de Aula no Ensino de Línguas | A. Ariadne Domingues Almeida, Denise Maria Oliveira Zoghbi, Elisângela Santana dos Santos (org.) | 2015 | Ensino Especializado |

| | | | | |
|------|---|--|------|--|
| 545. | Foucault e a transgressão do prazer na ética da psicanálise lacaniana | Malcom Guimarães Rodrigues | 2015 | Filosofia |
| 546. | Internet e poder local | Alessandra Aldé e Francisco Paulo Jamil Marques (org.) | 2015 | Ciência da Computação |
| 547. | Joana D'Arc (Coleção Dramaturgia) | Cleise Furtado Mendes | 2015 | Artes Cênicas |
| 548. | Jogos Eletrônicos, Mobilidades e Educações – Trilhas em construção | Lynn Alves e Jesse Nery (org.) | 2015 | Tecnologia |
| 549. | Júlio Dinis: o romance português de raiz inglesa | Carmen Matos Abreu | 2015 | Literatura portuguesa |
| 550. | Latinitas: Leitura de textos em língua latina Volume 2 | José Amarante Santos Sobrinho | 2015 | Literatura Latina |
| 551. | Lições de anatomia: Órgãos do Corpo Humano | Sandro Cilindro de Souza | 2015 | Medicina e Saúde |
| 552. | Luta e resistência dos moradores pelo direito à moradia em áreas de patrimônio cultural: a formação de uma esfera pública | José Maurício Carneiro | 2015 | Planejamento Urbano e Paisagismo |
| 553. | Memórias do telejornalismo na Bahia: lembranças do passado para compreender o presente | Washington José de Souza Filho (org.) | 2015 | Jornalismo, Editoração e Imprensa Documentária E Educativa |
| 554. | Mulheres em seriados: configurações | Alvanita Almeida e Ivia Alves (org.) | 2015 | Ciências Sociais |
| 555. | Namíbia, não! | Aldri Anunciação | 2015 | Literatura portuguesa |

| | | | | |
|------|---|---|------|------------------------------|
| 556. | Negô! Baêa! – A invenção da torcida baiana (Coleção É Futebol) | Paulo Roberto Leandro | 2015 | Esportes |
| 557. | No voo das palavras | Bruno Almeida dos Santos, Efon Batista Lima, Jaime Praseres Jr., Jeane Ferreira dos Santos (org.) | 2015 | Literatura Portuguesa |
| 558. | O caminho do Senhor: conversão pentecostal e transformação da experiência na periferia de Salvador | Cláudio Roberto dos Santos de Almeida | 2015 | Ciências Sociais |
| 559. | O canto da palavra | Silvania Núbia Chagas (org.) | 2015 | Literatura Brasileira |
| 560. | O cinema brasileiro em Portugal (1960 – 1999): uma análise crítica de filmes brasileiros na imprensa lisboeta | Regina Gomes | 2015 | Artes Cênicas e Recreativas |
| 561. | O conceito de cultura em Celso Furtado | César Ricardo Siqueira Bolaño | 2015 | Direito |
| 562. | O espírito... dos outros | Arlindo Fragoso | 2015 | Literatura Latina |
| 563. | O mentiroso | Marcos Villa Góis | 2015 | Artes Cênicas e Recreativas |
| 564. | O otimismo das práticas | Mônica Nunes, Maurice de Torrenté e Adriana Prates | 2015 | Serviços e Problemas Sociais |
| 565. | Observatório da vida estudantil 4 – Avaliação e qualidade do ensino superior | Sônia Maria Rocha, Georgina Gonçalvez e Ava Carvalho (org.) | 2015 | Educação |

| | | | | |
|------|---|---|------|----------------------------------|
| 566. | Os ritmos da roda: Tradição e transformação no samba de roda | Nina Graeff | 2015 | Música |
| 567. | Os saberes em desenho do Barão de Macaúbas | Gláucia Maria Costa Trinchão e Carla Borges de Andrade Juliano (org.) | 2015 | Educação |
| 568. | Oscilações Elétricas, Onda Eletromagnética, Óptica Física e Física Moderna | Newton B. de Oliveira | 2015 | Física |
| 569. | Ouvir o documentário: vozes, música, ruídos | Guilherme Maia e José Francisco Serafim (org.) | 2015 | Artes Cênicas e Recreativas |
| 570. | Para além dos jogos de futebol: o processo de reestruturação das cidades para a Copa de 2014 e a 'marca Brasil' | Any Brito Leal Ivo | 2015 | Planejamento Urbano e Paisagismo |
| 571. | Participação em saúde: Avanços e entraves na democratização do poder político | José Patrício Bispo Júnior | 2015 | Medicina e Saúde |
| 572. | Perfil, evolução e perspectivas do ensino e da pesquisa em Arquivologia no Brasil | Maria Tereza Navarro de Britto Matos, Francisco José Aragão Pedroza Cunha, Alzira Queiróz Gondim Tude de Sá e Aurora Leonor Freixo (org.) | 2015 | Arquivologia |
| 573. | Performances interacionais e interações sociotécnicas | José Carlos Ribeiro, Vitor Braga e Paulo Victor Sousa | 2015 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|--|--|------|--|
| 574. | Pesquisa e mobilidade na cibercultura: itinerâncias docentes | Cristiane Porto, Edméa Santos, Maria Luíza Oswald e Edvaldo Couto (org.) | 2015 | Educação |
| 575. | Políticas culturais no governo Dilma (Coleção Cult) | Albino Rubim, Alexandre Barbalho e Lia Calabre (org.) | 2015 | Ciências Sociais |
| 576. | Políticas públicas de cultura para as cidades | Hortência Silva Nepomuceno dos Santos | 2015 | Ciências Sociais |
| 577. | Políticas, práticas e formação na educação básica | Jane Adriana V. P. Rios (org.) | 2015 | Educação |
| 578. | Potencial de agricultura sustentável na Bahia: possibilidades e sugestões de linhas de pesquisa por ecossistemas | Amílcar Baiardi (org.) | 2015 | Agricultura e tecnologias relacionadas |
| 579. | Produção imobiliária da cidade de Salvador: entre o público e o privado | Glória Cecília dos Santosv | 2015 | Arquitetura |
| 580. | Profissão docente na roça | Jane Adriana Vasconcelos | 2015 | Educação |
| 581. | Projeto UCA: entusiasmos e desencantos de uma política pública | Elisa Quartiero, Maria Helena Bonilla e Monica Fantim (org.) | 2015 | Educação |
| 582. | Psicanálise: das reflexões teórico-clínicas às práticas institucionais e incidências culturais | Eliane M. V do Nascimento e Rita de Cássia F. Gonzales (org.) | 2015 | Psicologia |
| 583. | Psicopedagogia & Psicanálise: puxando os fios de uma trama singular em torno do sujeito da aprendizagem | Jacy Célia da Franca Soares | 2015 | Educação |

| | | | | |
|------|---|---|------|--------------------------|
| 584. | Que os Outros Sejam o Normal: Tensões entre o movimento LGBT e ativismo queer | Leando Colling | 2015 | Ciências Sociais |
| 585. | Religiões e temas de pesquisa contemporâneos: diálogos contemporâneos | Fátima Tavares e Emerson Giumbelli (org.) | 2015 | Ciências Sociais |
| 586. | Representações sociais e educação: letras imagéticas III | Maria de Lourdes Soares Ornellas (org.) | 2015 | Enciclopédias gerais |
| 587. | Saberes lexicais: mundos, mentes e usos | A. Ariadne Domingues Almeida, Elisângela Santana dos Santos e Juliana Soledade (org.) | 2015 | Linguística |
| 588. | Salvador: Os impactos da Copa do Mundo 2014 | Angela Gordilho Souza | 2015 | Esporte |
| 589. | Saudade sim, tristeza não | Fernanda Blanco Vidal | 2015 | Psicologia Social |
| 590. | Senhora dos infiéis (Coleção Dramaturgia) | Luiz Marfuz | 2015 | Artes Cênicas |
| 591. | Sensações de um teatro da mente | Sílvia Maria Guerra Anastácio (org.) | 2015 | Literatura Internacional |
| 592. | Soltando a imaginação: lendas e contos infantis | Sílvia Maria Guerra Anastácio (org.) | 2015 | Literatura Internacional |
| 593. | Sonhos da diamba, controles do cotidiano: Uma história da criminalização da maconha no Brasil | Jorge Emanuel Luz de Souza | 2015 | Saúde |

| | | | | |
|------|--|---|------|------------------|
| | Republicano (Coleção Drogas: Clínica e Cultura) | | | |
| 594. | Subalternidades em perspectiva: limites, ausências e devires | Marinyze Prates de Oliveira e Maurício Matos dos Santos Pereira (org.) | 2015 | Ciências Sociais |
| 595. | Sujeito e discurso: diferentes perspectivas teóricas | Lícia Maria Bahia Heine, Marta Maria de Almeida Nery, Nordélia Costa Neiva, Adielson Ramos de Cristo e Myrian Conceição Crusoé Rocha Sales (org.) | 2015 | Linguística |
| 596. | Tecendo caminhos científicos | Bruno Almeida dos Santos, Efon Batista Lima, Jaime Praseres Jr., Jeane Ferreira dos Santos (org.) | 2015 | Educação |
| 597. | Temas Atuais de Direito da Sociedade da Informação | Luiz Gonzaga Silva Adolfo (org.) | 2015 | Direito |
| 598. | Temas contemporâneos: algumas reflexões sobre cultura, comunicação e consumo | Rita de Cássia Aragão Matos (org.) | 2015 | Ciências Sociais |
| 599. | Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade | Angelo Serpa (org.) | 2015 | Ciências Sociais |
| 600. | Texturas do sofrimento emocional | Litza Andrade Cunha | 2015 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|---|---|------|-----------------------------|
| 601. | Thales de Azevedo: a arte de escrever e pintar | Paulo Ormino de Azevedo (org.) | 2015 | Literatura Brasileira |
| 602. | Tropixel: arte, ciência, tecnologia e sociedade | Karla Brunet e Raquel Rennó (org.) | 2015 | Arte |
| 603. | Uma coleção biográfica | Joseania Miranda Freitas (org.) | 2015 | Artes Cênicas e Recreativas |
| 604. | Uma luz na escuridão | Sílvia Maria Guerra Anastácio, Gideon Alves Rosa e Lucia Terezinha Zanato Tureck (org.) | 2015 | Literatura Internacional |
| 605. | Universidade e Sociedade: concepções e projetos de extensão universitária | Maria Constantina Caputo e Carmen Fontes Teixeira (org.) | 2015 | Educação |
| 606. | Variação linguística: criança na mão, escola na contramão | José Amarante | 2015 | Letras |
| 607. | Vozes da memória | Sílvia Maria Guerra Anastácio e Marlene Holzhausen (org.) | 2015 | Literatura Internacional |
| 608. | 25 anos do PPGMUS UFBA: reflexões sobre uma trajetória | Diana Santiago (org.) | 2016 | Música |
| 609. | A comida baiana: cardápios de um prisioneiro ilustre (1763) | Jeferson Bacelar e Luiz Mott | 2016 | Economia doméstica |
| 610. | A pesquisa e o acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais | Roberto Sidnei Macedo | 2016 | Ciências sociais |

| | | | | |
|------|--|--|------|-----------------------------|
| 611. | Amantes sem estrela: visões do amor em textos de Nelson Rodrigues | Andréa Beraldo Borde | 2016 | Literatura |
| 612. | Ampliando a discussão em torno de documentos audiovisuais, iconográficos, sonoros e musicais | Pablo Sotuyo Blanco, Marcelo Nogueira de Siqueira e Thiago de Oliveira Vieira (org.) | 2016 | Música |
| 613. | Capítulos de História dos Comunistas no Brasil | Carlos Zacarias de Sena Júnior (org.) | 2016 | Ciência política |
| 614. | Comunicação e trabalho infantil doméstico: política, poder, resistências | Danila Gentil Rodriguez Cal | 2016 | Ciências Sociais |
| 615. | Contribuições da didática da matemática para a prática dos professores | Anderson Souza Neves, Edmo Fernandes Carvalho Luiz Marcio Santos Farias Márcia Azevedo Campos (org.) | 2016 | Educação |
| 616. | Desenho, ensino & pesquisa (Coleção Desenho, Cultura e Interatividade v. 3) | Gláucia Maria Costa Trinchão (org.) | 2016 | Desenho e artes decorativas |
| 617. | Diplomas e decás: identificação religiosa de membros de classe média no Candomblé | Luciana Duccini | 2016 | Outras religiões |
| 618. | Dissidências sexuais e de gênero | Leandro Colling (org.) | 2016 | Ciências sociais |
| 619. | Educação a distância em saúde coletiva: interfaces na formação profissional | Maria Ligia Rangel-S, Nícia Cristina Rocha Riccio e Jane Mary de | 2016 | Educação |

| | | | | |
|------|---|--|------|-------------------------------------|
| | | Medeiros Guimarães (org.) | | |
| 620. | Educação científica e popularização das ciências: práticas multirreferenciais | Alexandra Souza de Carvalho e Marcelo Souza Oliveira (org.) | 2016 | Ciências Naturais |
| 621. | Ementário de Marcos Legais no acesso e uso de informação, conhecimento e inovação | Sibele Fausto, Ílison Dias dos Santos e Tatiana Borges Trusiewicz | 2016 | Conceitos de ciência e conhecimento |
| 622. | Entre-linhas: educação, fenomenologia e alteridade (Volume 3) | Sueli Ribeiro Mota Souza e Luciano Santos (Org.) | 2016 | Educação |
| 623. | Estudos filológicos: linguística românica e crítica textual | A. Ariadne Domingues de Almeida, Arivaldo Sacramento de Souza, Isabela Santos de Almeida, Rosa Borges dos Santos, Rosinês de Jesus Duarte (org.) | 2016 | Letras |
| 624. | Estudos socioambientais e saberes tradicionais do Litoral Norte da Bahia: diálogos interdisciplinares | Lídia Maria Pires Soares Cardel, Antônio da Silva Câmara, Colette Mechin, Agnès Clerc-Renaud (org.) | 2016 | Ciências Sociais |
| 625. | Experiências metodológicas: Alteridade, imagem, etnografia (Tomo III) | Paola Berenstein Jacques, Fabiana Dultra Britto e Washington Drummond (org.) | 2016 | Planejamento urbano e paisagismo |

| | | | | |
|------|---|--|------|------------------------------------|
| 626. | Formação e docência em geografia: narrativas, saberes e práticas | Jussara Fraga Portugal, Simone Santos de Oliveira e Solange Lucas Ribeiro | 2016 | Educação |
| 627. | Formação em organização da cultura no Brasil: experiências e reflexões (Coleção Cult) | Leonardo Figueiredo Costa e Ugo Barbosa de Mello (org.) | 2016 | Ciências sociais |
| 628. | Gaston Bachelard: mestre na arte de criar pensar viver | Catarina Sant'Anna | 2016 | Filosofia |
| 629. | Histórias e espaços portuários: Salvador e outros portos | Maria Cecília Velasco e Cruz, Maria das Graças de Andrade Leal, José Ricardo Moreno Pinho (org.) | 2016 | Comércio, comunicação e transporte |
| 630. | Iconografia: pesquisa e aplicação em estudos de artes visuais, arquitetura e design | Maria Herminia Olivera Hernández, Eugênio de Ávila Lins (org.) | 2016 | Desenho e artes decorativas |
| 631. | Interdisciplinaridade na educação superior: o bacharelado em saúde | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho (org.) | 2016 | Educação |
| 632. | Língua, cultura e ensino: diálogos interdisciplinares | Américo Venâncio Lopes Machado Filho (org.) | 2016 | Letras |
| 633. | Literatura (pós-colonial) caribenha de língua inglesa | Décio Torres Cruz | 2016 | Literatura americana |
| 634. | Meu Verbo Cultura: escritos amorosos sobre cultura e desenvolvimento | Cláudia Sousa Leitão (org.) | 2016 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|---|--|------|--------------------------------------|
| 635. | Miradas sobre o Brasil: cultura, arte e poder (Coleção cultura e sociedade) | Marinyze Prates de Oliveira e Jonathan Warren (org.) | 2016 | Ciências Sociais |
| 636. | Notícia histórica da Universidade da Bahia (Coleção UFBA 70 anos) | Departamento Cultural da Reitoria | 2016 | Educação |
| 637. | O Brasil e a Cooperação Sul-Sul: dilemas e desafios da América do Sul | Denise Vitale e Elsa Sousa Kraychete (org.) | 2016 | Economia |
| 638. | O campesinato e o Bolsa Família no semiárido do Nordeste | Celso Antonio Favero e Stella Rodrigues dos Santos | 2016 | Administração pública |
| 639. | O palhaço Cadillac: a memória do circo e a reinvenção de uma tradição | Alda Fátima de Souza | 2016 | Artes cênicas e recreativas |
| 640. | O uso ritual da Ayahuasca na atenção à população em situação de rua (Coleção Drogas: Clínica e Cultura) | Bruno Ramos Gomes | 2016 | Ciências Sociais |
| 641. | Observatório de análise política em saúde: abordagens, objetos e investigações | Carmen Fontes Teixeira (org.) | 2016 | Saúde e higiene públicas |
| 642. | Os Correios e as Políticas Governamentais: mudanças e permanências | Tadeu Gomes Teixeira | 2016 | Serviços postais e sua administração |
| 643. | Os médicos e a cultura em Portugal e na Bahia: olhar(es) introspectivo e analítico sobre o “modo de ser e de estar” médico-cultural | Zeny Duarte e Armando Malheiro da Silva (org.) | 2016 | Biblioteconomia e Ciências médicas |

| | | | | |
|------|---|---|------|---|
| 644. | Panorama da gestão cultural na Ibero-América (Coleção Cult) | Antônio Albino Canelas Rubim, Carlos Yanez Canal e Rubens Bayardo (org.) | 2016 | Ciências Sociais |
| 645. | Plantas medicinais (4ª Edição) | Mara Zélia de Almeida | 2016 | Medicina e saúde |
| 646. | Poética oral do samba de roda das margens do velho chico | Nerivaldo Alves Araújo | 2016 | Poesia |
| 647. | Política de saúde bucal no Brasil: teoria e prática | Sônia Cristina Lima Chaves (org.) | 2016 | Serviços e problemas sociais; associações |
| 648. | Práticas de inclusão escolar: um diálogo multidisciplinar | Theresinha Guimarães Miranda | 2016 | Educação |
| 649. | Práticas e vivências religiosas: temas da história colonial à contemporaneidade luso-brasileira | Edilece Souza Couto, Marco Antônio Nunes da Silva, Grayce Mayre Bonfim Souza | 2016 | Denominações e seitas cristãs |
| 650. | Quinhentos anos de história linguística do Brasil (2ª Edição) | Suzana Alice Marcelino Cardoso, Jacyra Andrade Mota e Rosa Virgínia Mattos e Silva (org.) | 2016 | Letras |
| 651. | Recentes pronunciamentos | Roberto Figueira Santos | 2016 | Educação |
| 652. | Reinvenção comunicacional da política: modos de habitar e desabitar o século XXI | Eduardo Jesus, Eneus Trindade, Jeder Janotti Jr. e Marco Roxo (org.) | 2016 | Comunicação política |

| | | | | |
|------|---|--|------|---|
| 653. | Saúde mental na atenção básica: política e cotidiano | Mônica Nunes e Fátima Luna Pinheiro Landim (org.) | 2016 | Saúde |
| 654. | Série Ó Paí, Ó: ritmo e cultura da Bahia na TV | Dayse Porto de Santana | 2016 | Sociedade e cinema |
| 655. | Temores da África: segurança, legislação e população africana na Bahia oitocentista | Luciana da Cruz Brito | 2016 | Ciências Sociais |
| 656. | Teoria ator-rede e estudos de comunicação | André Lemos (org.) | 2016 | Ciências Sociais |
| 657. | Zélia Gattai e a imigração italiana no Brasil entre os séculos XIX e XX | Antonella Rita Roscilli | 2016 | Ciências Sociais |
| 658. | A Cidade Barroca na Europa e na América Ibérica | Rodrigo Espinha Baeta | 2017 | Escolas, estilos, influências |
| 659. | A cidade-atração a norma de preservação de áreas centrais no Brasil dos anos 1990 | Márcia Sant'Anna | 2017 | Ciências Sociais |
| 660. | A Ciência da Informação em evidência: autonomia e participação social | Kátia de Oliveira Rodrigues, Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira, Hildenise Ferreira Novo e Jaires Oliveira Santos (org.) | 2017 | Biblioteconomia e ciência da informação |
| 661. | A diversidade dos estudos de processo no século XXI | Cecilia Almeida Salles e Sílvia Maria Guerra Anastácio (org.) | 2017 | Literatura e retórica |

| | | | | |
|------|---|---|------|-------------------------------------|
| 662. | A família Asteraceae no Brasil: classificação e diversidade | Nádia Roque, Aristônio Magalhães Teles e Jimi Naoki Nakajima (org.) | 2017 | Plantas (botânica) |
| 663. | A luz na gênese do espetáculo | Eduardo Tudella | 2017 | Artes cênicas e recreativas |
| 664. | A Máquina do Tempo | Sílvia Maria Guerra Anastácio (org.) | 2017 | Literatura portuguesa |
| 665. | A operação artística: filosofia, desenho, fotografia e processos de criação | Fábio Gatti e Rosa Gabriella de Castro Gonçalves (org.) | 2017 | Teoria e filosofia da arte |
| 666. | Abolicionismo Animal: habeas corpus para grandes primatas (2ª ed.) | Heron J. Santana Gordilho | 2017 | Direito |
| 667. | Albert Camus: ética do absurdo | Lourenço Leite | 2017 | Literatura |
| 668. | Avaliação do risco operatório | Antonio Natalino Manta Dantas | 2017 | Medicina |
| 669. | Avenida Sete: Antropologia e Urbanismo no centro de Salvador | Urpi Montoya Uriarte (org.) | 2017 | Ciências Sociais |
| 670. | Babado acadêmico no Recôncavo Baiano: universidade, gênero e sexualidade | Ana Cristina Nascimento Givigi e Priscila Gomes Dornelles (org.) | 2017 | Estudos do gênero |
| 671. | Capoeira Angola, cultura popular e o jogo dos saberes na roda (2ª edição) | Pedro Abib | 2017 | Usos e costumes, etiqueta, folclore |
| 672. | Comunicação, mídias e temporalidades | Christina Ferraz Musse, Herom Vargas e Marcos Nicolau (org.) | 2017 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|--|---|------|---|
| 673. | Da cena do contato ao inacabamento da história: Os últimos isolados (1967-1999), Corumbiara (1986-2009) e Os Arara (1980-) | Clarisse Alvarenga | 2017 | Cinema |
| 674. | Direito e insurgência: experiência da turma Eugênio Lyra | Celso Antonio Favero, Carlos Eduardo Soares de Freitas e Gilsely Barbara Barreto Santana (org.) | 2017 | Direito |
| 675. | Disputas em torno do espaço urbano: processos de [re]produção/construção e apropriação da cidade | John Gledhill; Maria Gabriela Hita e Mariano Perelman (org.) | 2017 | Geografia |
| 676. | Ditaduras: memória, violência e silenciamento | Lucileide Costa Cardoso e Célia Costa Cardoso (org.) | 2017 | Formas de organização política |
| 677. | Dramaturgia do acontecimento no telejornal: a emoção no palco da notícia | Luiz Marfuz | 2017 | Jornalismo, editoração, imprensa documentária e educativa |
| 678. | É um romance minha vida: D. Farilda, uma casamenteira no sertão baiano | Vânia Nara Pereira Vasconcelos | 2017 | Literatura brasileira |
| 679. | Educação de Jovens e Adultos: Políticas Públicas, Formação de Professores, Gestão e Diversidade Multicultural | Antonio Amorim, Tânia Regina Dantas e Maria Sacramento Aquino (org.) | 2017 | Educação |
| 680. | Educação geográfica: temas contemporâneos | Jussara Fraga Portugal (org.) | 2017 | Educação |

| | | | | |
|------|---|---|------|-----------------------------|
| 681. | Educação Superior no pós-cotas: equidade, desempenho e permanência dos estudantes | Cláudia Malbouisson, Gilvanice Musial e Marta Lícia Teles Brito de Jesus (org.) | 2017 | Educação |
| 682. | Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões | Nelson de Luca Pretto | 2017 | Educação |
| 683. | Egotrip – Ser ou não ser? Eis a comédia | João Alberto Lima Sanches | 2017 | Artes cênicas e recreativas |
| 684. | Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico: mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectiva de gênero | Cláudio Alves Furtado e Patrícia Gomes (org.) | 2017 | Ciências Sociais |
| 685. | Ensino coletivo de instrumentos musicais: contribuições da pesquisa científica (Série Paralaxe, n. 3) | Tais Dantas e Diana Santiago (org.) | 2017 | Música |
| 686. | Entre reflexões e relatos: vozes de sujeit@s implicad@s com a gestão educacional | José Wellington Marinho de Aragão, Lanara Guimarães de Souza e Márcia de Freitas Cordeiro (org.) | 2017 | Educação |
| 687. | Escolas em tempo de crise: estudos e pesquisas sobre conflitos e violências interpessoais | Ceci Vilar Noronha, Luiza Jane Eyre de Souza Vieira, Mirna Albuquerque Frota e Bruna Caroline Rodrigues Tamboril (org.) | 2017 | Educação |
| 688. | Estratégias de uma esquerda armada: militância, assaltos e finanças do PCBR na década de 1980 | Lucas Porto Marchesini Torres | 2017 | História do Brasil |

| | | | | |
|------|--|---|------|--|
| 689. | Estudos de direito autoral em homenagem a José Carlos Costa Netto | Rodrigo Moraes (Coordenador) | 2017 | Direito |
| 690. | Família e herança no Brasil colonial | Maria Beatriz Nizza da Silva | 2017 | História em geral |
| 691. | Fernando da Rocha Peres: múltiplos olhares | Edilene Matos (org.) | 2017 | Literatura italiana |
| 692. | Financiamento e Fomento à Cultura nas Regiões Brasileiras (Coleção: Cult) | Albino Canelas Rubim e Fernanda Pimenta Vasconcelos (org.) | 2017 | Ciências Sociais |
| 693. | Fronteiras e interfaces da comunicação científica | Cristiane Porto, Flávia Rosa e Flávio Tonnetti (org.) | 2017 | Biblioteconomia e ciência da informação |
| 694. | Gregório de Mattos e Guerra: uma revisão biográfica | Fernando da Rocha Peres | 2017 | Estudos biográficos |
| 695. | Informação e protagonismo social | Henriette Ferreira Gomes, Hildenise Ferreira Novo (org.) | 2017 | Ciência da computação, informação e obras gerais |
| 696. | Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo | Ygor Diego Delgado Alves | 2017 | Serviços e problemas sociais |
| 697. | Jogos digitais, entretenimento, consumo e aprendizagens: uma análise do Pokémon Go | Lynn Alves e Velda Torres (org.) | 2017 | Jogos de mesa e tabuleiro |
| 698. | Licenciatura em Educação Física a distância: uma realidade baiana | Helio José Bastos Carneiro de Campos, Francisco José Gondim Pitanga, | 2017 | Educação |

| | | | | |
|------|--|---|------|---|
| | | Diana Léia Alencar da Silva e Carlos Fernando Alves Amorim (org.) | | |
| 699. | Mulheres em Cena: literatura e imagem | Nancy Vieira e Milena Britto (org.) | 2017 | Ciências Sociais |
| 700. | Nas fronteiras da linguagem: língua, literatura e cultura | Silvânia Núbia Chagas (org.) | 2017 | Linguística |
| 701. | Nas rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição | Christine Nicole Zonzon | 2017 | Artes cênicas e recreativas; esportes |
| 702. | O fazer político da Bahia na República (1900-1930): matriz das relações entre Estado, corporações e políticos | Joaci de Sousa Cunha | 2017 | Política |
| 703. | O não governamental na Cooperação Internacional para o Desenvolvimento após 1990: entre as circunstâncias e as peculiaridades do caso alemão | Maria Elisa Huber Pessina | 2017 | Economia |
| 704. | O PET-Saúde no Semiárido Baiano: uma experiência transformadora no ensinar “fazendo saúde” | Níli de Brito Lima Prado, Edi Cristina Manfroi e Elvira Caires de Lima | 2017 | Serviços e problemas sociais; associações |
| 705. | O teatro que corre nas vias | Marcelo Sousa Brito | 2017 | Teatro, Representação teatral |
| 706. | Observatório da Vida Estudantil – Dez anos de estudos sobre vida e cultura universitária: percurso e novas perspectivas | Georgina Gonçalves Dos Santos, Letícia Vasconcelos e Sônia Maria Rocha Sampaio (org.) | 2017 | Educação |

| | | | | |
|------|--|---|------|--|
| 707. | Pele da cor da noite (2ª edição) | Vanda Machado | 2017 | Educação |
| 708. | Perspectivas sobre o espaço urbano: o imaginário, o concreto e seus saberes | José Francisco Serafim e Sergio Ricardo Lima de Santana (org.) | 2017 | Princípios e práticas do ordenamento do espaço |
| 709. | Pesquisa experimental em música (3ª ed.) | Jamary Oliveira (Trad.) | 2017 | Música |
| 710. | Problematizando o campo da saúde: concepções e práticas no bacharelado interdisciplinar | Carmen Fontes Teixeira e Maria Thereza Ávila Dantas Coelho (org.) | 2017 | Educação |
| 711. | Prosa de nagô: educando pela cultura (2ª edição) | Vanda Machado | 2017 | Educação |
| 712. | Raça, racismo e genética em debates científicos e controvérsias sociais | Maria Gabriela Hita (org.) | 2017 | Ciências Sociais |
| 713. | Rastros de fogo e Sangue: estudo sobre a (des)centralização de um mercado varejista de drogas na grande Salvador | Antônio dos Santos Lima | 2017 | Serviços e problemas sociais |
| 714. | Reflexões pirrônicas sobre o conhecimento e a justificação | Robert J. Fogelin | 2017 | Teoria do conhecimento |
| 715. | Representações Sociais e educação: letras imagéticas IV | Maria de Lourdes Soares Ornellas (org.) | 2017 | Psicologia social |
| 716. | Riso e educação: prólogo de uma paideia | Mary de Andrade Arapiraca | 2017 | Outros gêneros literários |

| | | | | |
|------|--|--|------|---------------------------------------|
| 717. | Saber, poder e política na Bahia republicana: Escola Politécnica da Bahia (1896-1920) | Emiliano Côrtes Barbosa | 2017 | História |
| 718. | Salvador da Bahia Interações entre América e África (séculos XVI-XIX) | Giuseppina Raggi, João Figuerôa-Rego e Roberta Stumpf (org.) | 2017 | Economia em geral |
| 719. | Sequências para o ensino de geometria do ensino básico | Saddo Ag Almouloud; Maria José Ferreira da Silva, Luiz Márcio Santos Farias (org.) | 2017 | Matemática |
| 720. | Subalternidades em perspectiva teórica: pela descolonização dos estudos literários | Giselle Rodrigues Ribeiro | 2017 | Crítica literária, Estudos literários |
| 721. | Subordinação racial no Brasil e na América Latina: o papel do Estado, o Direito Costumeiro e a Nova Resposta dos Direitos Cíveis | Tanya Katerí Hernández; Arivaldo Santos de Souza e Luciana Carvalho Fonseca (trad) | 2017 | Direito |
| 722. | Tecnologias & Aprendizagens: Delineando Novos Espaços de Interação | Lynn Alves e J. Antônio Moreira (org.) | 2017 | Educação |
| 723. | Tempo, cultura, linguagem: reflexões sobre a área do conhecimento do desenho e algumas implicações | Lílian Miranda Bastos Pacheco e Gláucia Maria Costa Trinchão (org.) | 2017 | Desenho e artes decorativas |
| 724. | Traços-phi: contribuições para a compreensão da gramática do português | Danniel da Silva Carvalho (org.) | 2017 | Letras |

| | | | | |
|------|--|---|------|--------------------|
| 725. | Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos | Berenice Bento | 2017 | Ciências Sociais |
| 726. | Três vivas para o bebê!!! | Sílvia Maria Guerra Anastácio (org.) | 2017 | Medicina e saúde |
| 727. | WhatsApp e Educação: entre mensagens, imagens e sons | Cristiane Porto, Kaio Eduardo Oliveira e Alexandre Chagas (org.) | 2017 | Educação |
| 728. | A atenção integral ao consumo e aos consumidores de psicoativos: conexões interdisciplinares | Luiz Alberto Tavares, Maria Eugênia Nunez e Mônica Coutinho (org.) | 2018 | Medicina |
| 729. | A Bahia na história da educação | Sara Martha Dick; Gilca Oliveira Carrera; Ronaldo Figueiredo Venas (org.) | 2018 | Educação |
| 730. | A cena musical da Black Rio | Luciana Xavier de Oliveira | 2018 | Dança |
| 731. | A construção da igualdade | Edward Macrae | 2018 | Ciências Sociais |
| 732. | A diáspora da agência: ensaio sobre o horizonte das monadologias | Hilan Bensusan; Jadson Alves de Freitas | 2018 | Monadologia |
| 733. | A educação a distância e os ambientes virtuais de aprendizagem na UFBA um histórico | Nicia Cristina Rocha Riccio | 2018 | Educação |
| 734. | A lenda de Iping | Sílvia Maria Guerra Anastácio (org.) | 2018 | Literatura |
| 735. | A Voz de Itapuã | Tania Risério d'Almeida Gandon | 2018 | História do Brasil |

| | | | | |
|------|--|---|------|------------------------------|
| 736. | As vozes do texto e as múltiplas perspectivas de leitura | Luciana Sacramento Moreno Gonçalves, Nerivaldo Alves Araújo e Thiago Martins Prado (org.) | 2018 | Análise do discurso |
| 737. | Ateliê didático: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários | Cristina d'Ávila; Ana Verena Madeira (org.) | 2018 | Educação |
| 738. | Autoconhecimento e Pedagogia, um diálogo possível: desenhos dos movimentos corporais das professoras | Gedalva da Paz | 2018 | Educação |
| 739. | Auxílio-acidente e saúde do trabalhador | Carlos Freitas | 2018 | Direito |
| 740. | Bahia: escravidão, pós-abolição e comunidades quilombolas: estudos interdisciplinares | Maria de Fátima Novaes Pires; Napoliana Pereira Santana; Paulo Henrique Duque Santos (org.) | 2018 | História do Brasil |
| 741. | Baía de Todos os Santos: avanços nos estudos de longo prazo | Vanessa Hatje; Lys Maria Vinhaes Dantas; Jailson B. de Andrade (org.) | 2018 | História do Brasil |
| 742. | Castro Alves: teatro e performance | Edvard Passos | 2018 | Teatro |
| 743. | Comunicação e saúde: perspectivas contemporâneas | Maria Ligia Rangel; Natália Ramos (org.) | 2018 | Serviços e Problemas Sociais |

| | | | | |
|------|---|--|------|------------------------------|
| 744. | Corporação dos enteados: tensão, contestação e negociação política na Conjuração Baiana de 1789 | Patrícia Valim | 2018 | História do Brasil |
| 745. | Dança Cristal: da arte do movimento à abordagem somático-performativa | Ciane Fernandes | 2018 | Dança |
| 746. | Dialogando com a inclusão e EJA | Patrícia Carla da Hora Correia; Tânia Regina Dantas e Leliana Santos de Sousa (org.) | 2018 | Educação |
| 747. | Diálogos interdisciplinares: intercâmbios e tensionamentos nos estudos de cultura e linguagens | Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa, Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins, Iara Regina Demetrio Sydenstricker Cordeiro e Thaís Fernanda Salves de Brito (org.) | 2018 | Educação |
| 748. | Direito da Terra, Meio Ambiente e Ecologia Humana | Julio Cesar de Sá da Rocha; Heron Gordilho (org.) | 2018 | Serviços e Problemas Sociais |
| 749. | Discursos e poderes: linguagem, teorias e análises | Elmo Santos (org.) | 2018 | Letras |
| 750. | Dramaturgias: construções, paralelos e desvios | Cleise Mendes; Raimundo de Leão (org.) | 2018 | Teatro |
| 751. | E-science e políticas públicas para ciência, tecnologia e inovação no Brasil | Valdinéia Barreto Ferreira | 2018 | Ciências Sociais |

| | | | | |
|------|---|--|------|-----------|
| 752. | Educação geográfica: diversas linguagens | Jussara Fraga Portugal (org.) | 2018 | Geografia |
| 753. | Educação Profissional: trabalho, letramento e políticas públicas formativas | Iêda Rodrigues da Silva Balogh; Patrícia Lessa Santos Costa; Valdélcio Santos Silva; Antônio Amorim (org.) | 2018 | Educação |
| 754. | Educação, meio ambiente e comunidade: experiências do IF Baiano | Joana Fidelis da Paixão (org.) | 2018 | Educação |
| 755. | Educar na diversidade: travessias interdisciplinares | Ana Lúcia Gomes da Silva; Jerônimo Jorge Cavalcante Silva (org.) | 2018 | Educação |
| 756. | Encruzilhadas fotográficas de Marcel Gautherot: quando o corpo na capoeira é festa e labuta (1940-1960) | Luís Vitor Castro Júnior | 2018 | Artes |
| 757. | Ensaaios de sociologia da arte | Antônio da Silva Câmara, Bruno Evangelista da Silva e Rodrigo Oliveira Lessa (org.) | 2018 | Artes |
| 758. | Entre ventos e tempestades: os caminhos de uma Gaiaku de Oiá | Nívea Alves dos Santos | 2018 | Biografia |
| 759. | Escravos e libertos nas minas do Rio de Contas | Kátia Lorena Novais Almeida | 2018 | Política |

| | | | | |
|------|--|---|------|-------------------|
| 760. | Estado e capital na China | Renildo Souza | 2018 | Economia |
| 761. | Estudos de saúde, ambiente e trabalho: aspectos socioculturais | Mônica Angelim Gomes de Lima; Maria do Carmo Soares de Freitas; Paulo Gilvane Lopes Pena; Sérgio (Trad.) (org.) | 2018 | Ciências Sociais |
| 762. | Estudos em filosofia e epistemologia do Direito | Nelson Cerqueira, Luana Rosário e Vinícius Soares Carvalho (org.) | 2018 | Filosofia |
| 763. | Etcetera: Engenharia, Tecnologia e Ciência | Marcio Luis Ferreira Nascimento | 2018 | Ciências Naturais |
| 764. | Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor | Lia Vainer Schucman | 2018 | Ciências Sociais |
| 765. | Gênero, direito e relações internacionais: debates de um campo em construção | Denise Vitale e Renata Nagamine (org.) | 2018 | Ciências Sociais |
| 766. | Geografia urbana: desafios teóricos contemporâneos | Angelo Serpa e Ana Fani Alessandri Carlos | 2018 | Geografia |
| 767. | Gestão, territórios e redes: práticas de pesquisa em educação | Rosângela da Luz Matos, Lídia Boaventura Pimenta, Nataly Farias de Goes e José Expedito de Jesus Júnior (org.) | 2018 | Educação |

| | | | | |
|------|--|--|------|------------------------------|
| 768. | Gramática expositiva das coisas: a poética alquímica dos museus-casas de Cora Coralina e Maria Bonita | Clóvis Carvalho Britto | 2018 | Museologia |
| 769. | Hip-Hop feminista? convenções de gênero e feminismo no movimento hip-hop soteropolitano | Rebeca Sobral Freire | 2018 | Ciências Sociais |
| 770. | Impacto de um programa de saneamento ambiental na saúde: fundamentos teórico-metodológicos e resultados de pesquisa interdisciplinar | Rita de Cássia Franco Rêgo; Cristina Larrea-Killinger; Maurício Lima Barreto (org.) | 2018 | Serviços e Problemas Sociais |
| 771. | Inquietações do texto e do discurso: interpelações, debates e embates | Lícia Bahia Heine; Marta Maria de Almeida Nery; Myrian Conceição Crusoé Rocha Sales; Nordélia Costa Neiva (org.) | 2018 | Letras |
| 772. | Interculturalidade e identidades: formação de professores de espanhol | Doris Matos; Marcia Paraquett (org.) | 2018 | Educação |
| 773. | Latinitas: uma introdução à língua latina através dos textos | José Amarante | 2018 | Literatura latina |
| 774. | Legitimidades da loucura: sofrimento, luta, criatividade e pertença | Mônica Nunes; Tiago Pires Marques (org.) | 2018 | Medicina |
| 775. | Linguística cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'álem mar | A. Ariadne Domingues Almeida e Elisângela Santana dos Santos (org.) | 2018 | Letras |

| | | | | |
|------|---|---|------|------------------|
| 776. | Livros didáticos e algumas histórias: teorias modernas da matemática | Eliene Barbosa Lima; Larissa Pinca Sarro Gomes; Ines Angelica Andrade Freire; Luiz Marcio Santos Farias | 2018 | Matemática |
| 777. | Memória de Itapagipe: anos 50 do século XX | Aramis Ribeiro Costa | 2018 | Literatura |
| 778. | Mobilidade, espacialidades e alteridades | Maurício Ribeiro da Silva (org.) | 2018 | Sociologia |
| 779. | Nebulosas do pensamento urbanístico: Tomo I – Modos de pensar | Paola Berenstein Jacques; Margareth da Silva Pereira (org.) | 2018 | Arquitetura |
| 780. | Negaça 45 anos: Capoeira Regional no corpo e na alma | Helio José Bastos Carneiro de Campos – Mestre Xaréu (org.) | 2018 | Capoeira |
| 781. | Novas fronteiras metodológicas nas ciências sociais | Paulo Cesar Alves e Leonardo Fernandes Nascimento (org.) | 2018 | Ciências Sociais |
| 782. | Novos aportes educacionais: relatos de experiências no município de Jeremoabo | Jonei Cerqueira Barbosa; Leila da Franca Soares (org.) | 2018 | Educação |
| 783. | O campo da saúde coletiva: gênese, transformações e articulações com a reforma sanitária brasileira | Ligia Maria Vieira-da-Silva | 2018 | Saúde |
| 784. | O Golpe na perspectiva de Gênero (Coleção Cult) | Linda Rubim & Fernanda Argolo (org.) | 2018 | Ciências Sociais |
| 785. | O radicalmente outro na cidade | Breno Silva | 2018 | Sociologia |

| | | | | |
|------|--|--|------|-----------------------|
| 786. | O Sampauleiro: romance de costumes sertanejos | João Antônio dos Santos Gumes | 2018 | Literatura Brasileira |
| 787. | Olhares sobre a docência: as contribuições do Pibid UFBA para a formação em rede | Alessandra Santos de Assis; Soraia Freaza Lôbo; Nelma de Cássia Silva Sandes Galvão; Raquel Nery Lima Bezerra (org.) | 2018 | Educação |
| 788. | Paisagens educativas do ensino de teatro na Bahia: saberes, experiências e formação de professores | Cilene Nascimento Canda e Celida Salume Mendonça (org.) | 2018 | Teatro |
| 789. | Paisagens sígnicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas | Maria Celeste de Almeida Wanner, Raoni Carvalho Gondim (org.) | 2018 | Arte e Filosofia |
| 790. | Para o menino-bolha | Paula Lice | 2018 | Dramaturgia |
| 791. | Paralaxe 4: Prática musical, memória e linguagem | Diana Santiago | 2018 | Música |
| 792. | Pensamento insurgente: direito à alteridade, comunicação e educação | Marco Aurélio Luz; Narcimária Correia do Patrocínio Luz (org.) | 2018 | Educação |
| 793. | Pesquisas e experiências sobre formação no contexto da educação de jovens e adultos | Tânia Regina Dantas, José Jackson Reis dos Santos e Ana Paula Silva da Conceição (org.) | 2018 | Educação |

| | | | | |
|------|---|--|------|------------------------------|
| 794. | Planejamento e gestão em saúde: caminhos para o fortalecimento das Hemorredes | Mariluce Karla Bomfim de Souza (org.) | 2018 | Serviços e Problemas Sociais |
| 795. | Planos de saúde e dominância financeira | José Antonio de Freitas Sestelo | 2018 | Serviços e Problemas Sociais |
| 796. | Política Nacional de Aids – a construção da resposta governamental à epidemia HIV/aids no Brasil | Sandra Garrido de Barros | 2018 | Medicina |
| 797. | Projeto de Sistemas Distribuídos e de Tempo Real para Automação | Raimundo Macêdo (org.) | 2018 | Ciência da Computação |
| 798. | Pronomes: morfossintaxe e semântica | Danniel Carvalho; Dorothy Brito (Org.) | 2018 | Letras |
| 799. | Publique, apareça ou pereça: Produtivismo acadêmico, “pesquisa administrada” e plágio nos tempos da cultura digital | Lucídio Bianchetti; Antônio A. S. Zuin; Obdália Ferraz | 2018 | Ensino Superior |
| 800. | Questões da educação especial | Lilian Miranda Bastos Pacheco (org.) | 2018 | Educação |
| 801. | Questões sociocientíficas: Fundamentos, propostas de ensino e perspectivas para ações sociopolíticas | Dália Melissa Conrado; Nei Nunes-Neto (org.) | 2018 | Educação |
| 802. | Redes regionalizadas de atenção à saúde | Adriano Maia dos Santos | 2018 | Serviços e Problemas Sociais |
| 803. | Rotas, trânsitos, migrações: ensaios de literatura e cultura | Antonia Herrera; Evelina Hoisel; Lígia Telles (org.) | 2018 | Literatura |

| | | | | |
|------|---|---|------|----------------------------|
| 804. | Samora Machel: retórica política e independência em Moçambique | Colin Darch; David Hedges | 2018 | Ciências Sociais e Humanas |
| 805. | Sertões contemporâneos: rupturas e continuidades | Gislene Moreira | 2018 | Ciências Sociais |
| 806. | Territorialidades: dimensões de gênero, desenvolvimento e empoderamento e das mulheres | Cristiano Rodrigues, Darlane Silva Vieira Andrade, Maíra Kubik Mano, Maise Caroline Zucco e Janja Araújo (org.) | 2018 | Ciências Sociais |
| 807. | Travessias dramáticas: companhia de teatro da UFBA | Cássia Lopes e Raimundo Matos de Leão (org.) | 2018 | Teatro |
| 808. | Wittgenstein nas Américas: legado e convergência | Rafael Lopes Azize (org.) | 2018 | Filosofia |
| 809. | A Invenção da Baianidade: segundo as letras de canções | Agnes Mariano | 2019 | Música |
| 810. | A Política Cultural de Richard Rorty – outros caminhos para a política e para a cultura | Hilton Leal da Cruz | 2019 | Filosofia |
| 811. | Analista cognitivo: uma profissão interdisciplinar | Suely Aldir Messeder e Elaine Cristina Barbosa Cambui, Maria Inês Corrêa Marque (org.) | 2019 | Educação |
| 812. | Apraxia – Sobre a complexa relação entre corpo e linguagem | Melissa Catrini | 2019 | Medicina |

| | | | | |
|------|---|--|------|-------------|
| 813. | As construções existenciais em foco | Elisângela Gonçalves (org.) | 2019 | Letras |
| 814. | Breve História da Vida e Morte de Anísio Teixeira – desmontada a farsa da queda no fosso do elevador | João Augusto de Lima Rocha | 2019 | Educação |
| 815. | Direitos humanos em perspectiva: desafios jurídicos emancipatórios | Julio Cesar de Sá da Rocha (org.) | 2019 | Direito |
| 816. | Educação Profissional na Bahia – Pesquisa e formação docente | Iêda Rodrigues da Silva Balogh, Patrícia Lessa Santos Costa, Valdélino Santos Silva, Antônio Amorim (org.) | 2019 | Educação |
| 817. | Extensão Universitária – Propostas exitosas em universidades nordestinas | Renata Meira Vêras e Luciana Fernandes de Medeiros (org.) | 2019 | Educação |
| 818. | Geografia Escolar, iniciação à docência e diversas linguagens | Jussara Fraga Portugal (org.) | 2019 | Educação |
| 819. | Introdução ao estudo dos contratos | Marcelo Timbó | 2019 | Direito |
| 820. | Juliano Moreira da Bahia para o Mundo – a formação baiana do intelectual de múltiplos talentos (1872-1902) | Ronaldo Ribeiro Jacobina | 2019 | Biografias |
| 821. | Madeiras de Construção do Período Colonial na Bahia – uso, exploração, venda, destinação e identificação das espécies | Karina Matos de Araújo F. Cerqueira e Mário Mendonça de Oliveira (org.) | 2019 | Arquitetura |

| | | | | |
|------|---|--|------|-------------------------------|
| 822. | Manual de estilo acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses – 6ª edição | Nídia M. L. Lubisco, Sônia Chagas Vieira | 2019 | Linguística, Guias de escrita |
| 823. | Marca lugar, comunicação e cultura | Adriano de Oliveira Sampaio, Claudiane Carvalho, Inês Martins, Lidiane Pinheiro (org.) | 2019 | Identidade Social |
| 824. | Museus virtuais e jogos digitais: novas linguagens para o estudo da história | Lynn Rosalina Gama Alves (org.) | 2019 | Educação |
| 825. | Nebulosas do pensamento urbanístico – Tomo II – Modos de fazer | Paola Berenstein Jaques, Margareth da Silva Pereira (org.) | 2019 | Arquitetura |
| 826. | Panorama da Inserção do/da Assistente Social na Política de Educação | Adriana Freire Pereira Ferriz, Mayra de Queiroz Barbosa (org.) | 2019 | Serviço Social |
| 827. | Redes de Aprendizagens entre a Escola e a Universidade | José Henrique de Freitas Santos, Simone Souza de Assumpção (org.) | 2019 | Educação |
| 828. | Salvador e os Descaminhos do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – Construindo novas possibilidades | Hortênsia Gomes, Ordep Serra e Débora Nunes (org.) | 2019 | Planejamento urbano |
| 829. | Um Ás na Mesa do Jogo: a Bahia na história política da I República (1920-1926) | Jonas Brito | 2019 | História |

| | | | | |
|------|--|--|------|-------------|
| 830. | Vai, Carlos, ser Marighella na vida: outro olhar sobre os caminhos de Carlos Marighella na Bahia | Ricardo Sizilio | 2019 | Biografias |
| 831. | Viollet-le-Duc e o restauro de Notre Dame | Mário Mendonça de Oliveira e Cybèle Celestino Santiago | 2019 | Arquitetura |

APÊNDICE B – LIVROS NÃO DEPOSITADOS NO LUGARES DE MEMÓRIA

| | NOME DO LIVRO | AUTOR | ANO | ÁREA | Localização |
|------------|--|---|------------|-----------------------|--------------------|
| 1. | Algumas abordagens na educação sexual de deficientes mentais | Lilia Maria de Azevedo Moreira | 1998 | Educação | |
| 2. | Geometria descritiva: noções básicas (2ª edição) | Ana Angélica Sampaio e Fonsêca, Antonio Pedro Alves de Carvalho, Gilberto de Menezes Pedroso (org.) | 1998 | Matemática | |
| 3. | O mar e o mato: histórias da escravidão (Congo-Angola, Brasil, Caribe) | Martin Lienhard | 1998 | História | |
| 4. | Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local) | Erivaldo Fagundes Neves | 1998 | História | |
| 5. | A filosofia de Durkheim | João Carlos Salles | 1998 | Filosofia | |
| 6. | Conversando sobre drogas | Ronaldo Ribeiro Jacobina, Antonio Nery Filho (org.) | 1999 | Saúde | |
| 7. | Informação & Saúde | Maria Teresa Matos (org.) | 1999 | Ciência da Informação | |
| 8. | Onfalopatias de bezerros | Luciano J. C. Figueiredo | 1999 | Veterinária | |
| 9. | Os sinos do pilar: novela | Nelson de Araújo | 1999 | Literatura | |
| 10. | Partidos políticos na Bahia na Primeira República: uma política de acomodação | Consuelo Novais Sampaio | 1999 | História | |

| | | | | | |
|-----|---|---|------|----------------------------------|--|
| 11. | Prosa de Nagô | Vanda Machado, Carlos Petrovich | 1999 | Educação | |
| 12. | Saúde reprodutiva: um guia para provedores | José de Codes | 1999 | Saúde | |
| 13. | Trajetória da juventude brasileira: dos anos 50 ao final do século | Angelina Bulcao Nascimento | 1999 | Ciências Sociais | |
| 14. | Violência e ideologia feminista na obra de Clarice Lispector | Raimunda Bedasee | 1999 | Ciências Sociais | |
| 15. | Vitimização sexual em crianças e adolescentes: os profissionais de saúde e os aspectos legais | Clésia Andrade Sadigursky | 1999 | Saúde | |
| 16. | Aprendendo a lidar com gente: relações interpessoais no cotidiano | Lucila Rupp de Magalhães | 1999 | Comunicação | |
| 17. | Informação e informática | Nídia M. L. Lubisco, Lídia M. B. Brandão (org.) | 2000 | Ciência da Informação | |
| 18. | Instalações hidráulicas prediais de águas pluviais | Luiz Carlos A. de A. Fontes | 2000 | Engenharia | |
| 19. | Limites do habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX | Angela Gordilho Souza | 2000 | Planejamento urbano e paisagismo | |

| | | | | | |
|-----|--|--|------|--------------------|--|
| 20. | Ilê Ifé: o sonho do Iaô Afonjá | Carlos Petrovich e Vanda Machado | 2000 | Educação | |
| 21. | Os segadores e a Messe: o clero oitocentista na Bahia | Cândido da Costa e Silva | 2000 | Biografia | |
| 22. | Plantas medicinais e ritualísticas (1ª Edição) | Mara Zélia de Almeida | 2000 | Saúde | |
| 23. | Propedêutica clínica | Eulógico Moreira Caldas | 2000 | Ciências Aplicadas | |
| 24. | Temas em comunicação e cultura contemporânea II | Itania Maria Mota Gomes (org.) | 2000 | Ciências Sociais | |
| 25. | Temas em comunicação e cultura contemporânea IV | Itania Maria Mota Gomes (org.) | 2000 | Comunicação | |
| 26. | Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos | Fernando da Rocha Peres, Silvia La Regina (org.) | 2000 | Literatura | |
| 27. | Aprendendo a lidar com gente: relações interpessoais no cotidiano (2ª edição) | Lucila Rupp de Magalhães | 2001 | Psicologia | |
| 28. | Caçador de ventos e melancolias: um estudo da lírica nas crônicas de Rubem Braga | Carlos Ribeiro | 2001 | Literatura | |
| 29. | Educação e cibercultura | Lynn Rosã;lina Gama Alves, Jamile Borges da Silva (org.) | 2001 | Educação | |
| 30. | Ensaio sobre gênero e educação | Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes (Org.) | 2001 | Educação | |

| | | | | | |
|-----|---|--|------|------------------|---|
| 31. | História da Bahia (10ª edição) | Luís Henrique Dias Tavares | 2001 | História | |
| 32. | O ser-sendo da filosofia: uma compreensão poemática-pedagógica para o fazer-aprender filosofia | Dante Augusto Galeffi | 2001 | | UFBA 107 G151 Faculdade de Educação Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; UFBA 37.013 G151 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa; Biblioteca Universitária de Saúde |
| 33. | Chrysallís, currículo e complexidade: a perspectiva crítico-multirreferencial e o currículo contemporâneo | Roberto Sidnei Macedo | 2002 | Educação | UFBA 371.214 M141 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa; UFBA 375 M141c Faculdade de Educação |
| 34. | Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação | Inaicyra Falcão dos Santos | 2002 | Artes | 792.83 S237 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa; 371.332 S237 Faculdade de Educação Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 35. | Desenho de Arquitetura Pré-Renascentista | Mário Mendonça de Oliveira | 2002 | Arquitetura | Faculdade de Arquitetura |
| 36. | Expressões de sabedoria: educação, vida e saberes | Nelson De Luca Pretto, Luís Felipe Perret Serpa, MÁfe Stella de Oxossi | 2002 | Ciências Sociais | UFBA 396 E96 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa; 305.4 E96 Faculdade de Educação; Centro de Estudos Afro Orientais |
| 37. | Fluoreto em odontologia | Roberto Paulo Correia de Araújo | 2002 | Saúde | UFBA 616.314-084 A663 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa; 616.314-084 A663 Biblioteca Universitária de Saúde |

| | | | | | |
|-----|--|---|------|-------------|--|
| 38. | Internet e educação à distância | Othon Jambeiro; Fernando Ramos (org.) | 2002 | Educação | - |
| 39. | Manual de dietas do Hospital Universitário Professor Edgard Santos | Neide de Jesus | 2002 | Saúde | UFBA 15.874 J58 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Biblioteca Universitária de Saúde |
| 40. | Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses | Nídia M. L. Lubisco, Sônia Chagas Vieira | 2002 | Educação | UFBA 001.4 L929 Faculdade de Educação Escola de Teatro UFBA 001.8 L929 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Instituto de Ciência da Informação Biblioteca Universitária de Ciências e Tecnologias Professor Omar Catunda Faculdade de Arquitetura |
| 41. | Ray theory and gaussian beam method for geophysicists | Mikhail Mikhailvich Popov | 2002 | Geociências | - |
| 42. | Tecnologia da conservação e da restauração - materiais e estruturas: um roteiro de estudos | Mário Mendonça de Oliveira | 2002 | Arquitetura | UFBA 72.025 O48 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Faculdade de Arquitetura Escola de Belas Artes |
| 43. | A inclusão do portador de deficiência visual na escola regular | Ivanê Dantas Coimbra | 2003 | Educação | 376.32 C679 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Biblioteca Universitaria de Saúde 371.911 C679i Faculdade de Educação |
| 44. | Boi da cara preta: crianças no hospital | Marluce Leitgel-Gille | 2003 | Saúde | UFBA 616.89-053.2 B678 Biblioteca |

| | | | | | |
|-----|--|--|------|-----------|--|
| | | | | | Universitária Reitor Macedo Costa Biblioteca Universitaria de Saúde UFBA 618.92 B678 Faculdade de Educação Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 45. | Capoeira Angola: do iniciante ao mestre | José Luiz Oliveira Cuz | 2003 | Cultura | 796.81 M586 Centro de Estudos Afro Orientais UFBA 793.31 M586 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 46. | Da sedição de 1798 à Revolta de 1824 na Bahia | Luis Henrique Dias Tavares | 2003 | História | 94(81)034 T231 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa UFBA 981.42 T231 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 47. | Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático | Ana Célia da Silva | 2003 | Educação | - |
| 48. | História do turismo de massa | Marc Boyer | 2003 | História | B791 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa 338.4791 |
| 49. | O mito cristão no cinema: "O verbo se fez luz e se projetou entre nós" | Laércio Torres de Góes | 2003 | Cinema | 791.43:2 G598 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 50. | Panoramas urbanos: reflexões sobre a cidade | Milton Esteves Junior, Urpi Montoya Uriarte (org.) | 2003 | Urbanismo | 711.4 P195 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Faculdade de Arquitetura 911.9:711.4(813.8) P195 307.76 P195 Escola de Música |

| | | | | | |
|-----|---|---|------|------------------|--|
| 51. | Plantas medicinais e ritualísticas (2ª edição) | Mara Zélia de Almeida | 2003 | Saúde | - |
| 52. | A revista Veja e o discurso do emprego na globalização: uma análise semiótica | Nilton Hernandes | 2004 | Comunicação | UFBA 659.3(81) H557 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Instituto de Ciência da Informação |
| 53. | Colonialismo, modernidade e política | Partha Chatterjee | 2004 | Ciências Sociais | 320.549 C495 Centro de Estudos Afro Orientais Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Faculdade de Economia UFBA 342.71(540) C495 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa UFBA 320.54 C495 320.549 C495c Faculdade de Educação |
| 54. | Comunicação organizacional hoje II: novos desafios, novas perspectivas | Cláudio Cardoso | 2004 | Comunicação | UFBA 659.4 C741 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Instituto de Ciência da Informação 658.45 C741 Escola de Administração |
| 55. | Tecnologias da informação e educação à distância | Terezinha Froés Burnham, Maria Lídia Pereira Mattos (org.) | 2004 | Educação | UFBA 37.018.43:659.3 T255 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 56. | A cidade como história: os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo | Eloísa Petti Pinheiro, Marco Aurélio A. Filgueiras Gomes (org.) | 2005 | Urbanismo | UFBA 711.4 (091) C568 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Faculdade de Arquitetura |

| | | | | | |
|-----|--|---|------|-----------------------|--|
| 57. | Bibliotecas digitais: saberes e práticas | Carlos H. Marcondes | 2005 | Ciência da Informação | 027:004 B582 Instituto de Ciência da Informação 056.9 B582 Faculdade de Educação UFBA 027:004 B582 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 58. | Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda | Pedro Rodolpho Jungers Abib | 2005 | Capoeira | 306 A148 Faculdade de Educação 394.3 A148 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 59. | Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia | Othon Jambeiro, Valério Brittos, Álvaro Benevenuto Jr. (org.) | 2005 | Ciências Sociais | UFBA 659.3:316 C741 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Instituto de Ciência da Informação UFBA 302.23 C741 Faculdade de Educação Escola de Administração |
| 60. | Conceptos introductorios al estudio de la información documental | José Antonio Moreira González | 2005 | Ciência da Informação | 002(07) M838 Instituto de Ciência da Informação UFBA 002(07) M838 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 61. | Guiomar Muniz Pereira | Elizete Passos | 2005 | Educação | - |
| 62. | História na contemporaneidade: focos de tensão | Renato Santos | 2005 | Geografia e História | 909 S237h Faculdade de Educação 909 S237 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas UFBA 94(100) S237 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa 94(100) S237 Faculdade de Arquitetura |

| | | | | | |
|-----|--|---|------|-----------------------|--|
| 63. | Manual de digitalização de acervos: textos, mapas e imagens fixas | Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva | 2005 | Ciência da Informação | UFBA 004.02 S586 Biblioteca Universitária de Ciências e Tecnologias Professor Omar Catunda Instituto de Ciência da Informação 005.72 S586 Escola de Administração |
| 64. | Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses | Nídia M. L. Lubisco, Sônia Chagas Vieira | 2005 | Ciência da Informação | R 001.4 L929 2.ed. Faculdade de Direito UFBA 001.8 L929 2.ed. Instituto de Ciência da Informação Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Biblioteca Universitaria de Saúde Biblioteca Universitária de Ciências e Tecnologias Professor Omar Catunda Escola de Belas Artes UFBA 001.4 L929 2. ed. rev. e ampl. Faculdade de Educação Escola de Administração Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Escola Politécnica |
| 65. | Quem tem medo da geração shopping?: uma abordagem psicossocial (2ª edição) | Angelina Bulcão Nascimento | 2005 | Filosofia | 155.5 N244 2.ed Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 66. | Questões cruciais para a psicanálise | Andréa Hortélio Fernandes, Analícea de Souza Calmon Santos (org.) | 2005 | Filosofia | UFBA 159.964.2 Q58 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Biblioteca Universitária de Saúde UFBA 616.8917 Q58 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Escola de Administração |
| 67. | Reflexões sobre a cena | Sheila Dias Maluf, Ricardo Bigi de Aquino (org.) | 2005 | Artes | - |
| 68. | Sistemas dinâmicos a eventos discretos: | Eduard Montgomery Meira Costa | 2005 | Engenharia | - |

| | | | | | |
|-----|--|--|------|-----------------------|---|
| | fundamentos básicos para a moderna automação industrial | | | | |
| 69. | Urbanismo no Brasil 1895-1965 | Maria Cristina da Silva Leme (org.) | 2005 | Urbanismo | UFBA 711.45 (81) U72 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Faculdade de Arquitetura |
| 70. | Linhas e entrelinhas: língua, literatura e práticas de leitura | Enelita de Souza Freitas, Valci Vieira dos Santos (org.) | 2006 | Letras | 821(81).09 L755 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 71. | Manual de fisiologia vegetal: manual de atividades práticas | Hermínia Maria de Bastos Freitas (org.) | 2006 | Botânica | - |
| 72. | Medicina alternativa e complementar: experiência, corporeidade e transformação | João Tadeu de Andrade | 2006 | Saúde | UFBA 615.85 A553 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas UFBA 615.85 A553 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Biblioteca Universitária de Saúde |
| 73. | Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses (3ª edição) | Nídia Maria Lienert Lubisco e Sônia Chagas Vieira (org.) | 2007 | Ciência da Informação | 001.8 L929 3. ed. rev. e ampl. Faculdade de Arquitetura |
| 74. | O urbano e o regional no Brasil contemporâneo: mutações, tensões, desafios | Sarah Feldman e Ana Fernandes (org.) | 2007 | Planejamento urbano | - |
| 75. | Asteraceae: caracterização e morfologia floral | Nádia Roque e Hortencia Bautista | 2008 | Biologia | - |

| | | | | | |
|-----|---|---|------|----------------------------------|---|
| 76. | Decifra-me ou te devorarei: o que pode o professor frente ao livro didático? | Cristina Maria d'Ávila | 2008 | Educação | Faculdade de educação |
| 77. | Formação, saberes profissionais e profissionalização em múltiplos contextos: Sentidos, Políticas, Práticas. | Vera Lúcia Bueno Fartes (org.) | 2008 | Educação | UFBA 370.113 F723 Faculdade de Educação |
| 78. | Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte e perspectiva | Javier Díaz Noci e Marcos Palácios (org.) | 2008 | Jornalismo | 070 M593 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 79. | Panoramas urbanos: reflexões sobre a cidade | Milton Esteves Júnior e Urpi Montoya Uriarte (org.) | 2008 | Planejamento urbano e paisagismo | 711.4 P195 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Faculdade de Arquitetura 911.9:711.4(813.8) P195 307.76 P195 Escola de Música |
| 80. | Políticas culturais na Bahia: governo Jaques Wagner – 2007 (Coleção CULT) | Antonio Albino Canelas Rubim e Bruno Faria Rohde (org.) | 2008 | Ciências sociais | - |
| 81. | Uma Comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio – um estudo de história regional e local (2ª Ed.) | Erivaldo Fagundes Neves | 2008 | Geografia | - |
| 82. | A perversão da experiência do trabalho: um estudo do PDV no Banco do Brasil | Jair Batista da Silva | 2009 | Ciências sociais | 332.110981 S586 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |

| | | | | | |
|-----|---|---|------|----------------------|---|
| 83. | Canô Velloso: lembranças do saber viver | Antonio Fernando Guerreiro de Freitas, Arthur de Assis | 2009 | Geografia e História | 907.2 F866 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Escola de Administração 929.642 F866 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa 907.2 F866 Escola de Administração Mário Kertész |
| 84. | Casa e balcão: os caixeiros de Salvador (1890-1930) | Mario Augusto da Silva Santos | 2009 | Ciências sociais | 381.098142 S237 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 85. | Curso básico de microeconomia (3ª edição) | José Carrera-Fernandez | 2009 | Economia | - |
| 86. | Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia, de 1815 a 1949 | Mirabeau Souza | 2009 | Farmácia | 615.12(07)(813.8) D568 Biblioteca Universitaria de Saúde Museu de Arte Sacra Gonçalo Moniz |
| 87. | Do corpo objeto ao sujeito histórico: perspectivas do corpo na história | Maria Cecélia de Paula Silva | 2009 | Ciências aplicadas | UFBA 613.7 S586 Faculdade de Educação Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 88. | Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa | Silvana Soares Costa Ribeiro, Sônia Bastos Borba Costa, Suzana Alice Marcelino Cardoso (org.) | 2009 | Letras | 811.134.3'28 D722 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 89. | Educação básica: contribuições da pós-graduação e da pesquisa | Robinson Tenório e José Albertino Lordêlo (org.) | 2009 | Educação | UFBA 370.1110981 E24 Faculdade de Educação |

| | | | | | |
|-----|--|---|------|----------------------|---|
| 90. | Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas | Félix Díaz, Miguel Bordas, Nelma Galvão e Theresinha Miranda (org.) | 2009 | Educação | UFBA 371.9046 E24 Faculdade de Educação 376.2 E24 Gonçalo Moniz |
| 91. | Educação inclusiva: o professor mediando para a vida | Cristiane T. Sampaio e Sônia Maria R. Sampaio | 2009 | Educação | UFBA 376.4 S192 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa UFBA 371.928 S192 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Faculdade de Educação |
| 92. | Expressões usuais em odontologia (V. 2) | Elisângela de Jesus Campos e Roberto Paulo Correia Araujo (org.) | 2009 | Saúde | UFBA 616.314 E96 Biblioteca Universitaria de Saúde |
| 93. | Geografia de Salvador (2ª edição) | Adriano Bittencourt Andrade e Paulo Roberto Baqueiro Brandão (org.) | 2009 | Geografia e História | - |
| 94. | Gestão educacional nos municípios: entraves e perspectivas | Maria Couto Cunha (org.) | 2009 | Educação | UFBA 371.207098142 C972 Faculdade de Educação |
| 95. | Globalização e novos atores: a paradiplomacia e as cidades brasileiras | Maria Clotilde Meirelles Ribeiro | 2009 | Ciência política | 327.20981 R484 Escola de Administração |
| 96. | Leituras afro-brasileiras: territórios, religiosidades e saúdes | Ana Cristina de Souza Mandarin, Estélio Gomberg (org.) | 2009 | Enciclopédias gerais | 299.6:614 L533 Biblioteca Universitaria de Saúde 299.6 L533 Centro de Estudos Afro Orientais |

| | | | | | |
|------|---|---|------|--------------------|---|
| 97. | Memórias de um cirurgião bucomaxilofacial | Benedicto Alves de Castro Silva | 2009 | Biografia | 929:616.314 S586 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 98. | O diplomata e o intruso: a entrada das sociedades na arena internacional | Bertrand Badie (autor) / Carlos Milani (Trad.) | 2009 | Ciências Sociais | 327.2 B136 Escola de Administração |
| 99. | O português afro-brasileiro | Dante Lucchesi, Alan Baxter, Ilza Ribeiro (org.) | 2009 | Letras | UFBA 469.798 P853 Centro de Estudos Afro Orientais 811.134.3 P853 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 100. | Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa | Manoel Mendonça Filho, Maria Tereza Nobre (org.) | 2009 | Ciências Sociais | - |
| 101. | Políticas públicas & inclusão digital | Tânia Maria Hetkowski | 2009 | Ciências Sociais | - |
| 102. | Risco, radiodiagnóstico e vigilância sanitária | Marcus Vinícius Teixeira Navarro | 2009 | Ciências aplicadas | - |
| 103. | Trabalho pedagógico e formação de professores/militares culturais: construindo políticas públicas para a educação física, esporte e lazer | Carlos Roberto Colavolpe, Celi Nelza Zulke Taffarel, Cláudio de Lira Santos Junior (org.) | 2009 | Educação | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------|------------------------------|---|
| 104. | Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo | Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes | 2009 | Arquitetura | 711.4 U72 Faculdade de Arquitetura |
| 105. | A Coruja de Minerva | Remy de Souza | 2010 | Filosofia | - |
| 106. | Alfabetização para a infância: perspectivas contemporâneas | Ana Kátia Alves dos Santos | 2010 | Educação | UFBA 372.4 A385 Faculdade de Educação |
| 107. | Brazilian perspectives in digital environments: communication policies, e-government and digital journalism | Marcos Palacios e Othon Jambeiro (org.) | 2010 | Ciências sociais | 302.2310981 B827 Escola de Administração |
| 108. | Da diabolização à divinização: a criação do senso comum | Jaime Sodré | 2010 | Ciências Sociais | - |
| 109. | De tempos em tempos: nossas histórias Kaimbé | Clélia Neri Côrtes (coord.) | 2010 | Literatura e retórica | 821(81)-93 D278 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa 869 D278 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 110. | Filhos do Cárcere | Aline D'Eça | 2010 | Serviços e problemas sociais | - |
| 111. | Geolinguística: tradição e modernidade | Suzana Alice Cardoso | 2010 | Letras | 81'28 C268 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa 410 C268 Faculdade de Educação |

| | | | | | |
|------|---|---|------|-----------------|--|
| 112. | Henriqueta Catarina (Coleção Educadoras Baianas) | Elizete Passos | 2010 | Biografia | - |
| 113. | Imprensa e poder: ligações perigosas (2ª edição) | Emiliano José | 2010 | Jornalismo | 070:32 J83 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa 079.81 J83 Escola de Administração Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 114. | Indicadores da educação básica: avaliação para uma gestão sustentável | Robinson Tenório, Cristiane Brito Machado e Uaçai de Magalhães Lopes (org.) | 2010 | Educação | 371.26 I39 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa Biblioteca Universitária de Ciências e Tecnologias Professor Omar Catunda UFBA 371.26 I39 Faculdade de Educação |
| 115. | Infografia e Jornalismo: conceitos, análises e perspectivas | Tattiana Teixeira | 2010 | Comunicação | - |
| 116. | Jornalismo de Campanha e a Constituição de 1988 | Emiliano José | 2010 | Comunicação | - |
| 117. | Manual do DSpace: administração de repositórios | Milton Shintaku e Rodrigo Meirelles | 2010 | Biblioteconomia | - |

| | | | | | |
|------|---|--|------|-----------------------|--|
| 118. | Música popular e adjacências... | Paulo Costa Lima | 2010 | Música | - |
| 119. | Rádiodifusão e telecomunicações: o paradoxo da desvinculação normativa no Brasil | Chalini Torquato G. Barros | 2010 | Ciências sociais | - |
| 120. | Relações internacionais: perspectivas francesas | Carlos R. S. Milani | 2010 | Ciência política | - |
| 121. | Superfícies isométricas ao plano: construção de modelos concretos com cilindros e cones | Elinalva Vergasta de Vasconcelos, Graça Luzia Dominguez Santos, Maria Christina Fernandes Cardoso e Verlane Andrade Cabral | 2010 | Matemática | 514.7 V331 Biblioteca de Camaçari |
| 122. | Travessias de gênero na perspectiva feminista | Ivia Alves, Maria de Lourdes Scheffler, Petilda Serva Vazquez e Silvia de Aquino (org.) | 2010 | Ciências sociais | 305.4 T779 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 123. | (Entre)vista: a escuta revela | Maria de Lourdes S. Ornellas | 2011 | Ciência da informação | - |
| 124. | Estudos de gênero e interdisciplinaridade no contexto baiano | Ana Alice Alcântara Costa (org.) | 2011 | Ciências Sociais | 305.42 E82 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 125. | 10 necessárias falas: cidade, arquitetura e urbanismo | Antonio Heliodório Lima Sampaio | 2011 | Arquitetura | - |

| | | | | | |
|------|--|--|------|---|--|
| | | | | | |
| 126. | A construção da escola primária na Bahia: guia de referências temáticas nas leis de reforma e regulamentos (1890-1930) – Volume 1 (Coleção Memória da Educação na Bahia) | Elizabete Conceição Santana, Jaci Maria Ferraz de Menezes, Maria Alba Guedes Machado Mello, Ladjane Alves Souza, Natalli Soeiro Costa, Sandra Silva e Souza e Verônica de Jesus Brandão (org.) | 2011 | Educação | UFBA 372.98142 C757 Faculdade de Educação |
| 127. | A etnocenologia e seu método | Adailton Santos | 2011 | Artes | - |
| 128. | A Larga Barra da Baía: essa província no contexto do mundo | Milton Moura (org.) | 2011 | Ciências Sociais | 306 L322 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas 398.2 L322 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 129. | A música na educação básica | Ana Katia Alves dos Santos e Hildonice de Souza Batista (org.) | 2011 | Educação | - |
| 130. | A Primeira Gazeta da Bahia – Idade d’Ouro do Brazil (3ª edição) | Maria Beatriz Nizza da Silva | 2011 | Jornalismo, editoração, imprensa documentária e educativa | - |
| 131. | A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou? | Ana Célia da Silva | 2011 | Educação | UFBA 379.26 S586 Faculdade de Educação |

| | | | | | |
|------|---|---|------|---|--|
| 132. | A via da arte dramática na escola (Coleção Corpo, Convívio e Linguagem) | Rô Reyes | 2011 | Educação | - |
| 133. | Adoção do Partido na Arquitetura | Laert P. Neves | 2011 | Arquitetura | - |
| 134. | África negra – história e civilizações: – Tomo II (do século XIX aos nossos dias) | Elikia M’Bokolo | 2011 | História da África | 967 M478 Escola de Administração |
| 135. | Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual | Lília Maria de Azevedo Moreira | 2011 | Educação | UFBA 371.92 M838 3. ed. Faculdade de Educação |
| 136. | Aprender fazendo: a interdisciplinaridade na formação em saúde coletiva | Darci Neves Santos e Cristina Larrea Killinger (org.) | 2011 | Ciências Sociais | 614 A654 Biblioteca Universitária de Saúde |
| 137. | Arte e Cultura: memória e transgressão | Edilene Matos (org.) | 2011 | Usos e costumes, etiqueta e folclore | 809 A786 Faculdade de Educação 82.0 A786 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 138. | Avaliação e decisão: teorias, modelos e usos | Robinson Tenório e Rosilda Arruda Ferreira (org.) | 2011 | Educação | UFBA 371.26 A945 Faculdade de Educação Escola de Administração 37.091.26 A945 Instituto de Ciência da Informação |
| 139. | Biblioteca universitária: elementos para o | Nídia M. L. Lubisco | 2011 | Biblioteconomia e ciência da informação | 027.7 B583 27.7 B583 |

| | | | | | |
|------|--|---|------|-----------------------------|--|
| | planejamento, avaliação e gestão | | | | |
| 140. | Caipira sim, Trouxa não: representações da cultura popular no cinema de Mazaropi | Soleni Biscouto Fressato | 2011 | Artes cênicas e recreativas | - |
| 141. | Comunicação e Estudos Culturais | Itania Maria Mota Gomes e Jeder Janotti Junior (org.) | 2011 | Ciências Sociais | - |
| 142. | Corpo, dança e consciência: circuitações e trânsitos em Klaus Vianna (Coleção Pesquisa em Artes) | Lela Queiroz | 2011 | Artes cênicas e recreativas | UFBA 793.3 Q3 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 143. | Cultura e Desenvolvimento: perspectivas políticas e econômicas (Coleção Cult) | Alexandre Barbalho, Lia Calabre, Paulo Miguez e Renata Rocha (org.) | 2011 | Ciências Sociais | - |
| 144. | Cultura negra e ideologia do recalque | Marco Aurélio Luz | 2011 | Ciências Sociais | 305.896081 L979 3.ed. Centro de Estudos Afro Orientais |
| 145. | Da palavra à imagem em Anarquistas, graças a Deus de Zélia Gattai | Antonella Rita Roscilli | 2011 | Artes cênicas e recreativas | - |
| 146. | Desafios do planejamento na construção do SUS | Washington Luiz Abreu de Jesus e Marluce Maria Araújo Assis (org.) | 2011 | Ciências Sociais | 614.39 D441 Biblioteca Universitária de Saúde |

| | | | | | |
|------|---|---|------|-----------------------|--|
| 147. | Desejo, lei e reciprocidade no convívio escolar (Coleção Corpo, Convívio e Linguagem) | Rô Reyes | 2011 | Psicologia | - |
| 148. | Diálogos entre Ciência e Divulgação Científica: leituras contemporâneas | Cristiane Porto, Antonio Brotas e Simone Bortoliero (Org.) | 2011 | Ciência da Informação | 50 D536 Instituto de Ciência da Informação |
| 149. | Diário Constitucional: um periódico baiano defensor de D. Pedro – 1822 | Maria Beatriz Nizza da Silva | 2011 | Ciência política | - |
| 150. | Docência no ensino superior: desafios da prática educativa | Marinalva Lopes Ribeiro, Ádiva de Sousa Martins e Antonio Roberto Seixas da Cruz (org.) | 2011 | Educação | - |
| 151. | Dramaturgia, ainda: reconfigurações e rasuras | Cleise Furtado Mendes (org.) | 2011 | Teatro | 792 D763 Escola de Teatro |
| 152. | Educação como fundamento da sustentabilidade | Uaçai de Magalhães Lopes e Robinson Moreira Tenório | 2011 | Educação | UFBA 306.43 L864 Faculdade de Educação |
| 153. | Educação especial em contexto inclusivo: ação e reflexão | Theresinha G. Miranda e Teófilo A. G. Filho (org.) | 2011 | Educação | - |
| 154. | Ele não joga capoeira, ele faz cafuné: histórias da Academia do Mestre Bimba | Sérgio Fachinetti Doria | 2011 | Artes | 796.81 D696 Centro de Estudos Afro Orientais |

| | | | | | |
|------|---|---|------|-----------------------------|--|
| 155. | Eletrônica digital básica | Jurandyr Santos Nogueira | 2011 | Engenharia | UFBA 621.381 N778 Escola Politécnica |
| 156. | Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros | Paulo Moreira e Edward MacRae | 2011 | Geografia e História | T/UFBA 633.888+316 M838 Centro Estudos Terapia Abuso Drogas |
| 157. | Formação de professores e processos de aprendizagem: rupturas e continuidades | Dinamara Garcia Feldens, Ester Fraga Villas-Bôas Carvalho Nascimento e Fabrícia Teixeira Borges | 2011 | Educação | 370.71 F723 Faculdade de Educação |
| 158. | Gênero, mulheres e feminismos | Alinne Bonneti e Ângela Maria Freire de Lima e Souza (org.) | 2011 | Ciências Sociais | 305.42 G326 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 159. | Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo | Itania Maria Mota Gomes | 2011 | Jornalismo | - |
| 160. | Godard, imagens e memórias: reflexões sobre História(s) do Cinema | José Francisco Serafim (org.) | 2011 | Artes cênicas e recreativas | 791.43(44) G577 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 161. | Hospital de Orixás: encontros terapêuticos em um terreiro de Candomblé | Estélio Gomberg | 2011 | Outras religiões | - |
| 162. | Inclusão digital: polêmica contemporânea | Maria Helena Silveira Bonilla e Nelson De Luca Pretto (org.) | 2011 | Ciências Sociais | UFBA 303.4833 I37 Faculdade de Educação |

| | | | | | |
|------|--|--|------|--------------------|---|
| 163. | Índios e Caboclos: a história recontada | Maria Rosário de Carvalho e Ana Magda Carvalho (org.) | 2011 | História do Brasil | 981 I39 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 164. | Interação legislativa on-line: canais digitais da CLP para a sociedade civil | Tenaflae Lordêlo | 2011 | Ciências sociais | - |
| 165. | Jornalismo Contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas | Gislene Silva, Dimas A. Künsch, Christa Berger e Afonso Albuquerque (Org.) | 2011 | Jornalismo | UFBA 070 J82 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 166. | Laróyè, Exu: imagens e mitos do orixá mensageiro na fotografia de Mario Cravo Neto | Karliane Macedo Nunes | 2011 | Fotografia e arte | 77 N972 Faculdade de Arquitetura Escola de Belas Artes 778.9 N972 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 167. | Lições de Abril: a construção de autoria entre os Pataxó de Coroa Vermelha | América Cesar | 2011 | Ciências Sociais | 301 C421 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 168. | Linguagens documentárias e vocabulários semânticos para a web: elementos conceituais | José González | 2011 | Biblioteconomia | - |
| 169. | Memoráveis paixões transculturais: euroafromeríndia | Roland Schaffner | 2011 | Ciências sociais | 303.482 S296 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Escola de Música 316.72 S296 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |

| | | | | | |
|------|---|---|------|-----------------------|---|
| 170. | Mídia, discurso e sentido | Giovandro Marcus Ferreira, Adriano de Oliveira Sampaio e Antonio Fausto Neto (org.) | 2011 | Ciências aplicadas | - |
| 171. | Na Palma da Minha Mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas | Vilson Caetano de Sousa Junior | 2011 | Outras religiões | 299.6730981 S725 Centro de Estudos Afro Orientais |
| 172. | O caminho para Meca | Athol Fugard | 2011 | Literatura americana | - |
| 173. | O corpo tem seu lugar na escola (Coleção Corpo, Convívio e Linguagem) | Rô Reyes | 2011 | Psicologia | - |
| 174. | O périplo de Judith Grossmann | Lígia Guimarães Telles | 2011 | Literatura brasileira | 82-4 T274 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 175. | O processo de aprendizagem e seus transtornos | Félix Dias | 2011 | Educação | UFBA 370.1523 D542 Faculdade de Educação Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 176. | O saber e o trabalho docente: concepções e experiências | Maria Roseli Gomes Brito de Sá e Vera Lúcia Bueno Fartes (org.) | 2011 | Educação | UFBA 370.71 S115 Faculdade de Educação |
| 177. | Observatório da vida estudantil: primeiros estudos | Sônia Maria Rocha Sampaio (org.) | 2011 | Educação | UFBA 378.8142 O14 Faculdade de Educação Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Escola Politécnica UFBA 378 O14 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |

| | | | | | |
|------|---|--|------|-----------------------------|--|
| | | | | | UFBA 378-057.87 O14 Biblioteca Universitária de Conquista |
| 178. | Órgãos e sistemas: temas interdisciplinares (V. 1) | Roberto Paulo Correia de Araújo (org.) | 2011 | Ciências aplicadas | 61 O68 Biblioteca Universitária de Saúde Biblioteca de Camaçari |
| 179. | Orla oceânica de Salvador: um mar de representações | André Nunes de Sousa | 2011 | Geografia e História | - |
| 180. | Outra tempestade | Raquel Carrió e Flora Lauten | 2011 | Literatura e retórica | - |
| 181. | Para onde nos tem levado a via da arte? (Coleção Corpo, Convívio e Linguagem) | Rô Reyes | 2011 | Educação | - |
| 182. | Peças de amor e ódio (Coleção Teatro Baiano) | Deolindo Checcucci | 2011 | Artes cênicas e recreativas | 869.2 C514 Escola de Teatro; 792(81) C514 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 183. | Península de Itapagipe: patrimônio industrial e natural | Maria Helena Ochi Flexor e Peter José Schweizer (org.) | 2011 | Ciências sociais | 338.0981 P411 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas 711.4 P411 Faculdade de Arquitetura Biblioteca Universitária de Ciências e Tecnologias Professor Omar Catunda Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa 981.42 P411 Escola de Administração |
| 184. | Piauípsilon: um projeto geopolítico excludente | Vitor de Athayde Couto | 2011 | Ciências sociais | 338.98122 C871 Faculdade de Economia |
| 185. | Plantas Medicinais (3ª Edição) | Mara Zélia de Almeida | 2011 | Medicina e saúde | 615.53 A447 3.ed. Centro de Estudos Afro Orientais |

| | | | | | |
|------|---|--|------|------------------|---|
| 186. | Políticas Públicas e pessoa com deficiência: direitos humanos, família e saúde | Isabel Lima, Isabela Pinto e Silvia Pereira (org.) | 2011 | Ciências Sociais | 331.582 P769 Gonçalo Moniz |
| 187. | Pretas de Honra: vida e trabalho de domésticas e vendedoras no Recife do século XIX (1840-1870) | Maciel Henrique Silva | 2011 | Ciências Sociais | - |
| 188. | Reconceituações contemporâneas do patrimônio | Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes e Elyane Lins Corrêa (org.) | 2011 | Arquitetura | 711.4:316 R311 Faculdade de Arquitetura |
| 189. | (Re) Descobriram o Ceará? Representações dos sítios históricos de Icó e Sobral: entre areal e patrimônio nacional | José Clewton do Nascimento | 2011 | Artes | 711.4 N244 Faculdade de Arquitetura; Biblioteca de Camaçari |
| 190. | Reflexões sobre sexualidade e agressividade na escola (Coleção Corpo, Convívio e Linguagem) | Rô Reyes | 2011 | Psicologia | - |
| 191. | Relações Brasil-África e Geopolítica do Atlântico Sul | Eli Alves Penha | 2011 | Ciências Sociais | 327.101 P399 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 192. | Saberes plurais, difusão do conhecimento e práxis pedagógica | Paulo Roberto Holanda Gurgel e Wilson Nascimento Santos (org.) | 2011 | Educação | UFBA 370.11 S115 Faculdade de Educação; 37 S115 Biblioteca de Camaçari |

| | | | | | |
|------|---|---|------|-------------------|---|
| 193. | Ser e não ser da roça, eis a questão! Identidades e discursos na escola | Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios | 2011 | Ciências Sociais | 304.4 R586 Faculdade de Educação |
| 194. | Ser-Tão Baiano: O Lugar da Sertanidade na Configuração da Identidade Baiana | Cláudia Pereira Vasconcelos | 2011 | Ciências Sociais | - |
| 195. | Sólidos e superfícies: construção de modelos concretos | Elinalva Vasconcelos, Ednalda Andrade, Maria Cardoso e Maria de Sousa | 2011 | Ciências Naturais | 514.113 V331 Biblioteca de Camaçari |
| 196. | Stonewall 40 + o que no Brasil? (Coleção Cult) | Leandro Colling (org.) | 2011 | Ciências Sociais | 306.760981 S881 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 197. | Tecnologia da Conservação e da Restauração: materiais e estruturas (4ª ed.) | Mário Mendonça de Oliveira | 2011 | Artes | - |
| 198. | Tradições populares e resistências culturais: políticas públicas em perspectiva comparada | Adalberto Santos | 2011 | Ciências sociais | - |
| 199. | Tudo pelo trabalho livre! Trabalhadores e conflitos no pós-abolição (Bahia, 1892-1909) | Robério Santos Souza | 2011 | Ciências sociais | 331.0981 S729 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Faculdade de Educação; 331(813.8) S729 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |

| | | | | | |
|------|--|--|------|---|---|
| | | | | | |
| 200. | A dança como via privilegiada da educação: relato de uma experiência | Lia Robatto | 2012 | Artes cênicas e recreativas | - |
| 201. | A obra religiosa de Marcos Antônio Portugal – (1762 – 1830): catálogo temático, crítica de fontes e de texto, proposta de cronologia | Antônio Jorge Marques | 2012 | Jornalismo, editoração, imprensa documentária e educativa | R 781.331 2 M357 Escola de Música; UFBA 783 M357 ed. rev. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 202. | Alforrias em Rio de Contas – Bahia (século XIX) | Kátia Lorena Novais Almeida | 2012 | História do Brasil | 981.42 A447 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; 94(813.8) A447 |
| 203. | Alquimistas da cura: a rede terapêutica alternativa em contextos urbanos | Fátima Tavares | 2012 | Ciências Sociais | 302 T231 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; 316 T231 Biblioteca Universitária de Saúde; Biblioteca Universitária de Conquista |
| 204. | As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais (Coleção Drogas: Clínica e Cultura) | Antonio Nery Filho, Edward MacRae, Luiz Alberto Tavares, Maria Eugênia Nuñez e Marlize Rêgo (org.) | 2012 | Medicina e Saúde | 615.099 D784 Centro Estudos Terapia Abuso Drogas |
| 205. | Avaliação e resiliência: diagnosticar, negociar e melhorar | Robinson Moreira Tenório, Rosilda Arruda Ferreira e Uaçai de Magalhães Lopes (org.) | 2012 | Educação | UFBA 371.26 A945 Faculdade de Educação Escola de Administração; UFBA 371.26 A945 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |

| | | | | | |
|------|--|---|------|---------------------|---|
| 206. | Avaliação nutricional (Coleção Sala de Aula) | Lílian Ramos Sampaio (Org.) | 2012 | Ciências aplicadas | - |
| 207. | Avaliação: metodologias no campo da saúde e da formação | Cristina Maria Meira de Melo, Norma Carapiá Fagundes e Tatiane Araújo dos Santos (org.) | 2012 | Ciências sociais | - |
| 208. | Bêabá da Bahia: guia turístico | José Valladares | 2012 | Geografia e viagens | 981.42 V176 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 209. | Ciência e educação popular comunitária: outros saberes, apropriações outras | Denise Moura de Jesus Guerra | 2012 | Educação | - |
| 210. | Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano | Edvaldo Souza Couto | 2012 | Ciências Sociais | 306.46 C871 Faculdade de Educação |
| 211. | Currículo e processos formativos – experiências, saberes e culturas | Roberto Sidnei Macedo, Álamo Pimentel, Leonardo Rangel dos Reis e Omar Barbosa Azevedo (org.) | 2012 | Educação | 370.71 C976 Faculdade de Educação |
| 212. | Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano | Janio Roque Barros de Castro | 2012 | Geografia urbana | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|---|---|
| 213. | Dança e diferença: cartografia de múltiplos corpos (Coleção Pesquisa em Artes) | Lúcia Matos | 2012 | Artes cênicas e recreativas | UFBA 793.3 Q3 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 214. | De anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras | Elizete Passos | 2012 | Medicina e saúde | - |
| 215. | De escravo a cozinheiro: colonialismo e racismo em Moçambique (2ª edição) | Valdemir Zamparoni | 2012 | Manuscritos, obras raras e outros materiais raros impressos | 967.9 Z26 2.ed. Centro de Estudos Afro Orientais; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 216. | Desigualdades sociais, educação e ação política entre outros textos | Roberto Figueira Santos | 2012 | Educação | - |
| 217. | Diálogo entre a sociologia e a psicanálise: o indivíduo e o sujeito | Denise Maria de Oliveira Lima | 2012 | Ciências Sociais | 302 L732 Faculdade de Educação |
| 218. | Dinâmica familiar do cuidado: afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos | Mary Garcia Castro, Ana Maria Almeida Carvalho e Lúcia Vaz de Campos Moreira (org.) | 2012 | Administração da família e do lar | - |
| 219. | Direito de objeção de consciência às transfusões de sangue | Nilson Roberto da Silva Gimenes | 2012 | Religião | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------|------------------|-------------------------------------|
| 220. | Direito penal e o paradigma da responsabilidade juvenil: ato infracional, medida socioeducativa e direitos fundamentais | Eduardo da Silva Villas-Bôas | 2012 | Direito | - |
| 221. | Do desenho das belas letras à livre expressão no desenho da escrita (Coleção estudos interdisciplinares em desenho V.1) | Cláudia Maria Costa Trinchão | 2012 | Educação | - |
| 222. | Dois séculos de pensamento sobre a cidade | Pedro de Almeida Vasconcelos | 2012 | Ciências Sociais | - |
| 223. | Educação e contemporaneidade: contextos e singularidades | Arnaud Soares de Lima Júnior (org.) | 2012 | Educação | 370.7 E24 Faculdade de Educação |
| 224. | Educação e ruralidades: memórias e narrativas (auto)biográficas | Elizeu Clementino de Souza (org.) | 2012 | Educação | 370.91734 E24 Faculdade de Educação |
| 225. | Educação Física: currículo, formação e inclusão | Fernando Reis do Espírito Santo, César Pimentel Figueiredo Primo, Christiane Freitas Luna e Leonardo de Carvalho Duarte | 2012 | Educação | 613.707 E24 Faculdade de Educação |

| | | | | | |
|------|---|---|------|-----------------------------|--|
| 226. | Escravidão e suas sombras | João José Reis e Elciene Azevedo (Org.) | 2012 | História | 326.0981 E74 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 227. | Estado, sociedade e interações digitais: expectativas democráticas | José Antônio Gomes de Pinho (org.) | 2012 | Ciências Sociais | 303.4833 E79 Escola de Administração |
| 228. | Estudos com estudantes egressos: concepções e possibilidades metodológicas na avaliação de programas | José Albertino Carvalho Lordelo e Maria Virgínia Machado Dazzani (Org.) | 2012 | Educação | UFBA 305.23 E82 Faculdade de Educação Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 229. | Filmes da África e da Diáspora: objetos de discursos | Mahomed Bamba e Alessandra Meleiro (Org.) | 2012 | Artes cênicas e recreativas | - |
| 230. | Guerreiras do Cabaré: a mulher negra no espetáculo do Bando de Teatro Olodum | Marcos Uzel | 2012 | Artes cênicas e recreativas | 792 U99 Escola de Teatro |
| 231. | Idea factory: 100 games and fun activities for your English Classes | Décio Torres Cruz e Adelaide P. de Oliveira | 2012 | Educação | 372.6521 O48 Faculdade de Educação; 37.091.33=111 O48 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 232. | Imagens como acontecimentos: dispositivos do corpo, dispositivos da dança (Coleção Pesquisa em Artes) | Adriana Bittencourt | 2012 | Artes cênicas e recreativas | - |

| | | | | | |
|------|---|--|------|--------------------------------------|---|
| 233. | Intersecções jurídicas entre o público e o privado: uma abordagem principiológica constitucional | Jorge Renato dos Reis e Katia Leão Cerqueira (org.) | 2012 | Direito | - |
| 234. | Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola | Paulo Andrade Magalhães Filho | 2012 | Usos e costumes, etiqueta e folclore | - |
| 235. | Lei e costume: experiências de trabalhadores na Justiça do Trabalho (Recôncavo Sul, Bahia, 1940-1960) | Edinaldo Antonio Oliveira Souza | 2012 | Ciências sociais | - |
| 236. | Lia Robatto e o Grupo Experimental de Dança: estratégias poéticas em tempos de ditadura (Coleção Pesquisa em Artes) | Lauana Vilaronga Cunha de Araújo | 2012 | Artes cênicas e recreativas | - |
| 237. | Manual de avaliação nutricional e necessidade energética de crianças e adolescentes: uma aplicação prática | Gardênia Abreu Vieira Fontes, Adriana Lima Mello e Lilian Ramos Sampaio (org.) | 2012 | Ciências aplicadas | 612.39 M294 Biblioteca Universitária de Saúde |
| 238. | Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições | enise Scheyerl e Sávio Siqueira (org.) | 2012 | Linguagem e Línguas | - |

| | | | | | |
|------|--|--|------|-----------------------------|---|
| 239. | Memórias da África: patrimônios, museus e políticas das identidades | Livio Sansone (org.) | 2012 | Ciências Sociais | 306.096 M533 Centro de Estudos Afro Orientais |
| 240. | Mídias sociais: saberes e representações | José Carlos Ribeiro, Thiago Falcão e Tarcízio Silva (org.) | 2012 | Ciências Sociais | - |
| 241. | Música e ancestralidade na Quixabeira | Sandro Santana | 2012 | Música | 782.42164098142 S232 Faculdade de Educação |
| 242. | Música Popular e outras adjacências... | Paulo Costa Lima | 2012 | Música | - |
| 243. | Musicais infanto-juvenis (Coleção Teatro Baiano) | Deolindo Checcucci | 2012 | Artes cênicas e recreativas | 869.25 C514 Escola de Teatro; 792-053.2 C514 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 244. | Navegações da cabeça cortada: breve incursão no campo dos estudos clássicos | Ordep Serra | 2012 | Literatura grega | - |
| 245. | O catolicismo brasileiro e a construção de identidades negras na contemporaneidade: um olhar socioantropológico sobre a Pastoral Afro-Brasileira | Gabriel dos Santos Filho | 2012 | Religião | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------|-----------------------------|---|
| 246. | O ensino de jornalismo na era da convergência: conceitos, metodologias e estudos de casos no Brasil | Elias Machado | 2012 | Jornalismo | - |
| 247. | O legado de Nelson Rodrigues: reflexões | Jerzuí Mendes Tôres Tomaz e Sheila Diab Maluf (org.) | 2012 | Literatura | - |
| 248. | O negro encena a Bahia (Coleção Temas Afro) | Luna Nery | 2012 | Artes cênicas e recreativas | - |
| 249. | O pensamento feminista e os estudos de gênero: experiências na escola de enfermagem da UFBA | Silvia Lúcia Ferreira, Enilda Rosendo do Nascimento e Mirian Santos Paiva | 2012 | Ciências Sociais | 305.42 P418 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 250. | O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares | Theresinha Guimarães Miranda e Teófilo Alves Galvão Filho (org.) | 2012 | Educação | UFBA 370.71 P963 Faculdade de Educação 37(81) P964 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 251. | Órgãos e sistemas: temas interdisciplinares (v. 2) | Roberto Paulo Correia de Araújo (org.) | 2012 | Medicina e saúde | 61 O68 Biblioteca Universitaria de Saúde; Biblioteca de Camaçari |
| 252. | Pagodes baianos: entrelaçando sons, corpos e letras | Clebemilton Nascimento | 2012 | Ciências Sociais | 781.630981 N244 Escola de Música; Centro de Estudos Afro Orientais; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |

| | | | | | |
|------|--|--|------|---|--|
| 253. | Perspectivas em filosofia da economia | Genildo Ferreira da Silva, Luiz Antônio Mattos Filgueiras e Mauro Castelo Brando de Moura (org.) | 2012 | Economia | 330.1 P467 Faculdade de Economia; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 254. | Po(éticas) da formação: experimentações éticas e estéticas no acontecer formacional | Álamo Pimentel, Dante Galeffi e Roberto Sidnei Macedo | 2012 | Educação | UFBA 370.1 P644 Faculdade de Educação |
| 255. | Políticas Culturais (Coleção Sala de Aula) | Antonio Albino Canelas Rubim e Renata Rocha (org.) | 2012 | Ciência política | 304.4 P769 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 256. | Preservação documental: uma mensagem para o futuro | Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva (org.) | 2012 | Ciência da computação, informação, obras gerais | 025.85 P933 Instituto de Ciência da Informação Biblioteca; Universitária Reitor Macedo Costa; 025.84 P933 Escola de Administração |
| 257. | Primeira infância, afrodescendência e educação no Arraial do Retiro (Coleção Temas Afro) | Flávia de Jesus Damião | 2012 | Educação | - |
| 258. | Prisões numa abordagem interdisciplinar | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho e Milton Julio de Carvalho Filho (Org.) | 2012 | Ciências Sociais | 364.6 P959 Escola de Administração; 343.811(81) P959 Biblioteca Universitária de Saúde |
| 259. | Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede | Bruno Latour | 2012 | Ciências Sociais | 300 L359 Faculdade de Filosofia e Ciências; Humanas Faculdade de Educação |

| | | | | | |
|------|---|---|------|---------------------|--|
| 260. | Recursos Educacionais Abertos (REA): práticas colaborativas e políticas públicas | Bianca Santana, Carolina Rossini e Nelson de Luca Pretto (org.) | 2012 | Educação | 371.358 R311 Faculdade de Educação |
| 261. | Reflexões sobre música e técnica | Marta Castello Branco | 2012 | Música | - |
| 262. | Representações do meio ambiente: clima, cultura, cinema | José Francisco Serafim e Sergio Ricardo Lima de Santana (org.) | 2012 | Ciências Sociais | 304.2 R425 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 263. | Senhoras do cajado: a Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos | Luciana Falcão Lessa | 2012 | Geografia e viagens | - |
| 264. | Teoria do Barroco | Rodrigo Espinha Baeta | 2012 | História da arte | - |
| 265. | Teoria e prática do compor I: diálogos de invenção e ensino | Paulo Costa Lima | 2012 | Música | 781.3 T314 Escola de Música |
| 266. | Trajетórias, sensibilidades, materialidades: experimentações com a fenomenologia | Mirian Rabelo; Iara Maria Souza e Paulo César Alves (org.) | 2012 | Filosofia | 142.7 T768 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 267. | Um pé calçado, outro no chão: liberdade e escravidão em Sergipe (Cotinguiba, 1860-1900) | Sharyse Piroupo do Amaral | 2012 | História do Brasil | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|---|---|
| | | | | | |
| 268. | Violências intencionais contra grupos vulneráveis: crianças, adolescentes, adultos jovens, mulheres e idosos | Ceci Avelar Noronha e Andrija Oliveira Almeida (org.) | 2012 | Serviços e problemas sociais; associações | 362 V796 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas 316.48 V796 Biblioteca Universitária de Saúde |
| 269. | Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia | Francine Barthe-Deloizy e Angelo Serpa (org.) | 2012 | Geografia | 911.3(81) V822 |
| 270. | A escola que vi de perto: diário de uma estagiária | Jacineide Arão dos Santos | 2013 | Educação | - |
| 271. | A recepção cinematográfica: teoria e estudos de caso | Mahomed Bamba (org.) | 2013 | Artes cênicas e recreativas | - |
| 272. | Adaptação intercultural: o caso de Shakespeare no cinema brasileiro | Marcel Vieira Barreto Silva | 2013 | Artes cênicas e recreativas | - |
| 273. | Anonymous Brasil: Poder e resistência na sociedade de controle | Murilo Bansi Machado | 2013 | Ciências Sociais | 303.4833 M149 Faculdade de Educação 316.776 M149 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 274. | Arquivos, bibliotecas e museus: realidades de Portugal e Brasil | Zeny Duarte (org.) | 2013 | Biblioteconomia e ciência da informação | 025.171 A772 Museu de Arte Sacra Instituto de Ciência da Informação Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |

| | | | | | |
|------|---|---|------|------------------------------------|--|
| | | | | | 020 A772 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 275. | Atlas da Culinária na Baía de Todos os Santos | Jailson de Andrade, Vanessa Hatje, Gal Meirelles e Núbia Ribeiro (org.) | 2013 | Culinária | - |
| 276. | BTS em retalhos – ações poéticas em cinco portos da Baía de Todos os Santos: Baiacu, Itaparica, Matarandiba, Coqueiros e Ilha de Maré | Viga Gordilho (org.) | 2013 | Ciências Naturais | 745(813.8) B111 Escola de Belas Artes |
| 277. | Camelôs globais ou de tecnologia: novos proletários da acumulação | Bruno Durães | 2013 | Comércio, comunicação e transporte | UFBA 658.8 D947 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa; 380.1 D947 Faculdade de Economia |
| 278. | Ciência, filosofia e política: uma homenagem a Fernando Bunchaft | Olival Freire Júnior e Saulo Carneiro (org.) | 2013 | Física | - |
| 279. | Cinema documentário brasileiro em perspectiva | Antônio da Silva Câmara e Rodrigo Oliveira Lessa (org.) | 2013 | Artes cênicas e recreativas | 791.430981 C574 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 280. | Cooperação Internacional para o Desenvolvimento: desafios no século XXI | Elsa Sousa Kraychete e Denise Vitale (org.) | 2013 | Ciências Sociais | 327.17 C776 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 281. | Crack: contextos, padrões e propósitos de uso (Coleção Drogas: Clínica e Cultura) | Edward McRae, Luiz Alberto Tavares e | 2013 | Medicina e saúde | UFBA 615.099 C883 Centro Estudos Terapia Abuso Drogas |

| | | | | | |
|------|--|---|------|-----------------------------|--|
| | | Maria Eugênia Nuñez (org.) | | | |
| 282. | Da dança expressionista ao teatro coreográfico: Alemanha e Bahia (Coleção Pesquisa em Artes) | Carmen Paternostro Schaffner | 2013 | Artes cênicas e recreativas | - |
| 283. | Diversidades e desigualdades na contemporaneidade | Wladimir Blos e Fabio Pessanha Bila (org.) | 2013 | Ciências Sociais | - |
| 284. | Do clique à urna: internet, redes sociais e eleições no Brasil | Francisco Paulo Jamil Almeida Marques, Rafael Cardoso Sampaio e Camilo Aggio (org.) | 2013 | Ciência política | - |
| 285. | Educação do campo e contemporaneidade | Antônio Dias Nascimento, Rosana Mara Chaves Rodrigues e Maria Dorath Bento Sodré (org.) | 2013 | Educação | - |
| 286. | Educação, região e territórios: formas de inclusão e exclusão | Jaci Maria Ferraz, Elizabete Conceição e Maria do Sacramento (org) | 2013 | Educação | - |
| 287. | Ensaio sobre raça, gênero e sexualidades no Brasil (Séculos XVIII – XX) | Jocélio Teles dos Santos | 2013 | Ciências Sociais | 305.896081 S237 Centro de Estudos Afro Orientais |

| | | | | | |
|------|---|--|------|----------------------------------|---|
| 288. | Estado e sociedade na preservação do patrimônio (Coleção Arquimemória V. 2) | Paulo Ormino David de Azevedo e Elyane Lins Corrêa (org.) | 2013 | Serviços e problemas sociais | 351.85 E79 Faculdade de Arquitetura |
| 289. | Estância Hidromineral de Cipó | Edson Fernandes d'Oliveira Santos Neto | 2013 | Ciências Sociais | 711.4 S237 Faculdade de Arquitetura; Biblioteca de Camaçari |
| 290. | Estudos e políticas do CUS – Grupo Cultura e Sexualidade (Coleção Cult) | Leandro Colling | 2013 | Ciências Sociais | - |
| 291. | Família, natureza e cultura: cenários de uma transição | Miriã Alves Ramos de Alcântara, Elaine Pedreira Robinovich, Giancarlo Petrini (org.) | 2013 | Ciências Sociais | UFBA 316.812 F198 Biblioteca Universitária de Conquista |
| 292. | Federalismo e políticas culturais no Brasil (Coleção Cult) | Alexandre Barbalho, José Márcio Barros e Lia Calabre (org.) | 2013 | Ciências sociais | - |
| 293. | Inclusão digital: tecnologias e metodologias | Adriano Canabarro Teixeira, Ana Maria de Oliveira Pereira e Marco Antônio Sandini Trentin (org.) | 2013 | Ciência da computação | - |
| 294. | Introdução à Teoria Pós-tonal (3ª edição) | Joseph Nathan Straus | 2013 | Música | 781.2 S912 3. ed. Escola de Música |
| 295. | Jornalismo de revista em redes digitais | Graciela Natansohn (org.) | 2013 | Jornalismo, editoração, imprensa | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------|-----------------------------|--|
| | | | | documentária e educativa | |
| 296. | Jornalismo, ciência e educação: interfaces | Cristiane de Magalhães e Simone Bortoliero (org.) | 2013 | Jornalismo | - |
| 297. | Manual de estilo acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses – 5ª edição | Nídia M. L. Lubisco, Sônia Chagas Vieira | 2013 | Ciência da Informação | 001.4 L929 5. ed. rev. e ampl. Faculdade de Educação; Escola de Música; Faculdade de Ciências Contábeis; 001.8 L929 5. ed. rev., ampl. Instituto de Ciência da Informação |
| 298. | Mestres e capoeiras famosos da Bahia (2ª edição) | Pedro Abib | 2013 | Artes cênicas e recreativas | 796.81 M586 2.ed. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Centro de Estudos Afro Orientais; Faculdade de Educação |
| 299. | Miradas: gênero, cultura e mídia | Linda Rubim (org.) | 2013 | Ciências Sociais | 305.4 M671 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 300. | Mulher negra: Afetividade e solidão | Ana Cláudia Lemos Pacheco | 2013 | Ciências Sociais | - |
| 301. | O encontro e a troca: ensaios de antropologias do aprender e genealogias do conviver | Álamo Pimentel | 2013 | Educação | - |
| 302. | Ousar lutar, ousar vencer: histórias da luta armada em Salvador (1969-1971) | Sandra Regina Barbosa da Silva Souza | 2013 | História do Brasil | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|-------------------------------------|---|
| | | | | | |
| 303. | Para além da eficácia simbólica | Fátima Tavares e Francesca Bassi (org.) | 2013 | Religião | 306.4 P221 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 304. | Participação política, internet e competências infocomunicacionais: evidências | Jussara Borges | 2013 | Ciências Sociais | - |
| 305. | Pele da cor da noite | Vanda Machado | 2013 | Educação | 370.19342 M149 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Centro de Estudos Afro Orientais; 370.98142 M149 Faculdade de Educação |
| 306. | Planejamento estratégico: como avaliar e controlar | André Pedral Sampaio de Sena | 2013 | Administração e serviços auxiliares | 658.4012 S474 Escola de Administração; 658 S474 Biblioteca de Camaçari |
| 307. | Política, instituições e personagens da Bahia (1850-1930) | Jeferson Bacelar e Cláudio Pereira | 2013 | História | 981.42 P769 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 308. | Práticas interacionais em rede | José Carlos Ribeiro, Thais Miranda, Ana Terse Soares (org.) | 2013 | Ciências Sociais | 004.7 P912 Biblioteca Universitária de Ciências e Tecnologias Professor Omar Catunda |
| 309. | Práticas investigativas em atividade física e saúde | Hélio José Bastos Carneiro de Campos e Francisco José | 2013 | Medicina e saúde | 613.7 P912 Faculdade de Educação |

| | | | | | |
|------|--|--|------|------------------------------|---|
| | | Gondim Pitanga (org.) | | | |
| 310. | Prisões e punição no Brasil contemporâneo | Luiz Cláudio Lourenço e Gerder Luiz Rocha (org.) | 2013 | Serviços e problemas sociais | - |
| 311. | Qualidade de vida e cuidado às pessoas com doença falciforme | Silvia Lúcia Ferreira e Rosa Cândida Cordeiro (org.) | 2013 | Medicina e saúde | - |
| 312. | Recursos Educacionales Abiertos: práticas colaborativas y políticas publicas | Bianca Santana, Carolina Rossini e Nelson De Luca Pretto | 2013 | Educação | 371.358 R311 Faculdade de Educação |
| 313. | Reflexões: ativismo, redes sociais e educação | Nelson de Luca Pretto | 2013 | Educação | 371.334 P511 Escola de Administração |
| 314. | Representações sociais e educação: letras imagéticas | Maria de Lourdes Soares Ornellas (org.) | 2013 | Ciências Sociais | - |
| 315. | Saber e formação no trabalho profissional relacional | Vera Fartes, Telmo H. Caria e Amélia Lopes (org.) | 2013 | Educação | - |
| 316. | Teorias dos meios de comunicação no Brasil e no Canadá Volume I | Luiz Claudio Martino, Giovandro Marcus Ferreira, Antonio Hohlfeldt e Osvando José de Moraes (org.) | 2013 | Ciências Sociais | 659.3 T314 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |

| | | | | | |
|------|---|--|------------|----------------------------------|--|
| 317. | Teorias dos meios de comunicação no Brasil e no Canadá Volume II | Luiz Claudio Martino, Giovandro Marcus Ferreira, Antonio Hohlfeldt e Osvando José de Moraes (org.) | 2013 | Ciências Sociais | 659.3 T314 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 318. | Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia | Nelson Pretto | 2013 | Educação | UFBA 370.19 P942 8. ed. rev. e atual. Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 319. | Visualidades hoje | André Brasil, Eduardo Morettin e Mauricio Lissovsky (org.) | 2013 | Fotografia e arte por computador | UFBA 77 V834 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa; Escola de Belas Artes |
| 320. | Introdução à etnografia institucional | Renata Meira Vêras (org.) | 2014 | Saúde | 305.8 I61 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 321. | A adolescência e o consumo de drogas: uma rede informal de saberes e práticas (Coleção Drogas: Clínica e Cultura) | Luiz Alberto Tavares e Jane Cresus Montes (org.) | 2014 | Saúde | 615.9-053.6 A186 Centro Estudos Terapia Abuso Drogas |
| 322. | A Casa das mulheres n'outro terreiro: famílias matriarcais em Salvador | Maria Gabriela Hita | 2014 | Ciências Sociais | 305.8 H674 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Centro de Estudos Afro Orientais |
| 323. | A cidade poli(multi)nucleada | Janio Laurentino de Jesus Santos | 2014/2013? | Arquitetura | 711.42(813.8) S237 Faculdade de Arquitetura |

| | | | | | |
|------|--|---|------|-----------------------------|--|
| 324. | A Coisa Obscura | Ligia Bellini | 2014 | Ciências Humanas | - |
| 325. | A Construção da Escola Primária na Bahia: O Ensino Primário no Município de Salvador (1896-1929) | Elizabeth Conceição Santana, Ladjane Alves Sousa, Natalli Soeiro Costa e Verônica de Jesus Brandão (org.) | 2014 | Educação | - |
| 326. | A Enxada (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura | - |
| 327. | A política na timeline | Wilson Gomes | 2014 | Ciências Sociais | 659.3 G633 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 328. | Apreciação musical expressiva | Zuraida Abud Bastião (org.) | 2014 | Ciências Humanas | - |
| 329. | Barganhas e querelas da escravidão: tráfico, alforria e liberdade (séculos XVIII e XIX) | Lisa Earl Castillo, Wlamyra Albuquerque e Gabriela dos Reis Sampaio (org.) | 2014 | Ciências Humanas | 306.3620981 B251 Escola de Administração; 343.431 B251 Biblioteca de Camaçari |
| 330. | Birimbau (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura | - |
| 331. | Cinema e Literatura: narrativas e poéticas | Idelette Muzart-Fonseca dos Santos, Edilene Matos e Fernando Segolin (org.) | 2014 | Artes cênicas e recreativas | - |

| | | | | | |
|------|---|--|------|----------------------------|---|
| 332. | Conhecimento, inovação e comunicação em serviços de saúde | Francisco José Aragão Pedroza Cunha, Cristiane Pinheiro Lázaro e Hernane Borges de Barros Pereira (org.) | 2014 | Ciências Sociais | - |
| 333. | Consciência, imaginário e punição na Europa Moderna: ensaios em homenagem a Katia M. de Queirós Mattoso | Evergton Sales Souza (org) | 2014 | Psicologia | 153 C755 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 334. | Crença, verdade, racionalidade: ensaios de Filosofia analítica | Plínio Junqueira Smith, Waldomiro José Silva Filho e Pedro Santos (org.) | 2014 | Ciências Humanas | - |
| 335. | Cultura dos Sertões (Coleção Cult) | Alberto Freire (org.) | 2014 | Ciências Sociais | - |
| 336. | Dança e diferença: cartografia de múltiplos corpos (Coleção Pesquisa em Artes) | Lúcia Matos | 2014 | Artes Cênicas | UFBA 793.3 Q3 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 337. | Desenvolvimento e Cooperação Internacional | Elsa Sousa Kraychete e Carlos R. S. Milani (org.) | 2014 | Ciências Sociais Aplicadas | - |
| 338. | Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa | Livio Sansone e Cláudio Furtado (org.) | 2014 | Ciências Sociais | R 300.3 D545 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas UFBA 3(038) D546 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |

| | | | | | |
|------|---|---|------|------------------|--|
| 339. | Dimensões e desafios políticos para a diversidade cultural (Coleção Cult) | Paulo Miguez, José Márcio Barros e Giuliana Kauark (org.) | 2014 | Cultura | 306 D582 Faculdade de Economia |
| 340. | Direito autoral, propriedade intelectual e plágio | Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva (Org.) | 2014 | Direito | 347.78 D598 Instituto de Ciência da Informação 346.0482 D598 Faculdade de Direito |
| 341. | Direito e Cinema | Verônica Teixeira Marques, Ilzver de Matos Oliveira e Waldimeiry Correa da Silva (org.) | 2014 | Direito | - |
| 342. | Discutindo etnicidades | Jocélio Teles dos Santos (org.) | 2014 | Cultura | 305.8 D611 Centro de Estudos Afro Orientais |
| 343. | Educação básica na Bahia: das políticas ao cotidiano da escola | Robinson Moreira Tenório e Rosilda Arruda Ferreira (org.) | 2014 | Educação | - |
| 344. | Educação e formação: diferentes contextos | Ana Rita Silva Almeida (org.) | 2014 | Educação | 370.981 E24 Faculdade de Educação; 37(81) E24 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 345. | Elogio aos errantes | Paola Berenstein Jacques | 2014 | Ciências Sociais | 316.334.56 J19 2.ed. Faculdade de Arquitetura |
| 346. | Emílio Rodrigué | Urania Tourinho Peres e Griselda Pêpe (org.) | 2014 | Saúde | - |
| 347. | ENECULT 10 anos (Coleção Cult) | Lindinalva Silva Oliveira Rubim, Mariella Pitombo | 2014 | Ciências Sociais | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------------|------------------|--|
| | | Veira e Delmira Nunes de Souza (org.) | | | |
| 348. | Enredos, feitura e modos de cuidado | Miriam C. M. Rabelo | 2014 | Ciências Sociais | 299.673 R114 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Centro de Estudos Afro Orientais |
| 349. | Ensino de Geografia em debate | Diego Corrêa Maia (org.) | 2014 | Ciências Humanas | - |
| 350. | Entre-linhas: educação, fenomenologia e subjetividade | Sueli Ribeiro Mota Souza e Maria de Lourdes Soares Ornellas (org.) | 2014/2013? | Educação | 370.11 E61 Faculdade de Educação |
| 351. | Entre-linhas: educação, psicanálise e subjetividade | Sueli Ribeiro Mota Souza e Maria de Lourdes Soares Ornellas (Org.) | 2014/2013? | Educação | 370.11 E61 Faculdade de Educação |
| 352. | Estratégias da política de gestão do trabalho e educação na saúde | Jorge José Santos Pereira Solla (org.) | 2014 | Saúde | - |
| 353. | Estudos Étnicos e Africanos | Maria Rosário de Carvalho, Cláudio Alves Furtado, Wesley Barbosa Correia e Wagner Vinhas (org.) | 2014 | Ciências Humanas | - |
| 354. | Experiência estética e performance | Benjamin Picado, Carlos Camargos | 2014 | Ciências Sociais | - |

| | | | | | |
|------|---|--|------|--------------------------------------|---|
| | | Mendonça e Jorge Cardoso Filho | | | |
| 355. | Festa e Corpo | Luís Vitor Castro Júnior (org.) | 2014 | Usos e costumes, etiqueta e folclore | - |
| 356. | Formas do telejornal | Juliana Freire Gutmann | 2014 | Jornalismo | 070.431 G983 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 357. | Frida Kahlo | Urania Tourinho Peres (org.) | 2014 | Artes | 929:75 F898 Escola de Belas Artes |
| 358. | Gerenciamento de impressões em entrevistas de emprego na prática profissional | Aleciane da Silva Moreira Ferreira e Sônia Maria Guedes Gondim | 2014 | Administração | 658.31124 F383 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Escola de Administração; 658.3 F383 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 359. | Gingas e Nós: o jogo do lazer na Bahia (Coleção É Futebol) | Jeferson Bacelar | 2014 | Cultura Popular | - |
| 360. | Informar e educar em Saúde: análises e experiências | Ana Cristina de S. Mandarino, Edmundo Gallo e Estélio Gomberg (org.) | 2014 | Medicina e Saúde | 613.0981 M271 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 361. | Machombongo (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura | - |
| 362. | Medicalização da educação e da sociedade | Lygia de Sousa Viégas, Maria Izabel Souza Ribeiro, Elaine Cristina de Oliveira e | 2014 | Saúde | 37.015.3 M489 Biblioteca Universitária de Saúde |

| | | | | | |
|------|---|--|------|-----------------------|--|
| | | Liliane Alves da Luz Teles (org.) | | | |
| 363. | Metrópoles na Atualidade Brasileira: transformações, tensões e desafios na Região Metropolitana de Salvador | Inaiá Maria Moreira de Carvalho, Sylvio Bandeira de Mello e Silva, Angela Gordilho Souza e Gilberto Corso Pereira (org.) | 2014 | Ciências Sociais | 711.4 M594 Faculdade de Arquitetura; 307.764 M594 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 364. | Miscelânea Românica | Silvia La Regina (org.) | 2014 | Linguagem e línguas | - |
| 365. | Narrativas e Conflitos: cultura, mídia, cinema | José Francisco Serafim, Sérgio Ricardo Lima de Santana (org.) | 2014 | Ciências Sociais | - |
| 366. | Narrativas sobre o comer no mundo da vida | Maria do Carmo Soares de Freitas e Denise Oliveira e Silva (org.) | 2014 | Nutrição | - |
| 367. | Navegação a vapor na Bahia oitocentista (1839-1894) | Marcos Guedes Vaz Sampaio | 2014 | História do Brasil | 387.204 S192 Faculdade de Economia |
| 368. | O desenho na formação do engenheiro: sujeitos, práticas e conhecimentos | Gláucia Maria Costa Trinchão (org.) | 2014 | Engenharias | 741.02 D451 Faculdade de Arquitetura; Escola Politécnica |
| 369. | O itinerário de Betty Coelho: histórias correm no corpo | Maria Antônia Ramos Coutinho | 2014 | Literatura e retórica | 808.543 C871 Faculdade de Educação; 82-93 C871 22.ed. Instituto de Ciência da Informação; Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |

| | | | | | |
|------|--|---|------|------------------|---|
| 370. | O padrão (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura | - |
| 371. | O tempo é chegado (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura | - |
| 372. | O texto no livro didático: reflexões e sugestões | Lícia Maria Bahia, Adielson Ramos, Nordélia Costa e Palmira Virgínia (org.) | 2014 | Educação | - |
| 373. | Olhares sobre a docência: primeiras experiências do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da UFBA | Alessandra Santos de Assis e Ana Katia Alves dos Santos (org.) | 2014 | Educação | 370.71 O45 Faculdade de Educação; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Escola de Música; Escola de Teatro; 371.13 O45 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 374. | Os genros (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura | - |
| 375. | Os magros (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura | - |
| 376. | Os olhos negros do Brasil | Ordep Serra | 2014 | Cultura Popular | 299.673 T832 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 377. | Permanecer na escola | Olivia Silveira | 2014 | Ciências Sociais | 370.113 S587 Faculdade de Educação UFBA 37.014.5 S587 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 378. | Políticas Culturais na Bahia Contemporânea (Coleção Cult) | Albino Rubim | 2014 | Ciências Sociais | 316.7 (813.8) R896 Instituto de Ciência da Informação |

| | | | | | |
|------|---|--|------------|--------------------|---|
| | | | | | |
| 379. | Por trás da serra | Cláudia Pereira Vasconcelos, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios, Marcone Denys dos Reis Nunes e Vânia Nara Pereira Vasconcelos (org.) | 2014 | História do Brasil | - |
| 380. | Saberes em Saúde, Ciência e Comunicação | Maria Ligia Rangel-S, Jane Mary Guimarães e Adroaldo Belens (org.) | 2014 | Ciências Sociais | - |
| 381. | Sete Pecados Capitais nas Organizações | Alessandro Gomes Enoque, Alexandre de Pádua Carrieri e Luiz Alex Silva Saraiva (org.) | 2014 | Ciências Humanas | - |
| 382. | Temas Essenciais na Educação Infantil | Lílian Miranda Bastos Pacheco (org.) | 2014 | Ciências Humanas | 372.21 T278 Faculdade de Educação |
| 383. | Teoria e prática da crítica midiática | Edson Fernando Dalmonete (org.) | 2014/2013? | Ciências sociais | 659.3 T314 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 384. | Teoria e Prática do Compor II | Paulo Costa Lima | 2014 | Música | 781.3 T314 Escola de Música |

| | | | | | |
|------|---|---|------|------------------------------|--|
| 385. | Teorias da Comunicação no Brasil – reflexões contemporâneas | Vera Veiga França, Alessandra Aldé e Murilo César Ramos (org.) | 2014 | Ciências Sociais | - |
| 386. | Tópicos em saúde, ambiente e trabalho: um olhar ampliado | Rita de Cássia Pereira Fernandes, Mônica Angelim Gomes de Lima e Tânia Maria de Araújo (org.) | 2014 | Serviços e problemas sociais | UFBA 613.6 T674 Biblioteca Universitária de Saúde Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 387. | Transexualidades: um olhar multidisciplinar | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho e Liliana Lopes Pedral Sampaio (org.) | 2014 | Ciências Sociais | - |
| 388. | Trilhas da Reforma Agrária (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura | 333.3181 E86 2. ed. rev. Escola de Administração |
| 389. | Verdade e linguagem em Nietzsche | Márcio José Silveira e André Luís Mota Itaparica (org.) | 2014 | Filosofia | 193 V483 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas 1(430) V483 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa |
| 390. | Viagens do Carnaval: no espaço, no tempo, na imaginação | Maria Aparecida Ribeiro e Ana Paula Arnaut (org.) | 2014 | Ciências Sociais | - |
| 391. | Vida morta (Coleção Euclides Neto) | Euclides Neto | 2014 | Literatura | - |
| 392. | A acendedora de lampiões | Sílvia Maria Guerra Anastácio (org.) | 2015 | Literatura | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|----------------------------------|---|
| 393. | Caminhando e Contando: memória da ditadura brasileira | Marcia Paraquett e Sávio Siqueira (Org.) | 2015 | Ciência Política | - |
| 394. | Conversas de capoeira | Pedro Abib | 2015 | Artes Cênicas e Recreativas | - |
| 395. | Cultura Pop: Livro Compós 2015 | Simone Pereira de Sá, Rodrigo Carreiro e Rogerio Ferraraz (org.) | 2015 | Ciências Sociais | - |
| 396. | Desafios da gestão escolar: contribuição para o debate | José Wellington Marinho de Aragão e Ronaldo Figueiredo Venas (org.) | 2015 | Educação | - |
| 397. | Diálogos metropolitanos: Lima Salvador; Processos históricos e desafios do urbanismo contemporâneo | Marco Aurélio A. de Figueiras Gomes e Wiley Ludeña Urquizo (org.) | 2015 | Planejamento Urbano e Paisagismo | - |
| 398. | Educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes | Jussara Fraga Portugal e Vânia Alves Martins Chaigar (org.) | 2015 | Geografia | - |
| 399. | Hip hop, educação e poder: O rap como instrumento de educação | Ivan dos Santos Messias | 2015 | Educação | - |
| 400. | Latinitas: Leituras de texto em língua latina Volume 1 | José Amarante Santos Sobrinho | 2015 | Literatura Latina | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------|--|---|
| 401. | O culto da Serpente no reino de Uidá: um estudo da literatura de viagem europeia – Séculos XVII e XVIII | Lia Dias Laranjeira | 2015 | Religião | - |
| 402. | Terreiros Egúngún: um culto ancestral afro-brasileiro | José Sant'Anna Sobrinho | 2015 | Religião | - |
| 403. | Viva o povo brasileiro e João Ubaldo Ribeiro | Dalva Tavares Lima (org.) | 2015 | Literatura Brasileira | - |
| 404. | A cidade efêmera do carnaval | Manoel José Ferreira de Carvalho, com (org.) de Edvard Passos | 2016 | Vida social | 791.1 C331 Escola de Música Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas 398.332.47 C331 Escola de Belas Artes 394.25098142 C331 Escola de Administração |
| 405. | A imprensa reacionária na independência: Sentinella Bahiense (Coleção UFBA 70 anos) | Consuelo Pondé de Sena | 2016 | Jornalismo, editoração e imprensa documentária e educativa | - |
| 406. | A lírica de Luís Antonio Cajazeiras Ramos: um Sísifo absurdo em tempos pós-modernos | Luciana Santos de Oliveira | 2016 | Poesia brasileira | - |
| 407. | A ousadia da criação: universidade e cultura (Coleção UFBA 70 anos) | Antonio Albino Canelas Rubim (coord.) | 2016 | Jornalismo, editoração e imprensa | - |

| | | | | | |
|------|--|--|------|---------------------------------|---|
| | | | | documentária e educativa | |
| 408. | A Praia: espaços de socialidades (2ª edição) (Coleção Nordestina) | Thales de Azevedo | 2016 | Usos e costumes na vida privada | - |
| 409. | A reinvenção do desenvolvimento: agências multilaterais e produção sociológica | Anete B. L. Ivo (org.) | 2016 | Ciência política | 320.6 R364 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 410. | Água no pote e a cobra verde na fonte: saberes culturais Kaimbé | Clelia Neri Côrtes, Cirila Santos Gonçalves, Livia Moura da Silva, Carine Monteiro de Queiroz (org.) | 2016 | Literatura portuguesa | 821(81) A282 Escola de Belas Artes Biblioteca Creche |
| 411. | App-learning: experiências de pesquisa e formação | Edvaldo Couto, Cristiane Porto, Edméa Santos (Org.) | 2016 | Educação | 371.334 A648 Faculdade de Educação |
| 412. | Artefatos digitais para mobilização da sociedade civil: perspectivas para o avanço da democracia | José Antonio G. de Pinho (org.) | 2016 | Ciências Sociais | 303.483 A786 Escola de Administração Faculdade de Economia |
| 413. | Cadastro único: tecnologia de reclassificação social | José Carlos da Exaltação Torres | 2016 | Serviços e problemas sociais | - |
| 414. | Caminhar, encontrar e celebrar: Carlos Roberto | Ana Rita Ferraz | 2016 | Educação | 37.01 F368 Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa 370.1 F381 Faculdade de Educação |

| | | | | | |
|------|--|--|------|---|---|
| | Petrovich educação, arte e riso | | | | |
| 415. | Canções da cidade amanhecendo: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960 | Clóvis Ramaiana Moraes Oliveira | 2016 | Arquitetura | 911.375 O48 Faculdade de Arquitetura |
| 416. | Capítulos de uma história do movimento estudantil na UFBA (1964 – 1969) | Maurício Brito | 2016 | Educação | - |
| 417. | Competência em informação: Políticas Públicas, teoria e prática | Fernanda Maria Melo Alves, Elisa Cristina Delfini Corrêa e Elaine Rosângela de Oliveira Lucas (org.) | 2016 | Biblioteconomia e ciência da informação | 025.5 C736 Instituto de Ciência da Informação |
| 418. | Diálogos sobre a religião natural | Bruna Frascolla (Trad.) | 2016 | Filosofia e teoria da religião | - |
| 419. | Diálogos sobre educação em direitos humanos e a formação de jovens e adulto | Aida Maria Monteiro Silva, Graça Santos Costa e Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima (org.) | 2016 | Educação | - |
| 420. | Direito, sustentabilidade ambiental e grupos vulneráveis | Julio Cesar de Sá da Rocha (org.) | 2016 | Direito | 344.046 D598 Faculdade de Direito |

| | | | | | |
|------|---|--|------|----------------------------------|--|
| 421. | Dos sentidos do Amor | Miguel Almir Lima de Araújo | 2016 | Amor | - |
| 422. | Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero | Suely Messeder, Mary Garcia Castro e Laura Moutinho (org.) | 2016 | Estudos do gênero | 306.8 E56 Faculdade de Educação Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 423. | Ensino e didática das ciências | Anderson Souza Neves; Edmo Fernandes Carvalho; Luiz Marcio Santos Farias; Márcia Azevedo Campos (org.) | 2016 | Educação | 501 E59 Biblioteca Universitária de Ciências e Tecnologias Professor Omar Catunda 371.3 E59 Faculdade de Educação |
| 424. | Entre-linhas: educação, psicanálise e escuta (Volume 4) | Maria de Lourdes S. Ornellas e Liege Maria Sitja Fornari (org.) | 2016 | Educação | 370.11 E61 Faculdade de Educação |
| 425. | Etnomusicologia no Brasil | Angela Lühning | 2016 | Música | 780.89 E84 Escola de Música |
| 426. | Experiências metodológicas: Memória, narração, história (Tomo IV) | Paole Berenstein Jacques, Fabiana Dultra Britto e Washington Drummond (org.) | 2016 | Planejamento urbano e paisagismo | - |
| 427. | Experiências metodológicas: Subjetividade, corpo, arte (Tomo II) | Paole Berenstein Jacques, Fabiana Dultra Britto e Washington Drummond (org.) | 2016 | Planejamento urbano e paisagismo | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|--|---|
| 428. | Fumo de Angola: canabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade (Coleção Drogas: Clínica e Cultura) | Edward MacRae, Wagner Coutinho Alves (org.) | 2016 | Medicina e saúde | 615.32 F978 Biblioteca Universitária de Saúde; Biblioteca Universitária de Conquista; Faculdade de Arquitetura; Escola de Belas Artes; Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa; Instituto de Ciência da Informação; Centro Estudos Terapia Abuso Drogas; 616.863 F978 Centro de Estudos Afro Orientais Escola de Música Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Faculdade de Direito |
| 429. | Gênero e ciências: mulheres em novos campos (Coleção Bahianas) | Cecilia Maria Bacellar Sardenberg e Luzinete Simões Minella (org.) | 2016 | Ciências Sociais | 305.42 G326 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 430. | Gênero e trabalho: perspectivas, possibilidades e desafios no campo dos estudos organizacionais | Alexandre de Pádua Carrieri, Juliana Cristina Teixeira e Marco César Ribeiro Nascimento (org.) | 2016 | Ciências Sociais | - |
| 431. | Gestão, territórios e redes: a formação dos profissionais da educação | Rosângela da Luz Matos, Lídia Boaventura Pimenta e Paulo César Marques de Andrade Santos (org.) | 2016 | Literaturas de línguas individuais e famílias de línguas | 37.014 G393 Instituto de Ciência da Informação |
| 432. | Identidade, cultura, formação, gestão e tecnologia na educação de jovens e adultos | Tânia Regina Dantas, Antonio Amorim, Edite Maria da Silva de Faria (org.) | 2016 | Educação | 374 I19 Faculdade de Educação |

| | | | | | |
|------|---|--|------|----------------------------------|--|
| 433. | Igreja Católica na Bahia: por um catolicismo romano (1890-1930) | Israel Silva dos Santos | 2016 | Denominações e seitas cristãs | 282.8142 S237 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 434. | Informação e saúde: percursos de interdisciplinaridade | Zeny Duarte, Carmen Abreu e Olívia Pestana (org.) | 2016 | Ciência da Informação | 002:61 I43 Instituto de Ciência da Informação |
| 435. | Kant, Greenberg e a questão do formalismo na arte | Rosa Gabriella de Castro Gonçalves | 2016 | Filosofia | 193 G635 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 436. | Linguagens e cognição | A. Ariadne Domingues Almeida e Elisângela Santana dos Santos (org.) | 2016 | Letras | - |
| 437. | Memórias em tons de sépia: a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia no acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia | Antônio Marcos de Oliveira Passos, Cláudio Luiz Pereira, Celina Rosa Santana, Mara Lúcia Carrett de Vasconcelos e Tainã Moura Alcântara (org.) | 2016 | Fotografia e arte por computador | 77.03(813.8) M533 Escola de Belas Artes; 770.9 M533 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 438. | Menus dos trabalhadores urbanos: estudo do Calabar da Ezequiel Pondé em Salvador | Fabiana Paixão Viana | 2016 | Ciências Sociais | 394.12 V614 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 439. | Modernização do poder executivo na Bahia: estratégia e dinâmica do Programa de Reforma | João Eurico Matta | 2016 | Administração pública | 342.814206 M435 Faculdade de Direito; 354.8142 M435 Escola de Administração |

| | | | | | |
|------|---|---|------|----------------------------------|---|
| | Administrativa do governo Lomanto Júnior (1963 – 1967) | | | | |
| 440. | Narrativas sobre o cuidado alimentar e o comer na escola | Maria do Carmo Soares de Freitas, Gardênia Vieira Fontes, Lilian Barbosa Ramos, Ligia Amparo da Silva Santos (org.) | 2016 | Educação | 612.3-053.2 N234 Biblioteca Universitária de Saúde; 371 N234 Faculdade de Educação |
| 441. | Nas trilhas da interculturalidade: relatos de prática e pesquisa | Denise Scheyerl e Sávio Siqueira (org.) | 2016 | Letras | - |
| 442. | Orçamento participativo e gestão pública societal: uma experiência em Vitória da Conquista-BA | Flávio Santos Novaes | 2016 | Economia | 336.01418142 N935 Escola de Administração |
| 443. | Patrimônio e museus na contemporaneidade | Sidélia S. Teixeira (Org.) | 2016 | Planejamento urbano e paisagismo | 708 P314 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 444. | Pesquisa em música e diálogos com produção artística, ensino, memória e sociedade (Série Paralaxe, n.1) | Paulo Costa Lima (org.) | 2016 | Música | - |
| 445. | Pesquisa, formação, alfabetização e direitos em | Tânia Regina Dantas, Antonio Amorim, | 2016 | Educação | 374 P474 Faculdade de Educação |

| | | | | | |
|------|--|--|------|---|--|
| | educação de jovens e adultos | Gildecide Oliveira Leite (org.) | | | |
| 446. | Pragmatismo romântico e democracia: Roberto Mangabeira Unger e Richard Rorty | Tiago Medeiros Araujo | 2016 | Escolas filosóficas específicas | 144.3 A658 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 447. | Psicologia e suas interfaces: estudos interdisciplinares | Alvany Maria dos Santos Santiago e Ana Lúcia Barreto da Fonseca (org.) | 2016 | Psicologia | 150 P974 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas 159.9 P974 Biblioteca Universitária de Saúde |
| 448. | Relações Igreja-Estado: a ação episcopal de D. José Botelho de Mattos (Bahia, 1741-1759) | Rebeca C. de Souza Vivas I (Prêmio Katia Matoso – Fundação Pedro Calmon) | 2016 | Ciência política | 322.1 V855 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 449. | Salvador da Bahia: relatos de uma cidade atlântica | Evergton Sales Souza, Guida Marques e Hugo R. Silva (org.) | 2016 | História | - |
| 450. | Saúde para todos, já! (3ª edição) | Lana e Taís Bleicher | 2016 | Serviços e problemas sociais; associações | 616.314-084 B646 3.ed. Biblioteca Universitária de Saúde |
| 451. | Sedição tentada na Bahia em 1798 (2ª edição) (Coleção UFBA 70 anos) | Luís Henrique Dias Tavares | 2016 | História do Brasil | 981.033 T231 2.ed. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 452. | Teoria e prática do compor III: lugar de fala e memória | Paulo Costa Lima (org.) | 2016 | Música | 781.3 L732 Escola de Música |

| | | | | | |
|------|--|--|------|---|--|
| 453. | Teoria e prática do compor IV: horizontes metodológicos | Paulo Costa Lima (org.) | 2016 | Música | 781.3 T314 Escola de Música |
| 454. | Trajétórias interrompidas: perdas gestacionais, luto e reparação | Vivian Volkmer Pontes | 2016 | Medicina e saúde | 618.39 P811 Maternidade Climério de Oliveira; 179.76 P814 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 455. | Transformações metropolitanas no século XXI: Bahia, Brasil e América Latina | Sylvio Bandeira de Mello e Silva, Inaiá Maria Moreira de Carvalho e Gilberto Corso Pereira (org.) | 2016 | Arquitetura | 711 T772 Faculdade de Arquitetura |
| 456. | Um fazer para alimentar a alma: uma etnografia das práticas juvenis em um bairro da cidade de Salvador | Adriana Miranda Pimentel | 2016 | Ciências sociais | 305.8. P644 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; 711.4:316 P644 Faculdade de Arquitetura |
| 457. | Uma Pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia | Jaci Maria Ferraz de Menezes, Wilson Roberto de Mattos e Ednei Otávio da Purificação Santos (org.) | 2016 | Ciências da Vida | 301 W131 2. ed. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 458. | Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento (Coleção Bahianas) | Cecília M. B. Sardenberg e Márcia S. Tavares (org.) | 2016 | Serviços e problemas sociais; associações | 362.83 V795 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |

| | | | | | |
|------|--|---|------|------------------|--|
| | | | | | |
| 459. | Corporidade: gestos urbanos | Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques (org.) | 2017 | Arquitetura | 711.4 C822 Faculdade de Arquitetura |
| 460. | Financiamento e Fomento à Cultura no Brasil: estados e Distrito Federal (Coleção: Cult) | Albino Canelas Rubim e Fernanda Pimenta Vasconcelos (org.) | 2017 | Ciências Sociais | 306.40981 F491 Faculdade de Educação 306.4 F491 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 461. | Juventude e trabalho: desafios no mundo contemporâneo | Denise Helena P. Laranjeira e Rosa Elisa M. Barone (org.) | 2017 | Economia | - |
| 462. | Mimi e Eunice em... Pumpriedade intelectual | Nina Paley | 2017 | - | - |
| 463. | Notícia Geral desta Capitania da Bahia | José Antônio Caldas | 2017 | Filologia | - |
| 464. | Os sentimentos sociais com base em laço de tom positivo: uma contribuição da psicanálise freudiana aos estudos culturais | Denise Lima | 2017 | Ciências Sociais | - |
| 465. | Os trabalhadores da cultura no Brasil: criação, práticas e reconhecimento (Coleção: Cult) | Alexandre Barbalho, Elder Patrick Maia Alves e Mariella Pitombo Vieira (org.) | 2017 | Ciências Sociais | - |

| | | | | | |
|------|---|--|------|---|------------------------------|
| 466. | Perspectivas de interpretação, teoria e composição musical (Série Paralaxe, n. 2) | Heinz Karl Schwebel; José Maurício Brandão (org.) | 2017 | Música | 780.72 P467 Escola de Música |
| 467. | Políticas e gestão da cultura: diálogos entre universidade e sociedade | Clelia Neri Côrtes, Alice Pires de Lacerda, Renata Costa Leahy e Ricardo de Araujo Soares (org.) | 2017 | Ciências Sociais | - |
| 468. | Prazer e Desejo em Aristóteles | Juliana Ortegosa Aggio | 2017 | Catálogos em geral, Catálogos de assuntos | - |
| 469. | Salvador: transformações e permanências (1549-1999) – 2ª edição | Pedro de Almeida Vasconcelos | 2017 | História do Brasil | - |
| 470. | Bibliotecas itinerantes: livros libertos, leitura e empoderamento | Ana Lúcia Gomes da Silva, Jerônimo Jorge Cavalcante Silva e Víctor Manuel Amar Rodríguez (org.) | 2018 | Bibliotecas | - |
| 471. | Contra o golpe – Caderno de democracia | Luciano Costa Santos; Nadia Virginia B. Carneiro (org.) | 2018 | Ciência Política | - |
| 472. | Corujebó: Candomblé e Polícia de Costumes (1938 – 1976) | Vilson Caetano de Sousa Júnior (org.) | 2018 | Religião | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------|----------------------------|---|
| 473. | Diálogos Transversais no Serviço Social: sobre rupturas e continuidades | Márcia Santana Tavares, Josimara Delgado (org.) | 2018 | Serviço Social | - |
| 474. | Incentivo fiscal à alimentação do trabalhador | Jamacy Costa Souza | 2018 | Ciências Sociais e Humanas | - |
| 475. | Isso (não) é muito Black Mirror: passado, presente e futuro das tecnologias de informação e comunicação | André Lemos | 2018 | Sociologia | - |
| 476. | Lama e sangue – Cosme de Farias | Bruno Rodrigues Lima (org.) | 2018 | Política | - |
| 477. | Mestre Bimba: um século da Capoeira Regional | Mestre Nene | 2018 | Esporte | - |
| 478. | Modos de fazer na escola primária – presença e influência da escola normal e de suas escolas anexas | Cândida Pereira dos Santos Monteiro, Elizabete Conceição Santana, Lília de Jesus Nascimento e Tiane Melo dos Anjos (org.) | 2018 | Educação | - |
| 479. | O cinema musical na América Latina: aproximações contemporâneas | Guilherme Maia e Lauro Zavala (org.) | 2018 | Cinema | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|---------------------------|--|
| 480. | Políticas, cuidado e serviço na construção da hemorrede | Isabela Cardoso de Matos Pinto; Ana Angélica Ribeiro de M. e Rocha (org.) | 2018 | Saúde Pública | - |
| 481. | Produção social das políticas de saúde bucal no Brasil | Thais Régis Aranha Rossi | 2018 | Saúde | - |
| 482. | Rainhas | Ladjane Alves de Sousa | 2018 | Literatura Infantojuvenil | - |
| 483. | Tecnologias de informação e comunicação na gestão dos municípios brasileiros: participação, eficiência e transparência | Othon Jambeiro; Maristela Oliveira; Vanice Da Mata | 2018 | Ciências Sociais Aplicada | - |
| 484. | A arte de mandar: trajetória de um nobre português a serviço do Império – Bahia, Portugal, Goa, século XVII | Érica Lôpo de Araújo | 2019 | História | - |
| 485. | A Casa do Velho: o significado da matéria no candomblé | Denis Alex Barboza de Matos | 2019 | Arquitetura | 72:259.4 M433 Faculdade de Arquitetura |
| 486. | A constituição da Saúde Bucal Coletiva no Brasil | Catharina Matos Soares | 2019 | Serviço Social | - |
| 487. | A didática e os desafios políticos da atualidade – (Coleção Endipe, Vol. 2) | Amali de Angelis Mussi, Cristina Cinto Araujo Pedroso, Cristina d'Ávila, | 2019 | Educação | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|------------------|---|
| | | Selma Garrido Pimenta (org.) | | | |
| 488. | A discriminação do negro no livro didático (3ª edição) | Ana Célia da Silva | 2019 | Educação | - |
| 489. | A geografia no alvorecer da república | André Nunes De Sousa, Caroline Bulhões Nunes Vaz (org.) | 2019 | Geografia | - |
| 490. | A matemática das mulheres – as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (1941-1980) | Márcia Barbosa de Menezes | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 491. | A música no Brasil: desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República | Guilherme Theodoro Pereira de Mello | 2019 | Música | - |
| 492. | África e Brasil: culturas híbridas, identidades plurais | Silvania Núbia Chagas (org.) | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 493. | Análise de redes sociais: uma abordagem prática | Antonio Carlos dos Santos Souza, Romilson Lopes Sampaio, Márcio Cerqueira de Farias Macedo, Paulo Vitor | 2019 | Matemática | - |

| | | | | | |
|------|---|--|------|------------------|---|
| | | de Oliveira Fonseca, Vagner da Silva de Jesus, Igor Alexandre de Lima | | | |
| 494. | Apontamentos para a História da Faculdade de Arquitetura (Coleção 60 anos FAUFBA) | Fernando Luiz da Fonseca | 2019 | Arquitetura | - |
| 495. | APP-Education: fundamentos, contextos e práticas educativas luso- brasileiras na cibercultura | Cristiane de Magalhães Porto, Edméa Santos | 2019 | Educação | - |
| 496. | Arquiteturas da ancestralidade afro- brasileira: O Omo Ilê Agboulá, um Templo do Culto aos Egum no Brasil | Fábio Macêdo Velame | 2019 | Arquitetura | - |
| 497. | Artivismos das dissidências sexuais e de gênero – Coleção Cult nº31 | Leandro Colling (org.) | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 498. | As bambas do samba: mulher e poder na roda (2ª edição) | Marilda Santanna (org.) | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 499. | As Mulheres que Amaram Franz Kafka | Bohumila Araujo | 2019 | Biografias | - |

| | | | | | |
|------|--|--|------|---------------------|---|
| 500. | Assanhaço azul | Adelice Souza | 2019 | Literatura Infantil | - |
| 501. | Brasilização da tortura: vítimas civis de governos democráticos (Bahia, 1990-2003) | Gino Tapparelli | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 502. | Cidadania e Direitos Humanos: pontos de vista antropológicos | Cíntia Beatriz Muller e Patrice Schuch (org.) | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 503. | Cidade, corpo e alimentação | Maria Lúcia Magalhães Bosi, Shirley Donizete Prado, Ligia Amparo-Santos (org.) | 2019 | Nutrição | - |
| 504. | Clifford Geertz: o trabalho do antropólogo | Roberto Malighetti | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 505. | Coleção Arquitetura Moderna na Bahia (1947-1951) | Nivaldo Vieira de Andrade Junior | 2019 | Arquitetura | - |
| 506. | Contar histórias em espaços formais e informais de aprendizagem | Rosemary Lapa de Oliveira, Mary de Andrade Arapiraca (org.) | 2019 | Educação | - |
| 507. | Crianças e adolescentes em redes: tecnologias digitais e culturas lúdicas | Ilka Dias Bichara, Fabrício de Souza, Bianca Becker (org.) | 2019 | Educação | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|--------------------------|--|
| 508. | Cultura do desenvolvimento: Vietnã, Brasil e a não celebrada vanguarda da prosperidade | Jonathan Warren | 2019 | Economia | - |
| 509. | Da organização do conhecimento à apropriação de saberes: ensino e pesquisa em informação | Jussara Borges, Hildenise Ferreira Novo (Org.) | 2019 | Ciência da Informação | - |
| 510. | Decisões liminares na judicialização do direito à saúde pública | Sadraque Oliveira Rios | 2019 | Direito | 342.81085 R586 Faculdade de Direito; 614:342.7 R586 Biblioteca Universitária de Saúde |
| 511. | Democracia em ambientes digitais: eleições, esfera pública e ativismo | Rousiley Maia, Kelly Prudencio e Ana Carolina Vimieiro (org.) | 2019 | Tecnologia da informação | - |
| 512. | Didática: abordagens teóricas contemporâneas (Coleção Endipe – Vol.1) | Cláudio Orlando Costa do Nascimento, Giovana Cristina Zen, Marco Silva (org.) | 2019 | Educação | - |
| 513. | Didática: saberes estruturantes e formação de professores – (Coleção Endipe, Vol. 3) | Alda Junqueira Marin, Cristina d'Ávila, Lúcia Gracia Ferreira, Maria Amélia Santoro Franco (org.) | 2019 | Educação | - |
| 514. | Difusão do conhecimento: educação, saúde, gestão e inovação | Antonio Carlos dos Santos Souza e Romilson Lopes Sampaio (org.) | 2019 | Educação | - |

| | | | | | |
|------|--|--|------|-------------|--|
| 515. | Discursos e práticas sobre política e gestão educacional | Sandra Márcia Campos Pereira, José Jackson Reis dos Santos (org.) | 2019 | Educação | - |
| 516. | Do Direito autoconstruído ao direito à cidade: porosidades, conflitos e insurgências em Saramandaia | Adriana Nogueira Vieira Lima | 2019 | Arquitetura | 346.045 L732 Faculdade de Direito; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; 711.4:316 L732 Faculdade de Arquitetura |
| 517. | Documentação diplomática da Diocese de Sigüenza entre 1124 e 1151 | Bruno Gonçalves Alvaro, Marcelo Pereira Lima (org.) | 2019 | História | - |
| 518. | Ecos da liberdade: profetismo indígena e protagonismo Tupinambá na Bahia quinhentista | Jamille Macedo Oliveira Santos | 2019 | História | - |
| 519. | Educação de jovens e adultos: políticas, direitos, formação e emancipação social | Tânia Regina Dantas, Maria de Lourdes da Trindade Dionísio, Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin (org.) | 2019 | Educação | - |
| 520. | Educação física da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública – Prática de investigação científica na graduação (volume 1) | Helio José Bastos Carneiro de Campos, Claracson Plácido Conceição dos Santos, Ciro Oliveira Queiroz (org.) | 2019 | Educação | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------|-------------------|---|
| 521. | Educação, (multi)letramentos e tecnologias: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura | Obdália Ferraz (org.) | 2019 | Educação | - |
| 522. | Educação, Trabalho e Tecnologia – Um olhar reflexivo sobre formação e experiências pedagógicas da escola da EJA | Antonio Amorim, Maria da Conceição Alves Ferreira, Alfredo Eurico da Matta, Jocenildes Zacarias Santos, Francisca de Paula Santos da Silva (org.) | 2019 | Educação | - |
| 523. | Entra em beco, sai em beco: formas de habitar o Centro: Salvador e Lisboa | Urpi Montoya Uriarte | 2019 | Habitação Popular | 307.76 M798 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 524. | Entre Acordes Dissonantes: a clínica psicanalítica no ambulatório de saúde mental | Leda Lessa Andrade Filha | 2019 | Saúde | - |
| 525. | Entre-linhas (5): educação, psicanálise e fala | Maria de Lourdes Soares Ornellas, Liége Maria Queiroz Sitja (org.) | 2019 | Educação | - |
| 526. | Entre-linhas: educação, fenomenologia e insurgência popular – Vol. 6 | Sueli Ribeiro Mota Souza, Luciano Costa Santos (org.) | 2019 | Educação | - |

| | | | | | |
|------|---|--|------|------------------|---|
| 527. | Ética e Estética no Ensino de Projeto: Práticas nos Ateliês da FAUFBA (Coleção 60 Anos FAUFBA) | Susana Acosta Olmos | 2019 | Arquitetura | - |
| 528. | Faculdade de Arquitetura da UFBA: Espaço do Projeto, Espaço da Percepção (Coleção 60 Anos FAUFBA) | Vânia Hemb Magalhães Andrade | 2019 | Arquitetura | - |
| 529. | Fazeres e saberes terapêuticos quilombolas – Cachoeira, Bahia (2ª edição) | Fátima Tavares, Carlos Caroso, Francesca Bassi, Thais Penaforte, Fernando Morais | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 530. | Geo Foto Grafia: narrativas espaciais nas imagens de Sebastião Salgado | Flora Sousa Pidner | 2019 | Fotografia | - |
| 531. | Gestão Cultural – Coleção Sala de Aula | Antonio Albino Canelas Rubim (org.) | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 532. | História e técnicas de conservação e restauração de obras clássicas em gesso | Rosana Rocha Baltieri | 2019 | Artes | - |
| 533. | Imprensa e poder: ligações perigosas (3ª edição) | Emiliano José | 2019 | Jornalismo | - |

| | | | | | |
|------|---|--|------|------------------|---|
| 534. | Infiltrados e invasores | Mariana Souto | 2019 | Cinema | - |
| 535. | Internet e feminismos: olhares sobre violências sexistas desde a América Latina | Graciela Natansohn, Fiorencia Rovetto | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 536. | Inventário das festas e eventos na Baía de Todos os Santos | Fátima Tavares, Carlos Caroso, Francesca Bassi, Cleidiana Ramos | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 537. | Irê Ayo: uma epistemologia afro-brasileira | Vanda Machado | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 538. | Irmão Paulo Lachenmayer – um artista alemão no mosteiro beneditino da Bahia no Brasil | Paulo Veiga | 2019 | Biografias | - |
| 539. | Manuscritos da Construção da Basílica de Nossa Senhora da Conceição da Praia e de outras Irmandades Religiosas da Bahia | Alícia Duhá Lose e Vanilda Salignac de Sousa Mazzoni | 2019 | Manuscrito | - |
| 540. | Mapas, traçados e tranças: a sabedoria de um povo chamado Nagô | Cristina Saldanha | 2019 | Literatura | - |
| 541. | Marcadores da diferença: raça e racismo na história do Brasil | Gabriela dos Reis Sampaio, Ivana Stolze Lima, Marcelo Balaban (org.) | 2019 | Ciências Sociais | 320.56 M313 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |

| | | | | | |
|------|---|---|------|------------------|--|
| 542. | Mediação Fotográfica Revela o Lugar da Intimidade – A Casa de Jorge Amado | Alzira Tude de Sá | 2019 | Fotografia | - |
| 543. | Minha vaga, minha morada: arquitetura para pessoas e automóveis em Salvador, Bahia | Márcio Correia Campos | 2019 | Arquitetura | - |
| 544. | Na transversal do tempo: natureza e cultura à prova da história | Ana Carolina Barbosa Pereira | 2019 | História | - |
| 545. | Nas rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição (2ª ed.) | Christine Nicole Zonzon | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 546. | Novo Constitucionalismo Latino-Americano e Soberania Alimentar: reflexões sobre Brasil, Equador e Bolívia | Natalie Coelho Lessa | 2019 | Direito | - |
| 547. | O enxerto do Takaká e outros textos | Walter Smetak | 2019 | Música | 780.2 S638 Escola de Música; 780.2 S638 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 548. | O grupo gestáltico e a clínica de possibilidades – tecendo caminhos | Aline Ataíde Del Raso e Bruna Improta de O. Mendonça (org.) | 2019 | Medicina | - |

| | | | | | |
|------|---|--|------|-------------------|--|
| 549. | O livro das Mitologias de Fulgêncio: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã | José Amarante | 2019 | Literatura Latina | - |
| 550. | O português escrito por afro-brasileiros no século XIX: as atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos | Charlotte Galves e Tânia Lobo (Org.) | 2019 | Letras | - |
| 551. | O que você vai ser antes de crescer? – Youtubers, infância e celebridade | Renata Tomaz | 2019 | Ciências Sociais | 305.2 T655 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 552. | O simbolismo da cultura | Ordep Serra | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 553. | Ominíbu: maternidade negra em Um defeito de cor | Fabiana Carneiro da Silva | 2019 | Literatura | - |
| 554. | Planos de cultura – Coleção Cult 32 | Antonio Albino Canelas Rubim (org.) | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 555. | Política Cultural – conceito, trajetória e reflexões | Renata Rocha, Juan Ignacio Brizuela (org.) | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 556. | Psicanálise & Educação – O que falta em um está no outro? | Maria de Lourdes Ornellas | 2019 | Educação | - |
| 557. | Representações, linguagens e políticas públicas: afro- | Paula Cristina da Silva Barreto, Cloves | 2019 | Ciências Sociais | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------|-------------------------|----------------------------------|
| | brasileiros e povos indígenas no Brasil | Luiz Pereira Oliveira, Rebeca Sobral Freire (org.) | | | |
| 558. | Roubos e salteadores na Bahia no tempo da abolição (Recôncavo, década de 1880) | Eliseu Silva | 2019 | História do Brasil | - |
| 559. | Ruth Landes e a Cidade das Mulheres: uma releitura da antropologia do candomblé | Jamie Lee Andreson | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 560. | Salvador em preto e branco | Isaias de Carvalho Santos Neto | 2019 | Arquitetura e Urbanismo | - |
| 561. | Sertão em cores: caminhos para ensinar e aprender com imagens do sertão | Antenor Rita Gomes | 2019 | Educação | 371.3 G633 Faculdade de Educação |
| 562. | Sob fogo cruzado: antecedentes, construção e desmonte do programa De Braços Abertos na Cracolândia paulistana | Ygor Diego Delgado Alves, Pedro Paulo Gomes Pereira | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 563. | Trabalho, precarização e resistências: as múltiplas faces do trabalho | Graça Druck, Jair Batista da Silva (org.) | 2019 | Economia | - |
| 564. | Trilogia das utopias urbanas | Adriana Caúla | 2019 | Ciências Sociais | - |

| | | | | | |
|------|--|--|------|------------------|--|
| 565. | Um lugar para os espaços culturais: gestão, territórios, públicos e programação (Coleção Cult n° 30) | Giuliana Kauark, Plínio Rattes, Nathalia Leal (org.) | 2019 | Ciências Sociais | - |
| 566. | Valor do trabalho da enfermeira | Tatiane Araújo dos Santos, Cristina Maria Meira de Melo | 2019 | Saúde | 616-083:331.543 S237 Biblioteca Universitária de Saúde |
| 567. | “Fumo de Negro”: a criminalização da maconha no pós-abolição | Luísa Saad | 2019 | Ciências Sociais | 362.293 S111 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas |
| 568. | A complexidade da questão das drogas: ideias, utopias, crenças e ações | Regina de Paula Medeiros, Edward MacRae e Rubens de Camargo Ferreira Adorno (org.) | 2020 | Ciências Sociais | - |
| 569. | A construção da notícia: interseções entre jornalismo e comunicação estratégica | Claudiane Carvalho | 2020 | Jornalismo | - |
| 570. | A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital | Viktor Chagas (org.) | 2020 | Comunicação | - |
| 571. | A experiência jurídica entre o palco e a plateia | Thereza de Jesus Santos Costa | 2020 | Direito | - |
| 572. | A mágoa do esquecimento: escrita e memória | Moreno Laborda Pacheco | 2020 | Historiografia | - |

| | | | | | |
|------|--|--|------|------------|---|
| | conventual no Portugal do século XVII | | | | |
| 573. | A sistematização do trabalho de assistentes sociais na educação básica | Adriana Freire Pereira Férriz, Eliana Bolorino Canteiro Martins, Ney Luiz Teixeira de Almeida (org.) | 2020 | Educação | - |
| 574. | A trilha da emancipação dos saberes quilombolas nas escolas | Niltânia Brito Oliveira, Arlete Ramos dos Santos, Greissy Leoncio Reis | 2020 | Educação | - |
| 575. | A violência simbólica no cotidiano do aluno cego na escola regular | Solange Lucas Ribeiro | 2020 | Educação | - |
| 576. | Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira (5ª edição) | Marco Aurélio de Oliveira Luz | 2020 | História | - |
| 577. | Animais e homens de um Oriente distante (séculos XII – XIV) | Rafael Afonso Gonçalves | 2020 | História | - |
| 578. | Ao espelho de si e além: experiência literária e sensibilidades | Maximiano Martins de Meireles | 2020 | Literatura | - |
| 579. | As inquisições modernas: poder político, religião e | Marco Antônio Nunes da Silva, | 2020 | História | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|-------------------|---|
| | sociedade entre a Europa e o Atlântico | Susana Bastos Mateus (org.) | | | |
| 580. | Atividades aquáticas: estratégias, técnicas e métodos de ensino | Marília Freire, Roberto Tosta Maciel (org.) | 2020 | Esportes | - |
| 581. | Babel | Antonia Torreão Herrera | 2020 | Poesia Brasileira | - |
| 582. | Biopolítica e cidade: genealogia dos domínios de saber sobre a cidade | Fernando Gigante Ferraz | 2020 | Biopolítica | - |
| 583. | Caminhos da pesquisa em saúde coletiva no interior do Brasil | Adriano Maia dos Santos, José Patrício Bispo Júnior, Níliá Maria de Brito Lima Prado (org.) | 2020 | Ciências Médicas | - |
| 584. | Caridade, política e saúde: a Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira, Bahia, e o início da política de assistência no Brasil imperial | João Batista de Cerqueira | 2020 | História | - |
| 585. | Carnaval é política: o Ilê Aiyê e a reinvenção da África | Niyi Afolabi | 2020 | Usos e costumes | - |
| 586. | Cartografias da formação docente | Ramires Fonseca Silva | 2020 | Educação | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|-----------------------|---|
| | | | | | |
| 587. | Comensalidades em trânsito | Maria Claudia da Veiga Soares de Carvalho, Fabiana Bom Kraemer, Francisco Romão Ferreira, Shirley Donizete Prado (org.) | 2020 | Nutrição | - |
| 588. | Comunicação, audiovisual e educação: narrativas de pesquisa | Adriana Hoffmann Fernandes, Rosane Tesch, Vanessa Gnisci (Org.) | 2020 | Cinema | - |
| 589. | Conhecimento, inovação e comunicação em serviços de saúde: governança e tecnologias | Francisco José Aragão Pedroza Cunha, Susane Santos Barros, Hernane Borges de Barros (org.) | 2020 | Ciência da Informação | - |
| 590. | Construção do conhecimento: múltiplos olhares | Ana Rita Silva Almeida, Antônio Carlos dos Santos Souza e Romilson Lopes (org.) | 2020 | Educação | - |
| 591. | Contemporaneidades em foco: os Estudos sobre a Contemporaneidade como eixo dos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA | Ana Lúcia Lage Pereira, Leonardo Vicenzo Boccia, Maria Beatriz Barreto do Carmo, Maurício Matos dos Santos Pereira, Rita de | 2020 | Educação | - |

| | | | | | |
|------|--|--|------|-----------------------|---|
| | | Cássia Aragão Matos (org.) | | | |
| 592. | Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência | Eduardo Oliveira Miranda | 2020 | Educação | - |
| 593. | Corpus plurais: gênero, reprodução e comensalidades | Eliane Portes Vargas, Luciane da Costa Moás, Francisco Romão Ferreira, Shirley Donizete Prado (org.) | 2020 | Nutrição | - |
| 594. | Cotidiano escolar: teoria e prática no ProfLetras | Ana Lúcia Silva Souza, Daniele de Oliveira e Julio Neves Pereira (org.) | 2020 | Educação | - |
| 595. | Cozinha literária de Eça de Queirós | José Roberto de Andrade | 2020 | Literatura Portuguesa | - |
| 596. | Cultura e arte: representações e simbolismos em espaços urbanos | Cecilia Conceição Moreira Soares, Maria de Fatima Hanaque Campos (org.) | 2020 | Cultura | - |
| 597. | Da cientificidade de Milton Santos ao ativismo de Boaventura Sousa dos Santos: uma proposta de geografia popular | Sebastião P. G. de Cerqueira - Neto | 2020 | Geografia | - |

| | | | | | |
|------|--|--|------|------------|---|
| 598. | Da foz à nascente: o recado do rio | Nancy Mangabeira Unger | 2020 | Ecologia | - |
| 599. | Demandas atuais sobre formação de professores | Claudio Pinto Nunes, Daniela Oliveira Vidal da Silva, Arlete Ramos dos Santos (org.) | 2020 | Educação | - |
| 600. | Desaguar em cinema: documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc | Amaranta Cesar, Ana Rosa Marques, Fernanda Pimenta, Leonardo Costa (org.) | 2020 | Cinema | - |
| 601. | Diáfanas presenças: oito poéticas digitais-analógicas | Eriel Araújo, Renata Voss (org.) | 2020 | Fotografia | - |
| 602. | Diálogos com Fellini | Cássia Lopes, Paulo Henrique Alcântara (org.) | 2020 | Cinema | - |
| 603. | Dificuldades de aprendizagem na escrita associada a outros fatores: ajustamento social e personalidade | Lílian Miranda Bastos Pacheco | 2020 | Educação | - |
| 604. | Direito e imaginação institucional em Roberto Mangabeira Unger | Pedro Lino de Carvalho Júnior | 2020 | Direito | - |
| 605. | Direito penal humano e poder no século XXI | Eugenio Raúl Zaffaroni | 2020 | Direito | - |

| | | | | | |
|------|--|--|------|------------------|---|
| 606. | Distopias e utopias: entre os escombros do nosso tempo | Celso Antonio Favero, Carlos Eduardo Soares de Freitas, Paulo Rosa Torres (org.) | 2020 | Ciências Sociais | - |
| 607. | Diversidade, infâncias e educação infantil | Ana Katia Alves dos Santos, Kenia Adriana Reis e Silva (org.) | 2020 | Educação | - |
| 608. | Do corpo objeto ao sujeito histórico: perspectivas do corpo na história da educação brasileira | Maria Cecilia de Paula Silva | 2020 | Educação | - |
| 609. | Educação, sociedade e intervenção: diálogos entre pesquisas | Ivonete Barreto de Amorim, Sandra Célia Coelho G. Silva, Rosuel Lima Pereira (org.) | 2020 | Educação | - |
| 610. | Educação, sociedade e intervenção: interlocuções entre pesquisas | Ivonete Barreto de Amorim, Marcelo Máximo Purificação e Maria Filomena Rodrigues Teixeira (org.) | 2020 | Educação | - |
| 611. | Educação, sociedade e práxis pedagógica: proposições científicas na área da educação | Maria Cecília de Paula Silva | 2020 | Educação | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------|-------------------|---|
| 612. | Education and Literature : reflections on social, racial, and gender matters = Educação e Literatura: reflexões sobre questões sociais, raciais e de gênero | Fernanda Mota Pereira | 2020 | Educação | - |
| 613. | El Brasil y el movimiento moderno en América Latina: circulación de ideas, aproximaciones y críticas | José Carlos Huapaya Espinoza (org.) | 2020 | Arquitetura | - |
| 614. | Em defesa das humanidades | Rafael Lopes Azize | 2020 | Ciências Humanas | - |
| 615. | Encontros e conexões em design de interiores e ambientes | Maria Herminia Olivera Hernández (org.) | 2020 | Arquitetura | - |
| 616. | Ensaio em Gestalt-Terapia: percursos autobiográficos | Bruna Improta e Maria Alice (org.) | 2020 | Psicologia | - |
| 617. | Entre imagem e escrita: Aracy Esteve Gomes e a cidade de Salvador | Junia Cambraia Mortimer e Washington Drummond (org.) | 2020 | Fotografia | - |
| 618. | Entre olhares e vivências no Alto das Pombas: educação em saúde em um bairro popular | Felipe Barbosa Araújo, Jarbas Carneiro Mota, Marina Behne Mucci, Ronaldo Ribeiro Jacobina e Eduardo | 2020 | Educação em Saúde | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|--------------------|---|
| | | José Farias Borges dos Reis (org.) | | | |
| 619. | Entre palavras: memória, estilo, transmissão | Urania Tourinho-Peres | 2020 | Psicanálise | - |
| 620. | Escola da contemporaneidade: sua organização social, complexidade e pluralidade | Antonio Amorim | 2020 | Educação | - |
| 621. | Escritos para o porvir: PET Letras (UFBA) | Arivaldo Sacramento de Souza (org.) | 2020 | Educação | - |
| 622. | Estado e sociedade sob olhares interdisciplinares: experiências participativas, disputas narrativas, território e democracia | Ana Carneiro, Rafael Andrés Patiño, Valéria Giannella, Likem Edson Silva de Jesus, Ykaro da Cruz Pereira (org.) | 2020 | Movimentos Sociais | - |
| 623. | Fantasmas modernos: montagem de uma outra herança v. 1 | Paola Berenstein Jacques | 2020 | Arquitetura | - |
| 624. | Filosofia e psicanálise: olhares sobre arte e literatura | Carlota Ibertis e Rosa Gabriella de Castro Gonçalves (org.) | 2020 | Filosofia | - |
| 625. | Formação docente para ensino básico e superior na contemporaneidade | Renata Meira Veras, Wilton Nascimento Figueiredo (org.) | 2020 | Educação | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------|-----------|---|
| 626. | Gênero e Língua(gem): Formas e Usos | Daniel Carvalho e Dorothy Brito (org.) | 2020 | Letras | - |
| 627. | Geografia, educação e diversidade | Jussara Fraga Portugal, Simone Santos de Oliveira, Claudia Moreira de Sousa | 2020 | Geografia | - |
| 628. | Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas | Jussara Fraga Portugal (org.) | 2020 | Geografia | - |
| 629. | Gestão, políticas de formação, inclusão e cultura popular | Antonio Amorim, David Mallows, Patrícia Lessa Santos Costa, Carla Liane Nascimento (org.) | 2020 | Educação | - |
| 630. | Grupos de pesquisa e produção do conhecimento em educação, sociedade e práxis pedagógica no PPGE Faced/UFBA | Maria Cecília de Paula Silva (org.) | 2020 | Educação | - |
| 631. | História da Bahia – 12ª edição | Luís Henrique Dias Tavares | 2020 | História | - |
| 632. | Histórias de leitura e formação do professor- leitor: perspectivas (auto)biográficas | Fabíola Silva de Oliveira Vilas Boas | 2020 | Educação | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------|----------|---|
| 633. | Infecções congênitas e perinatais | Lícia Maria Oliveira Moreira | 2020 | Medicina | - |
| 634. | Interdisciplinaridade e pensamento complexo no ensino superior privado: estudos de caso e reflexões | Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos, Evelyne Gomes Solidônio (org.) | 2020 | Educação | - |
| 635. | Interseccionalidades em pauta: gênero, raça, sexualidade e classe social | Ana Lúcia Gomes da Silva, Jerônimo Jorge Cavalcante Silva, Victor Manuel Amar Rodríguez (org.) | 2020 | Educação | - |
| 636. | Lições de anatomia: estrutura do corpo humano – V.2 | Sandro Souza | 2020 | Medicina | - |
| 637. | Língua em movimento: Estudos em linguagem e interação (v.2) | A. Ariadne Domingues Almeida, Adriana Santos Batista, Felipe Flores Kupsk | 2020 | Letras | - |
| 638. | Língua em movimento: História e funcionamento das línguas naturais (v.1) | Cristina Figueiredo, Juliana Ludwig Gayer, Lílian Teixeira de Sousa, Carlos Felipe Pinto (org.) | 2020 | Letras | - |
| 639. | Linguagem, discurso e sociedade: caminhos que se entrecruzam | Celina Márcia de Souza Abbade, Cristina dos Santos Carvalho e Elisângela | 2020 | Letras | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|---------------------|---|
| | | Santana dos Santos (org.) | | | |
| 640. | Luiz dos Santos Vilhena: memória, história e literatura | Luciene Lages (org.) | 2020 | Biografia | - |
| 641. | Lutas pela memória em África | Cláudio Alves Furtado, Lívio Sansone (org.) | 2020 | História | - |
| 642. | Mães de Luza | Ladjane Alves Sousa | 2020 | Literatura Infantil | - |
| 643. | Midiatização, (in)tolerância e reconhecimento | Barbara Heller, Danila Cal, Ana Paula da Rosa | 2020 | Comunicação | - |
| 644. | Mobilidade e materialidade dos textos: Traduzir nos séculos XVI e XVII | Roger Chartier | 2020 | Literatura | - |
| 645. | Modos de fazer: cultura e memória da escolarização primária na Bahia | Elizabete Conceição Santana, Ladjane Alves Sousa, Verônica de Jesus Brandão | 2020 | Educação | - |
| 646. | Multidisciplinaridade e tecnologias integrativas em saúde | Aníbal de Freitas Santos Júnior, Antonio Carlos dos Santos Souza e Clícia Maria de Jesus Benevides (org.) | 2020 | Saúde | - |

| | | | | | |
|------|--|--|------|-------------|---|
| 647. | Musicologias sem fronteiras: estado da pesquisa no Núcleo de Estudos Musicológicos da UFBA | Pablo Sotuyo Blanco (org.) | 2020 | Música | - |
| 648. | Nascer não é igual para todas as pessoas | Ana Cecília de Sousa Bastos, Vívian Volkmer Pontes (Editoras) | 2020 | Psicologia | - |
| 649. | Nebulosas do pensamento urbanístico – Modos de narrar (Tomo III) | Paola Berenstein Jacques, Margareth da Silva Pereira, Josianne Francia Cerasoli (org.) | 2020 | Arquitetura | - |
| 650. | Novos mitos e velhas realidades | Caiuby Alves da Costa | 2020 | História | - |
| 651. | O cão morde a noite | Emiliano José | 2020 | Política | - |
| 652. | O dendê no wok: um olhar sobre a comida chinesa em Salvador, Bahia | Ana Claudia de Sá Teles Minnaert | 2020 | Culinária | - |
| 653. | O museu vivo da Bahia: raça, reforma e tradição | Anadelia Alicia Romo | 2020 | História | - |
| 654. | O protagonismo da educação do campo em debate: políticas e práticas | Arlete Ramos dos Santos, Claudio Pinto Nunes, Daniela | 2020 | Educação | - |

| | | | | | |
|------|--|--|------|-------------------------|---|
| | | Oliveira Vidal da Silva (org.) | | | |
| 655. | Objeto, gozo e corpo nas toxicomanias e adições: uma leitura psicanalítica | Carla Oliveira Fernandes | 2020 | Psicologia | - |
| 656. | Observatório da vida estudantil: interdisciplinaridade, vida estudantil e diálogo de saberes | Georgina Gonçalves dos Santos e Sônia Maria Rocha Sampaio (org.) | 2020 | Educação | - |
| 657. | Oralidades entre costuras do tempo | Edilene Matos e José Roberto Severino (org.) | 2020 | Literatura | - |
| 658. | Orquestração, forma e gesto musical: o ensino da composição musical em nível superior | Wellington Gomes | 2020 | Música | - |
| 659. | Os métodos de energia da engenharia estrutural e a mecânica lagrangeana | João Augusto de Lima Rocha | 2020 | Engenharia | - |
| 660. | Outras notícias virão logo mais: a construção da serialidade nos telejornais diários da TV Globo | Valéria Maria Vilas Bôas | 2020 | Comunicação | - |
| 661. | Panorama da tradição africano-brasileira | Marco Aurélio Luz | 2020 | Cultura Afro-brasileira | - |

| | | | | | |
|------|--|---|------|-------------------|---|
| | | | | | |
| 662. | Paulo Freire em diálogo com a educação de jovens e adultos | Tânia Regina Dantas, Ivanilde Apoluceno Oliveira, Maria Olívia Matos de Oliveira e Érica Valéria Alves (org.) | 2020 | Educação | - |
| 663. | Penso imagens ou imagens me pensam? | Sonia Lucia Rangel | 2020 | Artes | - |
| 664. | Pesquisa aplicada e translação em saúde coletiva: contribuições de um mestrado profissional no Tocantins | Leny A. Bomfim Trad e Ana Angélica Ribeiro de Meneses e Rocha (Org.) | 2020 | Saúde Coletiva | - |
| 665. | Pesquisador(a) encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências | Suely Messeder, Clebemilton Nascimento | 2020 | Educação | - |
| 666. | Poder local e transparência: os municípios brasileiros e a Lei de Acesso à Informação | Othon Jambeiro, Maristela Dias, Vanice da Mata, Rodrigo Ramos | 2020 | Administração | - |
| 667. | Poéticas de Marcio Meirelles | Marcos Uzel e Paulo Henrique Alcântara (org.) | 2020 | Teatro brasileiro | - |

| | | | | | |
|------|---|--|------|---------------------|---|
| 668. | Políticas em História: instituições, poderes e historiografia | Ana Paula Medici, Marcelo Pereira Lima (org.) | 2020 | História | - |
| 669. | Porque a filosofia interessa à democracia | Waldomiro J. Silva Filho | 2020 | Filosofia | - |
| 670. | Reflexões sobre políticas educacionais em tempos de neoconservadorismo | Daniela Oliveira Vidal da Silva, Arlete Ramos dos Santos e Claudio Pinto (org.) | 2020 | Educação | - |
| 671. | Reflexões sobre políticas públicas educacionais para o campo no contexto brasileiro | Arlete Ramos dos Santos, Claudio Pinto Nunes (org.) | 2020 | Educação | - |
| 672. | Reis | Ladjane Alves Sousa | 2020 | Literatura Infantil | - |
| 673. | Retrospectiva de uma trajetória de ações afirmativas precursoras à Lei nº 10.639/03 – 2ª edição | Ana Celia da Silva | 2020 | Educação | - |
| 674. | Revisões e ampliações da arquitetura e do urbanismo modernos no Brasil (vol.1) | José Carlos Huapaya Espinoza (org.) | 2020 | Arquitetura | - |
| 675. | Revisões e ampliações da arquitetura e do urbanismo modernos no Brasil (vol.2) | José Carlos Huapaya Espinoza (org.) | 2020 | Arquitetura | - |

| | | | | | |
|------|---|---|------|---------------------|---|
| 676. | Salvaguarda do patrimônio cultural imaterial: uma análise comparativa entre Brasil e Itália | F.Humberto Cunha Filho e Tullio Scovazzi (org.) | 2020 | Patrimônio Cultural | - |
| 677. | Seriados de TV e narrativa transmídia: explorando o mundo ficcional de True Blood | Rodrigo Lessa | 2020 | Televisão | - |
| 678. | Sertanejas defloradas e Don Juans julgados: relações sexoafetivas de mulheres pobres no sertão da Bahia (1942-1959) | Tânia Mara Pereira Vasconcelos | 2020 | Problemas sociais | - |
| 679. | Solidariedade e organizações: pensar uma outra gestão | Genauto Carvalho de França Filho, Philippe Eynaud | 2020 | Administração | - |
| 680. | Tecnologias digitais, redes e educação: perspectivas contemporâneas | Mary Valda Souza Sales (org.) | 2020 | Educação | - |
| 681. | Tecnologias sociais e de comunicação como recursos educacionais em alimentação | Maria Cláudia da Veiga Soares de Carvalho, Flávia Milagres Campos, Fabiana Bom Kraemer (org.) | 2020 | Nutrição | - |

| | | | | | |
|------|---|--|------|-------------------|---|
| 682. | Terra, Fogo, água, ar: coletânea lírica | Antonia Torreão Herrera | 2020 | Poesia Brasileira | - |
| 683. | Territórios de Identidade da Bahia: pesquisa sobre políticas públicas e formação de gestores em esporte e lazer | Augusto Cesar Rios Leiro (Org.) | 2020 | Educação Física | - |
| 684. | Tolerância intolerante // De mal a pior | Waldomiro J. Silva Filho (org.) | 2020 | Educação | - |
| 685. | Tradução como política: escritores e tradutores em tempos de guerra (1943-1947) | Eliza Mitiyo Morinaka | 2020 | Tradução | - |
| 686. | Travessias no Atlântico Negro: reflexões sobre Booker T. Washington e Manuel R. Querino | Sabrina Gledhill | 2020 | Biografia | - |
| 687. | Tropifagia: comendo o país tropical | Thiago Pondé, Aline Carvalho | 2020 | Ciências Sociais | - |
| 688. | Universidade popular e encontro de saberes | Rosângela Pereira de Tugny, Gustavo Gonçalves (org.) | 2020 | Educação | - |
| 689. | Walter da Silveira e o cinema moderno no Brasil | Cyntia Nogueira (org.) | 2020 | Cinema | - |

Legenda:

Livros localizados e transferidos para o espaço Lugares de Memória após a realização da nossa pesquisa.



Livros não localizados no estoque da Edufba durante a realização da nossa pesquisa.